

# A ALDEIA DE SIRIUS C

Obra psicografada

Chefe Águia Dourada, Chefe Black Mountain - Clã do Arco Dourado

Jennifer Dhursaille

4↑Σ11α

# A ALDEIA DE SIRIUS C

*Chefe Águia Dourada*

*Cacique Seattle*

*Chefe Black Mountain*

*Sioux Silver Arrow*

*do Golden Bow clan*

*Clã do Arco Dourado*

*Obra psicografada por  
Jennifer Dhursaille*

## **Bibliografia da Autora**

**A História de Pai Arruda**  
**Crianças que Giram – O Livro dos Erês**  
**Paralelas de Umbanda – Livro I Baianos**  
**Paralelas de Umbanda – Livro II Marinheiros**  
**Paralelas de Umbanda – Livro III Boiadeiros**  
**Dentro de Uma Nave Interdimensional**  
**Inside an Interdimensional Spaceship**  
**Cartas da Intraterra**  
**Histórias do Oriente**

**1ª Edição – Junho 2017**  
**Amazon - KDP**

**“A Aldeia de Sirius C” © 2017 Jennifer Dhursaille**

**Todos os Direitos Reservados**

**ASIN:** B072Z9MBR6

**Capa:** Roberta Alves

*Em uma aldeia adâmica remanejada para um planeta pertencente ao Povo Gato nasce Tegini, a Filha de Três Sóis, para viver junto a seus três pretendentes, o guerreiro Siul'Ahan, o filósofo Teguilp e o telepata animal Arhenya uma epopeia em busca da salvação de sua espécie dos ataques do Povo Réptil durante um período de Transição.*

*A sua história é a nossa história, interligadas pelo tempo e o espaço, revivendo emoções e refazendo um percurso há muito conhecido – e com frequência espiritualmente revisitado.*

*O amor real, as responsabilidades da liderança e a superação de karmas vistos pela ótica dos Patriarcas de Sirius C, espíritos Guardiães de um aglomerado de almas, que hoje muitas vezes se comunicam conosco em movimentos espiritualistas, inclusive na Umbanda, identificando-se como índios, caboclos e xamãs, nos desafiam a quebrar paradigmas e nos convidam a dar um salto de fé.*

*A obra apresenta ainda explicações em capítulos à parte discorrendo entre outros sobre a influência arquetípica na genética espiritual dos seres adâmicos e ainda detalha as práticas xamânicas estelares originais, onde o Chefe Águia Dourada nos fala sobre o Grande Mistério da Alma Animal, listando a forma como suas energias podem ser acessadas para trazer cura e equilíbrio, segundo a Tradição Estelar Siriana.*

## ÍNDICE

<i>Capítulo</i>		<i>Página</i>
	<i>Apresentação</i>	4
	<i>Índice Digital</i>	7
	<i>Introdução</i>	9
<b><i>Livro I</i></b>		11
01	<i>Tegini a Filha do Sol</i>	12
02	<i>Arquétipos e Mente Coletiva</i>	13
03	<i>O Arco Dourado</i>	15
04	<i>Do Amor e suas Desvirtuações</i>	22
05	<i>Três Corações Disputam uma Alma</i>	25
06	<i>Tegini Cresce e uma Nova Lua Aparece</i>	29
07	<i>A Fortaleza dos Gatos</i>	32
08	<i>A Última Viagem</i>	36
09	<i>Acordo de Cavalheiros</i>	41
10	<i>Profecias</i>	43
11	<i>Uma Noiva Relutante</i>	47
12	<i>1 Encontro com 3</i>	52
13	<i>Prelúdios de Amor e de Morte</i>	59
14	<i>Amor de Terra</i>	61
15	<i>Amor de Água e Vento</i>	67
16	<i>Nem Todo Mal Vem à Noite</i>	75
17	<i>Depois da Tempestade</i>	77
18	<i>Amor Quase Perfeito</i>	84
19	<i>Amor</i>	87
20	<i>O Grande Sol da Alma</i>	90

21	<i>É Impossível Ser Feliz Sozinho</i>	94
22	<i>Uma Festa para Dois</i>	98
23	<i>De Amor e de Medo</i>	103
24	<i>Outra Flor de um Mesmo Pé</i>	107
25	<i>De Orixás e Filhos, Arquétipos e Estribilhos</i>	110
26	<i>Todas as Coisas Chegam ao Fim</i>	112
27	<i>Frente ao Pior Cenário</i>	116
<b>Livro II</b>		120
28	<i>Uma Volta</i>	121
29	<i>O Valor que Cada Animal Tem</i>	127
	<i>Adendos Ainda Sobre essa Forma de Xamanismo</i>	136
30	<i>... Tanto Bate até que Fura</i>	139
31	<i>Uma Operação Delicada</i>	142
32	<i>A Runa M – Ehwaz } O Cavaleiro e a Montaria</i>	145
	<i>Lealdade e Sintonia</i>	
33	<i>O Segundo Noivado</i>	149
34	<i>A Caçada Espiritual</i>	156
35	<i>Quando o que Devia Ser Não é</i>	158
36	<i>O Poder do Homem é Adiar o que o Tempo Decide</i>	161
37	<i>Em Busca da Cura</i>	165
38	<i>Conversando com o Mestre</i>	167
<b>Livro III</b>		171
39	<i>O Novo Cenário</i>	172
40	<i>Como Pai, Como Filho</i>	176
41	<i>O Bonolejo</i>	180
42	<i>O Último Reencontro</i>	183
43	<i>Entre Marido e Mulher</i>	190

44	<i>Novos Rumos</i>	193
45	<i>Cavaleiros de Paus e de Copas</i>	196
46	<i>Eternidade</i>	200
47	<i>A Esfera da Criação</i>	210
48	<i>7 Luas Depois</i>	216
49	<i>O Fim</i>	218

## ÍNDICE Digital

### Sumário

INTRODUÇÃO .....	9
Livro I .....	12
Capítulo 1 Tegini, a Filha do Sol .....	13
Capítulo 2 Arquétipos e Mente Coletiva.....	14
Capítulo 3 O Arco Dourado .....	16
Capítulo 4 Do Amor e suas Desvirtuações.....	23
Capítulo 5 Três Corações Disputam uma Alma .....	26
Capítulo 6 Tegini Cresce e uma Nova Lua Aparece .....	30
Capítulo 7 A Fortaleza dos Gatos.....	33
Capítulo 8 A Última Viagem .....	37
Capítulo 9 Acordo de Cavalheiros .....	42
Capítulo 10 <i>Profecias</i> .....	44
Capítulo 11 Uma Noiva Relutante .....	48
Capítulo 12 1 Encontro com 3 .....	53
Capítulo 13 Prelúdios de Amor e de Morte.....	60
Capítulo 14 Amor de Terra.....	62
Capítulo 15 Amor de Água e Vento .....	68
Capítulo 16 Nem todo mal vem à noite .....	76
Capítulo 17 Depois da Tempestade.....	78
Capítulo 18 Amor Quase Perfeito .....	85
Capítulo 19 <i>Amor</i> .....	88

Capítulo 20	O Grande Sol da Alma .....	91
Capítulo 21	É Impossível Ser Feliz Sozinho.....	95
Capítulo 22	Uma Festa Para Dois .....	99
Capítulo 23	De Amor e de Medo .....	104
Capítulo 24	Outra Flor de um Mesmo Pé .....	108
Capítulo 25	De Orixás e Filhos, Arquétipos e Estribilhos .....	111
Capítulo 26	Todas as Coisas Chegam ao Fim.....	113
Capítulo 27	Frente ao Pior Cenário.....	117
<b>Livro II</b>	.....	121
Capítulo 28	<i>Uma Volta</i> .....	122
Capítulo 29	O Valor que Cada Animal Tem.....	128
Adendos Ainda Sobre Essa Forma de Xamanismo.....		137
Capítulo 30	... Tanto Bate até que Fura.....	140
Capítulo 31	Uma Operação Delicada.....	143
Capítulo 32	A Runa M – Ehwaz } O Cavaleiro e a Montaria, Lealdade e Sintonia .....	146
Capítulo 33	O Segundo Noivado .....	150
Capítulo 34	A Caçada Espiritual .....	157
Capítulo 35	Quando o que Devia Ser Não é .....	159
Capítulo 36	O Poder do Homem é Adiar o que o Tempo Decide .....	162
Capítulo 37	Em Busca da Cura .....	166
Capítulo 38	Conversando com o Mestre.....	168
<b>LIVRO III</b>	.....	172
Capítulo 39	O Novo Cenário.....	173
Capítulo 40	Como Pai, Como Filho.....	177
Capítulo 41	<i>O Bonolejo</i> .....	181
Capítulo 42	O Último Reencontro .....	184
Capítulo 43	Entre Marido e Mulher .....	191
Capítulo 44	<i>Novos Rumos</i> .....	194
Capítulo 45	Cavaleiros de Paus e de Copas .....	197
Capítulo 46	<i>Eternidade</i> .....	201
Capítulo 47	A Esfera da Criação .....	211
Capítulo 48	7 Luas Depois.....	217
Capítulo 49	O Fim.....	219

## INTRODUÇÃO

### INTRODUÇÃO

Essa é história das tribos das estrelas que vieram à Terra de muito longe em tempo longínquo e hoje, enfim, principiam o encerramento de seu compromisso junto às almas atlantes pelas quais um dia se responsabilizaram e por essas almas se sacrificaram vindo para a Terra e sujeitando-se ao reencarne quando na realidade já não disso há muito necessitavam, mas assim o fizeram porque assim o faz um chefe para com seu povo, jamais deixando um para trás, pois um chefe sem honra não há, e no juramento que todo cacique faz ao assumir sua aldeia, não só na Terra, mas perante o Astral, está a responsabilidade de guiar cada uma daquelas almas que no seio da sua tribo reencarnaram, vigiando-as e conduzindo-as pelo caminho até o domínio do pai maior, nos jardins celestiais às quais ela está destinada.

Sim, o chefe é como pastor. Se a ovelha se perde, ele tem de achar; se cair no charco ele resgata; se se afogar tenta a cura e, se pajé não tiver êxito, a alma ali espera até voltar, para de novo diante dos olhos do cacique desabrochar e seu caminho recomeçar sob os olhos ainda atentos do chefe tribal.

Chefe não descansa enquanto alma que nasceu em sua tribo e se desenvolveu sob seu olhar não estiver pronta para outros caminhos trilhar.

Foi assim que aconteceu em Sirius e outros orbes, quando a hora da colheita foi chegada e muitas espigas não estavam prontas para o corte. “*Reprovadas*”, homem moderno da Terra diria, e as deixaria para trás, “*porque não dá para aproveitar*”. Mas chefe índio pensa diferente, porque diferente lhe foi ensinado por aqueles que primeiro o plantaram na estrela que dá para o sol poente. Índio sabe influências que solo tem e quantas estações precisa semente para madurar; se frio foi muito ou sol intenso tempo de colheita pode mudar, porque toda semente é boa se veio de boa árvore, e semente plantada em Sirius era da mais alta estirpe sideral, e de seus anjos chefes índios jamais permitirão que nem mesmo um apenas se perderá.

Assim viemos para cá, muitos chefes siderais, e assumimos nova envergadura perispiritual, que ainda hoje nos serve para trabalhar no astral, em terreiros de Umbanda onde capinamos nosso capinzal em busca de antigas sementes necessitadas do adubo que possamos dar.

Nossos filhos por aqui degredados hoje assumem seu papel e como nossos médiuns atuam, nos servindo de portal para que possamos vir das alturas trazer os comandos que a todos elevarão. No final, o povo inteiro da Terra chamado à nova corte celestial, com novos membros, mais maduros e experientes, dispostos a se sacrificar sempre pelos irmãos menores, que por uma razão ou outra por ventura ficaram para trás. Pois aquele que hoje ajuda, amanhã pode cair; não há segurança para o ego nos caminhos do porvir. Somente a rede tecida pelo afeto dos irmãos pode ser a garantia para uma salvação.

Amem-se, pois, e tenham honra, por si mesmos e pelos que por ti são, pois só dessa companhia granjear-se-á o Perdão.

Pelo cósmico silêncio em cuja entranha a vida canta, vamos tocando, dedilhando as fibras do nosso coração, vivendo a emoção de poder contar, relembrar a nossa e a tua história, percutindo nossas almas no caminho da Evolução.

Salve o Comando Estelar!

Salve Sirius!

Hô!

Chefes Seattle, Sioux Silver Arrow  
e todo o clã Golden Bow\*

*A data desta comunicação é de 30/04/2010*

*A obra foi concluída no domingo de Páscoa de 2016*

\* *O Arco Dourado* É uma falange que agrega em seu seio todas as famílias espirituais extraterrenas que migraram em missão para a Terra assumindo corpos perispirituais indígenas, tendo ou não encarnado em nações nativas.

**Livro I**

**Livro I**

## Capítulo 1 Tegini, a Filha do Sol

### Capítulo 1

#### *Tegini, a Filha do Sol*

Era Tegini a filha única, herdeira do chefe da tribo Sui-Pacan, 'o sol bem quente', e era bela e talentosa e de índole valente. Seus cabelos eram negros, mas na terra que dá para o sol poente a luminosidade é diferente e o que se via era um brilho metálico cintilante, uma cor grafite que encantava e seduzia junto à pele de bronze; olhos de um verde oliva profundo que ali também parecem metalizados. Tegini era tranquila, madura para a idade e ajuizada; aprendera todas as lendas do seu povo e os preceitos que cada sexo deveria guardar no respeito e bom uso de suas energias criacionais, os códigos estelares, a ciência curativa dos seres que andam sobre duas pernas e também a dos animais, por quem nutria amor especial.

A alma de Tegini tinha um cristal que a permitia com os bichos se comunicar. Toda nossa gente podia, com relativa facilidade, contatar telepaticamente um animal, mas Tegini era capaz de entendê-los e de se fazer entender não apenas na língua deles como compreender a comunicação entre espécies diferentes; como na Terra seria capaz um homem de compreender um árabe e um chinês conversando em inglês, e esse dom era raro, não tendo aparecido entre nós por muitas gerações. Como todo dom tem um preço, ou valor agregado, esse trazia consigo a tarifa da compaixão integral, inaceitação de qualquer forma de injustiça e uma necessidade e propensão ao silêncio, pois tudo para ela falava e podia ser entendido, e por vezes até mesmo uma conversa entre um arbusto e uma aroeira podia ser 'alta', barulhenta demais.

Muito embora as pessoas gostassem de Tegini, ela procurava sempre delas se desvencilhar, e aos seus pais dizia que os barulhos da floresta eram sempre relatos sinceros, não havia discussão ou subterfúgios na natureza que não fossem por motivos válidos; entretanto em meio a nosso povo, ainda que moralmente evoluído para os padrões da Terra, havia sim silêncios escusos e palavras dissimuladas, e infelizmente sorrisos que escondiam planos, e embora fôssemos uma sociedade de médiuns, nosso racional ainda nos comandava, mas o cristal na alma de Tegini lhe mostrava o que estava dentro do por dentro e ela não conseguia, como nós, se enganar.

E por isso ela foi vítima e heroína dessa nossa história.

## Capítulo 2 Arquétipos e Mente Coletiva

### Capítulo 2

#### *Arquétipos e Mente Coletiva*

Tegini é um arquétipo para nosso povo. Ela existiu e é uma só do ponto de vista racional terráqueo. Mas por outros pontos de vista ela é muitas coisas diferentes.

Primeiro: ela foi e é a manifestação de um *manas\** essencial, ou seja, um aspecto da criação que é Deus como vocês entendem, e que por isso não pode faltar na composição dos universos, e desta forma é recriado continuamente, como tudo criado por Deus, é algo vivo, é ALMA, *componente espiritual, partícula divinal*, um orixá, ou como mais O queira chamar.

Segundo: todas as “teginis” são iguais e diferentes ao mesmo tempo, pois cada uma serve a um propósito, a um contexto dependendo da parte do universo ao qual foi direcionada, enviada em missão, e dessa forma cada uma terá uma vivência, experiências diferenciadas e entrará em contato com seres e inteligências por suas vezes também únicos. Entretanto todas as “teginis” estão em contato permanente, contínuo e ininterrupto entre si, trocando informações e dessa forma enriquecendo sua experiência grupal: o aprendizado de uma “teginis” é partilhado pela mente coletiva de todas as demais, dessa forma colaborando para uma evolução mais rápida e evitando erros desnecessários. Assim uma menina de 5 anos por seus pais batizada Erica e que mora no Espírito Santo e que é uma “teginis” partilha a mente coletiva de uma moça de 23 anos em Israel, de uma senhora de 52 que é uma avó no Nepal e que também são teginis. Cada uma é uma individualmente, mas todas estão ligadas subjetivamente do seu ponto de vista – e muito objetivamente do nosso.

Convém dizer que dessa forma foram estabelecidas as linhas de Umbanda e por isso seu crescimento deu-se e dá-se tão rapidamente. As falanges partilham seu conhecimento e experiências entre si, o que é demonstrado pelos nomes em comum utilizados pelos falangeiros. Ao desencarnar um espírito e estando ele apto a integrar as fileiras de serviço da Umbanda, que estão em plena ascensão, não somente em solo brasileiro mas também já em vias de expansão além das fronteiras da língua portuguesa, ele será vinculado a uma falange de serviço de acordo com a linhagem espiritual à qual pertença; em outras palavras: será analisado à qual arquétipo sua alma está ligada mais fortemente – pois pode um espírito ter influência de várias embora mais frequentemente um a domine – dentro de e com quais energias sua própria alma foi criada e estabelecida pelo Pai. Em última análise: de qual matéria é feita o seu espírito.

Determinado isto, passa a usar a roupagem espiritual específica àquela corrente com a qual se afiniza e, a partir daí, não somente soma ele seu aprendizado das encarnações anteriores à mente coletiva de todos os demais, digamos, “*Caboclos 7 Flechas*”, como passa a acessar com facilidade as experiências e aprendizados de todos os demais Caboclos 7 Flechas, o que se reflete em maior eficiência e amplitude de ação nas linhas de atendimento.

Existem arquétipos mais e menos comuns. Por exemplo, o arquétipo materno é um dos mais comuns e partilhado tanto por machos como por fêmeas, pois é necessário que os seres tenham sentimentos de carinho, zelo e responsabilidade para com os que lhes são subordinados, mesmo que não venham a ter descendentes carnis. Podemos observar o valor, a força e importância desse arquétipo num chefe que respeita e estimula seus funcionários, e numa enfermeira desdobrada em cuidados para com seus pacientes.

O arquétipo Tegini é um arquétipo raro, tanto na Terra como em outros planetas, sendo mais comum em dimensões superiores e universos alternativos onde os ideais predominem. Tegini é um arquétipo de Verdade, Justiça e Amor Sublimado, logo a Terra não é propícia ao encarne de tais criaturas, que quando aqui vêm muito sofrem. Mas é necessário que assim o façam, pois levam sopro de renovação e esperança aos locais onde são enviadas. Na imensa maioria das vezes, não veem resultado de sua permanência em vida, mas aqueles por elas tocados jamais deixam de se modificar, seja a médio ou longo prazo. As Teginis também costumam provocar desconforto e inquietação nas almas mais embrutecidas, pois a alta vibração de suas auras incomoda os que almejam permanecer no erro e na estagnação ignorante, por isso é comum em seus caminhos ataques gratuitos, inveja e maledicência, e embora jamais sejam vencidas, enquanto encarnadas na Terra são médiuns que sofrem muito com as energias alheias pois possuem extrema sensibilidade.

Nas linhas de Umbanda algumas caboclas vêm na energia desse arquétipo. São altivas, falam pouco, não admitem injustiça para com inocentes – incluindo animais – e procuram despertar a mente dos filhos de fé para verdades e valores não transitórios.

## Capítulo 3 O Arco Dourado

### Capítulo 3

#### *O Arco Dourado*

É uma falange que agrega em seu seio todas as famílias espirituais extraterrenas que migraram em missão para a Terra assumindo corpos perispirituais indígenas, tendo ou não encarnado em nações nativas nos territórios americano, africano, hiperbóreo, siberiano ou nas terras da Oceania e ilhas do Pacífico. Alguns de nós viemos mais recentemente, sem termos assumido karmas passíveis de aprimoramento pela reencarnação, tendo-nos comprometido, porém a atuar amplamente nas fileiras Umbandistas somando nossos conhecimentos ao Alto Comando Espiritual ao redor da Terra que coordena e rege a evolução das almas encarnadas aqui, às quais se juntaram muitas de nossos povos durante o período de vigência do domínio atlante entre vós durante a última grande seleção cósmica, que hoje se repete sob o nome de “Transição”. Nesse caso utilizamos vestes perispirituais de um dos nossos, já deixadas para trás, tal qual roupa velha reaproveitada daqueles que delas não mais necessitam. Tais casos, entretanto, são raros, por isso utilizamos de outros artifícios, tais como perísprito holográfico e, nos médiuns cuja pineal já trás a formação cristalina apropriada – o que obtivemos através do que vocês chamam na Terra de “abduções” sequenciadas e programadas em gerações sucessivas dentro de um mesmo ramo genealógico, pois seguimos uma determinada linha de sangue – o *“Elo Mental”*, que dispensa uma incorporação materialmente mais densa, que esgota o físico, desgastando o médium que, dessa forma, fica impossibilitado de empreender um trabalho mediúnico por longas horas.

As entidades que têm cargo de chefia dentro dessa instituição, cujo nome deriva de uma nave dourada em forma de trilito que se assemelha a um arco estilizado – símbolo que para nós representava as emanções constantes do Bem oriundas da Fonte Criadora ou, em linguagem umbandista, as 7 cores, raios ou linhas governadas e direcionadas por Oxalá à Terra – estacionada no Cinturão de Órion, onde nos reuníamos em conselho e onde foi acertada a tua migração para este orbe, são identificadas pela cor dourada no nome: Pena Dourada, Flecha Dourada, Cocar de Ouro, etc.

No “elo mental” trejeitos típicos das entidades conhecidas como índios, caboclos e pretos-velhos são irrelevantes, prevalecendo o conteúdo da mensagem, e os

médiuns que nascem sob essa condição são instigados a ler muito desde pequenos – de fato 'quantidades' de texto absurdas para os padrões normais: nossos médiuns são geralmente crianças compulsivas que não conseguem resistir ao impulso de ler tudo que seus olhos tenham acesso, de embalagens de produtos a bulas de remédios, sendo que alguns adultos passam a entrar nesse padrão posteriormente a uma 'abdução' – a fim de acumularem a maior quantidade de informações e vocabulário possível que permanecerá a nível subconsciente e do qual nos valem, perscrutando a mente do médium em busca do vocábulo ou da comparação mais acertada para denominar ou explicar um conceito no momento da nossa comunicação.

Ao fazer isso eles estão cumprindo uma programação estabelecida antes do reencarne quando se comprometeram a colaborar na ancoragem de um novo Saber na Terra, em todas as áreas possíveis, da tecnologia a uma nova visão espiritual libertadora, sem deixar de passar pela renovação artística em todas as suas expressões, visto que a Arte é a única via de conexão direta, tanto para quem a executa como para quem a contempla, com a Fonte Suprema, assim como o Amor é o único sentimento Real.

Ah, o Amor! – Se as pessoas soubessem o que de fato é esse sentimento... Mas deixaremos esse assunto para uma abordagem posterior. Basta que digamos por hora que o Amor é a pedra de toque para o buscador que anseia desbravar os caminhos da Verdade.

No elo mental a comunicação pode se estender por muito mais tempo e até mesmo horas se necessário sem causar danos extensos ou permanentes, e sobretudo sem utilizar tanto o tônus vital do médium. A medicina chinesa ensina que o ser humano nasce com um determinado 'quantum energético' para ser gasto ao longo da sua existência na Terra, e a mediunidade, conquanto beneficie espiritualmente, mentalmente e emocionalmente o médium, sendo inclusive imprescindível seu exercício para que o mesmo tenha saúde – pois o médium que não trabalha invariavelmente adoece, já que sua carga molecular foi determinada contando com a atividade mediúnicamente como parte necessária da equação para manter seu equilíbrio orgânico – esgota esse 'estoque energético' na proporção direta de quantos mais efeitos físicos estiverem envolvidos na tarefa mediúnicamente em questão. Há que se ter em conta que os cuidados e preceitos recomendados aos médiuns referentes ao uso de álcool, alimentação adequada e administração das energias sexuais, além da higiene do seu padrão mental permanente, são frequentemente ignorados ou no mínimo tratados com certo descaso, o que contribui enormemente para o seu desgaste energético em detrimento de sua saúde em longo prazo.

Em contrapartida, para que o elo mental ocorra, desde que pré-determinado nos arranjos cristalinos da pineal do indivíduo, basta que um pequeno influxo da kundalini suba pelos nadis e atinja o cerebelo, tendo percorrido o circuito cardíaco e ativando o timo, órgão de funções ainda desconhecidas para vocês e que tem papel fundamental na mediunidade e

cujos estudos contribuirá muito para a compreensão e melhor desempenho no que podemos denominar como “mediunidades do futuro”.

Sim, meus filhos, novas formas de intercâmbio e trabalho conjunto com dimensões exteriores e interiores, ainda totalmente desconhecidas por vocês estão a se delinear, neste momento, dentro dos cromossomos de bebês que ora engatinham e outros cujos organismos ainda estão sendo gerados dentro do ventre de suas mães sob nossa supervisão e de outros 'gerentes reencarnatórios' do astral, e surpreenderão a humanidade futura.

O timo poderia ser chamado “o órgão da ascensão”, pois tal qual o olho secreto de Deus dentro do peito nos faz enxergar a Verdade sobre o outro e sobre nós mesmos, sendo a ferramenta de acesso e transformação a traumas inconscientes e libertação da ilusão da matéria. Sem acesso ao timo não há evolução.

Durante o leve transe ocorrido durante o elo mental o timo atua amplamente, não apenas conectando o médium à entidade comunicante mas interpretando desta para aquele o significado tanto de seus pensamentos como de suas emoções, numa via tríplice, representada pela chama trina ou pelo Sagrado Coração de Jesus e Maria.

A comunicação se dá ao mesmo tempo em:

1) Em blocos de informação cujo sentido geral o médium capta no todo de uma só vez, o qual embora compreenda tem dificuldade de expressar, pois esse bloco de informação assemelha-se de fato a um cubo multidimensional cujos vértices são pontos luminosos representando, cada um, um tópico, e cujas arestas, também luminosas, representam os caminhos de conexão, interdependência e intercomplementação entre eles. Ou seja, o médium recebe, de uma só vez, todo o conceito e correlações implícitas na mensagem, mas por essa via, ligado ao hemisfério cerebral direito, é incapaz de explicar aos outros o que apreendeu pois este bloco é sensorial e não traduzível por processos lógico-linguísticos, vindo então o auxílio da segunda via utilizada na comunicação;

2) Atuando no lado esquerdo do cérebro, a energia vinda pelo outro nadi ativa o banco de memória do médium e ambos, entidade comunicante e médium, conjuntamente buscam o vocabulário mais adequado à correta interpretação da mensagem, assim como de metáforas e comparações que melhor possam elucidar o tema;

3) Por fim a parte mais essencial e divina da comunicação por elo mental, diretamente sobre o coronário do médium incide uma coluna de luz, como sabemos, sua ligação maior com o Pai Criador e as esferas superiores, a morada de Oxalá, seu próprio Eu Superior. O timo age como um gerador de forças conectadas dos dois seres, médium encarnado e espírito comunicante (embora o mesmo fenômeno possa se dar com número

maior tanto de espíritos desencarnados comunicantes para com um único médium, como de uma entidade para com um grupo de médiuns unidos por propósitos afins) estabelecendo uma ligação entre os “Eus Superiores” dos dois, o que ocorre numa dimensão altíssima e é o que chamamos “selo da verdade”, pois o Eu Superior jamais se desconecta de Deus-Pai-Mãe Criador, da Fonte Suprema de toda Luz, Amor, Bondade e Verdade, dessa forma estando os dois 'sócios' da comunicação conectados aos seus Eus Superiores e estando esses Eus Superiores conectados entre si, desce do alto dessa conexão divina a canalização direta do conteúdo e da verdade sobre essa mensagem, servindo como espécie de guia, ou '*guideline*' durante a comunicação.

Se pudéssemos vislumbrar esse momento, veríamos uma coluna de luz branca por dentro da qual luzes de cores suaves encadeadas descem e, ao redor dessa coluna, orbitando como satélites as informações codificadas pelos dois nadis, atuando nos hemisférios cerebrais direito e esquerdo; em outras palavras, a transmissão da mensagem passa tanto pela compreensão emocional – primeiramente para seu próprio entendimento – como racionalmente num segundo momento – visando sua comunicação efetiva a terceiros, leitores, ou audiência presente – entretanto essas duas vias gravitam em torno da coluna que desce pelo coronário do médium que permanece durante todo esse processo em jorro contínuo de informações espirituais.

Sem o trabalho da chama trina – coronário mais nadis, informação espiritual traduzida ao mesmo tempo para os hemisférios direito e esquerdo, provendo entendimento emocional e lógico-racional da mensagem – a comunicação fica comprometida.

O elo mental tem muitos outros detalhes para o seu bom funcionamento sobre os quais iremos ainda discorrer, mas esse acima é seu mecanismo principal, e demorou-se muito para que a genética humana fosse capaz de produzir seres cuja glândula pineal fosse propícia a isso, mesmo com todo um planejamento kármico encarnatório e com nossas intervenções pós-nascimento na matéria.

O conto da Torre de Babel pode ser visto como uma alegoria ao que ocorria quando o plano espiritual tentava enviar uma comunicação mas os canais de interpretação, os nadis, não conseguiam atuar na interpretação da mesma, causando confusão, pois a linguagem não conseguia transmitir o conteúdo da mensagem.

Assim também o simbolismo da pomba – uma ave, animal sutil, sensível, difícil de 'agarrar', um momento está aqui e noutro já 'voou' – para o Espírito Santo, que se manifesta em muitos templos pentecostais onde os médiuns falam “a língua dos anjos”, ou seja, recebem uma comunicação espiritual direta, mas não possuem a glândula pineal organizada de tal forma que possibilite a compreensão total da mesma, nem possuem o timo ativado para que a sua

chama tripla se acenda.

Muitos dos chamados 'índigos' na Terra têm um dos nadis funcionais e bastante ativos – usualmente o que estimula o hemisfério cerebral esquerdo – para a compreensão lógica das mensagens que lhes são enviadas do Alto, embora nem todos estejam atuando em atividades consideradas espirituais, pois optaram em colaborar com o progresso durante a Transição através da Ciência ou da Arte, onde trazem grandes avanços, sobretudo nas áreas de informática, tecnologia de comunicação, estudo genético e produção cinematográfica. Tais seres optaram por colaborar doando sua inteligência, pois são dotados de grande capacidade cognitiva, não suportam repetições e avançam de um conceito lógico para o próximo seguinte muito velozmente, entretanto são doentes emocionais e, portanto, não conseguem ativar seu timo.

É interessante neste ponto frisar que a cura mais rápida e eficiente para o índigo no que tange aos aspectos emocionais dar-se-ia através do Xamanismo, equilibrando suas energias telúricas. Sendo seres excessivamente orientados pelo mental, seu timo adormece à espera que eles tenham a coragem de buscar sua cura emocional, pois traumas muito antigos, de passados muitas vezes remotos, como vamos tratar aqui nessa nossa história, os paralisaram emocionalmente, e eles evitam a todo custo entrar em contato com esses sentimentos, ou entregar-se a eles, como suicidas que se afogam num mar do qual querem absorver até a última gota, mergulhados em sensações às quais se viciaram como a uma droga. O Xamanismo, seja como prática, terapia ou estudo, equilibra céu e terra dentro do indivíduo, religando-o a Fonte Criadora e à sua própria Alma, dessa forma conseguindo retomar os caminhos por ela traçados desde o início dos tempos para a sua evolução, caminho esse que será sempre o que o fará mais feliz em sua jornada rumo ao Amor Total Absoluto.

***Black Mountain***

*(entidade que trabalha na vibração de Xangô)*

A forma de intercâmbio com os guias espirituais, ou como preferiríamos dizer, com irmãos mais velhos e, portanto, mais experientes na senda evolutiva, através da mediunidade denominada aqui como elo mental, atende as novas necessidades da humanidade, que transcendendo a si mesma, “sobe de nível”, e assim precisará de uma nova abordagem para explicações antigas que, embora corretas, visto terem sido emitidas por espíritos de luz, o fizeram em linguagem adequada à época e à mentalidade daqueles aos quais se dirigiam. Hoje não há necessidade de novas verdades, mas de uma ampliação na visão dos muitos contextos, pois tudo na Criação é multinível e portanto assim também são os conceitos e como tal precisam ser compreendidos.

O elo mental trabalha com a mente em múltiplas dimensões de forma consciente, esta é a diferença, pois a mediunidade por definição é multidimensional, porém os médiuns do passado não tinham plena consciência dos processos que se desenrolavam ao seu redor durante um transe ou comunicação, e embora grande parte dessa realidade já tenha há muito sido revelada em obras psicografadas, o médium poderia ter ciência do que lhe ocorria por ter lido a respeito, mas por si só não conseguia perceber as várias coisas que lhe sucediam ao mesmo tempo para o sucesso do fenômeno. Também por isso o transe mediúnico era sobretudo inconsciente, para poupá-lo de uma 'pane' de raciocínio, pois o cérebro humano não tinha condições, há 100, 80 anos, de lidar com tal volume de informações em um mesmo momento, e tal suscitaria neste desistência, pondo fim prematuro à missão.

Além da questão cérebro-orgânica que privilegia a mediunidade consciente para o Terceiro Milênio, fazendo do médium sócio cooperador ativo na tarefa, há no elo mental, através da ativação do timo que promove a comunhão dos Eus Superiores de médium e entidade, canalizados pelo coronário do médium, a não necessidade de uma total incorporação física, o que possibilita o intercâmbio com seres que antes seria impossível devido ao choque emocional provocado com o contato íntimo com tais entidades, que tende a desequilibrar o médium, conduzindo-o às lágrimas, embora nem ele saiba por que chora. Esquecem-se de que por serem elevadas, as entidades não apenas possuem conhecimentos superiores aos nossos, mas também emoções, e se é complicado para uma mente humana registrar conhecimento de outra que lhe é em muito superior, imagine como seria registrar-lhe as emoções! O quantum energético emocional de uma entidade de grande luz é de tal forma incompatível com o grosso da humanidade terrena que o contato com um médium, ainda que sendo este dos raros de fato disciplinados e comprometidos, lhe destrutura os átomos perispirituais, causando-lhe uma comoção ao experimentar em si sentimentos muito elevados e sublimes, aos quais não está acostumado, e este se sente logo extenuado, qual fora metal leve submetido à caldeira extrema.

Uma humanidade transcendida necessitará de guias à sua frente não somente em sabedoria, mas sobretudo superiores em Amor, e a mediunidade de elo mental, que ainda está sendo aperfeiçoada para as futuras gerações, tornará esse contato possível, visto que ainda que o medianeiro sintá-se tocado em seu íntimo pelo intercâmbio com o campo emocional de uma entidade muito superior, e por isso verta algumas lágrimas, em algumas horas ou no máximo em 3 dias, logo estará recuperado, quando em tempo passado, se tal contato fosse possível com a mediunidade regular de incorporação, conduziria o médium à perda da noção de si mesmo e do ego, o que por vezes ocorreu com alguns de vossos santos do passado, levando a comportamentos extremos e desnecessários como a autoflagelação e a materialização somatizada de estigmas, na ânsia de se purificarem e sanarem suas chagas interiores às pressas, exteriorizando-as no que sua cultura consideraria uma 'homenagem' a figura do grande avatar Jesus Cristo. Outros simplesmente enlouqueceriam após compararem-se ao ser com o qual tiveram contato: um nada, ou pior ainda, um 'nada pecador'.

Tais extremos não são desejados, porquanto embora o excesso de ego deva sempre ser combatido, aquele que não reconhece em si as qualidades da Divindade e não se acredita detentor e refletor da Luz, do Amor e do Bem Maior não é capaz de fazer surgir na Terra “O Reino de Deus”, que só pode se manifestar através de vós.

*Águia Dourada*

## Capítulo 4 Do Amor e suas Desvirtuações

### Capítulo 4

#### *Do Amor e suas Desvirtuações*

Quando o Pai/Mãe Criador nos tece no interior do seu ventre, o amor que Ele/Ela tem por nós é a matéria-prima de que somos feitos, como barro modelador. Mas somos feitos pequenos, para desenvolver depois, com as experiências que nos virão; entretanto, uma estátua, se é de argila e tem um determinado tamanho, para ficar maior, só se lhe for acrescentada mais argila, para aumentar suas formas, sua estatura. Como o barro do qual foi feito o homem é Amor, só com mais Amor ele pode crescer e ficar mais imponente, adquirir mais envergadura. É por isso que todo o filho de Deus, toda criatura tem fome de Amor e se move pelo Amor e vai atrás dele e o busca incessantemente, porque sem ele, mesmo que de forma inconsciente, o espírito sabe que não vai crescer ou amadurecer.

Assim como tem o instinto do corpo, o impulso instintivo do espírito é a busca pelo Amor. Porém, cada caçador caça com as habilidades e os instrumentos que tem; os mais experientes, com maestria, uma flecha certa e sem desperdício. Já o caçador imaturo, ganancioso ou egoísta deixa a crueldade interferir na sua caça, e atira em mais alvos vivos do que necessita, fere e maltrata suas caças e não quer compartilhá-las com os demais membros da tribo, preferindo que a carne apodreça dentro da caverna de ilusões que criou para si do que libertá-la, com receio que alimente a outro com aquilo que julga ser para ele, e que os outros 'cresçam' antes que ele.

O homem da Terra caça com imprudência pois não compreende a verdadeira essência do Amor, e com isso angaria para si débitos muitas vezes mais pesados do que aqueles conseguidos com a participação dos espíritos em guerras, verdadeiras manifestações e materializações na terceira dimensão das falanges das zonas umbralinas. Um campo de batalha abre portais para zonas infernais e aí daquele que disto, por sua livre e espontânea vontade, decide tomar parte, pois se compromete por muitas encarnações vindouras com todos aqueles que direta ou indiretamente prejudica: se tira a vida de um indivíduo em batalha, não somente a este deverá, mas a toda sua família e amigos que pela ausência de um ser querido, profundamente lesionada se sentirá. Portanto o karma que um espírito angaria em guerras é multiplicado às dezenas, centenas e por vezes até milhares, dependendo da programação kármica interrompida, atrasando a evolução do espírito em séculos proporcionais à infração

cometida e às vidas atingidas. Tal complexidade fez com que se estabelecesse no astral instituições de planejamento reencarnatório específicas para pessoas envolvidas em guerras, para que coletivamente consigam queimar seus karmas e eliminar suas dívidas mais rapidamente. Por isso grupos de militares e ex-combatentes reencarnam sempre juntos e passam por provações conjuntas até que, resgatado o peso maior dos seus débitos, possam reingressar no caminho natural evolutivo junto aos seus afins de antes que ingressasse no malfadado atalho do caminho que o levou a tomar parte em uma guerra.

E não por acaso falando de Amor, a prosa se leva à Guerra por Amor, ou melhor especificando, pela não-compreensão do que ele verdadeiramente é e pelas desvirtuações de suas características, usurpadas e confundidas com outras manifestações do ego, muita guerra se fez e ainda se faz neste e noutros orbes – e para piorar a situação ainda muitas vezes os muitos nomes de Deus são atribuídos à causa e razão dos conflitos. Isso ocorre no micro e no macrocosmo; não apenas nações cometem esses desvios, mas os indivíduos, em seus universos particulares, atribuem a Deus os motivos pelo qual julgam que uma determinada pessoa deveria pertencer a seu destino e não de outrem. A fome de amor mal resolvida leva o ser a pensar que Deus lhe deve algo, a sua própria felicidade, a qual muitas vezes julga estar aguardando há anos, então, ao fixar sua atenção num ser que pelas Leis Imutáveis da Atração surge em seu caminho para lhe servir de espelho da alma, no qual melhor possa enxergar as qualidades que ainda lhe faltam, ele se deixa fascinar. A fome, há muito tempo guardada, lhe domina os instintos, e neste momento fatídico para o espírito, ele deixa de ver no outro “um outro”, outro ser humano com angústias, anseios e, principalmente, com sua própria busca interior pessoal e intransferível, que não necessariamente – e frequentemente não são – as mesmas que as suas, para ver nesse outro indivíduo apenas um objeto: aquilo que lhe faltava, ou como se diz na Terra, a metade da laranja, a tampa da panela, o pé-de-meia, o cobertor-de-orelha, etc. Todas essas expressões do vocabulário terreno refletem uma verdade que poucos querem encarar: a coisificação do outro no jogo amoroso, pois infelizmente na Terra, e não só na Terra mas até em orbes imediatamente superiores, o Amor é ainda um jogo, pois em nossas dimensões essa energia não consegue manifestar-se e ser compreendida em sua essência, devido às ilusões em que vivem imersos os seres que habitam estes mundos. Dessa forma comumente afirmam que Deus lhes: “*deu essa pessoa*”, “*a colocou em seu caminho*”, “*finalmente atendeu as suas preces*” ou ainda “*até que enfim chegou a minha vez*”, sem perceber nem o interlocutor nem aqueles que o escutam, o patamar em que colocam o suposto objeto das afeições, o de mero prêmio – de compensação ou de consolação – um cupom de descontos para uma imensa lista de infelicidades acumuladas ou ainda, nos relacionamentos mais rasos, superficiais, um vale-brinde, para que a pessoa tenha *'algumas alegrias'* e se *'divirta por um tempo'*.

Então essas pessoas, por vezes, se têm noção de espiritualidade ou crença nos espíritos e na vida após a morte, vão muitas vezes a um centro espírita e conversam com o guia de Umbanda e dizem: *“Eu não sou feliz no amor”* ou *“Eu não tenho sorte no amor”* e ainda *“Eu não tenho ninguém”* ou *“Eu queria 'alguém' para ser feliz”*, e então, muitas vezes damos uma baforada em nosso charuto ou cachimbo e procuramos nos conectar à Fonte Criadora e ao Eu Superior daquele filho de Fé que naquele momento ainda não compreendeu que é impossível não ser feliz no Amor, porque o Amor é a Felicidade por si só e que só não se é feliz quando não se ama, que ele não precisa ter sorte no amor porque o amor não é um jogo ou uma loteria e que graças a Deus ele não *“tem”* ninguém, caso contrário seria um feitor de escravos!

Então assuntamos o coração, a alma, a consciência do irmão que está à nossa frente para vermos se é possível e até que ponto começarmos a abordar esses aspectos, mas infelizmente, na imensa maioria das vezes vemos que seria inútil, e então prescrevemos um banho, uma defumação, um tratamento espiritual e até um livro que coloque esse irmão ao menos no início do caminho da compreensão de que para ser feliz ele deve primeiramente querer bem a si mesmo e a todos os outros igualmente para poder ser feliz, e jamais somente a uma pessoa especificamente, pois esse é o caminho da desilusão e da dor.

## Capítulo 5 Três Corações Disputam uma Alma

### Capítulo 5

#### *Três Corações Disputam uma Alma*

Arhenya era um guerreiro e um mago cujas habilidades serviam a três tribos imediatas às encostas da montanha onde morava. Arhenya era um telepata animal e suas ondas mentais traduziam e interpretavam para ele o que estava na mente de um animal – informações, emoções, sensações. Ele também conseguia acessar o banco de memória de qualquer ser vivo que se locomovesse – portanto suas habilidades não incluíam os 'verdes', os seres do reino vegetal – ou que tivesse sido morto há poucas horas. Alto, cabelos louros escuros em mechas onduladas, forte porém esguio, o guerreiro louro tinha muito de um felino em si; pouco sorria ou falava, mas muito escutava e muito mais ainda sentia. Sua atenção era disputada por mulheres até de outras tribos distantes, que estavam mais interessadas em seus atributos físico-energéticos\* do que em suas habilidades de mago-animal-terapeuta, entretanto *inventavam* casos e necessidades envolvendo animais importantes para suas comunidades somente para ter sua presença em seus domínios. O que na Terra seriam consideradas rainhas o desejavam como cônjuge, mas ele solitário se mantinha, por mais tempo que qualquer um se lembrasse, exceto os anciãos da tribo. Embora fosse rico, rústicamente vivia, sem ostentar posses ou pendor para exibição. Era um homem que gostava do silêncio, da noite e das estrelas, da visita de poucos amigos e da presença de muitos animais, nos quais confiava muito mais amplamente.

O segundo guerreiro era Siul'Ahan, chefe do exército da maior tribo não só da nossa região como de todas as conhecidas na nossa metade do planeta. Mais alto, mais moreno, com longos cabelos negros escorridos à semelhança do estilo dos Sioux da Terra. Seus olhos eram os de uma ave de rapina, escuros e sempre atentos a qualquer movimento. Siul'Ahan venceu todos os seus oponentes em todas as competições esportivas desde que era praticamente um bebê, e sua força física, destreza, agilidade, coordenação e estratégia combativa deram a ele mais que a fama de um herói, mas a de um semideus.

\*Engana-se quem pensa que exista algo como atração física propriamente dita, pois matéria pura é matéria morta, sem vida; o que a anima, a energia do espírito, é que lhe confere características únicas e é isto que nos atrai a determinadas pessoas específicas, sua energia – que a identifica dentre todos os demais, portanto toda atração é energética e não física, como comumente se diz.

Siul'Ahan treinava exércitos de várias tribos, desenvolvia treinamentos para guerreiros de idades, talentos e temperamentos diferentes, capacitando cada um ao seu nível máximo de dominância dentro de uma determinada área combativa. Ele era ainda jovem, mas já era uma lenda, e como todo herói, também era um marido desejado não apenas pelas jovens donzelas casadoiras, mas principalmente por seus pais, que viam num casamento a oportunidade de um consórcio ideal que tornaria seu clã imbatível.

Neste ponto se faz necessário que eu explique um pouco da estrutura de nossa sociedade. Nem matriarcal nem patriarcal, o equilíbrio era nosso ideal, sentido e compreendido como mais favorável caminho evolucionar. Entretanto acreditávamos que algumas pessoas eram, digamos, para usar termos conhecidos da Terra, predominantemente Yin, e outras Yang, e que não era possível que uma se tornasse a outra, dessa forma veríamos como desperdício de tempo e energia procurar ensinar arte a um menino que manifestasse, como Siul'Ahan, habilidades físicas de coordenação motora espetaculares desde a mais tenra infância; focaríamos em desenvolver ao máximo suas qualidades natas. Nossa sociedade tinha, portanto, um contingente elevado de membros com habilidades de destaque, pois nossa pedagogia e todo nosso sistema educacional consistia em trazer ao máximo aprimoramento possível os dons e talentos naturais de cada um, e como consequência lógica desse sistema, tínhamos membros que eram excelentes sacerdotisas incapazes de cozinhar uma refeição e valorosos guerreiros que não sabiam cuidar da própria saúde ou do bem estar do próprio corpo, o que levou consequentemente a estruturação das vilas, aldeias e comunidades em torno de um número 'x' de pessoas capazes de desempenhar determinadas funções dentro de um grupo, e nisso consistia nosso sistema de trabalho e emprego. Esse sistema era bom porque fazia com que um valorizasse sobremaneira o outro, admirasse suas capacidades e honrasse sua Vida, inclusive agradecendo em cerimônias públicas religiosas os talentos dos irmãos ao se louvar a Deus. Éramos portanto uma sociedade pacífica; poderiam haver pequenas contendas, invejas pessoais e disputas tolas por poder e liderança dentro de uma área, mas raras – e por isso lendárias – se tornaram às vezes em que tais ocorrências tomaram proporções drásticas ao ponto de causar desequilíbrios ou tragédias.

Então, perguntarão, para quê guerreiros e qual a necessidade de exércitos? Eu lhes responderei que a visão de um 'guerreiro' era e é para nós bastante diferente do que um soldado significa na Terra. De forma simplificada, sem estender-me em explicações maiores neste momento, direi que o Clã dos Guerreiros atende as suas próprias determinações e prioridades e o chefe dos guerreiros – que são seres que nascem com específicas disposições psicofísicas e inclinações ideais – é um ser da mais alta conexão espiritual, pois ele representa no mundo em que se encontra a manifestação da Fortaleza Divina, ou seja, como São Miguel Arcanjo, a exteriorização da Força de Deus, e como tal não se submete a reis, governos e

governantes ou outros comandos que possam estar movidos por interesses escusos ou subjugados pela manipulação do mal. Um chefe guerreiro, portanto, põe a serviço de um chefe tribal ou de nações os seus comandados se, e somente se, estiver de acordo com os motivos e a utilidade de um combate.

Nossas tribos não guerreavam entre si, mas sim eram treinadas e mantinham-se a postos para nos defender, isoladamente ou em conjunto, dos ataques que vinham dos céus, das tribos do Povo Cobra que habitavam outra estrela próxima, Sirius B.

Teguilp tinha alma de poeta e a visão mais abrangente sobre as coisas espirituais e filosóficas. Em nossa sociedade essas pessoas com dons artísticos eram encaradas como uma espécie de '*ombudsman*' da sociedade, pois como é sabido entre os maiores e em seu planeta é inclusive um dos ensinamentos da *kaballah*, a Arte é, dentre todas as formas de expressão divina, a que conecta mais direta e rapidamente à Fonte, ou Deus, capaz de manifestar ou fazer compreender um conceito que de outra forma não seria possível. Por isso Teguilp frequentava as rodas dos mais nobres e poderosos, onde sua mente arguta servia para nortear e inspirar muitas lideranças de nosso povo assim como dos povos vizinhos.

Teguilp era um dos poucos a ter estado como convidado entre os povos do Norte, uma rara honra entre nós. O Povo do Norte era mais velho e muito mais evoluído; nossos protetores, haviam guardado nossa existência preservando nossa espécie dentro de seu próprio território, mas mantinham-se afastados, preservando assim a norma da não interferência, permanecendo na parte norte do imenso planeta. Deram-nos o hemisfério sul, vazio, desértico e desabitado, após providenciarem meios de fertilização e habitação das terras. Sabíamos que embora não nos vissem, vigiavam-nos atentamente e vez por outra algum emissário nos era enviado, recebido com grande reverência, para auxiliar na solução de alguma questão específica ou para a instrução de alguma arte ou ofício. Periodicamente, por ciclos longos, vinham em grupos de 3, 6 ou 9 membros para instalação e execução de procedimentos que serão à frente descritos. Sua visita era sempre motivo de orgulho e felicidade para nós, pois embora não fossem nossos pais, eram padrinhos a quem muito devíamos: nossa própria sobrevivência.

Entre seu imenso poderio no norte e nossas vilas, bem mais rústicas ao sul, um imenso deserto se entrepunha, separando as duas diferentes civilizações. Em caso de necessidade um cristal na sala das comunicações servia como forma de contato entre nós e eles, caso necessitássemos de ajuda ou eles desejassem empreender algum contato espontaneamente.

Teguilp era um dos raros poetas-artistas-visionários a ter a honra de visitar o povo do norte em seu próprio território e isso fazia dele um orador disputado por uma plateia

ávida por ouvir a respeito dos 'deuses-gatos', o que daria origem a diversas lendas entre nós, pois Teguilp se valia de metáforas para explicar a nossa civilização, bem mais simples em recursos tecnológicos, as maravilhas que testemunhava entre o povo felino.

Teguilp era portanto um mestre da oratória, um espírito dotado de sensibilidade e possuidor de uma mente crítica e perspicaz. Tez morena, cabelos curtos mas volumosos e olhos grandes e tão escuros como misteriosos, dotados de uma energia inquieta, ele completa o trio que disputou o que não pode ser ganho: a alma de um outro ser humano.

## Capítulo 6 Tegini Cresce e uma Nova Lua Aparece

### Capítulo 6

#### *Tegini Cresce e uma Nova Lua Aparece*

Era uma vez uma lei antiga que rezava sobre o aparecimento, a existência e cessamento das luas. Em suma essa lei dizia que uma lua é 'dada' a um planeta a fim de ajudar a nortear a sua evolução, portanto, quantas mais luas um planeta tiver, mais fatores norteiam sua ascensão evolutiva e, via de regra, mais aprimorados seus seres são.

Há exceções, quando no caso um planeta sem luas é habitado por seres de um relativo alto valor moral, com relação aos demais orbes imediatos que o cercam, mas isso se dá geralmente com civilizações supervisoras ou 'babás' de algum vizinho mais primitivo e, neste caso, esta civilização está ali implantada mais como missionários do que experienciando sua própria livre evolução natural. É o caso de Vênus, que se mantém próxima à Terra como um quartel ou posto de ajuda de onde são enviadas diariamente energias que estimulam o amor, a arte, a sensibilização e o sentimento de reorientação divina para os povos da Terra. Quando os valores representados por uma determinada lua são efetivamente absorvidos pelos seres naquele planeta por ela influenciado, esta lua deixará de existir, colidindo pela atração gravitacional com o próprio planeta ou sendo destruída pela colisão no espaço com algum outro corpo celeste, ou ainda sendo por esta colisão, afastada da órbita gravitacional do mesmo.

Uma única lua representa um único caminho a ser seguido – no caso da Terra, a assimilação, aceitação e reorientação existencial em torno da realidade espiritual que este satélite representa. Cada raio de luar que incide sobre um ser humano na Terra procura despertá-lo para as verdades do mundo maior, dar-lhe vislumbres de uma outra realidade existente através do espelho das águas espirituais que separam dimensões\*. Como se pode concluir, nossa bela Lua Cheia continuará a iluminar os céus da Terra e a inspirar os namorados e os poetas por muitos milênios ainda, pois sua tarefa está longe de terminar.

\* Enquanto o Sol nos conclama ao despertar, a Lua ecoa repetidamente o chamado a “relembrar” nosso passado, nossa verdadeira vida, nossas existências anteriores e perene ao burburinho em que nos vemos imersos no presente, um chamado à lembrança, ao reconhecimento do verdadeiro Eu, oculto por camadas e camadas de falsos 'eus', identidades superficiais que criamos ao longo de várias existências e que nos distanciam cada vez mais de nossa essência.

Quando nossa gente veio habitar esta estrela que chamamos por muito tempo de lar, ela possuía somente um satélite natural de aspecto sui generis: um tríbolo, ou três esferas unidas entre si sendo uma maior ao centro ladeada por duas menores. Esse satélite representava a orientação dos felinos pela simbologia das tríades, que é significativa ao infinito, pela sua multiplicidade de simbolismos.

Quando eles trouxeram o primeiro de nossa gente na tentativa, por fim bem sucedida, de salvar nossa espécie da extinção total pelos seres-cobra que nos perseguiram, nos implantando ao sul da parte desértica de seu próprio planeta, um fenômeno celeste ocorreu, causado em parte por consequências de ações artificiais decorrentes das guerras ocorridas no espaço próximo, 'empurrando' para a órbita de Sirius A três asteroides gigantescos que ficaram presos ao seu campo gravitacional. Curiosamente esses astros eram avistados plenamente em nosso hemisfério, mas somente ao nascer e por do sol na parte norte, habitada pelos felinos, e influenciavam-nos a evoluir em três aspectos: honra individual, defesa e autopreservação e consciência grupal.

Baseada nessa lenda e em nossas crenças, uma profecia um dia surgiu, sobre uma nova lua que trazia consigo uma deusa que causaria a destruição de duas dessas luas e absorveria em si a restante. Algumas sibilas preconizaram que esse evento traria o fim de nossa raça enquanto outros afirmavam que esse seria um período de renascimento e transição. Quando expusemos nossas dúvidas e temores ao Povo Gato, estes se calaram, sem nada nos esclarecer, o que só aumentou nossos questionamentos. A mais conceituada de nossas profetizas vaticinou que essa Deusa que traria a lua teria sete irmãs e reinaria sobre todas elas, pois que estas estariam mortas.

E um dia, eis que amanheceu, e um outro pequeno astro estava no céu. E à noite revelou-se comportar como uma nova lua, acompanhando as demais. Portanto quando um de nossos mais venerandos chefes, Leodkir, de cujos cinco herdeiros já havia perdido uma filha na infância e outra num acidente com sua nora há duas semanas, fez o anúncio sobre o falecimento da esposa, que engravidara em idade avançada, e que a única sobrevivente do parto de quintuplos, todos bebês do sexo feminino, havia sido levada horas após o nascimento por dois membros do Povo Gato diretamente de sua casa, sem aviso prévio pelo cristal de comunicação na base comunitária, e prometeram trazê-la de volta logo após o período de amamentação, ele lançou a semente de especulação, ansiedade, medo e fascinação em todo o povo habitante da colônia humana implantada em Sirius A pelo Povo Gato.

Essa aura de mistério e curiosidade envolveriam e acompanhariam Tegini por sua vida inteira, fazendo com que desde cedo ela desenvolvesse habilidades eficientes para lidar

com isso. Entretanto ela não estava preparada para lidar com outro tipo de expectativa que não as sociais: as sentimentais.

Quando o Povo Gato a trouxe de volta, sem emitir nenhuma palavra a respeito, ela aparentava um amadurecimento desproporcional para a idade, o que ocasionou que ela fosse vista, tratada, temida e bajulada como uma deusa – potencialmente perigosa e vingativa, visto seu nascimento ter coincidido com a chegada de uma nova lua, não fosse seu caráter calmo e sua beleza silenciosa – o que só aumentava as expectativas ao seu redor. De criança talentosa e comportamento irrepreensível ela chegou ao período fértil muito antes do que o normal para as fêmeas de nossa espécie, e lhe foram por isso designados tutores, e sua educação e formação incluía dois professores felinos e visitas periódicas à cidade do Povo Gato.

## Capítulo 7 A Fortaleza dos Gatos

### Capítulo 7

#### *A Fortaleza dos Gatos*

Ao final de uma manhã, Tegini recebeu a visita de uma funcionária guardiã da sala de comunicações que veio avisá-la para que no dia seguinte, àquele mesmo horário, estivesse pronta e presente em frente ao templo, pois o Povo Gato viria buscá-la para mais uma estadia entre eles.

O comunicado não foi exatamente uma surpresa, pois Tegini sempre sentia dentro de si quando tais datas se avizinhavam, por uma espécie de estremecimento excitativo à região do plexo solar. Estar com o Povo Gato era sempre estranho e transformador; ela sentia que sempre retornava diferente dessas viagens e não apenas em decorrência do aprendizado objetivo que lhe era oferecido, geralmente para ser distribuído ao seu povo posteriormente, pois todo visitante admitido à cidadela dos gatos servia como embaixador, emissário de conhecimentos e informações superiores, mas principalmente pelo extenso tempo em que se sentia imersa num estado onírico. Estar na presença dos Gatos acelerava seu campo vibracional a tal ponto que ela se sentia um outro ser, vivendo uma outra vida, em outro planeta, cujas regras, propósitos e utopias diferiam totalmente das de seu próprio povo – a começar pelo último item citado. O povo felino não tinha ideias utópicas, mas metas a serem atingidas objetivamente, e eles, caso não houvesse interferência externa, invariavelmente atingiriam seus objetivos. Por tanto o retorno à vida tribal era sempre um choque, e Tegini se sentia uma estranha no ninho em meio ao seu próprio povo.

Por exemplo, o mais tradicional alimento de seu povo antes do exílio era uma espécie similar ao milho terreno, que em Sirius C não encontrava solo propício ao seu desenvolvimento. Seu povo reuniu conselhos e por fim pediu ajuda aos felinos para que o milho ali vingasse, embora o Povo Gato tivesse tido o cuidado de providenciar o que poderíamos chamar de horta-modelo ou plantação-modular desde antes de nossa chegada, com espécimes que atendiam plenamente às nossas necessidades nutricionais e eram adequadas ao nosso paladar, sendo uma delas inclusive uma variação desse mesmo 'milho'.

Os felinos nada disseram; levaram um exemplar de nosso antigo 'milho' e tempos depois retornaram com uma nova versão, muito mais próxima do original do que a tínhamos em Sirius A. Essa nova versão do milho agradou a maioria, porém tinha periódicos problemas de cultivo, o que requereu vários outros chamados para reuniões do conselho, muitas com a

presença dos Gatos, para resolver a questão.

Quando Tegini nasceu, essa 'epopeia' do milho já durava algumas gerações, e durante uma de suas visitas à cidade dos Gatos, ainda durante a infância, em uma de suas aulas no que poderíamos chamar de viveiro-pomar experimental dos Gatos, Tegini aprendeu que uma espécie nova é sempre frágil, e que o amor, sendo o alimento básico de todas as formas criadas no universo, é o que nutrirá aquela nova concentração monádica de forma de vida, transmitindo-lhe dessa forma que ela é necessária e bem vinda à existência manifestada, o que 'convence' o potencial subatômico, por falta neste momento de um termo melhor, daquela nova agregação energética, a prosperar. Essa '*doação de sentimento de valorização*' inicial foi executada pelos felinos, engenheiros genéticos primorosos, entretanto, ao ser transferida para o solo de nossa comunidade, do outro lado do planeta, os sentimentos sucessivos de dúvidas, rejeição, comparação, detrimento e menosprezo quanto à nova espécie de milho minavam qualquer possibilidade de êxito à sua prosperidade.

Por mais de uma dezena de vezes os felinos explicaram ao seu povo que uma vez estabelecido seu cultivo em êxito e levado a termo o número de ciclos de colheitas determinado sob o influxo de energias mento-emocionais do povo adâmico emigrado do planeta destruído, os grãos de bom grado assumiriam gradualmente as características pré-concebidas pelos humanos de como deveria ser o alimento quanto à aparência, consistência e sabor, visto estarem vivendo agora num mundo onde a mente atuava plasmando a matéria 12.000 vezes mais rápido do que em seu planeta de origem. Como a mente humana não era originária de Sirius C, estávamos nos adaptando a um ciclo de velocidade mental doze vezes mais rápido e tínhamos potencial para atingir até um ciclo de duzentas vezes a rotação de nosso planeta natal. A mente de um felino era, em Sirius C, muito superior à nossa e, uma vez atingido nosso mais alto potencial, ainda não ultrapassaríamos 1/6 de sua capacidade.\*

Esse era o motivo de nossa hospedagem em Sirius C, além de sua atitude sinceramente altruísta a nos livrar da extinção total em nosso planeta pelos seres-cobra. Fomos a última colônia humana implantada naquele sistema estelar, salva do extermínio unicamente pela ação dos felinos, que nos trouxeram para dentro de sua própria casa, Sirius C. Motivando paralelamente esse altruísmo porém, além de ter a compreensão de que a sobrevivência de nossa espécie era uma prerrogativa da Fonte Criadora, à qual são altamente conectados, estava a sua curiosidade natural: engenheiros geneticistas altamente gabaritados que eram, os felinos queriam saber o quanto a evolução natural de uma espécie, no caso a humana, poderia ser acelerada sob condições altamente propícias, tutelados técnica, moral e espiritualmente, compreendendo-se esta última não uma doutrinação religiosa, mas justamente o oposto, a prevenção da perda do contato primitivo e atávico com a Fonte Criadora e a propiciação de técnicas de auxílio para a ampliação, clarificação e prevenção da desconexão dessa ligação.

Para tomar a decisão de levar a cabo esse empreendimento, eles tinham a segurança de que, mesmo após a evolução de várias gerações nascidas em solo C-Siriano, jamais suplantariamos a sua inteligência, capacidade e poder. Jamais representaríamos um perigo potencial, seja por nós mesmos ou por ataques do Povo Cobra interessados em nosso extermínio, pois eram imunes à ação dos répteis.

Em primeiro lugar, a atmosfera de Sirius C não era propícia à instalação da vida reptiliana, pois a luminosidade em nosso planeta era basicamente “indireta”, e os seres-cobra precisam de calor intenso e, secundariamente mas de fato uma razão muito mais importante, a mente felina era invulnerável à ação reptiliana, contumaz terrorista psicológica, habituada a lançar mão de recursos tais como hipnose coletiva, paralisação fóbica e estimulação do ego-simulacro para manipulação mental. Os felinos são também hipnólogos naturais, ousados, destemidos e fortemente conectados ao *self*, desenvolvendo desde a infância até a fase adulta meramente o ego de sobrevivência, conhecido na Terra como ponte de ligação entre o *id* e o *superego*, entretanto não sujeitos às patologias psíquicas advindas da superidentificação do ser verdadeiro para com ele, como ocorre em planetas involuídos. Era parte da agenda felina procurar meios de nos tornar invulneráveis às investidas do Povo Cobra.

Tegini era uma das únicas três pessoas cientes de que sua colônia era um laboratório de pesquisas para o Povo Gato, ainda que eles fossem cobaias muito bem tratadas.

Tegini também era a única humana que, com o auxílio de um cristal dentro do pomar felino, conseguiu sentir o que a nova espécie de milho sentia ao tomar ciência dos sentimentos de rejeição negativistas do seu povo, e dessa forma sugeriu que fosse realizado um ritual a cada plantio em que se pediriam as bênçãos de fertilidade e os casais enamorados seriam convidados a compartilhar e estender seus sentimentos de amor e afeição aos campos circundantes para que o seu amor alimentasse a terra, que alimentaria as sementes, que futuramente dariam os frutos que alimentariam seus próprios corpos e os corpos dos filhos que surgiriam a partir do seu amor. Da mesma forma Tegini instituiu junto aos sacerdotes a cerimônia de agradecimento pela colheita. Quando na Terra, em nossas colônias de emigrados, essas lembranças nos levariam a instituir festivais como Beltane e Mabon, assim como o Dia de Ação de Graças.

Tegini sabia que esse tipo de compreensão interna trazida por uma revelação que somente ela teve acesso com o auxílio de um instrumento, o cristal preparado pelo Povo Gato, não era possível de ser transmitida ao seu povo de forma racional e verbalmente, e isso era muito frustrante. Cada visita aos felinos lhe brindava com conhecimentos adquiridos por formas muitas vezes artificiais, fazendo-a vislumbrar detalhes, implicações e chegar a

conclusões às quais ela sabia que por si não chegaria. Não poder compartilhar isso com sua própria gente fazia com que se tornasse cada vez mais calada. Chegar de uma dessas viagens, para as quais ela novamente agora se aprontava, e oferecer a solução para um problema que afligia a aldeia era gratificante, mas ao mesmo tempo isolante. O fato de ela indicar “o quê” deveria ser feito, mas não poder explicar o “porquê” aumentava o mistério ao seu redor, e ela percebia que era vista mais como uma representante dos felinos do que como filha do seu povo.

O problema era que Tegini lhes dava razão, ela realmente não se sentia parte deles. Mas tampouco se sentia parte do Povo Gato; ela os conhecia bem demais para se confundir, e a convivência gritava em cada célula do seu ser as suas diferenças. Tegini era uma estranha em dois ninhos; ela não estava certa do que era e quem era, e começava a questionar, cada dia mais intensamente qual o seu papel num planeta que abrigava dois mundos.

*\* A MATÉRIA era atuada 12.000 + rapidamente em Sirius C.*

<i>Potencial de uma Mente Adâmica</i>	<i>Mente Adâmica em Sirius A</i>	<i>Mente Adâmica em Sirius C</i>	<i>Mente Felina em Sirius C (aproximadamente)</i>
<i>200,000</i>	<i>1,000</i>	<i>12,000</i>	<i>1.200.000</i>

## Capítulo 8 A Última Viagem

### Capítulo 8

#### *A Última Viagem*

Macawn era o centro administrativo dos felinos. Um misto de rústico adaptado a uma estranha tecnologia. De longe, contemplar a cidade doía os olhos, pois picos de vidro encimavam todas as construções, das mais baixas e largas às mais estreitas e finas, muitas de altura impressionante e utilidade duvidosa. Com o tempo Tegini compreendeu que por mais que se parecessem conosco, sendo seres bípedes, falantes e inteligentes, eles eram uma outra espécie, e sendo assim, sua sociedade era construída tendo em vista necessidades, razões e preferências que escapavam à lógica humana, embora num primeiro momento e sob um olhar rápido, o mundo do Povo Gato parecesse perfeitamente criado ou habitável por humanos. Além dos cimos brilhantes que ofuscavam os olhos e serviram no passado, em outras colônias, para obliterar ataques inimigos aéreos, hoje eram usados mais como uma marca arquitetônica natural da espécie; havia muitas passagens, reentrâncias e nichos em paredes e caminhos que ora davam a lugar nenhum ora para nada serviam do ponto de vista humano. Entretanto quando indagara certa vez sobre isso, lhe fora mostrado telepaticamente que tais formas de construção estimulavam o cérebro do Povo Gato e exercitava sua intuição, mantendo despertos a curiosidade, o aspecto lúdico, o senso do desafio e a ousadia natural, características marcantes da personalidade felina.

Todos os aspectos que aprendeu, a maioria sem obter respostas formais e sim baseados em sua observação, Tegini rememorava a caminho de uma das partes centrais do Núcleo de Biologia felina. Telepaticamente ela recebeu a informação de que estava sendo conduzida à sala das sementes.

Do outro lado do planeta, Tegini não sabia que três outras importantes salas de reunião estavam sendo utilizadas. E todas discutindo assuntos que lhe diziam respeito.

Na sala de sua casa o ancião-mor da tribo conversava com seu pai sobre o futuro previsto pelos sábios da tribo, xamãs, videntes, astrólogos, homens que podiam ver além das aparências:

- Grande Terumiã, instabilidade paira sobre nosso povo e precisamos nos

preparar e nos resguardar.

- O que os sábios viram, ó Grande Pai?

- Uma enorme bola de fogo no céu, mudanças nos costumes, choro, raiva e morte. Lagartos negros...

- Os répteis não podem chegar até aqui. Sempre estivemos a salvo pelos felinos.

- As profecias indicam que não estaremos mais.

- Grande Pai crê que os felinos nos entregarão aos répteis? Mas com que propósito?

- Os sábios não conseguiram vislumbrar detalhes ou razões. Só têm certeza de duas coisas, e é por isso que estamos aqui, para falar com grande Terumiã, pai de muitos e respeitável chefe entre nós.

- Tudo farei para honrar a memória da mãe de meus filhos e dar o exemplo correto à minha descendência, protegendo minha raça e nosso povo!

- Os sábios viram, Terumiã, Tegini como parte central em todas as suas visões. Veem ira em volta dela. Temem que ela seja uma arma utilizada pelo Povo Gato para jogar nosso povo uns contra os outros. Temem que as sucessivas viagens de Tegini desde a infância até agora tenham servido para colocá-la a favor deles e contra sua própria gente. Por isso consideramos que, sendo Tegini só, já que não convive de forma mais estreita com sua irmã e irmão ou com outras pessoas da aldeia, e já sendo considerada de idade para tal, seu consórcio para com um bom membro da tribo faz-se essencial no momento. Tegini necessita, através do casamento e dos filhos que deste virão, reconectar-se com a tribo e com os seus, pois tememos um excesso de identificação por parte dela para com os felinos.

- Grande Pai – falou com segurança Terumiã – lhe asseguro em nome de nossos ancestrais que lutaram por sua vida e pela nossa em meio ao fogo da destruição e pela providência divina foram pelo Povo Gato auxiliados, que minha filha Tegini jamais proferiu quaisquer palavras que pudessem fazer crer a menor propensão de seus pensamentos nesse sentido, pois se assim o fosse eu mesmo teria procurado o Conselho para reforçarmos através de nossos tutores e rituais a vinculação de minha filha à nossa tribo. Tegini é, sim, solitária, tem personalidade muito diferente das irmãs e irmãos e não teve a mãe para nutrir seu coração desde pequena, o que acredito lhe tenha feito muito falta, mas é solícita, cumpridora de seus deveres e jamais me foi motivo de qualquer preocupação como pai. Em todas as vezes que retornou das suas viagens ao território de nossos anfitriões a inquiri cautelosamente sobre o que vira, ouvira, fizera ou sentira e, acredito realmente que minha filha jamais me tenha mentido a esse respeito, sempre relatando o que aprendera em aulas ou demonstrações, na

medida do meu entendimento, antes de repassar os mesmos conhecimentos à nossa tribo nas reuniões acertadas para tal. Tegini também jamais demonstrou afeto ou predileção especial por qualquer pessoa do Povo Gato.

- Creio e ratifico suas palavras, grande Terumiã. Peço entretanto que ausculte seu instinto paterno: os laços que Tegini necessita para sentir-se religada à tribo não podem ser fortalecidos através de rituais e tradições, mas somente pelos indestrutíveis laços do amor. Tegini necessita constituir sua própria família, para a nós ser religada por laços não outros que os de sangue. É unanimidade o conselho de nossos anciãos para que Tegini se case e inicie sua própria família conforme nossas tradições. cremos que nada será mais eficaz no processo de religação cultural para ela do que assumir o sagrado papel de esposa e mãe. Isso trará música ao coração nublado de filosofias de Tegini. Somente desta forma, ao tornar-se mais uma mãe de nosso povo, ela sentir-se-á conectada a si mesma, a Fonte Criadora, ao nosso sangue, às nossas tradições, e poderá rever tudo o que sabe e que aprendeu com os gatos sob uma perspectiva correta.

- Percebo em suas palavras, Grande Pai dos vermelhos, o desejo de minha bênção para uma atitude que na verdade não me cabe, pois que Tegini não manifestou ainda interesse em constituir família. É claro para meu coração de pai que o Conselho teme o papel que Tegini possa desempenhar no futuro de nosso povo, ainda mais em vista das profecias que a cercam. Não direi que conheço o interior de minha filha como a palma de minha mão, visto que nenhum homem conhece nem mesmo o seu próprio interior, mas assevero que minha filha é incapaz de qualquer atitude contrária aos interesses de nosso povo.

- Não hei de lhe faltar com a verdade, nem mesmo na mais difícil das horas, grande e respeitável Terumiã. Aceito seu julgamento a respeito do veredicto de caráter de sua filha, entretanto, tendo-lhe sondado o interior eu mesmo, assim como é de seu conhecimento que outros do Conselho o fizeram, nunca foi possível definir-lhe com clareza a missão de sua existência ou suas disposições mais íntimas. Tegini tem sido um mistério para nós, e nesse momento, em que a instabilidade ronda e toma forças, o casamento de sua filha anulará inseguranças que assolam a mente de nosso povo e são totalmente dispensáveis no momento, além de ser uma medida preventiva absolutamente positiva e efetiva ao ver do Conselho, e isto grande Terumiã não pode negar.

Terumiã pôs-se a andar rapidamente em círculos, pensativo e em silêncio. Grande Pai continuou:

- Estaremos apenas antecipando talvez, a estabilidade e o conforto emocional que ela mesma procuraria para si em alguns anos.

Terumiã estava incerto.

- Não forçarei minha filha a casar-se com ninguém.

- De modo algum isso será necessário. Neste momento outros membros do Conselho estão em reunião com Siul'Ahan, Teguilp e Arhenya, três dos mais valorosos expoentes de nossa gente, assinalados pela comparação de seus mapas estelares natais como mais compatíveis para uma união com o mapa de Tegini. Eles serão devidamente instruídos a como proceder. Esperamos apenas, grande Terumiã, sua colaboração no sentido de conversar com Tegini, preparar seu espírito quando do regresso de sua viagem, convencendo-a da sabedoria desta decisão no momento.

Este foi o momento em que Terumiã soube que o destino de sua filha já havia sido decidido pelo Conselho. E que na verdade o que lhe estava sendo oferecido ali, naquele instante, através da visita do Grande Pai, sábio-mor do Conselho do Povo Vermelho, era a chance de tornar a aceitação disto algo mais tranquilo para sua filha. E foi ciente disto que ele respondeu:

- Orarei ao Grande Espírito que Tudo Sabe, Tudo Pode e Tudo Faz Acontecer que faça em meu coração e meus pensamentos encontrarem as palavras certas capazes de tocar as fibras mais sensíveis do ser interior de minha filha para que ela tenha luz de compreender e aceitar a sabedoria oculta por trás desta decisão.

O sábio-mor curvou-se em aceitação e reverência às palavras do pai de Tegini, e dirigiu-se para a porta, quando Terumiã lhe alcançou.

- Talvez até mesmo os felinos possam auxiliar Tegini na aceitação deste plano, pois se interessam profundamente por descendências potencialmente fortes ou especialmente dotadas, e hão de interessar-se pelos possíveis filhos que Tegini venha a ter com qualquer desses pretendentes.

Grande Pai retornou um olhar triste e revelador de suas mais profundas angústias antes de responder:

- Terumiã, essa foi a segunda coisa que os sábios videntes acessaram e definiram com lamentável clareza na última reunião do Conselho. Não haverá felinos a quem recorrer em quaisquer das próximas adversidades que somos passíveis de enfrentar nos dias que virão com indesejável velocidade, pois o Povo Gato retirará de sobre nós sua proteção. Em definitivo.

- Mas por quê? O que fizemos para desmerecer seu apoio, sua segurança? - exclamou em temor o grande Terumiã.

- Isto não sabemos. E de fato é uma das coisas sobre as quais interrogaremos Tegini assim que ela retornar. Mas saiba, e por obséquio, guarde sigilo desta informação, mas

esta manhã, ao adentrarmos o hall da Sala de Comunicação, demo-nos conta de que o cristal felino com o qual mantínhamos contato com o Povo Gato já foi retirado durante esta madrugada.

## Capítulo 9 Acordo de Cavalheiros

### Capítulo 9

#### *Acordo de Cavalheiros*

Teguilp subiu a colina de posse de seu diário – um dos poucos a fazer da escrita sua ferramenta de trabalho. Ali estavam registrados não apenas seus poemas, ensaios, dissertações e filosofias, partilhados com a tribo nos eventos correspondentes – festas, celebrações e concílios – mas alguns de seus pensamentos mais íntimos, provenientes de memórias, acessos intuitivos, sonhos e desdobramentos astrais. Teguilp mantinha esse diário porque essas coisas costumavam acontecer e servir como espécie de guia de confirmação e, sobretudo, um local para onde olhar no momento de tomar uma decisão.

Por sua sensibilidade, então ele sabia que um sábio vinha subindo a colina até o cimo onde ele vivia para falar-lhe sobre um assunto relevante. Ele estava tenso, mas não sabia dizer se a tensão era sua ou do ancião, que temia sua reação perante alguma proposta. O que era o certo ele não sabia, mas sabia que se tratava de assunto relevante com implicações sobre seu futuro, sua vida, sua felicidade. Por isso seus sentidos estavam todos alertas. E com isso em mente ele recebeu o ancião quando este se apresentou ao cimo da colina.

– Salve, Teguilp, nobre guerreiro das palavras, escultor de pensamentos!

– Salve a força e a sabedoria dos mais antigos entre nós. Sede bem vindo à minha morada. Posso servir-lhe algo, ancião?

– Apenas água. O tempo urge e não posso me demorar.

E sem mais delongas acrescentou:

– Venho pedir-lhe que compareça à hora segunda após o pico solar de Alcione à sala dos juramentos. É uma solicitação do ancião-mor.

– E para quê devo eu lá comparecer?

– Para selar um acordo de cavalheiros com dois outros guerreiros expoentes de nosso clã.

– E sobre o que rezeará esse acordo, ancião? – perguntou tenso o poeta.

– Sobre uma dama. O Conselho concluiu que é chegada a hora de Tegini, a

filha de Terumiã, sobre a qual pesam profecias e expectativas com relação ao futuro do nosso povo, unir-se a um homem em matrimônio dando origem à sua própria família. Os astrólogos analisaram os mapas de todos os possíveis pretendentes e identificaram três sinastrias relevantes, sendo a vossa com Tegini uma delas.

Nesse momento a mente de Teguilp foi invadida por *flashbacks*, lembranças de sonhos, revelações breves durante meditações e até mesmo profecias a ele feitas pelas sibilas da tribo; todas essas memórias, dúvidas e pensamentos pipocando. Ele tinha inúmeros questionamentos, mas no momento sabia que não era hora de manifestá-los. Se quisesse saber mais sobre isso ele deveria comparecer ao encontro marcado, e assim deu sua assertiva ao ancião mensageiro, que se foi descendo colina abaixo com o cantil renovado com água fresca, deixando Teguilp entregue à balbúrdia mental causada por tantas informações conflitantes que ele procurava desesperadamente conciliar dentro de sua cabeça.

Ele conhecia as lendas sobre Tegini, como todos da tribo conheciam, e a havia visto poucas vezes, tendo pouco ou nenhum interesse sobre a sua pessoa especificamente. Era de seu pensar que havia muita bobagem e confusão misturadas às informações que pairavam no ar sobre ela. Além disso, sendo filha de um chefe importante, Teguilp achava que Tegini, como seria de esperar de uma moça em sua situação, devia ter aprendido a se valer disso para seu proveito próprio, já que por si só a profecia era um peso indesejável para qualquer um, mas Tegini passava uma imagem de indiferença, que na visão de Teguilp, era erroneamente confundida com poder. Ele bem gostaria de ter a oportunidade de avaliá-la melhor, fazer um juízo mais acurado dela, mas apenas por curiosidade. Ele atenderia o chamado para o acordo de cavalheiros, pois queria se inteirar da situação. Era sua chance de descobrir o que de fato estava acontecendo e sobre o qual pouco se falava.

Mas tão certo como Alcione era o sol central que iluminava a sua galáxia, Teguilp não tinha a menor intenção de casar-se com Tegini.

### Capítulo 10

#### *Profecias*

A Sala dos Juramentos era oval, côncava e escavada entre o solo e uma sólida rocha, e ficava posicionada em sentido noroeste ao centro da tribo. Uma mesa de rocha negra alta e estreita, mais similar a uma prancha sustentada por um único pedestal no meio do ambiente simbolizava a união indissolúvel de propósitos sobre os quais acordos eram firmados interna e externamente com outras tribos, e promessas irremovíveis eram verbalizadas. Em redor, acopladas ou entalhadas às paredes objetos, armas, retratos e pinturas representavam a história de nosso povo, desde seu início conhecido até a migração para Sirius C e nossa adaptação; os clãs estavam todos representados nas paredes, assim como as raças aliadas, o Povo Gato e o Povo Pássaro.

Teguilp foi o último a chegar, consciente ou inconscientemente demonstrando com isso sua reticência para o que estaria sendo proposto naquela tarde. Todos os anciãos mensageiros, além do ancião-mor estavam presentes, além de Arhenya e Siul'Ahan.

Na visão de Teguilp a figura de Arhenya era sempre impressionante: sua altura e os cabelos claros revoltos lhe conferiam o ar de príncipe livre e rebelde da floresta, ainda mais com o manto de pele de leopardo que lhe cobria os ombros e o peito nu. Por outro lado, Siul'Ahan, embora investisse na postura soberana, músculos acintosamente expostos e lustrados com óleo ritual de guerra para impressionar a quem o visse, lhe parecesse o mais inseguro e infantil exemplar masculino de toda aldeia. Para Teguilp, Arhenya representava a realeza natural, Siul'Ahan a fingida. Mas essa era a visão de Teguilp, e não necessariamente era a mais acurada.

Arhenya, o guerreiro telepata dos animais, que detinha o poder totêmico de sua geração, se fazia acompanhar de uma onça gigantesca para os padrões da Terra, com no mínimo o tamanho somado de três desses felinos terrestres, e ela fora um presente do próprio Povo Gato para Arhenya, servindo como tradutora ou intermediária para ele na comunicação com animais cujas ondas cerebrais, devido à agressividade extrema, via de regra causada por traumas ou inapetência evolutiva como no caso de insetos, situavam-se muito acima ou muito abaixo das alcançadas pelo guerreiro telepata; seu nome era Arúap.

Por sua vez Siul'Ahan se fez acompanhar de seus seis principais comandados, visto sua ideia inicial de trazer os doze subchefes de cada uma de suas legiões ter sido barrada

pelo ancião mensageiro que lhe levara a mensagem, em vista da natureza privativa do assunto a ser tratado. Ainda assim, quando o ancião-mor ordenou que três dos seis chefes de Siul'Ahan permanecessem do lado de fora da Sala de Juramentos, este pareceu desconfortável, como se com isso perdesse metade do seu poder.

- Bastam três como testemunhas de suas palavras – disse o Grande Pai dos Vermelhos.

Diferente dos outros dois guerreiros, Teguilp fazia-se acompanhar apenas de seu diário.

- Filhos diletos – começou o Grande Pai – vocês estão a par das lendas que cercam o nascimento de Tegini, filha de Terumiã. Boatos acompanham-na desde que ela veio ao mundo e foi identificada como a moça da profecia, que assinala sua vinda como marco de um período muito difícil para nossa gente, temido por muitos como passível de causar nossa extinção e total destruição de nossa história. O interesse do Povo Gato nela desde tenra idade não ajudou a dissipar esses boatos. Há mudanças em andamento neste mundo que, embora não seja nosso, nos acolheu, sobre as quais não temos sido informados por aqueles que de fato dominam o planeta, e sobre os quais, com efeito, não temos qualquer controle. Tudo o que sabemos vem da única fonte de confiança que temos, nosso DNA, e os genes que garantem a sobrevivência de nossa espécie tomam vozes nas sibilas para nos alertar sobre aquilo que desconhecemos, para que de antemão possamos nos posicionar, aumentando nossas chances de sobrevivência. Assim soubemos que o nascimento de uma fêmea especial coincidiu com eventos potencialmente destrutivos para nós. Como, quando e por que isso se dará ainda não sabemos, mas sabemos que a época se aproxima a passos velozes e que Tegini terá participação central nesses eventos. Tegini é uma boa moça e teve boa criação. Conheço-a o suficiente para garantir que não há maldade em seu coração ou qualquer desequilíbrio emocional grave que necessitasse cura através da medicina de nossos ancestrais para que ela não se tornasse uma pária entre nós ou inimiga de seus irmãos como ocorreu por vezes em nosso extinto lar. Tegini não manifesta o gene recessivo da agressividade, contido pelos felinos em todos os que foram para cá trazidos; portanto não sabemos por onde o mal pode infiltrar-se e envolver Tegini situando-a como pivô da destruição que tememos, prevista por todas as 21 sibilas ativas de nossas aldeias. Tenho por isso, meus filhos, empenhado todo meu conhecimento e a sabedoria aprendida com nossos ancestrais para procurar encontrar um caminho capaz de anular quaisquer potencialidades negativas que venham envolver as futuras escolhas e decisões de Tegini, e dentro desse ângulo de observação, o único risco potencial que vejo é uma possível desconexão de Tegini para com nosso povo, em vista de certa hostilidade velada que ela com certeza sentiu em alguns de sua própria gente, combinada às frequentes visitas e algumas estadias prolongadas nas terras do Povo Gato, além de ter tido ela dois tutores felinos

durante toda sua infância e crescimento. Tegini é de poucas palavras, por isso é difícil precisar o que lhe vai nos pensamentos. De qualquer forma, uma coisa é certa e nisto podemos nos apoiar: não há laços maiores de amor e criadores de raízes do que filhos. Com a morte da mãe no parto e todos os boatos que se sucederam, a família de Tegini sofreu certa ruptura, por isso, já que é chegada a sua maturidade – e inclusive recentemente seus dois tutores felinos se retiraram – cremos ser o mais acertado passo providenciarmos o matrimônio de Tegini, para que ela tenha sua própria família, sinta a ligação renovada do seu sangue com nossa gente e tenha seu coração preenchido pelas alegrias da maternidade. Assim, como bem sabem, nenhum casamento entre nós tem lugar sem que a avaliação das duas cartas natais seja levada a efeito, ainda que possam os nubentes se casar contrários à indicação das cartas celestes, porém, não poderão mais tarde dizer que não tinham conhecimento ou não sabiam das dificuldades que lhes aguardariam. Pela combinação dessas cartas astrais nossos mestres astrólogos identificaram vocês três como parceiros cuja combinação resultaria bastante positiva para nossa tribo. Um filho de Tegini e Arhenya poderá ser um telepata fabuloso em vista da extrema sensibilidade sensória de Tegini e do treinamento felino pelo qual ela passou; com Siul'Ahan grandes líderes e fortes guerreiros pelas ascendências de seus pais, avós e bisavós dos bisavós, todos detentores de cargos de chefia. Com Teguilp há uma afinidade mental que poderia resultar num futuro estadista para os tempos incertos que virão. De qualquer maneira, essa escolha não pode ser fria ou deliberada pelo Conselho...

– Mas parece que já o foi – interrompeu Teguilp.

O Pai Vermelho conseguiu conter sua irritação e acrescentou calmamente:

– Tegini decidirá sozinha com quem se casará. Este é o motivo de reuni-los aqui para que façam entre si um Acordo de Cavalheiros.

– O que quer que acordemos exatamente, Grande Pai?

– Vocês não conhecem Tegini, não estão envolvidos com ela num nível pessoal e por isso podem compreender friamente o que está sendo falado aqui hoje. O pai dela e o Conselho promoverão encontros para que vocês tomem conhecimento com ela e paulatinamente percebam seus pontos de atração e repulsão, afinidades e dificuldades e com base nisso, e sobretudo com a lembrança desta reunião, antes de tomarem sua decisão pessoal de investirem ou não na corte à filha de Terumiã, se lembrem dos reais motivos dessa união e compreendam as implicações de cada passo dado e sobretudo da relevância do sucesso desta missão, que é proporcionar a Tegini um lar onde ela se sinta feliz e religada às nossas raízes, sendo uma mãe e esposa feliz. É extremamente necessário, meus filhos, que vocês priorizem a felicidade de Tegini, e não seus próprios interesses na hora em que tomarem essa decisão, para que não se postem uns contra os outros, para que não se estabeleça animosidade exacerbada

entre vocês, visto que energias outras entrarão em curso, instintivas e atávicas, que não podem ser desprezadas sempre que há em jogo o estabelecimento de uma ligação energética entre um macho e uma fêmea; enfim para que não percam de vista os reais objetivos de tudo isso.

E tendo dito isto chamou:

- Anciãos! Postem suas mãos em círculos sobre a Pedra do Juramento.

Todos os sete membros do Conselho deram-se as mãos em círculo aberto ao redor da prancha negra.

- Arhenya, Teguilp, Siul'Ahan, jurem perante sua honra e perante o sangue de seu povo que vivifica suas veias e percorre todo seu ser permitindo ao seu espírito imortal criado pelo Mistério Maior se manifestar neste tempo-espaço entre nós, que deste momento, destas palavras se lembrarão, prometendo manter entre si a irmandade e o respeito devido entre irmãos e o propósito de agir de acordo com os objetivos propostos nesta reunião.

Pondo suas mãos intercaladas tendo as do Pai Vermelho como sustentáculo embaixo e selo em cima, os três selaram seu destino.

Siul'Ahan nada falou do momento em que entrou até sua saída da Sala do Juramento, e foi o único que pareceu não se surpreender quando o ancião-mor respondeu ao segundo comentário atrevido de Teguilp:

- Parece que o Conselho está mais tranquilo agora que juramos como cavalheiros não nos matarmos na disputa da donzela prometida. Entretanto não vejo porque a necessidade de tanto protocolo, uma vez que na verdade estamos sendo 'contratados' como candidatos a possíveis padreadores de uma prole talentosa e para atuarmos como freio de contenção para uma noiva-bomba, que pode explodir a qualquer momento e nos condenar a todos a danação. Com um sorriso irônico, ele acrescentou:

- Difícil imaginar que poderíamos vir a disputar com tanto afinco este posto...

Sem demonstrar abalo, o Grande Pai dos Vermelhos declarou em alto e bom tom para que todos os presentes ouvissem.

- As sibilas não falaram apenas de céus escuros, fogo inclemente e da visita indesejada dos lagartos negros. Elas também previram que todos vocês se apaixonariam por Tegini.

## Capítulo 11 Uma Noiva Relutante

### Capítulo 11

#### *Uma Noiva Relutante*

Tegini deixou a Sala das Sementes ainda se sentindo anestesiada. A conversa com Khatisah não poderia ter sido mais frustrante. Desta vez, na sala das sementes, nada lhe foi mostrado ou ensinado sobre o cultivo de novas espécies para uso na tribo, mas numa espécie de 'tela holográfica' ela viu o possível futuro de suas próprias sementes e lhe foi informado pela mulher gato os planos que os seus haviam traçado para seu destino.

*“Por que planejam às minhas costas o meu casamento?” – perguntou telepaticamente à feliana.*

*“Para controle. Pela ilusão de assim poder controlá-la.”*

*“Por que querem me controlar?”*

*“É um mecanismo natural da biologia humana. Vocês são seres que têm medo, que temem as possibilidades; dessa forma a ilusão de poder controlar os acontecimentos através do controle do seu semelhante, permeia as ações humanas.”*

*“É por causa das profecias?”*

*“Certamente.”*

*“Vocês me trazem aqui desde pequena, desde que nasci em verdade, mas nunca nada me falaram a respeito de todas essas lendas que giram em torno de mim. O que há de fato de verdadeiro nisso tudo? Sinto-me perseguida por um destino que me atribuem e nem sequer estou certa de que seja realmente meu...”*

*“Fatos lhe encaixam no perfil esperado, personificando-a como agente correspondente ativo das profecias. Profecias são coisas muito ao agrado dos humanos, pois lhes alimentam as ilusões de poder controlar eventos futuros, como efeito adjunto aumentam o medo. Por isso meu povo não se interessa por profecias, nos atemos aos estudos dos fatos comprováveis através de pesquisas e testes. Em nossa observação, o quociente espiritual ativo nos humanos é muito baixo, em verdade, das espécies que encontramos, uma das que apresenta menor índice de consciência divinal em seus estágios iniciais, o que nos desperta, por sua gente, compaixão e curiosidade, pois a experiência nos indica que A Fonte deve ter planos*

*grandiosos para vocês, já que de certa forma, o processo de maturação de sua raça exige um tempo de decantação muito longo. Por esse motivo, a centelha espiritual pura de vocês capta apenas vibrações breves, sutis e intercaladas do que chamamos 'corrente de eventos interconectos' futuros e dessa forma interpreta-os com grande margem de equívoco. Sua mente ainda primitiva em percepções do universo sutil não percebe que a todo momento todas as ações geram uma cadeia de eventos possíveis que começam a tomar forma incipiente ao nosso redor na medida em que falamos, pensamos ou fazemos algo. Por exemplo, neste exato momento, em decorrência de nossa conversa e de nossos pensamentos, uma variedade de ocorrências futuras está sendo gerada, neste preciso instante do tempo, que se somarão a todas as outras possibilidades geradas no que denominamos agora de passado e que serão também acrescidas pelas palavras, ações e pensamentos de nosso futuro próximo; as somas mais intensas, aquelas nas quais empenhamos maior quociente energético mental, emocional, espiritual ou mesmo físico, se sobreporão às demais se materializando como nosso futuro. Por não compreenderem esses mecanismos de participação ativa do 'Eu' na construção da própria realidade, vocês acabam por se confundirem, tomando possibilidades por certezas e agindo, na grande maioria das vezes, em detrimento de seu próprio benefício. As profecias que envolvem o seu ser estão imiscuídas de muito medo, pois um mecanismo atávico em toda espécie sensiente configura-se em promover sua autopreservação, dessa forma “acessa-se” tudo aquilo que poderá, baseado na experiência já vivida, por em risco a subsistência da espécie; no caso de seu povo, ataques reptilianos e cataclismos, duas forças contrárias à sobrevivência de seu povo contra as quais vocês não têm capacidade de defesa própria. Isso aumenta o medo, e o medo atrapalha a boa compreensão dos fatos.”*

*“Eu não entendo... O que tenho a ver com isso tudo?”*

*“Também não entendíamos, por isso a trouxemos para cá desde cedo para tentarmos descobrir.”*

*“Seu povo nos tem defendido dos ataques reptilianos, e temos tido segurança desde a migração. Por que as sibilas viram então lagartos negros nos atacando?”*

Khatisah manteve o olhar de Tegini, mas permaneceu em silêncio por segundos além do que seria esperado, o que deixou Tegini desconfortável e insegura.

*“Tudo muda”* – por fim ela disse.

O pânico que essa resposta provocava só não transpareceu no rosto de Tegini porque o estado de choque era maior. Sem saber como continuar a conversa, ateu-se à sua maior dúvida, desta vez verbalizando-a em voz alta e não apenas telepaticamente como haviam feito até ali.

– Meu povo me trata com receio e desconfiança, como se eu fosse uma traidora,

principalmente pelo interesse do Povo Gato em mim. Eu me questionei em silêncio esses anos todos, se por ventura teriam eles razão e meu nascimento teria sido uma maldição e não uma bênção. Eu quero saber a verdade! Qual o meu papel perante o meu povo frente ao que nos aguarda?

Khatisah novamente demorou a responder. Por fim o fez telepaticamente:

*“Sabemos que você se questiona. Ao longo desses anos de visita e de seus tutores conhecemos suas disposições íntimas. Sabíamos que nosso interesse por você acarretaria ainda mais comentários e geraria mais medo e por este motivo peço-lhe formalmente desculpas em nome de meu povo pelas consequências que nossas ações atraíram para você e o seus. Apesar de nossa visão muito mais abrangente sobre os fatores e resultados acerca dos eventos que virão, também estamos sujeitos ao aguardo e a necessidade de uma possível readaptação de planos, que esperamos seja mínima, pois foi para isso que pesquisamos e nos preparamos. Sobre sua participação nesses eventos, Filha do Sol, o que posso lhe dizer é que concluímos que seu nascimento e sua presença entre nós, humanos e felianos, não foi devidamente entendida – pelos seus, por estar nublada em meio a premonições acionadas por medo; e por nós no tempo adequado para que tomássemos medidas que assegurassem episódios mais felizes no agora. Talvez devêssemos ter dado maior atenção a essas profecias de seu povo antes, duas ou três gerações atrás, e então teríamos estado aptos a agir de forma mais adequada quando você nasceu. De qualquer maneira, queremos que você esteja ciente das possibilidades que lhe aguardam ao retornar a sua aldeia. Seus anciãos pré-escolheram três candidatos para seu consórcio. Sua escolha é importante, pois determina descendência e é isto que queremos lhe mostrar nestas projeções.”*

O tubo-tela holográfico foi preenchido com imagens dos três escolhidos, Siul'Ahan, Arhenya e Teguilp, e depois de bebês, crianças e adultos enquanto a feliana explanava, desta vez oralmente:

– Embora disto não saibam, haverá esforço no sentido de direcionar sua escolha para o guerreiro Siul'Ahan, pelos práticos motivos de ser ele seu oposto perfeito, podendo assim neutralizá-la em muitos aspectos, um aliado político muito visado e um representante do arquétipo de força masculina pura, o que virá ao encontro dos temores próprios de épocas que prenunciam guerras. Se você se associar a ele, suas primeiras descendências serão líderes naturais, chefes e ancestrais de chefes futuros.

Nisso Tegini viu-se a si mesma mais velha no tubo de projeção.

– Mais tarde, porém, quando estiver mais madura, você terá filhas cujo DNA espiritual estará mais reforçado, dando luz às próximas sibilas de seu povo.

Ela via agora a tela mudar e um guerreiro de aspecto selvagem e cabelos louros

aparecer. Seu coração bateu de forma diferente.

- Este é o telepata animal de que você já ouviu falar, mas nunca conheceu pessoalmente. É por ele que você sentirá a mais forte atração, mas também com quem terá mais discussões desgastantes, pois o embate de forças entre vocês será muito intenso. Unindo-se a ele você terá poucos descendentes, de um a três no máximo, com grande espaçamento entre os nascimentos e sendo o último em idade já avançada, e o temperamento dessas crias é bastante imprevisível, podendo variar de um eremita a um estadista de grande carisma, capaz de reestruturar toda a ordem social de sua gente.

Nisso Khatisah fez um comentário, como se fosse algo de somenos importância, que conduziu um arrepio gelado nas veias de sangue em fogo de Tegini pelo conteúdo da conversa:

- Claro que estamos prognosticando em caso de seu povo sobreviver aos eventos que virão. Este – continuou ela, apontando o terceiro candidato – é Teguilp, e com ele você terá a maior facilidade de comunicação, pois seus pontos de vista são semelhantes aos seus, tornando o entendimento entre vocês algo natural e fluido. Com ele os frutos de sua união serão também muitos, embora em número menor do que seriam com Siul'Ahan, e todos sem exceção terão predisposição artística e preponderância filosófica, acionando também a combinação genética que poderá num futuro distante ocasionar o nascimento de uma outra Tegini, outra fêmea capaz de interagir com espécies sencientes de biopsicologia diversa em nível íntimo e atuante como você.

- Estou certa de que vocês já saberiam dizer qual a melhor opção para mim – disse Tegini com a voz carregada de ironia – então porque não me poupam o trabalho de ter de escolher por mim mesma, já que até mesmo a escolha de 'se' e 'quando' me casar me foi tirada arbitrariamente?

- De fato sabemos, mas estamos na expectativa de que você nos surpreenda com sua escolha.

- E se eu não quiser me casar? O que acontecerá? Serei expulsa da tribo? E se isso ocorresse – inquiriu ela, arriscando tudo – vocês me receberiam aqui?

- Você quererá casar-se, não se engane. De fato os anciãos apenas anteciparam – e devo acrescentar que em pouco tempo – sua decisão. Se você se rebelar, o que não aconselhamos de forma alguma visto não ser uma atitude inteligente e sim um ato de revolta que não a levará a nada, você não será expulsa, mas sofrerá retaliação, sendo desprezada e perdendo privilégios até que reconsidere sua decisão, o que acabaria acontecendo de qualquer forma.

Tegini vestia uma leve túnica, solta pelo corpo, mas ela nunca se sentiu tão

presa, como se estivesse amarrada por mil cordas, oprimida sem ter o domínio sobre seu próprio ser.

- E respondendo sua última pergunta, nós não a receberíamos entre nós, posto que seu lugar não é, nunca foi e nunca será viver inserida em nossa sociedade, o que você sabe instintivamente, com cada fibra do seu ser, lição essa aprendida desde a mais tenra infância, por isso não há sentido nem um porquê sequer na sua pergunta, ou solicitação de refúgio, entretanto compreendo que se trata de uma questão retórica, pois você está se sentindo acuada e neste momento sua mente busca desesperadamente opções de fuga.

Khatisah conduziu uma Tegini muda até a sala no alto da torre que dava para o teleporto e transporte e deu ali o tiro de misericórdia:

- Esta é sua última viagem de retorno, Tegini. Você não mais voltará a Macawn. O cristal da sala de comunicação de sua aldeia também foi retirado e não haverá mais comunicação entre nossas espécies por um bom tempo. Você levará a eles nossa última mensagem. Diga ao Povo dos Homens Vermelhos, que têm o sexto selo da raça adâmica, que agora virão tempos difíceis e que cada povo deve enfrentar aquilo que lhe cabe e que está determinado e que nós, o Povo Feliano que os recepcionou em nosso lar se retira para não interferir em sua evolução ou alterar aquilo que não nos é de direito. E que nada prometemos, pois nosso povo não é de promessas e sim de ação, mas que Neng'atlah, rei supremo de todos os felianos manda dizer que nosso povo recepcionou a raça dos homens em nossa própria casa com o firme propósito de vê-la prosperar, e assim desejamos que continuem a povoar este universo, lhes desejando sorte e sabedoria e êxito na superação das dificuldades do porvir.

Khatisah posicionou Tegini na plataforma onde outro homem gato já conhecido operava o veículo de transporte que levaria Tegini de volta aos seus, atônita, sem chão, incerta e angustiada quanto ao futuro. As cores do veículo de luz que a transportaria foram acionadas e elas entraram em movimento enquanto Tegini ouvia as últimas palavras que ouviu em sua vida de um ser feliano:

- Obrigada, Filha do Sol, pelo aprendizado que nos proporcionou.

## Capítulo 12 1 Encontro com 3

### Capítulo 12

#### 1 Encontro com 3

Melian é uma moça de voz meiga e olhos doces enormes, e seus lindos traços enfeitavam as paredes do templo, como deveria fazer uma sacerdotisa do Amor. Ela enfeitou e consagrou Tegini como uma noiva de seu povo, mais uma jovem que se apresentava perante o templo disposta a assumir os compromissos de gerar e gerir uma nova família. Como todas as outras, Tegini teria aulas e meditações para alcançar o seu mais sublime feminino, assim como equilibrá-lo com o seu aspecto mais instintivo. Da mesma forma Melian recepcionou os rapazes em separado, explicando-lhes sobre o masculino sagrado, suas qualidades, pontos fortes e fraquezas, e sobre suas responsabilidades perante o feminino, sua portadora – a noiva em questão – e as bênçãos que ele trazia consigo, assim como a necessidade de respeitá-lo e os males advindos de sua violação.

Siul'Ahan, Arhenya e Teguilp aguardavam separadamente o momento de serem apresentados a Tegini; Melian os levaria para que tivessem todos o mesmo tempo para uma primeira introdução na qual eles foram instruídos a se apresentarem, falarem de si, de seus planos para o futuro e de como planejam conduzir uma família e a educação dos filhos. Foram também instruídos a não fazer muitas perguntas a futura noiva, para não intimidá-la, pois haveria momentos à frente, mais descontraídos, para que ela se abrissem. Este primeiro encontro servia na verdade como uma apresentação formal de intenções, de forma que ambos, macho e fêmea, pudessem formar uma primeira impressão tanto lógico-racional quanto energética do possível parceiro, para que num segundo momento já fossem pré-dispostos a investir no amadurecimento de uma relação com o possível candidato A, B ou C. Em não havendo interesse de uma das partes, esta seria econômica nas palavras, comparecendo aos três primeiros encontros obrigatórios pelas regras do templo e manifestando sua desistência da corte à moça ou ao rapaz em questão ao final. Se um desistisse e o outro não, somente se houvesse acordo após a parte insistente conversar com a desistente sobre os motivos em desejar a continuidade dos encontros e aquela anuindo, eles teriam prosseguimento.

Ciente de todos esses fatos, Siul'Ahan foi o primeiro a adentrar o salão principal onde Tegini, devidamente ornamentada, aguardava impassível.

Siul'Ahan ajoelhou-se diante dela e fez o cumprimento dos guerreiros, com os

braços imitando as armas, visto serem estas proibidas no templo.

- Eu sou Siul'Ahan, guerreiro do Clã do Fogo, filho de filhos de muitos chefes guerreiros. Minha espada é forte e minha lança valente e nenhum inimigo há de atravessar o escudo da força de meus ancestrais. Com a honra de um guerreiro eu lhe ofereço a proteção do meu braço como filha de nossa tribo e o calor do meu peito se aceitares te tornar minha esposa. Eu providerei para que nada te falte e nossos filhos serão criados dentro da Lei. Todos os nossos varões serão guerreiros treinados nas escolas de artes de luta e combate de meu avô como eu fui, e se tivermos alguma filha eu permitirei que tu a eduques no templo para ser uma sacerdotisa como tu.

- Eu não sou uma sacerdotisa.

Siul'Ahan parecia surpreso e perdido:

- Todos pensam que tu és...

- Todos pensam e falam coisas sobre mim que não são verdadeiras.

Siul'Ahan precisava pensar depressa, algo no qual ele não era bom, salvo à exceção de que se tratasse de alguma manobra de guerra. Conquistar Tegini era para ele uma luta que ele como guerreiro jamais admitiria perder. E como bom estrategista de guerra ele sabia que precisava cercar todas as possibilidades de saída do inimigo a ser conquistado; nesse caso, Tegini.

- Eu somente sei que tu és filha do grande chefe, e como tal deve ter recebido a mais esmerada educação. Se não és sacerdotisa, decerto és tão valorosa quanto uma.

- Sua mãe era sacerdotisa?

- Não...

- E não a considera a mais valorosa das mulheres? - desafiou Tegini ardente, apesar do mais profundo desprezo que ostentava na face, não apenas pela presença do guerreiro à sua frente, mas por ter de se sujeitar a toda aquela situação. Foi nesse instante que Siul'Ahan compreendeu a dificuldade que teria de enfrentar para conquistar a filha de um grande chefe. Apesar de não ser um intelectual nato, Siul'Ahan com certeza não era burro, e pelo contrário erro o partido mais cortejado pelas donzelas casadoiras do conselho da tribo, e não se poderia de forma alguma dizer que ele não tinha tato com as mulheres... Ele sabia que precisava pensar depressa, e conseguiu.

- Para todo homem sua mãe, avó, esposa e filha serão sempre as mais preciosas joias, pois são elas que têm o poder de alegrar o seu coração, doar e estender seu fio da vida. Um guerreiro sem a bênção de uma mulher em sua vida é como um leão sem pelo e sem fígado: está frio por fora e incapacitado por dentro, nem a menor das batalhas jamais poderá

vencer.

Tegini nada disse, e por isso ele soube que era sua chance de continuar marcando pontos:

– Eu a convido com a *Presença Perene*\* a visitar nosso acampamento e a Escola de Artes de Guerra de nosso clã, para que possas ver como serão criados como valorosos guerreiros os filhos que tivermos, para que vejas como são respeitadas as mulheres de meus homens – disse aproximando-se e exibindo toda sua virilidade guerreira – e para que eu tenha, por pelo menos um dia, a tua beleza a enfeitar a minha vida.

Se havia um ponto a seu favor é que ele falava realmente sério, e Tegini sabia. E ele não sorria. Tegini aprendera com os gatos que o homem que fala de amor sorrindo sempre mente. Este era um homem de poucas palavras, um tanto bruto e talvez simples demais para ela. Mas pelo menos ele não sorria. Talvez fosse o mais sincero dentre todos que ela viria a conhecer, e por isso ela resolveu aceitar o convite. Como uma cortesia ou um prêmio por sua sinceridade de intenções, expressando sua anuência com um mero movimento de cabeça. Não querendo forçar sua sorte, Siul'Ahan partiu, em rejubilante silêncio, pois a primeira batalha havia sido ganha.

∴

De todas as situações que Tegini poderia ter antecipado, nenhuma jamais se aproximaria da conversa que teve com seu segundo pretendente. Teguilp adentrou a sala aparentemente mais interessado na decoração da mesma do que na disputada noiva. Ele aproximou-se sem olhar diretamente para ela, e quando se sentou à sua frente o fez sem demonstrar nenhuma emoção. E em silêncio permaneceu, avaliando-a. Isso, é claro, incomodou Tegini, mas ela decidiu que não se abalaria e se ele quisesse permanecer todo o tempo destinado ao encontro em silêncio, não seria ela que falaria. Entretanto ela o olhava diretamente nos olhos, demonstrando claramente que ele não a intimidava. Percebendo isso, Teguilp deu início a uma conversa que mais parecia uma série de provocações:

\* um procedimento padrão protocolar: todos os primeiros três encontros dar-se-iam com a presença de um sacerdote ou sacerdotisa acompanhando por perto, porém à distância o casal.

- Então você é a tão falada moça da profecia... Pelo visto enfiaram-na em uma roubada da qual não falavam as profecias: ter de escolher um marido contra a vontade.

- Com ou sem profecias, a vida é cheia de surpresas – respondeu calmamente.

- Eu fico imaginando como você se sente, sentada aí, observando o desfile de convocados à disputa por uma noiva tão desconhecida quanto estranha?

- Pelo visto você ignorou a recomendação de abster-se de perguntas a respeito da noiva. Pelo que me consta, ao invés de preocupar-se com a minha psicologia, você deveria ater-se a informar-me sobre a sua, que pelo visto rivaliza em estranheza com o que você supõe ser a minha.

A essa altura Melian se remexia no canto, nervosa, temendo que esse primeiro encontro terminasse tão mal que os próximos dois, obrigatórios, precisasse da companhia de uma guarda para segurança dos noivos. A antipatia entre os dois era sólida e evidente.

- Eu considereei que seria melhor aproveitar meu tempo com sua 'realeza' oferecendo um vislumbre de realidade, porque, sabe, eu não queria que você tivesse uma ideia errada sobre a situação... Eu quero dizer, você é uma moça bonita e tudo o mais, mas... sejamos sinceros: moças bonitas, prendadas e inclusive muito mais simpáticas do que você não faltam no conselho tribal, então, eu só queria que ficasse bastante claro em sua mente que nós três, os assim chamados 'candidatos', não estamos disputando nenhum prêmio, afinal você se encaixaria muito mais na definição de uma bomba! Bom, o que eu quero dizer é que todos nós, 'candidatos', fomos convocados pelo Ancião-Mor por consideração ao seu pai, então eu achei que seria digno e até mesmo caridoso da minha parte ser a pessoa que falaria sinceramente com você, então o que eu queria lhe dizer é: não banque a rainha com eles porque na verdade eles é que estão fazendo um favor a você, pois se não fossem as conexões do seu pai, bem... Provavelmente, não importando quão harmoniosos sejam seus traços, 'princesa', nenhum homem de bom senso se candidataria a desposar uma noiva cercada de tantos mistérios e estranhezas.

Tegini sentia-se agredida gratuitamente, mas nada falou.

- E quanto a falar sobre mim, bom, é totalmente desnecessário, visto que eu não vou me casar com você. Estou aqui meramente para obedecer a determinação do conselho. Ah, e saiba que eu não acredito na profecia... Enfim, meu papel aqui é aconselhá-la a fazer a melhor escolha dentre seus outros dois pretendentes reais, sem ser muito exigente porque você, nós dois sabemos, não tem muita escolha...

Tegini continuava em silêncio.

- Ah, pelo visto você é adepta do silêncio como forma de demonstrar

superioridade... interessante. Deve ser por isso que tantas lendas se formaram à sua volta; essa postura realmente ajuda...

Tegini fechou os olhos e começou a conectar-se mentalmente com A Fonte, cantando telepaticamente e invocando a luz para dentro de si e da alma do rapaz à sua frente. Pouco a pouco a irritação foi se dissipando dentro de si. Quando abriu os olhos, ele já não estava lá, mas Melian, postada à sua direita lhe falou:

- Os próximos dois encontros obrigatórios poderão dar-se em total silêncio. Recomendarei ao conselho uma repreensão pela agressividade de suas palavras. Posso mandar entrar o terceiro candidato?

- Sim. É o último?

- Somente três cartas celestes mostraram compatibilidade com a sua.

Tegini suspirou. “Pelo visto uma falhou”, pensou.

∴

Arhenya entrou acompanhado de uma felina adolescente. Tegini achou-o o mais belo dentre os três, e ficou excitada ao reconhecer por suas características o famoso telepata animal. Ele aproximou-se sereno com a fera domada pelo seu lado esquerdo.

- Salve, filha de Terumiã! Que os deuses guardem seu destino.

Antes que tivesse tempo de pensar, Tegini já estava de pé, reagindo instintivamente à saudação, com o braço direito estendido:

- Salve, grande guerreiro Arhenya, mensageiro da mente animal.

- Espero que não tema a presença do animal. Esta é Lentara, filha de Arúap, a grande felina que me auxilia em meus trabalhos com a mente extra-espécies.

- Ela é bem vinda – Tegini fez um sinal para que ele se sentasse.

- Princesa Tegini, em meu convívio estreito com os animais, desenvolvi um modo de ser direto e objetivo, pois aprendi com os animais que eles só apresentam comportamento dissimulado quando agem como predadores de outros animais. Creio que um marido jamais deve agir como predador de sua noiva, e sim correr com ela livremente pelos campos, se ambos forem da mesma espécie e compatíveis. Compreendo que esta seja uma

situação delicada para você; que talvez nem fosse sua decisão assumir o compromisso do matrimônio no momento, mas dentro das circunstâncias que se apresentam, farei o que for melhor para nós dois seguindo a sabedoria dos animais que tudo me ensinaram e nos quais confio, pois eles jamais mentem. A minha vida é uma vida rústica e quase selvagem; mantenho-me distante dos assuntos do Conselho e só interajo com nossa raça quando estou a trabalho, auxiliando a resolver questões entre humanos e animais. Isso faz de mim um homem pouco cavalheiro, inapto para o convívio social frequente, pois o burburinho da mente das pessoas me incomoda, desassossega e, com triste frequência, enoja.

- Eu não sou uma princesa, e partilho sua opinião a respeito da dificuldade em conviver com as pessoas quando se consegue enxergar quais são suas reais intenções – interveio ela, inesperada e subitamente aflita em não se deixar compreender de forma equivocada.

Ele a ouviu atento e um tanto surpreso.

- Vejo que, como eu, você tem uma compreensão superior do ser humano, por isso compartilharei com você um segredo. Lentara é uma jovem fêmea e herdou as características principais de sua mãe, porém ela é dotada de um talento muito especial, no qual estou trabalhando para desenvolver máxima potencialidade. Se você tocar com o dedo médio da sua mão esquerda na testa dela e olhá-la nos olhos enquanto mentaliza uma pergunta, ela acessará dentro da sua alma a resposta que você já tem dentro de si mas se recusa a contemplar, emitindo-a de volta em ondas mentais inteligíveis à sua mente lógica. Se for do seu agrado, gostaria de deixá-la consigo como companhia durante este período de escolha importante para você, na esperança de que ela possa ajudá-la a ouvir sua verdade interior e fazer a melhor escolha, aquela que lhe fará mais feliz.

Tegini se aproximou do animal sem saber bem ao certo como se expressar, ante a excitação pela surpresa e porque se sentia inesperadamente feliz. Deslizou uma das mãos pelas costas do animal.

- Eu ouvi falar desses animais numa de minhas visitas à Fortaleza dos Gatos. São chamados 'animais-oráculos'. São muito raros.

Então seus olhares se encontraram profundamente pela primeira vez. Um procurou ler o outro nesse instante, mas nenhum conseguiu, pois eram histórias escritas em alfabetos diferentes. Entretanto um interesse e a curiosidade ficaram latentes. Por fim, Tegini falou, reverente:

- É uma honra usufruir da companhia de tão raro animal pelo período que o senhor me permitir.

- A sacerdotisa Melian já sinaliza que o meu tempo em sua presença infelizmente finaliza, mas deixo à sua escolha o local de nosso segundo encontro, quando

poderemos dar continuidade à nossa conversa.

E com um cumprimento elegante se retirou, não sem antes comunicar ordem de obediência e companhia à jovem felina para com Tegini, telepaticamente. Melian ajudou Tegini a despir-se dos acessórios cerimoniais devidos àquela ocasião e dispensou-a, dizendo que a visitaria em breve com a nova data dos próximos encontros.

Tegini encaminhou-se sozinha para a casa de seu pai, mas estranhamente, pela primeira vez, não se sentia solitária, acompanhada pela esperta Lentarah. Revendo os acontecimentos do dia ela se surpreendeu consigo mesma. No fundo de seu coração ela sabia que já havia tomado sua decisão.

## Capítulo 13 Prelúdios de Amor e de Morte

### Capítulo 13

#### *Prelúdios de Amor e de Morte*

Tegini acordou naquela manhã sentindo-se dividida. Uma parte de sua mente queria cumprir logo o acordo com o guerreiro, de passar um dia em sua companhia e terminar o quanto antes com os processos protocolares do templo, enquanto outra desejava poder estar mais tempo na presença do telepata animal. Ela olhou para a jovem felina deitada aos pés do seu leito: que adorável presente, ainda que temporário! Mas a maior parte de sua alma estava longe e por isso ela se sentia vazia, sem disposição para nada a não ser ficar só consigo mesma procurando entender o que preocupava seu espírito anonimamente naquela manhã. Enquanto arrumava os cabelos Tegini deixou o eu silenciar e a mente vagar sem rumo até encontrar a direção de um foco, como aprendera com os felianos. Então ela abriu os olhos e contemplou o horizonte pela janela. Embora não conseguisse vislumbrar com maior clareza o que pressentia, o foco distintamente a levava até a Fortaleza Siriana dos Gatos.



Em uma sala na torre mais alta de Macawn, o Chefe de Defesa conversava com uma fêmea de sua espécie.

- Quando o senhor considera que se dará o ataque?

- Para muito breve, não muito após o término da colheita quando as energias telúricas estão esgotadas, enfraquecendo assim o abastecimento dos dispositivos de defesa do planeta.

- O senhor crê que atacam Macawn?

- Não, eles sabem que somos imunes às suas mentes. Não gastarão a pouca munição que têm possibilidade de acionar aqui apenas pela destruição pura e simples de nossos edifícios. Seu foco é nos humanos, que são frágeis e podem alimentá-los energeticamente. Eles não se conformam com a perda dessa colônia que trouxemos para cá; eles sabem que era uma safra excepcionalmente ativa psiquicamente e isso muito lhes interessa.

- Iremos alertá-los?

- Foi para decidir isso que a chamei, Matjola. Como tutora de Tegini você conviveu com eles mais intimamente. Você acredita que o ataque possa ter resultado benéfico para a psique deles ou os traumas atávicos apenas se intensificarão.

- É difícil dizer... Alguns já se encontram no ponto de transição, mas a maioria, temo, apenas se desesperará.

- O ataque não ultrapassará duas horas, e só se dará devido à rotação lenta desta época; eles aproveitarão uma breve brecha no campo de defesa para se manifestar e trazer o pânico que poderá abrir suas mentes para ataques futuros, quando o campo do planeta estiver muito mais vulnerável, devido às mudanças que se processam. Penso que para o seu próprio bem, talvez fosse oportuno permitir o ataque para que eles tenham tempo, quem sabe, de descobrir como seu próprio medo funciona retroalimentando os répteis e fortalecendo os ataques.

- Os testes indicam que eles não conseguem relacionar sua reação mento-emocional às atitudes dos reptilianos. Continuarão ainda por um bom tempo inconscientes dos fatores simbióticos que permitem a uma espécie vampirizar a outra, apesar do ambiente favorável em que os implantamos aqui em Sirius C.

- Mas você me disse que 2% a 3% da população encontra-se próxima do ponto de transição, correto?

- Sim. Tegini e seus três possíveis consortes inclusive.

- Talvez estes consigam despertar e liderar os outros apontando o caminho.

- Devo enviar alguma mensagem de alerta aos chefes humanos?

- Não. Ajudaremos vibrando à distância por eles. É preciso que não se apoiem sobremaneira em nossa proteção, já que muito breve não poderemos evitar sua exposição aos reptilianos nem garantir sua segurança.

O chefe feliano respirou fundo e tomou sua decisão.

- Permitiremos o ataque.

## Capítulo 14 Amor de Terra

### Capítulo 14

#### *Amor de Terra*

Siul'Ahan havia preparado o cenário à espera de sua preciosa futura noiva, pois não admitiria pensar nela de qualquer outra maneira. O Grande Guerreiro havia decidido que Tegini seria sua esposa, e principalmente que não seria preterido por um eremita de hábitos estranhos e um filósofo poeta claramente perturbado – duas funções inúteis a seu ver – e talvez essa fosse a principal razão que o impelisse a planejar a conquista de Tegini com as mesmas estratégias que se conquista uma batalha. Siul'Ahan sabia que teria de mudar, e rápido, a visão de Tegini a seu respeito. Ele percebeu, pois apesar de não ser um homem do ofício das letras e das palavras, estava muito longe de poder ser considerado pouco inteligente, que seu mundo, o mundo que ele oferecia à sua futura noiva, não era o que ela provavelmente sonhou a sua vida inteira. Ele sabia em cada fibra de seu ser, apenas pelo breve contato que tiveram na câmara templar, que não era o favorito, e nos dias que antecederam a visita de Tegini, ele pensou profundamente e planejou cuidadosamente como reverteria essa situação hoje.

Siul'Ahan tinha três aldeias de porte médio sob seu comando, agregadas à volta de seu complexo de práticas e estudos das artes de guerra, que tiveram início com a escola criada por seu avô. Para os olhos da Terra, a estrutura se pareceria com um imenso centro de práticas desportivas de toda sorte, para crianças, adultos, mulheres e idosos, de práticas de controle mental, algo semelhante a jogos de tabuleiro, ao que se assemelharia a artes marciais, cercados por uma rústica 'vila olímpica'. Tudo era funcional, prático, limpo e organizado, mas não era frio, ao contrário; ao pisar nas terras da entrada do acampamento guerreiro, à entrada de sua pequena cidadela, a primeira coisa que Tegini sentiu foi a atmosfera quente e orgânica do lugar. Tudo ali tinha uma razão de ser, e essa razão era boa e válida para o bem de todos e as pessoas cujas vidas estavam ligadas ao propósito do Grande Guerreiro eram seguras, confiantes e felizes.

Tegini também se espantou com o fato de as pessoas não a encararem de forma estranha ou inquisitiva, como geralmente ocorria, mas não desconfiava que isso tivesse sido uma das providências tomadas por Siul'Ahan. Tegini também não imaginava que Kora, uma criada de seu pai, tivesse sido interrogada pelo guerreiro que procurara saber tudo o que

pudesse sobre os hábitos, gostos e reclamações de Tegini desde a infância. Kora, uma entre muitas apaixonadas pelo grande guerreiro, não deixara de colaborar, no intuito de ser vista, quiçá, por seus próprios dotes e beleza. Uma outra oportunidade de estar a sós com Siul'Ahan, ela sabia, talvez nunca mais tivesse, e assim fez o seu melhor para impressionar contando tudo o que sabia e lembrava ou o que julgava que compreendia, a respeito da misteriosa filha do chefe. Dessa forma Tegini ficou agradavelmente surpreendida porque seu ocupado pretendente viera buscá-la pessoalmente ao invés de mandar um de seus homens, quando dispensou a presença de acompanhantes – embora ela não percebesse que havia sempre em volta uma atenta meia dúzia de pessoas a espera de qualquer ordem, que ao ser dada deveria soar como uma agradável coincidência a ser atendida de bom grado como um favor ocasional e não como uma ordem habitual e protocolar – assim como lhe agradou incrivelmente a maneira natural com que todos a tratavam, como se ela fosse, de fato, uma outra moça qualquer da tribo e não *“a temida moça da profecia”*.

Siul'Ahan também não usou as garbosas vestimentas que normalmente usaria para impressionar Tegini, pois Kora alertou-o que à filha do Grande Chefe desagradavam a pompa e a ostentação, e pode perceber, aliviado e orgulhoso de si e de seus planos, o olhar de aprovação de Tegini e seu sorriso sincero enquanto caminhavam pela escola onde eram treinadas as crianças, aparentemente solitários, com a presença da sacerdotisa templar à boa distância, conferindo-lhes assim a privacidade necessária.

– Filha do Sol, as terras sob minha guarda e supervisão são abençoadas hoje com tua presença – saudou-a com brilho nos olhos e um sorriso sincero que penetraram no coração de Tegini.

– Que o Grande Sol Central abençoe nosso Povo e ilumine sua consciência na liderança de nossa gente! Fico feliz que tenha vindo pessoalmente receber-me. Sei que é um guerreiro ocupado.

– Por mais ocupado que seja um homem, há de criar tempo para sua esposa e jamais deixá-la como um assunto secundário nas mãos de seus comandados, ainda que sejam os homens de sua mais inteira confiança. A mulher é o anjo com que os deuses coroam a vitória do guerreiro, seu bem mais valioso que lhe dá o conforto após as lutas e propaga a sua descendência. Há que ser posta sempre em primeiro lugar.

E ao dizer isso lhe tomou a mão e levou-a ao peito, aproximando Tegini de si. Siul'Ahan era uma montanha em forma humana, sólido, belo e quente, pois o calor do guerreiro envolveu seu corpo pequeno e a fez sentir algo que a pegou desprevenida: atração por aquele calor sólido, seguro e confortante.

– Venha conhecer a minha vida, meu trabalho, minha honra, filha de Terumiã.

E Siul'Ahan conduziu Tegini pelo braço por cada rua, caminho e construção; explicou detalhes dos treinamentos diferenciados para cada grupo. Tegini, sobretudo, encantou-se com o respeito e o valor dados aos mais idosos, que eram considerados grandes guerreiros da experiência e mestres de estratégia, seu treinamento físico visava otimizar a energia física de modo a com pouco esforço material obter o máximo de resultado, priorizando força mental, emocional e espiritual. A condição para viver em uma das aldeias supervisionadas por Siul'Ahan era ser um guerreiro e estar disposto a desenvolver essas habilidades em si a um nível máximo de proficiência.

Tegini ficou se perguntando como seria descobrir a guerreira em si e trabalhar essa energia. Imaginou que talvez, se tivesse tido este treinamento desde a infância, ao invés de desenvolver somente o psíquico-espiritual, ela tivesse crescido mais segura e mais integrada à sua própria gente. Ela também cogitou que mesmo se não tivesse nenhum talento, isso, ainda assim, teria sido uma boa ideia, pois falhando as pessoas a veriam bem mais próximas delas e não alguém que passou a maior parte da sua infância e adolescência encerrada em torres aprendendo sobre coisas que não podiam ser compartilhadas com todos em sua plenitude. Ver que ela não era boa em tudo – e ao contrário, podia ser patética em algo – teria contribuído efetivamente para que não se tivesse criado tantas lendas a seu redor. Tegini não pôde evitar sentir curiosidade a respeito de como seria sua vida ali, casada com o guerreiro Siul'Ahan, e ao olhar para as crianças, independentes e fortes, achou que seus filhos seriam felizes ali, mais felizes com certeza do que ela mesma foi.

Outra coisa que impressionou Tegini positivamente ocorreu na hora da refeição, onde todos se reuniam, juntos sem distinção, apenas as mães próximas às crianças menores para auxiliá-las, e Siul'Ahan sentou entre seus homens e suas esposas e irmãs e apresentou Tegini como convidada. E as mulheres a trataram como uma delas, perguntando sobre o que ela sabia e gostava de fazer. E Tegini não se sentia julgada, e sim acolhida, e até mesmo apreciada. E novamente se perguntou por que seu pai nunca a tivera levado ali, para talvez desenvolver algum aspecto de guerreira em si. Ela não conseguia parar de achar que teria sido muito, mas muito mais feliz...

Ao fim da tarde Siul'Ahan a levou para um passeio no que poderíamos chamar de uma pradaria de pedras, uma extensão cuidada e delimitada ao fim da aldeia central. Era o local onde Siul'Ahan tinha planos para ampliar estruturas e construções, projetos que expôs à Filha do Sol.

– ... as aldeias crescem naturalmente, pois os guerreiros se casam e têm filhos e é preciso alojar a todos, então a expansão das instalações de estudo e treinamento serão centralizadas neste espaço para que as famílias se estabeleçam ao redor com conforto e segurança.

- É um belo projeto... - ela disse olhando para o chão, pensativa.

- Há alguma coisa que você queira me perguntar, ou ver com seus próprios olhos, Filha do Sol? Por favor, dê-me a chance de esclarecer qualquer dúvida sua. Eu quero que você vá embora hoje com uma ideia clara e real de como é a nossa vida na Aldeia dos Guerreiros do Sul.

- Não, eu... Eu realmente gostei de tudo, estou muito impressionada. As pessoas são ótimas, todos me trataram muito bem, eu...

- Diga, Tegini, o que lhe vai nos pensamentos?

Siul'Ahan postou-a de frente a si, segurando-lhe as mãos.

- Eu... só estou me perguntando se haverá uma guerreira em mim para aprender algo aqui com você.

Ele riu.

- Mas é claro que há, ou você não estaria aqui.

Tegini não entendeu.

- Os mapas celestes que acusam nossa compatibilidade. Eu não posso ser atado por laços de matrimônio a uma mulher que não tenha ascendência guerreira, pois minha descendência há de ser guerreira pela Lei que rege nossos clãs.

- Mas eu nunca soube de antepassados guerreiros...

- Venha comigo!

Ele lhe pegou a mão e levou-a até uma sala no meio da praça central do complexo de treinamento antigo, onde estátuas, objetos de artes de guerra e caixas antigas eram expostos em receptáculos de vidro protetor, como num museu. Siul'Ahan fez sinal para uma guerreira ao canto, que lhe trouxe uma espécie de chave com a qual ele abriu o cristal que resguardava uma caixa aos pés da estátua de um imponente guerreiro. De dentro Siul'Ahan retirou algo que depositou nas mãos de Tegini.

- Nesta sala está a memória de todos os nossos guerreiros. Quando eles partem para O Grande Desconhecido uma estátua é erguida para que a memória de sua presença permaneça inspirando os novos guerreiros, e seus objetos sagrados, como a chave ou a franquia do clã, guardada em uma caixa a seus pés. Reconhece isso?

- É a franquia do clã de meu pai!

A chave, ou franquia, era uma espécie de 'chaveiro' ou 'patuá' na linguagem terrena, onde numa tira ou pedaço de couro do animal a cuja energia aquela família está

totemicamente ligada são presas mechas de cabelo dos membros do clã, filhos dos filhos, dentre outras coisas, e penas ou presas de outros animais padrinhos desse clã, simbolizando a força das famílias, seus dons naturais e as forças espirituais que a protegem.

- No centro de nossa casa há uma muito parecida numa caixa de cristal!

- Esta chave pertenceu ao avô do seu tataravô, Kūinan. Um dos últimos a lutar contra os lagartos e pisar em solo protegido pelos felianos. Você tem o sangue dele, Tegini, por isso nunca duvidei: dentro de você mora uma grande guerreira.

Tegini observou melhor a estátua aos pés da qual estava depositada a caixa e reparou como de fato os traços dela assemelhavam-se ao seu pai.

- Uma guerreira sem prática...

- Uma guerreira adormecida – ele disse beijando-lhe a mão – Uma guerreira que estou ansioso pelo prazer de despertar.

Siul'Ahan não soltou sua mão e manteve os olhos fixos nos de Tegini ao dizer isso. E Tegini então corou e sentiu o que não esperava: uma conexão energética densa e profunda que partia dos chakras do guerreiro em sua direção, energia essa que não era repelida, mas ao contrário, muito bem vinda. Tegini sabia o que era aquilo: compatibilidade energética. E conseqüentemente, sexual. Essa sensação de certa forma assustou-a, pois era totalmente inesperada. Entretanto era densa, real e inquestionável. Estava ali e não iria embora. Por isso mesmo ela considerou que era um bom momento para fugir.

- Está tarde e a sacerdotisa com certeza está cansada de nos acompanhar. Não façamos com que tenha de nos aguardar por mais tempo.

- Vou esperar, Tegini – disse ele mantendo o intenso magnetismo do olhos – Quero ser eu a te despertar.

Tegini não esperava que um guerreiro que ela julgara obtuso pudesse ser bom em um jogo de palavras. A atmosfera viril e sensual que Siul'Ahan conseguia criar com extrema velocidade ao redor de si surpreendeu Tegini mais uma vez, entre tantas ao longo de um dia que foi, em si, inteiramente surpreendente. Siul'Ahan era belo, gentil, sólido, quente e confiável. Não lhe faltava inteligência, como ela supusera, e suas energias a envolviam de forma extremamente convidativa. Tegini usou seu autocontrole e aparente frieza para encerrar o encontro sem transparecer o que sentia, afastando-se dele.

- Eu agradeço por este dia adorável. Aprendi muito em suas aldeias e sua companhia foi muito agradável. Obrigada por sua hospitalidade e gentileza, grande guerreiro.

- Você trouxe sua luz e iluminou a minha vida por um dia. Eu sentirei a sua falta amanhã e anseio pelo nosso próximo encontro, mas eu a quero para iluminar todos os dias que

virão.

- Siul'Ahan, eu confesso que este dia foi muito mais agradável do que imaginei que seria. É surpreendente, em muitos sentidos, mas eu não quero criar expectativas ou desmerecer seu afeto. Você sabe que terei outros encontros e num futuro próximo terei de escolher... Eu espero que compreenda que espero não decepcioná-lo, quando fizer minha escolha.

- Tegini, um homem que não conquista o amor de sua esposa não é digno dela. Eu a quero do meu lado, mas não para cumprir uma lei ou uma determinação superior. Eu quero o seu amor e a sua paixão de mulher por mim. Hoje você conheceu minha gente, meu trabalho, minha honra e meus planos para o futuro. Você conheceu parte da vida que teremos juntos quando você vier morar aqui. Mas no nosso próximo encontro você conhecerá a outra parte de nossa vida juntos, e a que é mais importante para um casal. Hoje você conheceu minha vida, mas não conheceu ainda o meu amor.

- É um pouco cedo para falarmos de amor. Você não me conhece o suficiente para poder amar-me.

- Você não me conhece, Tegini, mas eu sempre amei você. Desde que você era pouco mais que uma menina eu a sigo em segredo, muitas vezes circulei sua casa na esperança de vê-la na janela; no templo meus olhos sempre foram só para você, e até mesmo uma vez tentei segui-la até a Fortaleza dos Gatos. Quando o sacerdote me falou sobre a compatibilidade dos nossos mapas, não foi nenhuma surpresa para mim, eu não estranhei, pois você sempre foi a escolhida do meu coração.

Para o socorro de Tegini a sacerdotisa se aproximou apressando as despedidas e prometendo comunicar a data do próximo encontro. No caminho para a casa de Tegini, não se absteve de comentar:

- Houve uma forte interação áurica entre vocês, Tegini. Incomum nos encontros iniciais.

Tegini nada comentou. Dentro de si um turbilhão de emoções diferentes e pensamentos inquietos. Descobertas que a deixavam nervosa. Um ancestral guerreiro que ela nunca soube existir; um enamorado de infância que conseguiu de uma só vez despertar todos os seus chakras e fazê-la cogitar tornar-se uma guerreira. Tegini estava desgostosa consigo mesma. O guerreiro que era para ser supostamente o primeiro candidato a ser descartado a tinha deixado sem palavras e sem reação, e a tinha feito experimentar o contato com um tipo de energia estimulante e ao mesmo tempo paralisante. Tegini estava desgostosa por ter de admitir a si mesma que, definitivamente, uma parte de si queria ter permanecido lá na aldeia e nos braços do guerreiro Siul'Ahan.

## Capítulo 15 Amor de Água e Vento

### Capítulo 15

#### *Amor de Água e Vento*

Teguilp acordou irritado, ciente do compromisso que o aguardava naquele dia. Após protelar ao máximo e sem poder mandar a sacerdotisa de volta ao templo sem uma data pela terceira vez, o jovem filósofo achou por bem definir a biblioteca da aldeia central como o local do encontro cuja duração seria, pelas regras estipuladas pelo seu povo, bem mais longa do que ele gostaria.

Não era uma biblioteca como nós na Terra entenderíamos, uma vez que havia muito poucos materiais semelhantes a livros, com inscrições ou registros feitos através de alguma espécie de alfabeto, mas era um local de registro de memórias ancestrais e conhecimento do povo vermelho passados por outras raças, como Felianos – o Povo Gato, o Povo Pássaro e outros. Neste local havia muitas pedras e também alguns arbustos retorcidos, assim como árvores, há muito mortas, preservadas, cujos registros podiam ser acessados com maior profundidade de detalhes por aqueles que nisso eram treinados. Via de regra todo morador humano de Sirius C era capaz de obter informações gerais de um objeto pela simples presença deste num local cuja arquitetura fosse propícia para esse tipo de *leitura*, que na Terra seria compreendida como uma combinação de psicometria com acesso aos registros akáshicos; entretanto, a maior parte das informações a serem 'lidas' no acervo dessa biblioteca encontrava-se codificada em belos desenhos em forma de mandalas, cuja ciência era aprendida desde a infância, portanto de domínio de todos, requerendo estudos aprofundados somente para a confecção das mesmas. Essa era uma habilidade que poucos possuíam, como alguns sacerdotes, Tegini e o próprio Teguilp, assim como na Terra todos os alfabetizados são capazes de ler, mas nem todos possuem habilidade para escrever. Os princípios elementares dessa ciência, bastante rústica em comparação ao nível de sua utilização em Sirius C, populariza-se somente agora na virada do Terceiro Milênio em vosso planeta com a denominação de Geometria Sagrada. O gosto por formas geométricas encontrados na arte de diversas civilizações de vocação xamânica originam-se deste passado estelar.

Neste local Teguilp se sentia seguro, em seu elemento, e foi ali que Tegini o

encontrou, não menos tensa, pela lembrança desagradável de seu primeiro encontro com o 'bardo' provocador. Nenhum dos dois nada falou por um bom tempo; Tegini achava que o bardo a ignorava, tendo decidido realizar o obrigatório encontro em silêncio, e isso de certa forma a aliviou das expectativas, mas na verdade Teguilp rememorava o encontro com o ancião-mor, logo após o primeiro encontro fatídico de Tegini com os três candidatos.

*“- Minha obediência ao conselho demonstro comparecendo a esses encontros contra a minha vontade, o que sendo o senhor o sábio ancião que é, tenho certeza que não lhe passa despercebido!*

*- Você está cometendo um grande erro, Teguilp...*

*- Perdoe-me, ancião, mas este 'grande erro' é de inteira responsabilidade do Conselho e não 'meu erro', uma vez que não se trata de uma escolha minha!*

*- Você concordou e deu sua palavra, Teguilp...*

*- Não sejamos hipócritas. Não apenas ambos sabemos, como todos os dotados de um mínimo de noção das coisas, que ao Conselho nada se nega, sob pena de ser tratado como alguém egoísta, que não se importa com os destinos do seu povo, um pária arrogante, que não ouve a sabedoria dos mais velhos ou, ainda pior, alguém cuja mente e o espírito estão influenciados pela doença reptiliana...*

*- Meu filho, para quê tanta agressividade quando o assunto aqui é justamente o Amor?! Eu sei da sua inteligência; todos admiram seu magnífico poder mental, Teguilp, mas poucos sabem da sua deficiência no campo das emoções. Eu lhe imploro pelo seu bem estar, para que você não deixe passar uma preciosa oportunidade! Que você perceba, meu filho, que apesar de todos os seus argumentos, cuja lógica facilmente daria razão, por trás de suas atitudes agressivas e da retórica intocável, reside somente o medo que o apavora: o medo do envolvimento.*

*- Eu não pedi para me relacionar intimamente com ninguém neste momento. Não era minha intenção...*

*- Se dependêssemos da sua iniciativa ambos sabemos que você se tornará um ancião solitário, sem filhos, sem uma descendência para passar adiante seu talento e seus conhecimentos.*

*- Essa pode ser a minha escolha, aquilo que me fará feliz! Exatamente a escolha que negam àquela moça!*

*- Não é, meu filho, e acredito que no fundo você sabe disso. Não se chama “escolha” aquilo que é motivado pelo medo, e sim “fuga”. Você passará mais um ciclo da sua*

*vida ajuntando conhecimentos, sabedoria de diferentes raças e povos, desenvolvendo teorias e filosofando para que todos o admirem – e todos fazemos isso facilmente porque de fato grande é a luz de sua consciência racional e bela a sua imensa capacidade de raciocínio – mas o que define um homem, Teguilp, é seu compromisso com a Verdade, algo que você sempre relembra a todos em seus discursos e poemas. Eu lhe digo que urge direcionar essa mesma flama de amor pela Verdade para dentro do seu peito e que você busque ali enfrentar seus piores medos, para que você não termine, outra vez, mais um ciclo de vida, como um eremita que fala de ideias e de nobreza de sentimentos, mas evita senti-los dentro de si pelo medo que sente de que esses sentimentos possam arrebatá-lo de tal forma que você perca o controle sobre si mesmo.*

*Acuado, chocado pelas palavras do ancião-mor atiradas à queima-roupa, Teguilp não tinha sequer forças para argumentar.*

*– Eu não me sinto pronto... Não creio que essa seja a hora de lidar com essa questão...*

*– Teguilp, esta é a hora, pois essa menina, Tegini, é a única cujo mapa celeste demonstrou ter os componentes que poderão ajudar no processo de cura de sua alma...*

*– Ancião, o senhor sabe que ela fará uma escolha para a qual eu sou muito pouco cotado, independentemente do fracasso de nosso primeiro encontro. O que o senhor está me propondo é que eu me permita que mais uma ferida seja aberta em meu peito assolado por dores já milenares para que mais uma se instale!*

*O velho sábio não se espantava ao ver as lágrimas descendo pelo rosto de fisionomia sempre controlada do famoso bardo, ciente de que as feridas antigas são as mais dolorosas.*

*– Filho, nenhum de nós sabe que escolhas cada um irá fazer. Você não conhece nem as suas, como pode arriscar adivinhar a dos outros? Eu só posso lhe garantir, meu filho de mente tão admirável, de juízos tão envelhecidos, mas de coração ainda tão menino, que este caminho que lhe propus e ainda lhe proponho é um caminho que você realmente deveria seguir. Eu não sei aonde ele vai dar, mas tenho a certeza de que percorrê-lo ajudará em muito no seu processo de cura emocional.*

*– Ouvi dizer que ela lê sentimentos, que é altamente empática... Poderia ser que ela conseguisse traduzir para mim os meus próprios sentimentos, de forma a trabalhar o que for necessário, como uma amiga, terapeuticamente – argumentou secando as lágrimas e procurando se recompor.*

*– Poderia ser – disse o ancião se afastando em direção à porta de saída.*

*- Mas o senhor disse que nós três nos apaixonaríamos por ela – lembrou com o que lhe restou do tom de provocação na voz.*

*- Eu sei o que eu disse, meu filho.”*



Subitamente o ar mudou, um resultado concreto das preces que ambos fizeram mentalmente para que, saindo da energia de medo do ego, estivessem conectados com a Fonte Criadora, e que tudo pudesse se desenrolar de acordo com a perfeição que dela emana.

Teguilp cumprimentou Tegini com uma reverência, e assim que ela respondeu ofereceu-lhe algo para beber. Ante sua negativa, passaram a caminhar ao redor do local lentamente, parando próximos a determinados cristais ou pedras ou inscrições que lhes chamassem a atenção. Teguilp iniciou comentários a partir daí, os primeiros superficiais e outros que se seguiam aprofundando paulatinamente os assuntos; ancestralidade, o Grande Espírito, a pluralidade de mundos e de raças, os muitos povos que contribuíram para que o momento presente fosse exatamente como era naquele momento. Sem se aperceberem começaram a partilhar impressões, vivências e pensamentos, espantando-se pelo tanto que tinham em comum, e algumas horas se passaram sem serem percebidas como tempo, até que eles se viram na praça central, dentro do que se assemelharia a um coreto, conversando e contemplando o céu, acompanhados pelo lento movimento das flores que balouçavam com a música que Teguilp tirava de um instrumento semelhante a uma flauta no eterno entardecer do coreto. E então a brisa do silêncio e respirações profundas; não havia mais animosidade, pois esta havia sido substituída pela compreensão, e também por algo extremamente precioso e capaz de alterar o padrão vibracional de pessoas ou de lugares em uma questão de instantes: um senso de humor comum.

Ao longo da tarde, Tegini e Teguilp riram juntos muitas vezes. Ele a provocou, como era de seu temperamento – com comentários irônicos e sarcásticos, mas que, apesar da seriedade e mesmo da sacralidade dos assuntos que tratavam, continham de fato, pelo ângulo que Teguilp os via, algumas verdades cômicas, coisas que Tegini também pensava, mas jamais ousara verbalizar. Então a princípio ela sorriu, depois riu discretamente, mas no fim do encontro, ambos riam abertamente, para espanto não somente da sacerdotisa que os acompanhava de longe como de todos os transeuntes que passavam pelo local e os observavam de passagem, espantados, visto que mesmo num mundo tão superior, comparado ao nosso, não haja dúvidas: a fofoca ainda existia e com fofocas assim até mesmo apostas havia, sobre Tegini e seus bons partidos. O riso também dissolve amarras e traumas antigos, e a tarde

descontraída serviu para Tegini como uma terapia para exorcizar demônios antigos.

- Uma vez, ainda era bem novinha, fui à casa de uma amiguinha e a mãe dela me tratava de forma tão estranha, como se eu fosse uma feliana, que na hora do jantar me deu vontade de ir comer no chão, junto às vasilhas dos gatos, pois eu já me sentia até com orelhas pontudas, bigodes e rabo, pois com toda certeza, humana era como ela não me via!

- Mais felina que um feliano, com certeza!

- Inúmeras vezes me perguntei o que fiz ou porque razões A Fonte me fez nascer sob as condições em que me encontro... Já quis muito fugir, mas não há para onde...

- Você queria um lugar onde as pessoas te enxergassem pelo que você é, e não por aquilo que imaginam que você seja.

- Exatamente, mas não existe essa possibilidade.

- É, não existe mesmo. Mas existe a possibilidade da mudança. Embora o passado e todas as circunstâncias referentes a ele não possam ser modificadas, ou seja, não dá para alterar a forma como eles te viram e agiram com você até hoje, é possível modificar as coisas daqui por diante e fazer com que mude o olhar delas sobre você a partir de agora.

- Será? Penso que lendas e profecias exercem um fascínio muito grande sobre as pessoas. E um fascínio que elas gostam de sentir e do qual não querem abrir mão.

- Você sabe, não é pessoal... Poderia ser qualquer um. Você é apenas o cabide onde se encaixam as fantasias que elas gostariam de usar.

- Quem gostaria de estar no meu lugar? Só uma pessoa louca iria querer crescer no foco das suspeitas de toda sua gente.

- Bem ou mal, isso gera atenção, Tegini; algo que a maioria deseja, esteja consciente disso ou não.

- Eu desejaria, mais que tudo, passar despercebida.

- Talvez sim, talvez não... É que você teve superexposição à atenção, comentários e temores alheios. É natural que queira fugir de tudo isso.

- Mas então, meu caro bardo, de língua e mente afiadas, me diga, por favor, como devo proceder para obter a vida obnubilada que almejo – perguntou Tegini com um lindo sorriso.

- Teguilp olhou para baixo e remexeu num graveto, antes de responder.

- Bem, de fato um casamento é uma boa oportunidade...

- Pensei que você fosse contra essa ideia desde o princípio – disse Tegini

surpresa.

- Eu fui sim...

- Não é mais?

- Veja, eu me coloquei no seu lugar, e me imaginei sendo obrigado a me casar num momento em que talvez não quisesse isso, mesmo sem saber como você se sentia a respeito, e essa ideia me revoltou. Olhe, eu tenho muitas ressalvas com relação a decisões tomadas em nome do 'Bem de Todos'. Não que eu desconfie das boas intenções ou do caráter do ancião-mor, não é isso... Mas você sabe, um Conselho não se faz só de um membro e, além disso, essas ações em prol do Bem Maior são frequentemente motivadas por medo, e o medo é uma coisa constantemente baseada no irreal... Isso tudo me cheirou a manipulação não apenas com você, mas com nós três, os chamados 'candidatos'. Acho que no fundo eu queria verbalizar minha raiva no primeiro encontro; uma parte de mim queria poder parar com tudo aquilo com o que eu não concordava e me via obrigado a tomar parte. Eu também não te conhecia e te imaginei uma pessoa que você não é, alguma deslumbrada alheia ao que de fato está acontecendo ao seu redor. Eu queria te dar um chacoalhão, fazer você pensar! Mas no fundo não era você, afinal eu não sabia quem você era, e esse foi meu erro. Assim como os outros fizeram, eu também te usei de cabide para as minhas fantasias...

- Mas você tinha razão, eu não pretendia me casar e também fiquei revoltada quando soube.

- E por que você aceitou?

- Você ainda não respondeu minha pergunta: você mudou de ideia, sobre isso tudo? Não é mais contra o casamento?

- Como medida preventiva de contenção a um possível surto seu, sim. Mas por outro lado acho que há males que vêm para bem e você pode tirar um grande proveito disso, como dar início a uma nova fase, em que as pessoas a vejam como você de fato é, e não como imaginam.

- Males que vêm para bem?

- Normalmente há episódios marcantes capazes de alterar a percepção dos demais a respeito de um indivíduo específico. Por exemplo, quando ele começa a trabalhar, torna-se adulto e assume seu papel dentro da comunidade, passará a ser julgado pela qualidade do serviço que executa para o Todo, e não mais como a criança ou o filho de determinada família; ele deixa de ser visto pelo coletivo em que estava inserido ou como um dependente deste coletivo para ser visto como um ser individual capaz de agir por si só. A partir daí ele cria sua imagem, a qual mudará novamente quando houver alguma transformação drástica em sua

vida, como casar, tornar-se pai, realizar algum ato heroico, sofrer um acidente ou alguma perda e a conseqüente superação disso, coisas que o farão ser visto como um forte para a tribo, alguém valoroso, digno e confiável. Quando criança você esteve sob o jugo das histórias envolvendo seu nascimento, profecias que convergiam para encontrá-la como sujeito possível, aliada à relevância da sua família entre todas as aldeias. Ao deixar a infância e iniciar seu trabalho como instrutora e transmissora de conhecimentos, sua imagem, embora respeitada, ficou totalmente vinculada aos felianos, o que aliado ao mistério que já existia, convenhamos, não colaborou muito para você ser vista apenas como mais uma moça da tribo. Então, minha cara Tegini, entre perder uma perna e realizar um ato heroico, me parece mais favorável para você obter essa mudança de paradigma através do casamento!

- Hahahahaha!... Bom, isso vai depender do marido que eu escolher...

- Você não tem com que se preocupar! Somos todos maravilhosos e apropriados para você, de acordo com sua carta natal! Se algo der errado, culpe o astrólogo!

- Engraçadinho! Vocês são maravilhosos e eu sou a problemática, não é? - disse ela rindo e provocando também, pois uma das características de Tegini era aprender depressa.

- Você é um pacotinho de problemas, mas pelo menos é bonita. E inteligente!

- Seu presunçoso irritante! - continuou ela rindo e no clima de brincadeira bateu no braço de Teguilp.

Foi o primeiro toque dela que ele sentiu. E Teguilp não gostou. Não porque fosse ruim. Mas porque era doce, suave e quente. E instantaneamente ele quis mais. Teguilp ficou sério e Tegini estranhou a reação dele.

- O que foi? Cansou de falar besteira e de me ofender?

Ele fitou-a intensamente e ela sentiu no brilho escuro e profundo do olhar dele, desejo por ela e o que ela definia como uma fome de conexão antiga. Era diferente do que sentira envolvida pelas energias de Siul'Ahan, que eram quentes e sensuais, porque essa era a sua natureza, e ela sabia que o que com ele havia sentido, qualquer outra moça da tribo sentiria igual. Mas com Teguilp, não; aquela energia que ele estava sentindo era somente por ela e para ela. O bardo tinha língua fêrina, mente fria, mas coração fêrvete; sua energia geral era morna e ele não se abria para qualquer um. Esse foi o momento em que Tegini percebeu o quão rara era a combinação entre suas cartas natais. Em sua mente Tegini rememorou todas as meninas e moças que conhecera desde que nasceu em busca de um possível par para Teguilp, e não havia nenhuma. Ela se sentiu desconfortável e como se soubesse, antes que ela desviasse o olhar, Teguilp falou firme enfrentando a íris esverdeada da Filha do Sol, enquanto a profundidade e a escuridão dos seus olhos declarava o contrário de suas palavras:

- Tegini eu sei que essa é uma situação delicada e de enorme pressão para você e eu não queria de forma alguma me tornar parte dessa pressão que sobre você já pesa, então eu gostaria que você me visse como um amigo e não como mais um concorrente nessa história toda. Eu realmente não tinha planos de me casar, mas eu há muito tempo não encontro alguém com quem possa falar abertamente as coisas me vão à alma. Então, eu quero dizer que ter uma amizade com alguém como você é algo muito precioso para mim, e que você pode me falar sobre os outros dois 'concorrentes à vaga do seu coração' – e falou isso meio sorrindo para aliviar a tensão – que se eu puder dizer ou fazer qualquer coisa para te ajudar a escolher a melhor opção, tenha certeza que eu farei. Eu realmente desejo que você seja muito feliz.

- Obrigada por suas palavras – Tegini falou sentindo-se desapontada.

O silêncio se fez ouvir e ao mesmo tempo disseram ambos que era hora de ir.

Pela primeira vez Tegini considerava ter errado sua avaliação sobre a energia de alguém. Teguilp não a queria. Com o que fora confundido então o que ela sentira? Aquilo seria a amizade verdadeira? Amor espiritual? Frustrada consigo mesma, Tegini foi para casa. À noite ela e Teguilp, deitados em seus leitos, rememoraram o dia, sorriram sozinhos, repassando seus diálogos mentalmente. Estavam satisfeitos com os rumos pacíficos que seu 2º encontro tivera e surpresos com suas compatibilidades. Mas ambos adormeceram com o coração inquieto.

## Capítulo 16 Nem todo mal vem à noite

### Capítulo 16

#### *Nem todo mal vem à noite*

O que poderíamos chamar de período da tarde já se ia além da metade. Mulheres retornavam a seus lares dos postos de serviço comunitário, crianças brincavam nas ruas e os homens cuidavam de seus negócios. Tegini estava na casa de seu pai. Siul'Ahan treinando alguns de seus guerreiros; Arhenya alimentava Arúap e Teguilp conversava com um amigo a caminho de sua casa, quando aconteceu.

O céu alterou-se ligeiramente, como se sacudido ou estremecido, e então um barulho, uma espécie de zumbido como aquela geração jamais antes ouvira fez-se claro para todos, não importando onde estivessem. O Povo Vermelho demorou a compreender o que estava acontecendo, e somente quando o céu salpicou-se de pequenos pontos pretos e uma imensa nave escura de súbito cobriu a praça central, o templo deu o sinal de alarme e o pânico nas ruas de cada vila, em gritos e correrias desesperadas; mas a lembrança que ficaria daqueles poucos, mas lentos momentos seria o silêncio. A incredulidade é muda, assim como o medo e a sensação de abandono e de impotência. Os que estavam próximos à praça ficaram paralisados observando os primeiros reptilianos descerem das naves, sem conseguir entender ou acreditar no que viam, e foram os primeiros a serem capturados. A maioria dos que estavam a caminho de suas casas conseguiu chegar, para morrerem queimados em seus lares alvejados pelas naves menores que velozmente zuniam cortando o céu.

Tegini foi corajosa o suficiente para de sua janela observar o que ocorria em vez de esconder-se como os demais que estavam na casa de seu pai. E o mesmo fez Teguilp escondido atrás de uma árvore na montanha que levava à sua casa. Ambos lembraram-se de enxergar através da visão maior, esvaziaram suas mentes em busca de uma maior compreensão daquilo que estava acontecendo. Ao abrirem os olhos conseguiram ver claramente a massa avermelhada translúcida que emanava da aldeia como uma neblina e era não só saboreada pelos seres que armados andavam livremente pelas ruas em busca de suas vítimas, como sugada por uma espécie de aparelho na parte interna da nave maior parada acima da praça. A maioria dos seres lembrava lagartos, mas alguns possuíam cabeças parecidas mesmo com crocodilos e uns poucos, e ainda mais temidos, tinham traços ofídicos. O que tiveram o azar de cruzar com eles

foram ou mortos ou dilacerados por garras ou, quando encontrados em grupos, como as crianças, mortalmente feridos por armas semelhantes a plasma que queimavam não somente o corpo físico, mas também o perísprito. Os ofídios especialmente se deleitavam com o sofrimento das mães e suas línguas frequentemente se moviam mais depressa na presença delas quando corriam em desespero para acudir os filhos caídos ao chão. Tegini percebeu que a elas nada faziam, mas permaneciam perto, sorvendo o néctar do pavor nelas causado, como um inseto suga o néctar de uma planta. Alguns poucos foram levados para dentro da nave e, destes, alguns foram devolvidos antes que a nave partisse, tal qual bonecos sem vida, incapazes de qualquer reação; outros jamais voltaram. O ataque todo não durou mais do que 01h15 minutos. O céu estremeceu novamente, como se ondas de ar pudessem ser vistas movendo-se trêmulas, e todas as naves partiram de súbito, a maior não sem antes incendiar completamente a praça sobre a qual pairava.

Tegini foi das primeiras a sair de casa e correr em direção à praça junto com outras mães e maridos à procura dos seus. Em seguida vieram os sacerdotes e os chefes. Teguilp chegou logo após Siul'Ahan e seus guerreiros. A noite chegou e encontrou a todos ocupados, contando mortos, tratando feridos, acalmando os mais traumatizados. O ancião-mor reuniu-se com o Conselho, e a noite passou, menos silenciosa porque invadida de gemidos de dor e choro. Era o primeiro ataque que a colônia humana em Sirius C enfrentava, mas não parecia algo novo, e sim uma experiência antiga revivida. E a dor e o pânico soavam muito antigos, muito conhecidos e muito doloridos.

Quando a manhã chegou, Tegini se viu na sala com os anciãos do Conselho, assim como seus possíveis noivos e seu pai. Seguir-se-ia a conversa que procuraria entender o que aconteceu, como aconteceu e o que fazer agora. Mas mesmo juntando forças e conhecimentos, ninguém se sentia seguro ou estava certo de que resposta a essas perguntas haveria.

## Capítulo 17 Depois da Tempestade

### Capítulo 17

#### *Depois da Tempestade*

- Acalmemo-nos, irmãos, pois a angústia e o desespero em nada nos ajudarão nesse momento – começou o ancião-mor interrompendo o burburinho de lamúrias e o pranto amargo incipiente que mesmo os calados derramavam. Procuremos elevar nossas mente, nossos espíritos até a bondade suprema que vem do Alto e que nos criou, defendendo nossa existência de muitas maneiras até o dia de hoje. Procuremos nos sintonizar com essa Inteligência Suprema que guiou nossa evolução por caminhos de mar de fogo contra qual toda sorte nos era contrária, e, no entanto, sobrevivemos; aqui estamos, prontos para encontrar as respostas que nos propiciarão solução e refúgio mais uma vez. Nascemos para a vitória, lembremo-nos disso e serenemos nossos corações nessa hora de adversidade, harmonizando como um grupo cuja liderança bem sucedida deverá definir os melhores percursos capazes de garantir a sobrevivência de nossos irmãos. Oremos em silêncio, erguendo nossas mentes ao Todo Maior e pedindo compreensão, inspiração, coragem e perseverança na solução do problema que se nos apresenta.

Após alguns instantes, ele retomou a palavra:

- Irmãos, conforme já estávamos esperando devido aos avisos dos oráculos, estamos sendo atacados por aqueles que almejam nosso extermínio. Os seres-lagartos não conhecem sentimentos tais como piedade ou compaixão, sua única meta é a conquista indistinta e interminável que lhes reforça a ideia que têm de si mesmos de grandes conquistadores do espaço, senhores de tudo e de todos. Consideram qualquer outra forma de vida como inferior à sua e, portanto, sujeita à sua dominação e destinada à sua serventia. Ou lhe somos escravos ou lhes servimos como alimento. Ellézia, a grande oraculista dos tempos de nossos avós, durante o grande transe da instalação ocorrido quando da nossa transferência para este orbe pelos felianos, trouxe a revelação de que eles agiam pelo braço esquerdo de Deus, de certa forma impulsionando e acelerando nossa evolução. Embora não consigamos compreender de todo suas palavras, creio que elas não possam ser neste momento desprezadas, pois hoje, séculos após o último ataque sofrido pelo nosso povo, tendo convivido com o Povo Gato e sob sua tutela aprendido e evoluído tanto, temos condições inéditas de compreender os *porquês* e os *comos* dessa situação, habilitando-nos a definitivamente construir uma rota de

saída que nos granjeie a libertação perpétua.

- Belas e sábias palavras, grande ancião, mas como um chefe guerreiro que sou, minha mente trabalha de forma objetiva e tudo o que se sucedeu tem uma causa simples, a qual devemos focar em primeiro lugar. Cada espécie, seja planta ou animal, tem uma natureza, e a dos seres reptilianos é a agressividade destrutiva, isso não é segredo ou mistério para ninguém. O fato de nossa gente ter se mantido segura por todas as últimas gerações deve-se à proteção dos felianos, sob a qual estivemos esse tempo todo. Eles eram nossos aliados e agora não são mais, e esse é o único motivo direto para o ataque pelo qual acabamos de passar. A quebra da aliança requer medidas militares e estratégias de guerra, pois nossos inimigos primeiramente, antes dos invasores reptilianos que vêm de fora, são os inimigos de dentro, os felianos, que quebraram sua promessa e nos expuseram a todos ao extermínio de um inimigo contra o qual não temos armas.

A fala de Siul'Ahan gerou celeuma e muitos começaram a falar ao mesmo tempo, concordando com seu ponto de vista, que encontrava eco na indignação e nos medos de todos.

- Um instante – interrompeu o burburinho Teguilp, aparentando irritação – a sua visão 'objetiva de guerreiro' me parece um tanto distorcida da realidade dos fatos. Veja bem, os gatos não são nossos 'aliados', visto que não estamos nem nunca estivemos em pé de igualdade com eles. Como espécie superior em estágio evolutivo que são, nós somos, ou 'fomos', como talvez fosse mais apropriado dizer no momento, seus tutelados. Nossa sobrevivência deveu-se à “caridade” deles e não a uma “aliança”. Vê-los como nossos inimigos não irá nos ajudar em nada, mesmo que esse ataque tenha sido causado pela retirada de sua proteção sobre nós. Não convém esquecermos que esta é a casa deles e os hóspedes somos nós.

Tegini se regozijou com as palavras dele. Ela não esperava que alguém em seu povo pudesse enxergar claramente a natureza das relações diplomáticas entre o Povo Gato e os Adâmicos, visto os felianos serem visualmente temidos ou venerados, ainda que não estimulassem esse comportamento em sua gente.

- A quebra da palavra é uma desonra que um guerreiro não admite! Ainda que tenhamos sido trazidos para cá pelo favor deles, nossa gente é valorosa e digna de ser tratada com o devido respeito. Se eles quebram seu voto conosco, nós também não lhes devemos mais respeito ou gratidão. Devemos, sim, procurar estabelecer estratégias que assegurem nossa sobrevivência, mesmo que isso inclua retaliações aos felianos!

- Não me faça rir numa hora de crise dessas – disse debochado Teguilp. O que você espera? Declarar guerra à Fortaleza dos Gatos? Tomar o planeta para si reivindicando

compensação pela afronta do ataque recebido? Não seja ridículo, Siul'Ahan, no máximo pareceremos um galinheiro que se rebela contra o fazendeiro. O que você propõe? Que nos recusemos a botar ovos?

Tegini riu por dentro, mas o ancião-mor não gostou da postura de Teguilp.

- Teguilp, essa não é a hora para sarcasmos. Siul'Ahan é o chefe das forças guerreiras de defesa e proteção de nosso povo e não deve ser tratado como um idiota, pois ele não é. Todos devemos uns aos outros respeito e você, devo lembrá-lo, como todos nós, deve também a ele sua segurança e proteção.

Teguilp queria argumentar, mas sabia que contradizer publicamente o ancião-mor não era um bom caminho, e por isso se calou contrariado.

- É preciso, sim, entender porque e como esse ataque se deu. Segundo Siul'Ahan o porquê se deve à natureza dos lagartos e por isso seria perda de tempo procurar compreender os porquês filosóficos de suas ações. É meu entender – disse dirigindo-se a Siul'Ahan – que você nos recomenda descobrir as razões pelas quais os felianos permitiram o ataque. Estou correto, chefe-guerreiro?

- Sim, Pai.

- Creio que ao descobrirmos esse *'porquê'*, o *'como'* virá naturalmente como consequência.

Foi a vez do pai de Tegini se pronunciar.

- É importante frisarmos que não houve nem de nossa parte nem da parte do Povo Gato, qualquer manifestação de desagrado ou insatisfação pela interação entre nossas raças. Não houve nem agora nem no passado qualquer incidente diplomático que pudesse dar origem ao nosso abandono por parte deles. Isto é importante aclarar porque nos indica que as probabilidades são de eventos externos e independentes de nossa vontade que catalisam as decisões dos felianos sobre nós, sejam estas quais forem.

- Bem analisado, mestre Terumiã – aprovou o ancião-mor. Tegini, minha filha, nesse momento suas impressões, ideias e pensamentos são muito importantes para nos ajudar a decifrar esse quebra-cabeças. Gostaríamos muito que você buscasse na memória qualquer ocorrência, fala ou experimento que tenha presenciado junto aos felianos que pudesse nos ajudar a desenrolar o fio da meada: quais motivos levaram o Povo Gato a nos abandonar à própria sorte retirando sua proteção?

- Eu já conversei muito com minha filha, Grande Chefe. Infelizmente ela nada sabe que possa nos auxiliar.

Mesmo assim, Tegini resolveu falar:

- Foi uma total surpresa para mim, em minha última visita à Fortaleza dos Gatos, saber que nossos contatos seriam rompidos. Em minha conversa com Khatisah, minha tutora feliana, ela enfatizou a natureza amistosa da convivência entre nossas espécies e mandou-me dizer a vocês que o Povo Gato é de ações e não de palavras. A impressão que tive, ancião-mor, é de que eles, por algum motivo, nada podem fazer para nos ajudar no momento, e que se pudessem ou se vierem a poder fazer algo, o farão de bom grado. As últimas palavras de Khatisah me pareceram um misto de despedida com desejos de boa sorte.

- Não creio na sinceridade deles! Devem ter feito isto para despistar nossas suspeitas evitando assim nossa hostilidade declarada – disse Siul'Ahan.

Teguilp não suspirou exasperado mais sonoramente apenas porque sabia que seria repreendido pelo ancião-mor.

- De qualquer maneira é importante definirmos uma forma de ação em meio à crise, e qual será esta? – perguntou Terumiã.

- Ainda que possamos pouco no momento, não quero que nosso povo sinta-se de mãos atadas. Tegini, gostaria que você, com as técnicas de cura avançada aprendidas com os felianos, trabalhe junto às sacerdotisas pondo de pé tanto os feridos como, e principalmente, o ânimo das famílias mais atingidas. Também com as sacerdotisas fica o trabalho de cura coletiva emocional e religação com A Fonte para restabelecer nosso equilíbrio individual e grupal, fundamental nesse momento de busca por respostas, trabalho a ser conduzido da praça central onde antes ficava o cristal comunicador, pois parte de sua aura amplificadora ainda permanece no local, o que nos é de grande valia. As seguidoras de Ellézia – disse se dirigindo à chefe das sacerdotisas – devem entrar em jejum e seguir os mais rigorosos preceitos em busca de uma visão que outorgue a nosso povo a melhor saída e nossa sobrevivência enfim! Esse é o momento em que as profecias antigas devem novamente ser alvo da nossa atenção, e um grupo deve ser formado especialmente para durante as sessões de religação e cura, procurar obter esclarecimento quanto aos seus significados, a fim de num futuro próximo unirmos o que esse grupo descobrir com o que as sacerdotisas que procuram sintonizar novos oráculos possam trabalhar em conjunto e assim, todos juntos, termos uma direção a seguir. Ações tomadas aleatoriamente apenas desperdiçam forças, algo que não dispomos para gastar no momento.

- Siul'Ahan – continuou ele – você procure com seus homens construir abrigos em forma de labirintos circulares cujo design não permita que possam ser devassados ao serem vistos do céu. Desenvolva uma técnica de construção rápida, segura e eficaz que ofereça a um só tempo opções de esconderijos inusitados e rotas de fuga variadas. Terumiã, busque nos registros informações que possam nos ser úteis, quaisquer técnicas que nossos antepassados usaram, de preferência as mais simples em execução, visto o estresse e a falta de tempo e

recursos que dispomos, que possam somar às nossas defesas. E vocês todos, orem muito aos seus aspectos superiores, em busca de orientação.

Nesse momento, Arhenya, que se mantivera no canto em silêncio, resolveu falar:

- Eu tenho algo a acrescentar, ancião-mor. Antes do ataque, observei nos animais um comportamento estranho. Eles pareceram perturbados de alguma maneira, inquietos. E não creio fosse apenas a percepção intuitiva do ataque. Algo físico, como uma espécie de deslocamento na pressão atmosférica me pareceu ter ocorrido logo antes de as primeiras naves terem aparecido no céu. Notei que exatamente em determinados locais, onde as naves posteriormente apareceram, os animais dali se retiraram previamente. Inclusive um bando de aves deixou até o ninho de uma árvore sobre cujo o perímetro houve uma materialização de nave inimiga. Há ainda um trecho do rio que corre atrás da montanha onde moro, no qual os animais se recusam a nadar ou beber água. Nem peixes ali se vê, como se o rio fora dividido, embora não seja extenso o trecho.

O ancião-mor ouviu em silêncio e determinou:

- Terumiã, procure também nos registros se há relatos de tais ocorrências.

E voltando-se a todos, deu término à reunião:

- Bom, meus irmãos, o muito de serviço que nos aguarda, não nos permite alongarmos mais. Estejamos atentos e procuremos dar o melhor de nós mesmos no desenvolvimento das funções que ora nos cabem. Que as Forças Maiores nos abençoem e dirijam a todos.

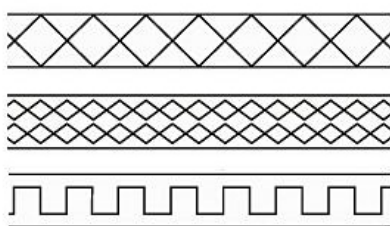
## OBSERVAÇÃO DA AUTORA:

Esse livro começou a ser psicografado pouco depois de A História de Pai Arruda ter tido seu início, e assim como aquele seus capítulos vinham em ordem semanal. Houve uma pausa de quase um mês nessa psicografia e então o próximo capítulo, de número 18, foi recebido em Itajaí no dia 17/09/10.

No dia 24 não consegui conexão, mas recebi um curto gráfico sobre as naturezas dos relacionamentos entre Tegini e cada um dos pretendentes.

### GRÁFICO RELACIONAMENTOS TEGINI

Tegini  
Siul' Ahan

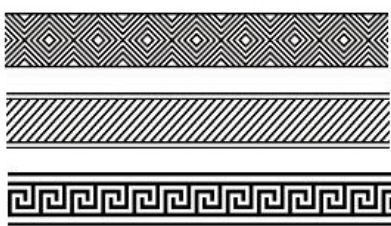


Energias Básicas e Seguras

Comunicação Difícil

Funções Simples/Objetivos

Tegini  
Teguilp

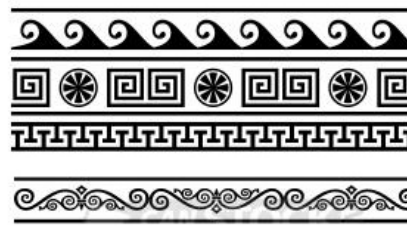
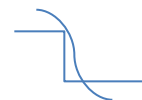


Energias mais Complexas

Comunicação Fluida

Funções Mais Complexas

Tegini  
Arhenya



Energias Complementares

Comunicação Multinível

Funções Bem Elaboradas

*(Desenhos meramente ilustrativos).*

Entre Tegini e Siul' Ahan as energias de ambos se comunicam na polaridade Yang, positiva, masculina, o que marca uma união com objetivos claros e voltada para a obtenção de resultados concretos; com Teguilp ambos manifestam-se no Yin, feminino, negativo, uma união marcada pela parceria e compreensão mútua. Com Arhenya ambos manifestam tanto as suas energias Yin como Yang, em equilíbrio ou oposição, aprendendo conjuntamente a desenvolver novos padrões para suas manifestações. A complementaridade energética favorece a expansão de ambos.

No dia 01/12 dei início à psicografia sobre a Linha do Oriente. Em 08/12 recebi a mensagem abaixo assinada pelo chefe Sioux:

***“Todo livro precisa curar primeiro quem o escreve, para depois ser capaz de curar a quem o lê.”***

Tive ordem de terminar um processo de cura emocional meu a fim de poder prosseguir com a história posteriormente e que este livro seria lançado após outros e não imediatamente após “A História de Pai Arruda”, como eu havia imaginado, seguindo a ordem de recebimento das psicografias.

Era também necessário estar mais envolvida com procedimentos xamânicos, atuando nessa energia para que esse trabalho de psicografia específico fosse levado a termo.

Em 21/01/2011 tive ordem de retomar, ordem esta repetida em 28/01/2011, o que fiz em 30/01/2011 com o capítulo 18, e em 07/02 com sua continuação.

Esse mesmo ciclo de paradas para trabalhar questões emocionais no Xamanismo para só então depois voltar a escrever, ocorreu durante todo o livro ao longo de 7 anos.

A parte final só foi concluída após meu processo de “DESPERTAMENTO” ocorrido em 2015 (vide os livros DENTRO DE UMA NAVE INTERDIMENSIONAL e CARTAS DA INTRATERRA para maiores explicações a respeito do processo de Despertamento).

## Capítulo 18 Amor Quase Perfeito

### Capítulo 18

#### *Amor Quase Perfeito*

Durante os dias que se seguiram houve trabalho incessante, reabilitando as pessoas tanto física como emocionalmente, assim como as estruturas básicas da cidade, severamente danificadas pelo ataque.

Durante esse período Teguilp procurava Tegini cedo, todas as manhãs, para juntos trabalharem num projeto adaptado por ele a partir de antigos registros da biblioteca, apresentado aos anciãos e por eles aprovado, da recuperação do *conteúdo de informações primal (ou primordial), um conjunto de dados psico-mento-emocionais, grafados ou impressos a um só tempo tanto no físico como energeticamente em toda e qualquer testemunha ocular de um evento.*

A proposta de Teguilp partiu da incapacidade das sibilas em interpretar suas visões mais objetivamente no sentido de oferecer a resposta que todos procuravam naquele momento: o que estava acontecendo que deu lugar ao ataque reptiliano, como e por que eles ocorreram. Encontrar essas respostas com precisão levaria a um segundo estágio vital para os últimos remanescentes da colônia humana no Sistema de Sirius: como evitar os ataques.

Naquele momento de sua evolução esse povo não poderia compreender que o que fomentava os ataques era justamente o que lhes impedia de focarem na pergunta que obrigatoriamente deveria preceder esta, e que seria: “É possível evitar ou impedir os ataques?”

Medo era também o que bloqueava o sistema de circulação energética de pessoas traumatizadas e por isso Teguilp precisava de Tegini, que conhecia *técnicas felianas de relaxamento hipnótico e extração de respostas sensoriais automáticas.* Ele havia pesquisado técnicas similares nos pergaminhos de cristais da biblioteca, mas a forma como seu povo as utilizava ficaram esquecidas, tanto pela natural resistência em rememorem algo que lhes trazia lembranças de dor e desespero, como pela comodidade advinda de sua confiança na proteção dos felianos. Teguilp sabia que no momento preciso do contato entre duas inteligências, todas as informações referentes a intenções, compatibilidade energética e inter-relações compartilhadas são passadas de um para o outro instantaneamente em uma velocidade inacessível para os sentidos físicos e que os antigos xamãs de seu povo antes do exílio conheciam técnicas de recuperação dessas informações sensoriais e cognitivas que

denominavam de “Momento Verdadeiro”, ou “Verdade Primeva”, pois nesse primeiro instante mágico de contato original entre dois seres, ambos se revelavam sem palavras ou subterfúgios, num processo tão orgânico e inevitável como a meiose ocorre com uma célula.

Teguilp era conhecedor da tecnologia feliana de extração por cristais especialmente alinhados que faziam a pessoa rememorar com precisão um evento passado qualquer, o que era de grande valia, sempre que se soerguia a necessidade de se conjurar com precisão um evento passado em busca de algum detalhe específico. O problema era que essa espécie de psicometria avançada não conseguia penetrar nas camadas mais profundas dos corpos sutis onde se encontram tais dados quando o indivíduo apresenta-se fortemente traumatizado. Diferente da extração de memória de um objeto, passível de obter-se através dos registros do éter, ou akáshicos, a permuta de essências – com suas qualidades e intenções latentes – entre dois ou mais seres só pode ser acessada com o consentimento de uma das partes envolvidas na ocasião, uma testemunha ocular. A partir da recuperação da lembrança sensória desse momento, Teguilp esperava que se somando os dados de todos, registrados no momento do confronto com os seres reptilianos, seria possível se chegar, no mínimo, a um rastro muito próximo das verdades sobre os ‘como, quando e porquê’ referentes aos ataques. Mas para isso a presença de Tegini era indispensável acalmando a pessoa cuja verdade se desejaria extrair e sintonizando com suas ondas cerebrais e ritmo circadiano, até que uma simbiose fosse estabelecida irradiando paz profunda da mente treinada pelos felianos de Tegini.

E assim trabalharam juntos por vários dias seguidos; Teguilp empregando os cristais e Tegini o relaxamento para superação emocional requerida para o procedimento através da simbiose. E eles trabalharam muito bem juntos, e tornaram-se muito amigos, ficando definitivamente para trás toda má impressão de seu primeiro encontro. A comunicação entre eles se dava de forma muito espontânea e sua concordância na forma da execução e no andamento dos procedimentos era maravilhosamente natural.

Outro fato maravilhoso, porém inesperado, também ocorreu, para surpresa de todos e, sobretudo de Tegini: os anos de desconfiança gratuita foram banidos em prol de uma confiança automática, visto todos os que passaram pelos procedimentos – e foram milhares – uma vez sentindo-se conectados à essência de Tegini, cessaram de temê-la. Ironicamente no pós-guerra de um povo pacífico, toda a hostilidade contra uma controvertida personagem profética cessou, dando lugar à esperança e desejo crescente, agora, de poderem acreditar que Tegini teria papel fundamental em sua salvação. Vimos então, que o messianismo é parte da estrutura de autopreservação da mente aliada ao instinto de sobrevivência; é portanto um fenômeno atávico e intrínseco à psique humana.

Sobre esse e muitos outros assuntos conversavam Tegini e Teguilp, como se sempre houvessem se conhecido. E sentiam a falta um do outro, ansiando por estarem juntos,

para trabalhar e para compartilharem seus pensamentos, a cada novo raiar do dia.

E como não poderia deixar de ser, o segundo encontro com Arhenya não ocorreu, em vista dos acontecimentos e das muitas providências urgentes em que todos estavam envolvidos. Mas Tegini não o esqueceu, e muito embora não ousasse perguntar a respeito a ninguém do templo, internamente se questionava quando teria a oportunidade de passar algum tempo com o mais misterioso de seus pretendentes.

Então numa manhã ela acordou de um sonho com o telepata animal, onde seus olhos eram um mesmo par de olhos compartilhados, mas em sua face eram de coruja e nele assemelhavam-se aos dos leões. Tegini abriu os olhos em seu leito e encontrou-se cara a cara com Lentara, que contemplava seu olhar fixamente. E então ela entendeu...

Tegini saiu de casa cedo, antes de Teguilp chegar, e rumou para as montanhas próximas ao local onde Arhenya residia. Lentara a acompanhou, aos saltos pela campina quase verdejante. À beira do estreito do riacho parou porque sentiu que deveria parar, e logo foi derrubada ao chão, por patas imensas de uma Lentara muito maior: Arúap, a mãe de sua companheira-guardiã. Com uma pata enorme sobre seu peito e o olho cor de mel intenso, igual ao seu protetor, bem perto dos seus, Tegini ouviu dentro de sua cabeça um nítido “obrigada”, e então a pressão sobre seu corpo cedeu, dando lugar ao alívio, uma vez que viu a mãe indo lamber e brincar com a filha.

Ela ergueu-se e o avistou. A capa ondulando sobre o peito nu e os cabelos sobre o rosto enigmático e irônico.

- Eu tive um sonho... - ela começou.

- Eu sei. Foi Arúap quem lhe chamou.

E abrindo uma bolsa à semelhança de um alforje, mostrou-lhe um grande cristal iridescente.

- Os animais também têm dados a compartilhar.

## Capítulo 19 *Amor*

### Capítulo 19

#### *Amor*

O Sal da Terra, o frescor da água e o enquanto de seu fluir, o calor do fogo e seu poder, a estabilidade da terra e seu ventre gestador, a carícia de um vento oportuno e benfazejo e seu poder revigorador. Como tudo isso explicar àquele que não conheceu em primeira pessoa, nem reteve em seu alguidar interior, que é seu coração, cada um desses elementos primordiais, para a mágica suprema da alma operar no seu evoluir enquanto está o ser a caminhar?

Como explicar a simpatia inesperada, a amizade que viceja ou o sentimento que brota em avalanche. Na química perfeita das almas a dançar o balé de seus encontros e desencontros?

Está além de uma simples explicação, mesmo que ela seja a reencarnação. É mistério muito mais profundo que remete ao momento da Criação, inalcançável a nosso entender e oriundo da Suprema Verdade que anima nosso coração. Por isso somente no interior, nas fibras de cada tessitura individual, há de fazer sentido para aquele que o sente, e prover toda a razão de suas atitudes, governando sua vida, da ganância ao vácuo, da mente ao ventre, da ventura ao infortúnio, da queda à sublimação.

Amor é mistério antigo, segredo divino, magia das mais antigas que há. É a água que move o moinho, cuja velocidade e teor define as benesses e atribulação que aqueles que estão presos à roda de Samsara estão sujeitos a sentir.



Em época de crises todos os planos são alterados, e assim, o noivado de Tegini também sofreu suas alterações, que se revelaram bastante felizes, pois devido às urgências e à necessidade de uma maior união entre diferentes setores da comunidade, Tegini frequentemente se viu entre seus possíveis candidatos, interagindo com eles a mando de seu pai ou do conselho a fim de atender a população e acelerar todo o processo de superação da tragédia que os atingira.

Dessa forma, sem protocolos, vigilância e tanta formalidade, todos se expuseram um pouco mais, e sem a pressão por uma escolha sua como prioridade no momento, Tegini avaliava cada um de seus parceiros.

Tegini não desgostava de todo de Siul'Ahan, de fato uma parte sua, que podemos chamar de mais antiga ou mais instintiva, atraía-se pela segurança de sua presença e da vida que ele poderia lhe proporcionar, tão sólida e eficiente em alcançar seus objetivos quanto ele mesmo. A segurança de um núcleo familiar extenso e comprometido nas relações confiáveis de um com os outros também exercia grande atração, especialmente para quem nascera e crescera numa atmosfera de desconfiança e solidão, com não mais que duas pessoas a quem plenamente confiar, se tanto.

Havia também a facilidade desta relação. Tegini sabia que bastava seu assentimento para o êxito dessa realização. Sabia que o guerreiro a queria como um lutador numa competição anseia pelo troféu. E era nesta parte que uma trava ela sentia. Em seu interior, Tegini analisava:

*“Fosse eu qualquer outra mulher, de traços diferentes, ou alguém que a mim não fosse similar em jeito ou comportamento, ou pensasse sobre tudo de qualquer outra maneira que não a minha forma de julgar, a quereria ele da mesma maneira, pois não ama a mim, mas sim o que crê que eu valha representar: é a filha do chefe, a que esteve com os felianos a se treinar, um troféu de raridade que um guerreiro gostaria de por esposa ostentar. Ainda que seja bom homem, não está interessado em mim, mas no que pensa obter através de mim, ainda que isso venha a ser apenas bons genes para a prole que deseja disseminar.”*

Tegini sentia que nada do ela falava era de fato ouvido, mas apenas rebatido com destreza de palavras e agilidade na diplomacia com que ele procurava anular seus medos ou quaisquer receios. Mas ela sentia como se ele não estivesse ali completamente, mas sim cumprindo uma agenda, um de seus compromissos, em que sempre haveria de exibir desempenho excepcional, pois era o grande guerreiro, a quem as derrotas não podem somar.

Teguilp era aquele com o qual os diálogos fluíam mais livremente, e com certeza ele muitas vezes exprimia, para sua surpresa, os seus próprios pensamentos. Com a crise do momento, tornara-se mais agitado e menos melancólico, filosofando menos e aprendendo a por em prática a parte útil do seu conhecimento.

O tempo passado com ele era para Tegini o mais natural, pois se sentia menos 'medida' e tinha certeza de que cada palavra que Teguilp dizia era expressão do seu ser real; ele não fazia tipos e sabia que ele de fato se interessava pelo que Tegini pensava, dizia ou sentia.

Mais rapidamente do que o esperado também, sua postura em relação a ela mudara, ela sentia, em seu íntimo a certeza de que ele cogitava realizar a profecia. Se sim ela dissesse, ele também diria. Mas como a um irmão o via, interessante e divertido, alguém cuja falta sentia se em poucos dias não visse, mas não como marido o enxergava. Se pudesse comandar seus sentimentos, talvez até por ele o faria, pois temia depois do “Não” perder para sempre o prazer da sua companhia.

E quão mais fácil seria, amar a quem se queria!

Entretanto não funciona dessa forma, a mágica engenharia que destrava e desentope os misteriosos fluxos contidos das nossas emoções. Como um rio desgovernado flui nosso coração, em ritmos de sentimento incomparável, insubstituível paixão.

Arhenya nada dissera, prometera ou induzira, e dentre todos era o que nenhuma alusão fazia a um possível futuro juntos, uma união por um plano superior. Tratava-a com grande respeito e cordial admiração por seus talentos, colaborando em uníssono e perfeita sintonia na extração das impressões latentes dos demais seres viventes. E para seu espanto, Tegini se via falando mais do que ouvia, nervosamente tentando explicar o que via ou lhe parecia a fim de ser perfeitamente compreendida, pois para ela era inadmissível transparecer erro ou incompetência perto dele. Se na presença de outros, calava – até mesmo emudecia – julgando que todos viam que estava corada, pelo que sentia; ansiava por vê-lo, ouvi-lo, estar na sua presença, ainda que não soubesse o que fazer ou como se comportar quando isso ocorria. Seu conforto era saber que, por outra, interesse ele não nutria, mas pesava-lhe o silêncio de uma confissão não ocorrida.

Sua ama já percebera o quadro todo, e no recôndito do seu quarto com Tegini ela dizia que é normal apaixonar-se por aquele que menos interesse em nossa presença suas ações denuncia.

Mas como explicar a força irresistível das marés, o ardor insuportável do fogo, o desequilíbrio da terra que a torna infértil e improdutiva a toda vida que ela poderia dar, matando seus frutos quando ainda em projeto, ou a violência de uma tempestade e todo o seu potencial de devastação?

Como tudo isso explicar a um coração que nunca sentiu antes o que é a dor da desolação?

## Capítulo 20 O Grande Sol da Alma

### Capítulo 20

#### *O Grande Sol da Alma*

Se fosse em nosso mundo atual, seria noite e haveria uma lua no céu. Era um horário especial, onde a maioria dos seres vivos descansava, e a vida adormecia para reacender fortalecida durante as horas mais ativas. Aquele era o período da luz retraída, do ritmo mais lento e da maré cheia de todos os líquidos e fluidos. Porém, à semelhança da Terra, há os que no contrafluxo melhor se harmonizam, e alguns seres viventes nesse horário têm o auge do seu ciclo de atividade, e esse era o melhor momento para se realizar a sua extração.

Tegini se unia a Arhenya pouco após o que seria o início do anoitecer, e percorreram larga extensão realizando seu processo de extração. A maioria dos animais 'noturnos' habitava em árvores ou covas abaixo de pedras; eram seguidos de perto por Lentara e Arúap, que assinalava ao seu cooperador humano qual animal devia ser ou não abordado.

O processo de extração animal provara ser muito mais interessante e prático para Tegini do que o realizado com os humanos das colônias. Em uma única 'noite', 80% das aferições já se mostravam mais claras e produtivas em dados do que quarenta dias de extrações humanas.

A partir do momento em que externava esses pensamentos a Arhenya, observemos, como por um cristal de memória paralisado no tempo, o diálogo que se sucedeu:

- Não me espanta que se sinta assim – ele lhe respondeu.

- Há tanto “ruído e interferência vestigial” nas informações recolhidas com a gente de nosso povo que torna o trabalho de análise posterior lento e extenuante. Meu pai manifestou sua preocupação com o fato dessa demora poder ser-nos extremamente prejudicial. Perdemos um tempo que não temos certeza de dispor, em suas palavras.

Arhenya olhou para cima.

- É duro contemplar o espaço sobre sua cabeça e nele não ver apenas amor infinito e esperança, mas sentir o peso de uma ameaça pairar no ar.

- Crê então que seremos de fato novamente atacados?

- Com toda certeza. Vede – disse-lhe chamando sua atenção para os animais – observa que brincam por um tempo, mas periodicamente erguem seu olhar ou focinho para cima, como se para constatar que ainda é possível continuar com o que estavam antes a fazer ou se é hora de fugir e recuar.

- Teguilp tem se dedicado arduamente no estudo dos pergaminhos da biblioteca. Se alguém poderá recuperar a sabedoria de nossos ancestrais, esse alguém é ele. Tenho esperanças de que ele encontre a palavra perdida de nossos pais que poderá nos salvar a todos.

É bem verdade que Tegini introduziu o nome de seu outro pretendente nessa conversa com um duplo propósito, embora citá-lo nesse momento fosse perfeitamente cabível e lógico, mas ela também buscava 'ler' em seu companheiro noturno alguma indicação ou reação que lhe revelasse aquilo que queria saber. Mas para sua frustração, ele nada respondeu. Quisera poder crer que seu silêncio denunciasse desagrado pela menção do outro, mas a verdade é que nada conseguiu em sua fisionomia detectar. Resolveu então insistir no assunto.

- Não crês que Teguilp consiga?

Após alguns instantes ponderando, ele lhe respondeu:

- Creio que talvez não haja tempo.

E ante o olhar assustado de Tegini, continuou:

- Ou mesmo que ele consiga encontrar a resposta que procura, ela de nada nos adiante.

- Por que diz isso?

- Pelo que sabemos só estamos aqui graças à proteção feliana. Se eles não mais acreditam, ou não mais querem, nos proteger, creio que muito pouca chance nos resta.

- E você se pronuncia sobre isso assim dessa maneira tão calma! Como pode? Não teme que sejamos dizimados?

Ele sustentou seu olhar impassível.

- Tegini, se eu decidisse matar quaisquer desses animais cuja memória extraímos essa noite, antes de libertá-los do processo hipnótico em que você os colocou, que chance teriam eles?

- Está dizendo que somos totalmente impotentes, que não adianta lutar?

- Estou dizendo que para melhor lutar não se pode perder a realidade de vista.

- Teguilp apresentou um plano ao Conselho dos Anciãos que é nossa melhor estratégia até agora. Aliar a Extração da Verdade aos Antigos Registros em busca da resposta que pode nos salvar. Você discorda dele e do Conselho?

Com a mesma imparcialidade de quem colhe folhas iguais de um arbusto, Arhenya expôs seus pensamentos:

- Tegini, se um ser humano ou animal passar mal em minha presença, o que será mais produtivo: descobrir o que ele tem ou evitar que ele morra?

- Uma coisa leva à outra.

- Não necessariamente. Há o fator tempo. Teguilp é um teórico estudioso. Não tenho dúvidas de que ele algum dia seja capaz de escrever um livro explicando porque os reptilianos nos atacam e abordando uma dúzia de possíveis maneiras de evitar esses ataques. Só acho que provavelmente não haverá tempo para isso e que ele morrerá junto com todos os outros antes de por seu plano em prática.

- O que você acha que devemos fazer, então? - exclamou Tegini duplamente exasperada, tanto pela gravidade do que ele dizia como pela aparente frieza com que citava seu oponente, não manifestando o especial despeito que ela gostaria de ser capaz de perceber em seu tom de voz.

- Vocês? Todo mundo? Nada. Cada um só pode fazer aquilo que pode. Teguilp

está fazendo o melhor dele. Eu vou tentar fazer o meu, muito embora esteja plenamente consciente de que minhas chances de falha e inutilidade sejam as mesmas que o cercam.

- Como assim, o que você quer dizer?

- Veja, eu sou um homem prático, que convive mais com os animais do que com minha própria espécie. Eu sou também um observador. Só que de coisas vivas, que se movem e reagem. Como você mesma pode perceber, as extrações humanas estão contaminadas de impressões emocionais, ecos de traumas psicogenéticos e uma série de interferências pessoais que se sobrepõem aos fatos que nos interessam obter a partir dos dados recolhidos nos cristais. Por isso a minha ideia é levar amanhã ao Conselho uma proposta variante: que em vez de nos atermos à análise de dados de nosso povo, que é longa e por demais poluída, que se priorizem o estudo dos dados que você e eu recolhemos dos animais. Suas reações atávicas são mais facilmente identificadas e pouparemos um tempo precioso, que podemos usar no desenvolvimento de estratégias de defesa mais eficientes. Um assunto que, se o Conselho dos Anciãos aprovar, tratarei pessoalmente com Siul'Ahan.

Tegini até interessou-se pelo plano, mas incomodava-a sobremaneira que ele se aliasse a seu pretendente guerreiro, e não conseguia de todo esconder seu desagrado. Não bastasse não demonstrar ciúmes de um, ainda desejar trabalhar em parceria com o outro?

Arhenya percebeu seu desconforto, embora não imaginasse o que lhe ia aos pensamentos, e julgando tratar-se suas reações de medo pela situação em que se encontravam, aproximou-se dela, e falou-lhe, pondo a mão em seu ombro:

- Eu não sei se o meu melhor será suficiente para salvar a mim, a você ou a nós todos, mas pode ter certeza de que não pouparei esforços para tal.

O toque de Arhenya, a intensidade do seu olhar, seu cheiro e tom de voz atingiam Tegini de outras maneiras, que ela não conseguia explicar de outra forma a não ser que a deixavam tonta e subitamente incapaz de se expressar. Ela se sentia como uma presa acuada, mas a sensação não era ruim, pois ele era um predador desejado. O peito acelerado e de certa forma a iminência de uma morte aguardada, na certeza de que ela trará nova vida após o réquiem de suas antigas certezas e convicções sobre a vida.

No horizonte, um dos sóis que iluminava aquele mundo nascia, amanhecendo e clareando o dia, numa metáfora para o que acontecia no seu interior. Marcando o fim da noite e da indiferença à vida.

## Capítulo 21 *É Impossível Ser Feliz Sozinho*

### Capítulo 21

#### *É Impossível Ser Feliz Sozinho*

Um período semelhante a um ano terrestre se passou sem que o temido novo ataque houvesse, aumentando as expectativas por uns, os temores por outros e a esperança dos menos corajosos de que tal jamais se realizasse.

Nesse período a animosidade entre Teguilp e Arhenya se consubstanciara, e para desgosto de Tegini, sem que a seu nome fosse atribuída a causa. Brigavam os dois grandes por seus pontos de vista diferentes. O bardo cria que nos antigos registros resposta para tudo encontraria, enquanto defendia o telepata a urgência de um melhor preparo para o próximo ataque, no que era apoiado por Siul'Ahan.

Mas embora não fosse citada, estava sim Tegini no passo de fundo da discórdia, pelo menos por parte de dois de seus pretendentes: Teguilp, que completamente apaixonado via na companheira a única com quem poderia trocar pensamentos e sentimentos mais íntimos, e desesperava-se, não reconhecendo nela a mesma angústia que o consumia. Esperançava-se, portanto, pobre iludido, em conquistá-la às vistas da razão, empenhando-se em comprovar sua teoria e plano de ação sobre os de seu oponente. E vinha tendo êxito, pelo menos quanto ao Conselho, pois em sua fala baseava-se no respeito às experiências dos ancestrais, era reconhecidamente um estudioso sério da Memória Antiga e o mais provável futuro chefe dos anciãos, um que certamente ficaria marcado como um dos mais iminentes. Disto não discordavam Arhenya e Siul'Ahan, mas apenas do fato de que talvez ele não vivesse até chegar esse dia, nem ninguém vivo que dele se lembraria.

O guerreiro nunca compreendeu de fato a utilidade do processo de extração de memórias, fosse com o seu povo humano, fosse com os animais, mas aliara-se para juntos dobrarem o Conselho a lhes validar junto ao povo os esforços de uma preparação de guerra, estocagem de víveres e estabelecimento de estratégias de fuga, defesa e ataque, que incluía um sistema de túneis até uma cadeia de montanhas não muito distante, mas que requeria forte demanda em mão de obra, somente possível com deliberação do Conselho, o que essa aliança lhes proporcionou. Tegini nisto colaborou com sua experiência entre os felianos, alegando a tendência do Povo Gato a estudar labirintos e diferentes e inusitadas formas de se chegar de um ponto a outro ou a um centro representativo de um objetivo desejado. Tegini lembrava-se de um exercício no qual fora treinada ainda menina, a chegar mais rápido ao centro de um emaranhado de opções, sem desviar-se e ainda obstruindo após si a possível passagem ou

tentativa de seguimento de rastros.

E nisto trabalhava pelo menos metade de todas as comunidades. Na construção de uma cidadela que, se não à prova dos ataques reptilianos, aumentava em muito suas chances de sobrevivência, ao mesmo tempo em que arruinava, com certeza, o prazer de um ataque plenamente bem sucedido. Afóra a obtenção dos mesmos objetivos práticos, Siul'Ahan via na aliança uma outra dupla utilidade. Além de disfarçar sua determinação em casar-se com Tegini, o que ele há muito percebera que mais a desagradava do que lisonjeava, lhe permitia observar e copiar os comportamentos daquele que considerava seu único rival na disputa, pois o interesse de Tegini em Teguilp nunca lhe pareceu além da afeição entre irmãos ou colegas de pensamento semelhante, assim lhe atestavam seus instintos.

Para aqueles que conviviam com Tegini também não era difícil, ao observar mais atento, determinar que o interesse da moça era muito mais forte pelo telepata animal. Difícil era compreender porque ela preteria os dois que a desejavam pelo único que muitas vezes nem assinalava ter percebido sua presença estando no mesmo ambiente.

Em período de guerra, as regras são alteradas, e não apenas Tegini, mas as outras moças, que como ela haviam iniciado as fases de contato inicial com os possíveis pretendentes, tiveram sua tradição interrompida, pois este era um protocolo para o qual não havia mais tempo – e nem o templo! – e optou-se por deixar que a vida se guiasse a si mesma, partindo os encontros e as definições de aprofundamento nas relações com os possíveis pares deles mesmos.

Tegini adorou essa consequência do caos, entretanto após quase um dos seus anos passado, era a única que não estava definida com um noivo, pois apesar de tudo, é justamente nos tempos de guerra que mais se valoriza o que é indizível e indelével para a felicidade da alma: a mágica companhia de um ser especial.

E assim deliberou o Conselho que não era bom para o povo o luto demorado e a eterna preocupação, e que, embora não tivessem colheita a comemorar este ano, pois fora esta reduzida ao mínimo necessário à subsistência, a fim de liberar mão de obra para a construção da cidadela, fariam uma festa especial, de comemoração dos fundamentos da 2ª fase da cidadela, e nesse dia, como de costume, anunciar-se-iam os noivados, marcar-se-iam os casamentos, celebrar-se-iam os nascimentos e homenagear-se-iam os que partiram – a maioria no ataque reptiliano.

Foi de Teguilp a ideia de que Tegini ficasse um pouco com cada um de seus 'novos amigos', como preferiu nomear, durante a festa.

– Assim não precisaremos sorteá-la e nem corremos o risco de sermos atacados uns pelos outros pelo prazer da sua tão rara companhia...

- Nem tão rara, convenhamos...

- Pelo menos para mim é, já que não possuo os talentos que tanto lhe agradam, como comandar exércitos ou falar com animais...

- Você possui outros.

- Infelizmente para mim, não parecem ser os favoritos entre as mulheres.

- Não o estou reconhecendo. Você não é aquele meu 2º candidato apresentado que me assegurou não estar interessado em se casar? O que houve com você? Mudou de ideia?

- As pessoas mudam. Tudo à nossa volta mudou – acrescentou em pesaroso tom. Por que eu também não mudaria?

- Ora, vamos, Teguilp, você parece muito melancólico! De todos os meus amigos, 'novos' como diz você, e 'velhos', é com você que posso me abrir e falar com menos cerimônia. Sei que, como eu, despreza esses processos burocráticos e automáticos para se conhecer alguém. Veja ao nosso redor, outros que estavam em situação semelhante e muitos que nem naquele estágio estavam, e já estão de casamento marcado! Por que você está chateado com isso agora?

- Pode parecer ruim, mas esse sistema sempre funcionou. As taxas de incompatibilidade são maiores entre os que tentam a sorte e se arriscam em relacionamentos por si mesmos, do que os que são apontados pelos mapas.

- Acho que você está ficando preso demais às nossas tradições de tanto estudar os pergaminhos de cristal! Seja mais fluido, Teguilp! Acredite mais em você! Se todos têm um par, você também tem o seu e vai achá-lo com ou sem os protocolos do templo.

Tegini falou sem pensar, e só depois percebeu que dera um xeque-mate no coração de seu amigo. Mas ele nada disse, apenas abaixou o olhar e fingiu se dedicar ao que estava antes fazendo.

- Talvez seja mesmo uma boa ideia a festa da fundação – disse ela hesitante, procurando consertar o que deixara a entender. Todos podemos tirar o foco um pouco de tantos problemas e preocupações e usufruirmos da companhia uns dos outros.

Ele riu para si mesmo, entristecido ao constatar:

- Talvez para vocês seja divertido.

- Vamos, Teguilp, você também precisa relaxar.

- Vai ser um pouco difícil escolher o melhor momento, se antes ou depois de você me dispensar para ficar com o 'grande guerreiro' ou com o 'misterioso telepata animal' . - falou amargo.

- Teguilp...

- Está tudo certo, Tegini, cada um de nós é apenas um número na imensidão do cosmo. Alguns não têm um denominador comum; os líderes populares que agradam a todos e são desejados pela maioria. Talvez eu tenha nascido um número-primo. E se este for o caso, quanto antes eu tomar conhecimento disto, melhor para mim.

- Teguilp, eu... Você... está se precipitando. Está pondo palavras na minha boca que eu não disse...

- Olhe para mim, Tegini, e me diga, olhando nos olhos – disse ele largando o que estava fazendo e colocando as duas mãos sobre a bancada. Diga-me: Eu estou “MESMO” me precipitando?

Engolindo em seco, ela procurou se recompor.

- Da forma como eu vejo, nós quatro somos todos números-primos. E tem se revelado difícil encontrar uma matemática que sirva para todos nós.

- Boa saída, minha diplomática e corretíssima Tegini... Uma pena que seu coração parece discordar da sua razão.

- Meu coração não escolheu ninguém! – acrescentou depressa, nervosa – E nem quero com isso me preocupar agora. No momento só quero ir a essa festa e relaxar um pouco.

- Minha querida – melancolicamente asseverou Teguilp, tão calmo quanto sincero – você realmente não tem porque se preocupar com as escolhas do seu coração, afinal não serão elas que determinarão a sua felicidade.

Tegini não entendeu, mas não quis mais nada perguntar. Teguilp saiu da sala, mas não sem antes esclarecer:

- São as escolhas do coração de quem o seu coração escolher que irão decidir o quanto de bênção e de maldição que você irá assumir.

## Capítulo 22 Uma Festa Para Dois

### Capítulo 22

#### *Uma Festa Para Dois*

Na festa Teguilp não apareceu. Ninguém o viu e Tegini imaginou que ele ficara trancado na Sala de Registros fazendo o seu trabalho.

Mas a moça da estrela na testa não se viu sozinha e foi acompanhada por Siul'Ahan, um perfeito cavaleiro, boa parte do dia e agora já a noite quase toda. Graças ao seu trabalho conjunto com Arhenya, eles tinham agora o que conversar mais a fundo e Tegini começou a ver que ele era, de fato, muito inteligente. Muito mais do que ela supusera a princípio. Seu pai estava certo, ela o olhara com preconceitos desde o início, e agora tinha grata surpresa.

A liderança do chefe-guerreiro era muito atrativa, a forma como conduzia a comunidade sob seu encargo, que era feliz e o admirava profundamente. Quanto mais Tegini via, mais gostava e menos encontrava bases para se desagradar de algo.

Além disso um fator natural começava a entrar em ação: a atração entre os opostos; e Tegini descobria, para seu espanto, mas aparentemente não para o de Siul'Ahan, que havia uma química que se fazia sentir mais e mais forte a cada dia entre eles.

Os braços fortes e o tronco seguro do guerreiro eram um eficaz chamariz, e ao fim da tarde, após longos olhares trocados e mantidos, quando ele a abraçou, ela não fugiu ou reagiu, apenas permitiu-se sentir a energia desse contato e o princípio de uma carícia.

Com sua ama, depois falaria:

– Não sei o que deu em mim! Por que não evitei? Por que não reagi, me afastei?

– Você cresceu sem focar no fato de que é uma mulher. Agora que não há mais treinamento feliano nem suspeitas de seu próprio povo pairando entre suas preocupações, e você está, como todos, vivendo sob a ansiedade da sobrevivência; é nesse momento que a vida mais se faz presente. E vai falar através de você, procurando se reafirmar. O que você sentiu e não pôde evitar, foi o chamado da própria vida te convidando a celebrar, entre você e Siul'Ahan, a força da vida de nossa raça.

- Mas eu não sei se quero me casar com ele.

- A sua cabeça não sabe. Talvez seu coração também ainda esteja indeciso. Mas seu corpo está lhe dizendo que a energia de Siul'Ahan é bem vinda para ser acolhida pela sua.

Tegini se sentiu desconfortável com essa descoberta, e inquiriu a ama:

- E Arhenyah? Ninguém também ainda o viu? Como Teguilp, vai se esquivar da festa ou de mim?

- Ele foi visto, sim, com os anciãos e com uma equipe de Siul'Ahan. Mas não o vi se divertindo ou aproveitando a festa. Claramente ele está aqui aproveitando para trabalhar a adiantar o andamento das coisas de acordo com o projeto dele com Siul'Ahan.

- Ama... - suspirou angustiada.

- O que é, minha menina? - não pode evitar de sorrir à ama, que a conhecia tão bem.

- Por que Arhenya não se interessa por mim?

- Por que você diz isso?

- Ele nunca, em todo este tempo, desde o início de nosso acordo, jamais cogitou ou comentou nada a respeito de uma nossa possível união. Ele é polido, gentil, até mesmo protetivo, mas não vejo em suas ações qualquer interesse particular.

- Teguilp era pior, não era? Até mesmo agressivo, e agora está sofrendo porque você não o quer. E você está sofrendo porque acha que o telepata não a quer. Engraçado como a vida se tece em círculos, não?

- Não é engraçado nem interessante quando se trata da nossa vida e estamos passando isso na pele, ama!

- Você vai achar muito interessante quando olhar de fora. Verá que é muito instrutivo também...

- Por que Arhenya não me quer?

- Acho melhor você perguntar a ele, já que ele está bem atrás de você.

Tegini gostaria de estar na Fortaleza dos Gatos nesse momento, onde havia sempre a possibilidade de deslizar por um ponto e aparecer em outro longe, requintes da

arquitetura siriana, mas isso não era possível, e embora ela não soubesse quanto de sua conversa ele ouviu, mas supondo que sua amada Ama não a teria exposto demasiado, voltou-se para encarar o telepata, seu peito acelerado e o coração batendo.

Arhenya vestia uma capa diferente, cinza com uma pedra fechando ao peito. Ao contrário do que imaginara, ele parecia de fato vestido e ornamentado para uma festa, ainda que ninguém o tenha visto celebrando.

- Pensei que iria passar a festa inteira sem vê-lo – disse ela olhando para baixo.

- Você está linda.

Seu coração pulou, e ela se sentiu boba, como se uma simples frase se sobrepusesse a qualquer outra indagação que ela pudesse ter no momento. Ele a achava linda e isso era tudo o que bastava para deixá-la feliz no momento. Mas como a felicidade dos amantes sempre dura pouco...

- Siul'Ahan não mentiu; ele que me disse que você estava especialmente bela, tendo usufruído da sua companhia mais cedo.

Ela não sabia se ouvi-lo dizer isso a fazia sentir raiva de Siul'Ahan, vergonha de si mesma ou desespero pela aparente imparcialidade do telepata.

- Eu o procurei, mas você aparentemente não queria ser encontrada... – disse ela sem conter certa agressividade na voz.

- Eu estava com Lentara trabalhando junto aos animais da comunidade de Siul'Ahan, que não haviam ainda passado pela extração.

- Por que não me chamou?

- Hoje é dia de festa. Você certamente quereria se divertir.

Tegini estava tendo muito dificuldade em distinguir seus sentimentos entre zanga, frustração, tédio e revolta. E isso se traduzia no tom agressivo de sua voz:

- Se você tivesse perguntado ao invés de presumir!

- Basta olhar para você. A filha do chefe hoje, merecidamente, veio celebrar junto ao povo. Eu não estragaria isso para você.

A calma com que ele respondia só piorava o seu desagrado. E Tegini começou a desejar ir embora da festa, sumir dentro de sua casa e não ver mais ninguém. A celebração parecia ter se estragado. Por um momento passou-lhe pela cabeça que provavelmente Teguilp havia se sentido o dia inteiro assim. Ela pensou que não desejava magoar o amigo, e quando ele lhe perguntara sobre seus sentimentos, se recusara a responder-lhe francamente. Arhenya agiria assim? Ela não teve coragem de perguntar.

- Está tarde, é melhor eu ir embora.

- A Festa ainda perdurará até mais tarde. Tem certeza de que deseja ir embora agora?

- Dê-me um bom motivo para ficar! - ela se viu respondendo antes de ter tido tempo para pensar no que dizia.

Ele riu, claramente divertido.

- Acho que podemos achar algo gostoso para você comer e espantar esse mal humor. Se for para casa dormir azeda assim, com certeza terá pesadelos.

- Você é muito abusado...

Mas antes que ela terminasse os insultos, ele a puxou pela mão para o centro do que antes do ataque era a praça central, onde havia quitutes variados, feitos a partir dos frutos da colheita. Tegini só percebeu onde estava quando chegou lá, pois não prestou atenção no caminho, apenas no fato de que ele segurava sua mão com força, conduzindo-a firme pela multidão, um toque prolongado com o qual ela sonhara por muito tempo sem nunca ter experimentado nada remotamente parecido, pois ele raramente a tocava.

No meio da praça ele foi pegando vários pequenos quitutes e pondo-lhe direto na boca, sem dar-lhe muito tempo para engolir, girando-a rapidamente pelo meio do local entre as tendas e barracas.

- Prove este, esse e esse! Este aqui também é muito bom!

Com os dois últimos ainda dentro da boca, ele a girou e finalmente parou com ela bem no meio da praça onde suas cabeças eram cobertas pelas estrelas e perguntou, de frente para ela, segurando suas duas mãos:

- E então, está mais bem humorada agora?

Com a boca cheia ela começou a sorrir. E a tossir. Arhenya também sorria abertamente como ela nunca havia visto, e era simplesmente lindo de se ver, os olhos e o sorriso harmonizado na mesma satisfação divertida. Tegini estava hipnotizada, e desse momento tentaria repetidamente se lembrar, dias depois, tentando entender o que aconteceu.

As mãos de Arhenya subiram das suas até seus cotovelos, e ela sentiu o calor aumentar. Mas era normal, não era? Afinal ele usava uma capa de pelos e ela estava agora praticamente dentro dela também... Os olhos dos dois nunca se desviaram e ela só se lembrava depois de tê-lo ouvido dizer:

- Eu não vou deixar você se casar com Siul'Ahan, Tegini. Você é minha!

E ele a beijou. Ali, no meio da praça e de todo mundo, sem nada de ninguém a esconder. Por uns breves instantes eles foram um só, unidos por um beijo dentro de uma capa cinza, até que ela se lembrasse de seu pai e do que ele pensaria se a visse agora. Então ela abriu os olhos e viu, não muito longe, Siul'Ahan falando com Teguilp, que apontava para cima. Ainda sentindo os lábios de Arhenya sobre os seus, Tegini olhou para cima, para as estrelas pairando eternamente sobre os dois. Mas havia algo muito errado.

As estrelas estavam se mexendo.

Aos gritos de “Ataque! Ataque!”, mais uma noite escura sobre a aldeia desceu.

## Capítulo 23 De Amor e de Medo

### Capítulo 23

#### *De Amor e de Medo*

O ataque foi rápido, embora ainda mais potente do que o primeiro; entretanto Siul'Ahan e Arhenya poderiam comemorar junto ao Conselho dos Anciãos, pois seus planos de construir um labirinto que servisse ao mesmo tempo de abrigo, rota de fuga e estratégia de guerra teve pleno êxito e apenas o que havia sido reconstruído desde o ataque permaneceu, senão intacto com mínimas avarias, como também o número de baixas foi extremamente pequeno, principalmente se levado em conta as condições e o impacto com que o ataque ocorreu.

Teguilp também estava certo, no fim, e procurara os anciãos no exato momento, pois descobrira enfim algumas informações palpáveis a partir do cruzamento dos registros antigos dos cristais e dos dados das extrações animais, que de fato, como Arhenya e Tegini postularam, revelaram-se muito mais coerentes e objetivos do que os humanos.

Teguilp descobrira que os antigos registraram que a maior parte dos ataques ao seu povo davam-no no antigo planeta sempre coincidindo com datas sagradas de comemoração. O que não sabiam na época e que lhes fora ensinado pelos felianos é que essas datas são frequentemente estabelecidas, ainda que de forma inconsciente, quando o planeta se encontra sob ação de energias cíclicas inconstantes e alteradas, pois como todo ser vivo, a terra, seja em que planeta for e mesmo que nem de solo sólido seja formado, estará sob influência de seus ciclos energéticos, assim como todo ser vivo está à mercê de seus ciclos hormonais. Equinócios, solstícios, lunações e marés permeiam os sinais indicativos que marcam essas alterações energéticas e são, ao longo de muitos universos, presentidos, celebrados ou temidos por diferentes povos, independentemente de seu nível cultural ou intelectual, pois se trata de verdades biológicas, geológicas, físicas e químicas, portanto acessadas de forma visceral dentro do atavismo de cada ser.

Ao fim de seu mundo, os ataques tornaram-se intermitentes e sucessivos até a destruição do planeta. Teguilp expôs aos anciãos sua tese de que se portais se abrem nas datas sagradas é porque os campos de força naturais de um planeta, nessa ocasião, estão mais vulneráveis, e que ao fim do ciclo existencial do seu orbe natal, o dano causado ao interior

daquela terra pelos ataques sucessivos dos répteis devem ter 'desconfigurado' o padrão vigente devido às armas do inimigo desestabilizarem a natureza reguladora da vida no local. Com base nisso, o bardo procurou o chefe pai de Tegini, a fim de darem ordem de recolhimento a todos e cessamento da celebração, sem alarde, mas como medida preventiva para não expor demais a população a céu aberto.

Para infelicidade de todos, sua teoria comprovou-se instantaneamente, e à frente dos chefes agora era preciso encarar uma triste previsão: as datas dos próximos ataques estariam próximas, pois a época das cheias e uma especial lunação celebrada pelo seu povo logo viriam, além disso um eclipse estava também a caminho próximo à segunda data.

E, sim, ele vira Tegini beijando Arhenya.



Tegini e Arhenya separaram-se em meio à confusão. Ela sabia que ele ia combater ao lado dos guerreiros de Siul'Ahan, e ela foi ajudar como e onde pôde.

Na grande reunião ela foi inteirada, como os demais líderes da resistência, da situação e das novas descobertas de Teguilp. Mas seu olhar para ela lhe deixou claro que ele havia 'descoberto' mais de um motivo para lastimar.

Ainda na chegada, Siul'Ahan saudou-a, preocupado com seu bem estar, quis saber onde estivera e como se protegera durante o ataque. Ela achou por bem não perguntar sobre Arhenya, embora ansiasse por notícias dele.

Durante a reunião, durante a exposição de Teguilp sobre suas conclusões, Tegini começou a sentir-se muito incomodada, embora não conseguisse precisar o porquê, e acabou por atribuir isso ao estresse pelo ataque sofrido e sua angústia por notícias de Arhenya.

Ela queria tanto saber se ele estava bem quanto continuar a conversa que mal haviam começado, e por cuja conclusão Tegini ansiava.

Pouco antes do fim da reunião uma de suas angústias foi sanada. Arhenya surgiu num dos portais de entrada da sala e de pé permaneceu, sem acercar-se da grande mesa de reunião. Ele estava aparentemente muito bem, apenas um tanto sujo e visivelmente cansado. Em nenhum momento ele olhou para ela. O olhar reto sobre o chefe ou sobre quem falava manteve, e à dispensa do ancião-mor saiu apressadamente antes que qualquer um tivesse tempo de a ele se dirigir.

Tegini quis acreditar que ele talvez temesse seu pai, a quem respeitava, mas o aperto no peito a inquietava. Saiu decidida da sala, disposta a encontrá-lo e dar a ele a

oportunidade que ela desejava que ele estivesse aguardando, de estar a sós com ela para, pelo menos, indagar se ela estava bem, depois de tudo.

Somente Teguilp a viu sair, e certamente sabia aonde ela ia; Tegini o viu a tempo no final do corredor, antes de ganhar a rua. Correu chamando-o, mas ele não se virou, nem lhe atendeu.

Ela continuou a correr em seu encaço, e lá fora o viu assoviando para chamar Lentara. Ela percebeu que ele sem dúvida a via, mas não estava satisfeito por ela ter vindo à sua procura. Com a fisionomia desgostosa ele evitou encará-la mesmo quando ela estava a seu lado, e prosseguiu aviando o animal para partirem.

- Arhenya, eu queria saber se você está bem?

- Sim.

(...)

- Esperava vê-lo na reunião, mas você só chegou no final...

Mas ele nada dizia e continuou a preparar Lentara.

- Você...

Era como se ela nem estivesse ali, ele simplesmente não se dava conta da presença dela. Medo a invadiu e ela preferiu partir.

- ... acho que é melhor você ir para casa descansar.

E se afastou, com o peito trêmulo pelos receios que só os apaixonados compreendem.

Ele nada disse ou demonstrou. Mas a meio caminho entre onde eles estavam e a entrada do templo ele lhe alcançou. E Tegini queria ter se alegrado por isso, mas seu coração lhe dizia que era melhor não...

- Tegini!

Ela virou-se para ele temerosa por ser castigada por uma culpa que não sabia possuir.

- Eu não posso... Sinto muito.

Ela não entendeu. Ou não quis entender.

- O que você não pode?

- Olhe, eu sei que você me quer, mas não vai dar certo. Nós temos uma guerra para lutar e nunca foi minha intenção me envolver com ninguém, muito menos com propósito de matrimônio. Você é filha de um chefe, uma princesa, siga seu destino.

- O quê? O que você...

- Me desculpe por lhe dar esperanças. Eu me deixei levar pelo clima da festa e, além disso, eu sabia que você havia passado muito tempo com Siul'Ahan, queria competir com ele. Foi um erro e eu me aproveitei da sua vulnerabilidade.

Tegini não sabia o que dizer. Ou pensar. Ou sentir. Pois nada mais no seu mundo parecia ter qualquer coerência.

- Eu só queria que você soubesse que foi muito proveitoso trabalhar com você junto aos animais. E eu espero que você seja feliz.

O telepata animal virou as costas deixando para trás uma Tegini muda, chocada não mais pela destruição do mundo ao seu redor, mas dos seus sonhos e de toda lógica que havia em seu universo interior. Aquela cena que ela acabara de viver simplesmente não era para ter acontecido.

Mas havia acontecido. E suas lágrimas eram mais as de uma criança perdida do que as de uma amante entristecida.

## Capítulo 24 Outra Flor de um Mesmo Pé

### Capítulo 24

#### *Outra Flor de um Mesmo Pé*

Cecinim colhia flores para o altar enfeitar, especialmente os pés e o ventre da imagem do que na Terra seria a Cibele antiga, mas para eles um ancestral, mãe da terra e provedora da fertilidade. Cecinim queria enfeitá-la e em sua felicidade a ela orar pedindo bênçãos para seu ventre logo conceber um fruto de seu amor.

Cecinim tinha gene recessivo, que lhe davam cabelos de um tom bem mais claro que o habitual em seu povo, e olhos que no escuro se estreitavam como pupilas de gato. Era uma das últimas detentoras desse gene, que no tempo de Tegini já não seria mais visto, e dizia-se, como lenda, e muitos nisso acreditavam, que esse gene era fruto de hibridização com os felianos, ocorrida com as primeiras gerações de humanos nascidos em Sirius C. A tentativa não dera certo, ao menos para as expectativas sirianos, que pretendiam com isto acelerar o padrão de evolução humana, inserindo algumas características de sua espécie, como instinto mais aguçado, raciocínio mais rápido e agilidade física e mental. Cecinim, como a maioria, apresentara apenas variações na aparência física, dotando-a de rara beleza, mas seu comportamento era tão humano como teria sido o de sua bisavó na antiga terra de Sirius A.

Cecinim casara-se com outro suposto fruto dessas experiências, visto esse assunto ser apenas um boato para o qual não havia qualquer confirmação. Os felianos, anfitriões que lhes pouparam a vida, certamente não lhes prestariam conta de suas ações. Os mapas dos primeiros modelos modificados pelos felianos para se adaptarem às novas posições celestes assinalaram Cecinim e seu par como almas extremamente compatíveis. E a previsão não fora equivocada. Atraídos de imediato, não houve segundo ou terceiro encontro formais, pois o casal simplesmente não mais se desgrudou desde o primeiro instante, indo para a casa de seus pais apenas para dormir até a data de sua união, que foi bastante acelerada. Escolheram uma casa no alto da montanha, que se enchia naturalmente de pequenas flores brancas na época da floração. Sua casa era uma rústica caverna, mas confortável e dotada de todos os utensílios necessários e habituais de seu povo. Sem dúvida era um lar aconchegante. E mais aconchego ainda lhe provia o casal, cujo amor enchia o ar a seu redor, cada cômodo e ambiente, na combinação perfeita de duas energias cujas mentes, necessidades, anseios, receios e desejos para

o futuro vibrava na mesma sintonia. Cecinin e seu par era o que se poderia chamar de almas-gêmeas, e como tal, eram tão felizes como pode a mente humana imaginar que um casal pudesse ser.

Trabalhavam, cuidavam-se e brincavam juntos sob os sóis e sob as luas que lhes amparavam a existência e lhes iluminava os dias. A felicidade, quando intensa, parece ser para sempre, e do passado se esqueceram, do futuro não lembravam. Apenas viviam, como devem fazer aqueles que mais têm sabedoria. E assim passou-se um tempo, que embora contado não fosse tão longo, para ambos seria eterno.

Mesmo quando viesse a se tornar apenas lembrança.

O casal desejou filhos, seres vivos forjados ao menos em parte da mistura de si mesmos, plasmados da intensidade do seu amor e nutridos pela sua felicidade.

Cecinin ia ao templo frequentemente, ajudar no que fosse preciso, e no que mais gostava, ornamentar com flores a sacralidade do local. Com o excedente das flores que colhia, enfeitava a si mesma, e depois ao seu lar. E desejava o mais breve poder ornamentar a própria cintura, quando vida em seu ventre já se fizesse, como era o costume das mulheres da aldeia.

Existem coisas que não se consegue entender. Outras que não é possível prever. Ninguém lhes avisou do que ocorreria, nenhuma sibila, nem mapa, presságio ou profecia. Simplesmente aconteceu e ninguém entendeu ou se conformou: durante a troca do primeiro para o segundo cristal, ele simplesmente se ativou e atingiu as vigas do local, num choque de energia que desestabilizou a matéria de sustentação do templo. O teto caiu, empurrando as paredes para baixo, enterrando a si mesmo numa funda cratera sob os escombros. Assim que perceberam a desestabilização do cristal, os felianos e os três humanos presentes durante a instalação no centro do templo saíram. E assim comunicaram que, embora houvesse necessidade de reconstrução do templo, ninguém se ferira.

Mas eles estavam enganados.

O marido de Cecinin não a encontrou em casa pela manhã, e nem nos três dias seguintes. Desesperado sua angústia terminou no terceiro dia da retirada dos escombros. Nem os felianos nem os oficiais do templo viram, na minúscula sala de ex-votos, a bela moça que em prantos agradecia pelo milagre que de si viria, e preparava ali, no recluso ambiente iluminado apenas por velas, como mandava a tradição, na incidência dos primeiros raios da manhã, a primeira cinta de flores que lhe cingiria o ventre, a fim de apresentar-se frente ao marido, dali em diante, como uma mulher abençoada.

Mas quando ele a encontrou, as flores do cordão não terminado ainda estavam em suas mãos.

Foi um triste enterro e uma triste despedida para todos, especialmente para o marido, que aos felianos culpava pelo ocorrido.

Depois da morte da esposa, solitário optou por viver dedicado aos animais, e foi o primeiro caso de manifestação tardia, da alteração genética implantada no registro genético (DNA) humano pelo Povo Gato. Do seu luto e sua solidão, Arhenya descobriu que podia se comunicar com os animais, especialmente os felinos.

Ele também tomou uma decisão; em seu julgamento, senão sábia, ao menos auto protetiva: Ele não iria nunca mais amar ninguém nessa vida.

## Capítulo 25 De Orixás e Filhos, Arquétipos e Estribilhos

### Capítulo 25

#### *De Orixás e Filhos, Arquétipos e Estribilhos*

Era uma vez uma moita que surgiu do nada ou do tudo que também é chamado Deus e que crescia indefinidamente a partir do seu centro irradiador de essência. Ramos dela se estenderam por todo universo, e suas flores tinham cores até mesmo um tanto diferentes, de acordo com seu tempo de maturação, mas todas eram seguramente, filhas de uma mesma mãe, vindas de uma mesma raiz e detentoras de uma mesma essência, ainda que essas flores pudessem apresentar características diferentes nos ramos que floresciam nas terras do frio, das que vicejavam nas terras do calor, do tipo de solo e ambiente que lhes envolvia e permeava a existência e sobretudo do tratamento que recebessem de quem lhes olhasse.

Se três dessas flores, coletadas em pontos absolutamente distintos, que lhes granjeasse estilos, cores, tamanhos e formatos ligeiramente diferentes, ainda assim, sob o auscultador universal, que é a medição pelo som, as notas que todas emitiriam seriam exatamente as mesmas, ordenadas na mesma sequência, ainda que vibrassem em escalas, ou oitavas, diferentes.

Cecinín e Tegini eram florescências de um mesmo ramo.

Arhenya de outro que com esse se afinizava perfeitamente.

Siul'Ahan e Teguilp, cada um expoente de um 'arbusto' de essência própria, também se sentiam atraídos por esse tipo de 'música' emitido pelo padrão essencial de Tegini. E caso tivessem conhecido Cecinín, por ela também teriam se atraído.

Mas há outros 'padrões musicais' que atrairiam Siul'Ahan, mas não Teguilp, assim como também o caso inverso.

A tragédia de Arhenya deu-se muito tempo atrás, muito antes de Tegini nascer. Embora ele não demonstrasse idade na aparência, tanto pelos cuidados dos rigores físicos como pelo extremo exercício mental que a telepatia lhe proporciona, era seu material genético manipulado pelos felianos – que muito lentamente envelheciam – que lhe proporcionava a jovial aparência. Mas ele vira a troca do cristal, algo que somente o pai de Tegini e dois outros anciãos se lembravam, pois eram muito jovens quando tal ocorreu. E somente eles sabiam da verdade sobre o telepata praticamente ermitão.

Há ainda uma questão a ser resolvida, tal qual matemática de complicada equação:

Há os números que se dividem por quase qualquer denominador comum, assim como arranjos que se adequam a diversas composições. Mas há melodias que se hermetizam em arranjos inusitados, tais quais há números-primos.

A problemática dessa nossa equação é que tanto Arhenya, como Tegini e também Teguilp, são todos números-primos.

## Capítulo 26 Todas as Coisas Chegam ao Fim

### Capítulo 26

#### *Todas as Coisas Chegam ao Fim*

Só uma nova história pode consolar e entreter o coração dilacerado pelo vazio da perda de algo caro. E às vezes mesmo no intercurso de ciclos, após um período de grande sofrimento, guerra ou solidão, o vácuo necessário para limpeza dos registros astrais de um cenário, previamente necessário ao início de novo ato na vida dos eternos atores/personagens, traz consigo uma essência que pode ser percebida por uns como uma melancolia deprimida, uma ansiedade depressiva ou até uma excitação bipolar, pois é da nossa natureza nos inconformarmos perante situações indefinidas, e procuramos dar termo ao que nos é causa de insegurança. Nesse período próprio do ser, é comum tomar-se atitudes precipitadas, que vão desde um casamento súbito com alguém que não se conhece há muito, a decisões 'eternas' e dramáticas, como a de nunca mais vir propor-se a amar novamente; alguns nesse período desenvolvem fobias, ainda que não as manifestassem no período do maior sofrimento, pois a resiliência tem a característica de suprimir reações vazantes da psique humana por um dado período, até que em situação de menos estresse, curiosamente, o que estava reprimido ou represado vem a se manifestar, muitas vezes para espanto dos que convivem com a pessoa e a julgavam forte por terem-na visto passar pelo 'fogo' sem demonstrar grandes abalos.



Tegini decidiu não mais pensar na cena que vivenciou ou nas palavras que ouviu de Arhenya. Riscou-o mentalmente de sua lista de possibilidades e esperanças futuras, e como a dor da rejeição que via nos olhos de Teguilp lhe lembrava a sua própria, investiu no guerreiro, e com Siul'Ahan firmou vários compromissos de união à sua comunidade, que agora frequentava diariamente, como consoava às noivas fazerem antes do anúncio do casamento. Lá era bem quista e totalmente aceita. Entre os comandados de Siul'Ahan não havia espaços para incertezas, pois ele assim os instruía, e era certo para todos que Tegini seria a esposa de seu chefe, algo como sua rainha, e ela era vista como uma aquisição útil, próspera e benévola para aquele grupo.

A não ser por Praxínia, jovem adolescente que dividia um pouco mais do que

deveres e admiração por seu líder. Todo ser sob pressão tem seu mecanismo de liberação, seja de conhecimento público, seja oculto aos olhos dos demais, pois O Grande Guerreiro espera o momento de ser desejado pela filha do Grande Chefe no limite de sua resistência, o que ainda não ocorrera, e ele não pretendia esperar esse dia chegar demonstrando-lhe sua impaciência. Para isso a beleza juvenil, a inocência e a doçura da rendição carnal de Praxínia serviam a ele muito bem. Sem muitas ou nenhuma promessa, mais como um favor que se presta ao rei para seu próprio bem e usufruto compartilhado. Mas Praxínia achava que seu único infortúnio era a favorita, e desejava, com todas as suas forças, excluí-la da proximidade com o chefe-guerreiro que sempre julgara seu.



Ao fim de uma das longas tardes que marcavam um longo dia naquele calendário longínquo, após não ser visto por ninguém desde o último ataque, Arhenya finalmente volta à área central da aldeia para falar com um ancião. É o pai de Tegini que ele encontra na sala.

- Senhor, tenho assunto de grave importância para tratar.

- Diga, Arhenya, o que lhe preocupa.

- É preciso reunir os anciãos para partilhar o que venho dizer ao senhor em particular. Desde o último ataque tenho me comunicado com os animais próximos a minha gruta, e Arúap tem me ajudado nisso. Senhor, há um vácuo na linha de pensamento de todos os animais.

- Como assim?

- A mente animal é mais rápida que a nossa, pois se baseia em reflexos instintivos, memória atávica e aprendizado de cada indivíduo somado à sua alma-grupo. Devido a essa estrutura mental, não há hesitações alongadas motivadas por traumas e psicoses típicas da nossa espécie. Um animal, mesmo que exposto à situação extrema e traumatizado, sempre reagirá mais rapidamente e de forma mais objetiva que um humano, pois sua leitura interpretativa da realidade que o circunda é objetiva, empírica e factual. Foi por isso que trabalhei com Tegini na extração da memória deles, priorizando-as às humanas, em busca de respostas mais rápidas.

- Que você já compartilhou conosco, segundo me consta.

- Sim. Porém, senhor, algo do qual suspeitava e sobre o qual sequer comentei com sua filha, devido o terror que essa informação pode causar, se mostra uma possibilidade a cada dia mais real.

- Do que você está falando?

- Os animais têm canais de percepção muito mais avançados que os nossos, eles leem a natureza de forma que para nós é impossível, pois nossos sentidos são cegos e extremamente precários se comparados aos deles. E é isso que me preocupa. Os animais não têm calendário, mas sabem quando virá o inverno e se preparam para tal; as aves sabem quando vai chover com horas de antecipação, assim como os insetos, e o ciclo reprodutivo lhes induz inexoravelmente ao instinto de construir o ninho e prepararem-se para a chegada e proteção das crias. Mestre, os animais não entraram no cio, nem os selvagens nem os que são criados aqui, como na comunidade guerreira. Ao entrar na mente deles, percebi que a informação de cio, que já reconheci na mente de inúmeros animais, inclusive na minha Arúap quando ela deu à luz Lentara, é como uma esfera brilhante púrpura que vai se avermelhando até tingir dessa cor em brilhos todos os órgãos vitais dos animais, de forma que todo o seu organismo reage de acordo com o comando dessa luz. Ela já devia ter se manifestado há três semanas, no mínimo, contando com todos os atrasos possíveis pelo stress que os animais passaram, mas não há nada, nenhum ninho, nenhuma luz no centro do cérebro, nenhum instinto invernal, nada! Nem os pássaros preparam ninhos nem os animais silvestres guardam reservas do outono! Intrigado por isso, chefe, junto a Arúap, entrei o mais fundo que pude na mente de mais de três dezenas de animais, tanto do campo aberto como aqui das comunidades e eles estão sem comando futuro. O animal sempre tem uma margem curta de planejamento e previsão, já que não compreendem noções de futuro ou passado em longo prazo como nós, vivendo um presente mais estendido, mas eles sabem e planejam, por exemplo, dormir em determinado horário para caçar mais tarde quando for mais propício, ou para poupar energias para atividades que sabem que exercerão em breve, com humanos seus guardiões ou com filhotes. Eles estão todos de um modo geral com reações mais lentas, como se o seu instinto e vitalidade estivessem enfraquecidos.

- Por Deus, o que você está querendo dizer, Arhenya?

- Quem regula o instinto animal, grande chefe?

- O coração da Mãe-Terra.

- Se o coração da Mãe-Terra não está enviando sinais para suas crianças mais sensíveis e dependentes da fala dela para viver, isso só pode significar que ela está muito doente e que não consegue mais fazer isso, pois a mãe jamais deixa o filho à deriva por sua vontade.

- Oh meu Deus! O campo magnético alterado que Teguilp falou, cujas falhas

propiciam os ataques do Povo Réptil. Nossa casa está doente!?

- Senhor, eu acho que isso explica a atitude dos felianos para conosco.

- Precisamos falar com todos o quanto antes! Tegini e Teguilp principalmente, talvez eles possam encontrar uma pista que nos direcione e auxilie nossa sobrevivência.

- Vou procurar Teguilp; o senhor fala com sua filha.

- Talvez seja melhor você falar com Tegini, já que trabalharam juntos... - manifestou-se aqui o pai, pela primeira vez nessa conversa entre dois seres que se respeitavam.

- Senhor, acho que sua filha não gostai de me ver...

- Arhenya, eu não me intrometo nos assuntos de minha filha, mesmo quando eu deveria e poderia fazê-lo. Quando ela era pequena meu pátrio poder foi praticamente retirado à força pelos felianos, povo no qual, apesar da imensa dívida de gratidão que temos, não confio; então não é agora, em que ela faz sua escolha mais importante, que é a de um companheiro para toda sua vida, que eu hei de interferir. Mas eu quero que você saiba que não contei a ela sobre Cecinin, e acho realmente, que você deveria fazê-lo.

- O senhor sabe do respeito que lhe tenho. Jamais desejei magoar Tegini, mas nos tempos de crise que vivemos não há tempo para perder energias com assuntos que dominam nossas mentes e nossos sentidos, um luxo que não podemos nos permitir agora.

- Arhenya – falou pesarosamente e com toda a autoridade de um chefe que também é pai – apesar de tudo, a minha filha merece saber por que foi rejeitada por você.

## Capítulo 27 Frente ao Pior Cenário

### Capítulo 27

#### *Frente ao Pior Cenário*

Todos os que eram alguém detentor de responsabilidades ou reconhecidamente dotados de faculdades úteis num momento de crise teve seu assento, ou presença, convocado para a reunião maior que se seguiu após a da cúpula detentora dos destinos dos humanos naquela estrela de Sirius; também presentes para o esclarecimento de qualquer dúvida e também para tranquilizar os vice-líderes encarregados de fazer tornar crente a população quanto ao que os aguardava.

Após todas as informações cruzadas, a situação era basicamente a seguinte, descrita e exposta a todos pelo grande ancião:

– Meus filhos e filhas, que a Paz seja em nós mesmo nas horas mais difíceis. Os melhores entre nós reuniram seus talentos e saberes a fim de chegarmos a uma conclusão sobre o futuro dos ataques de nossos antigos inimigos, que nos têm rondado. E as notícias que partilhamos agora com vocês, não são as que gostaríamos de oferecer, mas antes de qualquer outra palavra dita, quero lembrá-los de quem nós somos, de onde viemos e para onde vamos. A nossa história, como homens do Povo Vermelho, é uma história de lutas, derrotas e avanço incessante. Nossos inimigos nunca foram para conosco gentis e nem sequer aceitaram que tivéssemos o direito de existir, ainda que biológica, e como consequência do amadurecimento de nossa espécie, não apresentássemos a eles nenhum risco. Nossos irmãos espalhados em outras estrelas há muito pereceram e não sabemos se há outros de nós lá fora, além do cinturão de luz que nos protege. Desconhecemos o total da Semeadura, apenas sabemos que em todos os luzeiros em que viviam nossos primos e primas distantes, nenhum houve que não se apagou com a destruição empreendida pelo Povo Lagarto. A vida para nós nunca foi de facilidades ou benesses sem fim, entretanto ainda estamos aqui. Fracos e em menor número, com muito menos conhecimento tecnológico, ainda estamos aqui. Desta última vez pela graça daqueles que se colocaram como nossos irmãos mais velhos, o Povo Gato, que nos acolheu em sua enorme casa, uma casa com cômodos demais para que eles se importassem de habitá-la

sozinhos; e embora tenhamos sido hóspedes trabalhosos, visto o quanto de sua ajuda necessitamos para subsistir, estamos aqui. Em verdade lhes digo que todos aqui estão vivendo uma sobrevida, pois não fossem eles a interferir com sua capacidade e experiência infinitamente além da nossa, este povo teria sido extinto há quatro ou cinco gerações atrás. Portanto, cada pai, filho e neto de vocês, já vivem abençoados, pois pela vontade de nossos inimigos, nenhum de nós hoje existiria ou aqui estaria debatendo qual o próximo passo a seguir.

Respirou fundo ele, e continuou:

- Então, meus filhos, eu lhes tenho um questionamento a fazer: quero que imaginem que vocês fossem peixes que nadam por um rio e avistaram famílias de castores, de animais de quatro patas, a morrer num incêndio na selva, e vendo-os ali na agonia resolvessem ajudá-los e então lhes dissessem para acompanharem-nos às margens do rio, até o mar, onde pedras imensas flutuassem e através delas a uma ilha chegassem onde então poderiam esses animais viver. O que fariam vocês? Avisariam dessa possibilidade, os levariam até lá, não? Então gratos esses animais, os castores, passariam a viver, mas em condições extremas, não seriam mais os mesmos que viveriam na floresta, agora totalmente queimada, extinta e sem condições de vida a oferecer. Os castores ficam na ilha, pois não têm escolha, adquirem novas habilidades, se transformam em algo novo, desenvolvem novas habilidades que são passadas às novas gerações, serão chamados talvez de 'castores do mar', ou 'camarões de pelo', mas embora não sejam mais os mesmos, preservam a essência daquilo que os criou, e isso é que importa. Passam-se os anos, felizes todos estão, mas eis que os peixes que habitam o fundo do mar descobrem nele rachaduras e por morarem nas profundezas e conhecerem o comportamento do mar, sabem eles que a paisagem irá mudar, que a água tomará mais altura e suplantará as rochas, as ilhas, por milhas e milhas até onde a vista alcança. Desta vez os peixes não têm um lugar para levar ou para indicar aos castores. O que, julgam vocês, devem os peixes fazer? Avisar que a desgraça virá ou deixar que os seus antigos hóspedes vivam até o dia em que as águas não lhes permitam mais?

A essa altura, metade do salão chorava e a outra perplexa em silêncio se indignava.

- Bom, meus filhos e filhas, a nossa situação hoje é similar à desses hóspedes castores. Nossos anfitriões felinos foram embora, romperam conosco contato e tudo nos leva a crer que assim o fizeram por não ter dessa vez uma solução a nos oferecer. Talvez nem eles mesmos saibam o que fazer para defender a si próprios, pois dessa vez não é uma ilha ou um

rio que está para desaparecer, mas a casa que sempre chamaram de lar e que nos foi emprestada até agora. Como vocês sabem, todo fruto nasce, amadurece e perece, deixando suas sementes; ao que parece esse planeta é fruto muito antigo e já está em sua fase de desintegração. Sua energia tornou-se mais lenta e irregular; os animais o sentem e a nossa colheita também. É devido a essas falhas telúricas e magnéticas que os equipamentos de proteção anti-naves reptilianas têm falhado, e ao que parece nossos inimigos sabem disso e aguardam esses momentos para nos atacar, da mesma forma os ataques cessam assim que os espasmos da mãe-terra, que ora colapsa, se extinguem, pois no momento em que as energias se realinham o campo de força estabelecido pelos felianos volta ao seu funcionamento normal, o que desintegraria as naves dos inimigos.

- Perante todos esses fatos – continuou ele – nossa situação faz com que as seguintes providências tenham sido tomadas: Primeiro, não nos desesperaremos nem amaldiçoaremos nossa sorte. Lembremo-nos de quem somos: sobreviventes. E se sobrevivemos foi não somente porque o Povo Gato teve para conosco sentimento de caridade, mas porque o Grande Mistério assim quis e se Ele o quiser, e somente se Ele quiser, teremos vida por uma hora, um dia, um ano ou mais quatro ou cinco gerações. Da mesma forma que nossos ancestrais não tinham esperanças e foram salvos, isso também pode estar a nosso alcance. E se não estiver, e morrermos todos, essa decisão nunca esteve em nossas mãos, portanto não há motivo algum para por ela se desesperar. No fim é o Grande Mistério que decidirá por nós.

Retomou fôlego e continuou:

- Segundo, ocupemo-nos fazendo o que nos cabe e o que podemos para melhorar nossas condições. Os ataques podem ser curtos e até mesmo demorarem muito a ocorrer. A comunidade de Siul'Ahan trabalha desenvolvendo abrigos que nos ofereçam melhores condições de sobreviver tanto aos ataques como a possíveis turbulências e tribulações do planeta. Arhenya trabalhará com os animais na previsão de quaisquer eventos pertinentes que possam ser avisados com antecedência para segurança de todos. Teguilp e os guardiões do passado buscam informações nos cristais que possam vir a nos ser úteis na preservação de um futuro comum. Há trabalho de sobra para todos e nenhuma razão para perder tempo com lágrimas agora. Elas terão seu momento, infelizmente, nos dias que virão, então não há porque querer antecipá-las. Afora a necessidade de reuni-los para pô-los a par da verdade e urgir a redobrada de sua força de trabalho, mais que tudo, quero recomendar-lhes que preencham os espaços da lamúria com risos, o do temor com beijos dos seus filhos e seres amados, o das

dúvidas sobre o amanhã com a certeza da presença de quem vocês amam, hoje, na sua vida. E essa não é uma mensagem de esperança, com palavras doces e vazias que lhes dou, em vez disso o faço com a única absoluta verdade que há para oferecermo-nos uns aos outros no momento. Porque sim, pode ser que amanhã ao meio-dia, ou daqui a três luas ou quiçá, se tivermos sorte, quando já forem crescidos os seus filhos pequenos, eles morram diante dos seus olhos ou pereçam seus amados e amadas distantes de si, onde não puderam lhes ajudar ou segurar suas cabeças ao observar o seu último suspirar, e a dor de não ter dito adeus a dilacerar a cada um de nós. Essa terrível e cruel perspectiva é real, sim. Mas ela ainda não chegou. Hoje, agora, nesse momento, ela ainda não está aqui. Hoje, amanhã se puderem, e a perder de vista nesse nosso futuro sem data, enquanto puderem, VIVAM, amem seus amores e aproveitem cada instante e convívio, seja trabalhando, seja no lazer. Usufruem o direito divino que ainda nos é estendido: o da comunhão com os nossos.

O Pai Maior da Tribo estava cansado, suor lhe escorria da testa, mas sua oratória surtia efeito nos ânimos de todos ao redor, que precisariam passar adiante esse mesmo fervor, essa mesma energia.

- Trabalhem com esperança e prudência, que o amanhã que desconhecemos possa nos encontrar bem preparados e que os temores possam ser anulados pelo destino ou anestesiados pela felicidade que agora sentimos pela simples presença de quem nos provoca um sorriso. Vão agora, e preparem a todos os seus irmãos.

Pai Maior foi reverenciado e aplaudido. A cúpula da primeira reunião encerrou-se novamente a sós para tratar de seus próximos desígnios.

**Livro II**

**Livro II**

## Capítulo 28 *Uma Volta*

### Capítulo 28

#### *Uma Volta*

*“Há coisas que a vida quer que sejam – e portanto são coisas que são para ser. Contra essas coisas não pode o querer humano ou de outra espécie qualquer vencer, e toda força, seja bruta ou de caráter, de negação do próprio instinto ou através da manipulação de um exército inteiro, poderá apenas a postergar, pois ela ocorrerá. Seja na calada na noite ou no raiar do dia, sob o astro fulminante ou na antessala do entardecer, elas acabam por acontecer, todas as coisas que estão marcadas para acontecer.”*

*Chefe Pássaro da Noite – Sioux*

Apesar do desejo de um pai, e do poder de um líder, a conversa entre Tegini e Arhenya nunca chegou a acontecer. Mas uma outra, entre a moça da estrela na testa e seu pai, teve lugar e apesar de ele exortar a filha para que paciência tivesse e ofertasse mais tempo ao Tempo, ela não o atendeu.

*“– Por que para mim o que o Conselho quer oferecer a todos deveria de ser diferente, meu pai?”*

*– Talvez as circunstâncias tenham interferido no comportamento de todos e sob estas condições não é sábio fazer uma escolha tão séria como uma união que repercutirá para a vida toda, não somente a sua, mas até mesmo daqueles que ainda não estão nascidos!*

*– Espanta-me que agora o senhor deseje que eu tenha calma, quando foi um dos que me urgiu a ter pressa numa escolha que eu nem imaginava ter de fazer há pouco tempo atrás. Além disso, se as circunstâncias mudaram algo, foi no sentido em que o Grande Pai nos exortou: a viver o hoje. Não há pelo que esperar! Lamentavelmente, meu pai, dos três pretendentes que me foram dados a conhecer, dois não tinham qualquer intenção de se casarem, e o que mudou de ideia não o vejo como mais que a um irmão. Farei o que melhor me cabe com o que me é oferecido pela vida no momento!*

*– Minha filha, às vezes o que melhor nos cabe não é aceitar o que nos parece a melhor opção, mas dizer 'não' quando as possíveis escolhas não ecoam em sintonia com nosso*

*coração.*

*– Papai, com todo respeito que a sua sabedoria lhe reserva, me desculpe, mas eu estou cansada de filosofia e de regras de bem viver que se anulam umas às outras. Com minha decisão pretendo encerrar uma vida dedicada à convenção e parto agora à ação!”*

E Tegini casou-se com o guerreiro Siul'Ahan.

Sete anos se passaram e muito ela aprendeu e foi-lhe grata por partes suas como mulher que antes desconhecia e com ele exerceu, e pela sua proteção, e pelo filho belo e forte que ele lhe deu. Siul'Ahan subiu ao altar como o mais orgulhoso dos guerreiros ostentando a satisfação pela mais difícil de suas vitórias. Era um bom marido no sentido geral da palavra, que atendia à imensa maioria dos pedidos de Tegini, e que amava, mais que tudo na vida, ao filho, uma prioridade que nem sempre garante a felicidade de um casamento.

Mas se tudo na vida tem seu preço, ambos entraram nesse acordo cientes de qual seria sua cota. A 'vitória' à frente de todos pelo casamento com a filha do chefe, custava-lhe saber que no fundo ela não o amava. A ela custava-lhe momentos da mais profunda solidão, aquela que se sente mesmo em meio a momentos felizes e cercados por uma multidão. Para ambos o preço parecia ser justo para a sensação de vida progredindo e futuro avançando que julgaram, no momento de sua decisão, necessitarem para continuar vivendo a partir daquele instante suspenso no tempo em que a vida como era antes lhes parecera insuportavelmente pobre, vazia e entediante. E como pessoas conscientes que eram, cada um lidava com o preço de suas escolhas sem reclamação.

Parte de sua solidão Tegini contrabalançava com longas conversas com seu relutante amigo Teguilp, pois só com ele conseguia manter uma conversa de igual para igual. Dele, seu marido não tinha ciúmes, pois sabia que ela nunca o amara. Siul'Ahan estava feliz por ter a esposa que desejara e conseguira, e parte do desamor que sentia era curado com Praxínia, que nunca muito distante do alcance dos seus braços estaria, macia, quente e ansiosa, repleta da mais pura idolatria.

De Arhenya quase ninguém sabia. Pouco depois da oficialização da união de Tegini e Siul'Ahan ele se retiraria para as montanhas, e quando à comunidade vinha era somente para tratar de assuntos com o Conselho de Anciãos, cujo contexto permaneceria desconhecido mesmo dos novos líderes estabelecidos para funções necessárias na construção da nova vida das aldeias: as fortalezas. Os túneis e labirintos cobertos mostraram-se eficazes nos únicos dois ataques havidos após a reunião com o Pai Grande. No segundo, pouco após o casamento, Arhenya mandou buscar Lentara, alegando que agora ela não mais seria necessária, e que o animal, ainda jovem, necessitava continuar seu treinamento junto à sua mãe, Arúap. E

assim, provavelmente por um desejo expresso de ambos, um não deitou olhos sobre o outro, durante todos esses sete anos.

Até o dia em que Ardul adoeceu.



Um dia Ardul não comeu, mas Tegini achou que seria um mal estar passageiro, coisa natural pelo menino ter brincado e corrido demais, mas no outro ele esteve febril, como nunca antes estivera, e o suor lhe descia pelo corpo e os tratamentos habituais não surtiram efeito. No terceiro ele desmaiou no colo do pai, e Siul'Ahan e Tegini desesperados o levaram ao templo. O avô do menino e o Pai Maior vieram vê-lo e este último prescreveu o tratamento com pedras que deveriam ser postas ao redor do infante enfermo para ajudá-lo a se recuperar. Após 8 horas a febre cessou, mas ele não recuperava a consciência e nem voltara a sua cor natural, ostentando um semblante muito esmaecido.

Teguilp, que acumulava novas funções de médico, devido a suas descobertas nos antigos cristais que sua tribo trouxera do antigo planeta, foi quem veio explicar o que ocorria aos aflitos pais.

- Este é um assunto que primeiramente, é preciso que entendam, devem jurar sigilo a respeito pelo bem de seu próprio filho, e também o das outras crianças da aldeia.

Tegini e Siul'Ahan não entendiam nada.

- O que tem nosso filho, Teguilp? - ordenou saber o guerreiro inconformado.

- Ele padece de uma moléstia nova que tem afligido as crianças desde o último ataque. Na verdade estamos experimentando o ressurgimento de uma antiga condição, pois há relatos desse mal nos cristais de nosso antigo lar por ocasião do êxodo.

- Do que você está falando?! - exigiu um Siul'Ahan cada vez mais impaciente, em contraponto a uma Tegini que pairava em completo silêncio.

- Ao que parece, o desequilíbrio dos líquidos no interior do planeta estão afetando o equilíbrio dos líquidos do interior do corpo humano, causando desequilíbrio, instabilidades comportamentais e hormonais nas mulheres, quando elas se encontram

propensas a uma maior sensibilidade biológica, nos mais velhos e nas crianças, que têm se revelado o caso mais grave, pois sua conjuntura orgânica sensível está sendo mais fortemente atingida sob pressão dessas energias telúricas em desequilíbrio. O cérebro de uma criança trabalha incansavelmente, está coordenando uma série de funções delicadas e de grande importância no processo de crescimento; o desequilíbrio telúrico está confundindo o cérebro sobrecarregado de funções e de afazeres deles e isto está ocasionando uma espécie de pane do sistema orgânico. As crianças mais fracas são atingidas ainda bebês, e não sobrevivem. Ao que parece temos tido sorte, pois os antigos perderam 90% de toda população infantil antes do embarque para cá. Por sorte eu previ que isso aconteceria antes de começarmos a ter notícias dos primeiros casos e trabalhamos em conjunto com uma equipe estritamente limitada para prevenir esses acontecimentos ou remediá-los tanto quanto possível. Por razões como bem podem imaginar, esse assunto é sigiloso. As pessoas, sobretudo jovens pais e mães, não precisam viver com medo que seus filhos possam morrer antes de superar a primeira infância.

- Pelo Amor de Deus, diga de uma vez o que vai salvar nosso filho! - gritou o guerreiro, esmurrando a mesa.

- Ao que parece, esse desequilíbrio telúrico dos líquidos internos do planeta ressoa em um determinado comprimento de onda, e por conseguinte, as pessoas estão mais ou menos sujeitas a sentir esses efeitos de conformidade com o seu DNA. Pessoas cuja herança genética é fisicamente mais forte, e cujas habilidades espaciais são fortes, não costumam ser atingidas, assim a maioria das crianças nascidas nas aldeias sob seu comando não tiveram qualquer problema. Podemos dizer que de certa forma o DNA dos guerreiros não as suscetibiliza para esse mal. Já as crianças cujo DNA é preponderante em atividades mais intelectivas e extra-sensoriais são as mais afetadas. Ou seja, a sua herança genética sozinha o imunizaria, mas a da mãe o torna suscetível, pois Tegini é extremamente capacitada extrasensorialmente.

Essa foi a primeira vez que Tegini viu seu marido olhar para ela com desgosto. Ela não pode deixar de sentir-se como um produto cujo valor subitamente fora rebaixado no mercado, principalmente após a pergunta que se seguiu:

- E como consertamos esse DNA ruim que ele tem?

Teguilp olhou para Tegini antes de responder:

- Os primogênitos do sexo masculino são os mais afetados e a cura é bastante curiosa: a concepção de uma irmã\*. A simples presença da carga elétrica negativa emitida por um ser que partilha o mesmo DNA do organismo doente, mas de polaridade oposta, equilibrando o material genético atingindo e possibilitando a continuidade saudável de todos os processos físicos de crescimento. Raramente as meninas têm apresentado esse problema, e quando o fazem a cura é inversa, através do nascimento de um irmão.

- Mas em sete anos Tegini só engravidou uma vez! - e essa foi a segunda vez que seu marido a olhou com desgosto. E se ela não conceber outra criança, nosso único filho morrerá?

- Sabemos que essa cura não é infelizmente uma medida que possa ser tomada de imediato. Em alguns casos a presença de um primo ou prima parece funcionar a contento, evitando colapsos ocasionados pela febre intensa, quando recomendamos nesses casos que as duas crianças passem a coabitar, inclusive dormindo sob o mesmo teto, próximas, pois durante o sono, grande quantidade de elétrons sem carga elétrica\* 'Yang' é emitida pelo corpo em repouso e assim, ao invés de saturar o ambiente em que repousa o paciente, é instantaneamente neutralizada pela carga negativa 'Yin' emitida pela irmã, ou prima, no caso. Infelizmente nem todos têm uma prima-irmã para recorrer nesse momento até que Deus proveja o nascimento da criança-curadora. Ainda temos de levar em conta que mesmo tomando as devidas providências para propiciar uma gestação do sexo feminino, pode haver a concepção de um menino, o que aumenta o tempo de espera até que a mãe possa gestar novamente. Este é um assunto do qual se depende demais da sorte. Tendo isso em mente, quando rediagnostiquei essa como uma das enfermidades da transição planetária...

Siul'Ahan não o deixou terminar a frase e agarrou-o pelo pescoço:

- Você gosta demais de palavras pomposas para o meu gosto! Você tem noção que é do meu filho que você está falando?

- E você tem noção de que é o pescoço de quem vai tratar do seu filho que você está apertando? - engasgou Teguilp.

- Largue-o, Siul'Ahan! Nervosismo não vai nos ajudar em nada nesse momento!

- Ouça a sua esposa, guerreiro, e saiba que o tratamento para o seu filho e ou o filho de qualquer um aqui será exatamente igual. A sua 'hierarquia' aqui não vale de nada, então mais humildade e menos ataques de ira, porque o seu filho e o neto da tecelã aqui são exatamente iguais. Ou você acha que as suas lágrimas terão mais valor do que as dela?

- Desculpe-o, Teguilp. Siul'Ahan é muito ligado ao filho, por isso está tão transtornado. Pela nossa amizade, peço-lhe que o perdoe!

Teguilp massageava o próprio pescoço ao conseguir continuar:

- Os fatos são que, resumindo, Tegini, você deve procurar dar uma irmã a Ardul. Isso pode ocorrer daqui a nove meses, com sorte, ou nunca, e essa é uma possibilidade que tem de ser encarada. Enquanto isso, as medidas provisórias são: 1) se houver alguma prima, preferencialmente pelo seu lado da família, peça aos pais dela para trazê-la para o teste de compatibilidade radiestésica; 2) às vezes, apesar das cargas elétricas compatíveis, os gênios não são, e Ardul e essa 'possível prima' ou mesmo com uma 'futura irmã', poderão não se dar bem e brigarem como cães e gatos, e nesse caso, se for uma prima, ela provavelmente não vai querer ficar morando debaixo do mesmo teto que vocês para salvar um primo que odeia, principalmente porque – e nisso enfatizo a necessidade do segredo – ela não deverá saber porque está ali, afinal as crianças abrem a boca mesmo e falam demais; além disso, nem deverá ela se sentir 'a salvadora da vida dele' nem ele devedor dela, pois isso seria extremamente prejudicial psicologicamente para ambos. Por tudo isso criamos o Plano C com a ajuda de um colaborador nosso...

Teguilp olhou para Tegini e depois para Siul'Ahan.

- Temos conseguido equilibrar a carga elétrica dos doentes com a adoção de um guardião animal.

Ninguém falou nada sobre quem seria o colaborador, nem seu nome foi mencionado, mas embora não tivesse sequer se voltado para ver a expressão de seu marido, Tegini sabia, porque sentia indistintamente dentro de si, que no mesmo dia, após sete anos, ele lhe olhara com o mais profundo desprezo possível pela terceira vez.

\* Suponho tratar-se de 'carga elétrica negativa', uma vez que todo elétron tem carga elétrica negativa. As palavras Yang e Yin foram adicionadas ao texto por mim, para tornar mais compreensível a questão do equilíbrio energético de que se trata esse cura aqui descrita através das polaridades masculinas e femininas.

Vem daí a antiga crença egípcia, civilização que recebeu influência de origem siriana, do casal real divino, que geralmente eram irmãos, e inclusive, em sua degeneração, ocasionou casamentos e uniões incestuosas.

## Capítulo 29 O Valor que Cada Animal Tem

### Capítulo 29

#### *O Valor que Cada Animal Tem*

- Panda – união dos opostos
  
- Corvo – A Esquerda, mergulho às profundezas das trevas interiores
  
- Lobo – integração ao grupo mantendo a individualidade
  
- Tigre – desenvolvimento das 'garras' interiores, aprender para por para fora o guerreiro e a atacar quando ameaçado (para pessoas que precisam banir a síndrome de vitimização)
  
- Pinguim – aceitar as próprias idiosincrasias e aprender a ver e a encontrar os seus semelhantes
  
- Lontra – expressar a felicidade com a simplicidade e a humildade
  
- Foca – Oxum, guardiã do amor no elemento água quando congelada – boa para pessoas com dificuldade em encontrar amor ao seu redor, no mundo ou dentro de si, derrete as 'geleiras' interiores
  
- Golfinho\* – Erê, guardião da essência pura do ser, reconecta a pessoa consigo própria
  
- Peixes – Yemanjá, cada um tem sua indicação específica, mas todos são agentes de cura emocional, alguns de cura de aspectos emocionais que já adoeceram o corpo físico (1), outros de doenças mento-emocionais (2), ou seja, quando uma emoção negativa adoce o corpo mental do paciente,

causando patologias psicológicas e mentais; outros têm o poder de trazer curas espirituais, como o salmão e a truta; alguns servem a dois casos, como a sardinha, para casos 1 e 2

É preciso assinalar que a Medicina do Peixe, assim como a de outros animais, não necessita da ingestão de sua carne para fazer seu efeito curador, antes sua maior potencialidade se daria através da exposição à presença do campo áurico desses animais

Gato Doméstico – autovalorização, dar menos poder aos outros e recuperar o controle sobre a própria vida, retirando o poder dos outros sobre si

Gato Selvagem – aprender a fugir de problemas, e a 'como' fugir de pessoas e situações problemáticas

Leão – Xangô, imposição absoluta do Bem, reconhecimento de sua soberania e ação invicta (que não se pode vencer)

Macaco – desprezo a regras e aos deveres em prol de se fazer aquilo que se tem vontade

Garça – emoções sublimadas espiritualmente, boa para harmonizar relacionamentos de pais-filhos que reencarnam para resgate kármico

Coruja – ensinar sem impor, compreensão que o saber só vem com o tempo e o amadurecimento após enfrentar as trevas e a escuridão da noite da alma

Águia\* – Oriente, resolução irremovível, mensageiro dos desígnios superiores, ascensão espiritual, a águia só pode ser enviada para e por quem não mais hesita no caminho do chegar 'a Deus' e nem mais foge à reforma íntima

Cobra - Guardiã do Polo Negativo, regeneração, o que cai levanta, existe sempre a possibilidade do recomeço, a cobra é guardiã do portal da 'segunda chance', quem está sob proteção da energia da cobra, aceitou pagar seus débitos e expiar com humildade o karma negativo que angariou para si

Pomba - Oxalá, a pureza da presença divina está e chega a todos os lugares

\*As aves todas guardam inúmeros mistérios, tal qual os peixes, porém seu domínio é espiritual; as canoras têm relação com diferentes níveis de magia

Andorinha - Oxalá, bênçãos aos viajantes e a todos que estão em trânsito (inclusive entre mundos e dimensões)

Pardal - Oxossi, protetor dos estudantes, ajuda a compreender o que lhe é ensinado de forma leve

Beija-Flor - Iansã; nada pode ser mantido constantemente no campo áurico de uma pessoa, pois a desestabilizaria; toda vez que um colibri vier visitá-lo, de si se acercando, ele está trazendo um 'sim' como reposta referente à questão que o aflige ou referente ao momento exato do que estiver fazendo quando ele de si se acercar; pode vir também, física ou astralmente, para ativar chakras ou acionar dispositivos mediúnicos; pode ser invocado para trazer respostas difíceis ou para fazer um paciente entender algo que se recusa a ver, pois abre portais de entendimento por onde a energia do 'Espírito Santo' flui, pois é um de seus mensageiros

Galinha - maternidade

Cisne - Oxum, amor mais profundo e amadurecido, que vai além das aparências e das circunstâncias; bom ancorar essa energia quando queremos descobrir se um relacionamento tem futuro

Galo - Guardiã, energia yang, princípio ativo, boa sorte e proteção

- Iguana - para quem se sente 'estrangeiro' ou em meio a ambiente hostil, para quem tem dificuldade em sentir-se à vontade com o próprio corpo
- Ornitorrinco - é um grande mago alquimista, transmutando energias desarmônicas dos quatro elementos no corpo da pessoa, sua imagem tem poder e pode ser trabalhada em barro ou tatuada com henna ou tinta escura similar não definitiva no corpo da pessoa junto à intersecção dos 4 elementos, numa magia semelhante a que os índios brasileiros faziam com o muiraquitã, somente no chakra do timo, genésico, gástrico e atrás no umeral e na base da coluna entre os rins, nos pés remove magia negra
- Borboleta - leveza perante a vida, deixar ir e permitir-se sentir o que é sutil
- Sapo - Polo Negativo, animal lunar que 'encarna' sua energia de acordo com suas fases, portanto poderoso em magias que visam fazer algo minguar, pois o que com ele foi 'sintonizado' energeticamente decairá na medida das progressões lunares que se seguirem ao feitiço; por curadores, aliado ao elemento água, algumas espécies mais 'fracas' ou mais inofensivas podem ser empregadas na cura; habita, mora em brejos porque sua energia ajuda a desagregar os elementos, sua ação é decompositora
- Aranha - é também uma Guardiã – algumas no Polo Positivo, algumas no Polo Negativo, ver além, despertar sentido de infinitude e interconexão com o universo, suas muitas vidas e todos os seres que cruzaram seus caminhos; mostra que não há gratuidade no destino e ancora a própria energia do sistema de vida na Terra
- Texugo - Ogum, boa para adolescentes rebeldes, alia alegria da infância à necessidade de amadurecer para os compromissos adultos, mais indicado para meninos ou meninas com forte energia yang

- Tartaruga - Nanã, ensina paciência, ajuda nas transições e em várias questões relativas aos problemas da terceira idade, beneficiando como coadjuvante, decanta raiva, o stress, o esgotamento e a depressão dos ambientes em que se encontra
- Girafa - elimina orgulho, desce do patamar em que a pessoa ilusoriamente acredita estar reconhecendo os próprios defeitos para despertar a noção de que ninguém sabe tudo ou é melhor e que a maior sabedoria é a humildade
- Cachorro - valorizar a vida, o que temos e as pessoas com quem dividimos tudo isso, o cachorro é a maior medicina para quem precisa aprender a se soltar mais e a demonstrar/externar amor
- Papagaio - sabedoria ancestral, comunicação com espíritos e com o conhecimento ancestral através de oráculos, suas penas eram usadas por sacerdotes, por povos remanescentes da Atlântida e outros polos de migração primeva que conheciam seu significado; muito foi perdido e hoje o xamanismo busca recuperar
- Rato - sobrevivência, bom para momento de crise, escassez, guerras e conflitos; realça agilidade, criatividade, ousadia e fazer muito a partir do pouco
- Coelho - sensibilidade mediúnica inconstante e arisca, bom para crianças que manifestam dons e têm dificuldade em lidar com eles
- Esquilos,  
Chinchilas  
& similares - ensinam que o amor deve ser deixado livre e nunca aprisionado, que os amigos não nos pertencem e que o tédio quando não mata, aniquila
- Pato - amor terreno, do dia-dia, bom para pais de primeira viagem, jovens que estão se adaptando às responsabilidades que a vida doméstica com filhos acarreta

- Raposa – externar sexualidade, sentir-se confortável em manifestar a própria sensualidade
- Elefante – grande repositório de sabedoria ancestral, animais de grande nobreza que nos prestam grande serviço só por estarem encarnados, quando entrarem em extinção não mais poderemos acessar uma parte dos registros akáshicos dos quais eles funcionam como guardiões ou bancos de dados vivos, da história do Oriente
- Rinoceronte – ajuda a enxergar a própria agressividade, pois só tomando consciência dos aspectos que costumamos ocultar de nós mesmos, sobre eles poderemos atuar
- Hipopótamo – para pessoas que se recusam a enxergar a real situação em que se encontram, auxiliá-las a 'acordar' para a realidade
- Zebra – ajudam em todas as afecções que necessitam integrar informações dos dois hemisférios cerebrais e também para problemas com concepção
- Cavalo – bom para procurar emprego, ajuda a progredir, avançar na vida, nas curas, nas terapias, nos relacionamentos, assumir responsabilidades, desenvolver lealdade
- Burro – ajuda a acessar aquilo que está impedindo o nosso progresso em qualquer setor, muitas vezes usar antes do cavalo
- Flamingo – para crianças tímidas e para todos aqueles que temem expor o próprio brilho e para pais que têm dificuldade em demonstrar amor aos filhos
- Hiena – admitir seus erros por maior que eles tenham sido, e em alguns casos para rir de si mesmo, ainda que amargamente, para enxergar mais nitidamente a própria sombra e os aspectos menos felizes da própria personalidade

- Formiga – aprender a lidar com recursos materiais, para pessoas que gastam muito
  
- Pantera – aprofundar-se no feminino e seus mistérios mais ocultos, magia do Sagrado Feminino
  
- Onça – para mulheres que precisam se impor perante os homens, algum homem específico ou ambientes masculinos
  
- Urso Polar – sobre isolamento, para aqueles que se isolam por não conseguirem conviver (perda da cor = perda da identidade)
  
- Urso – limites, eu e o outro, por isso é tão ligado à imagem do bichinho de pelúcia infantil, ao dar um urso para a criança estamos estimulando-a a perceber e a agir respeitando os limites do outro
  
- Castor – perseverança e também seu oposto, para curar pessoas compulsivas e síndromes como a de Tourette
  
- Abelha – doação de dons
  
- Cacatua – para não temer o desconhecido e ver a beleza no diferente, para pessoas com problemas de adaptação
  
- Camelo & Dromedário – aprender sobre os próprios limites e a quando suportar, entrar em contato com as próprias necessidades e lutar por seus direitos, quem compromete a própria saúde, para quem precisa enxergar o peso que vem carregando há anos antes de começar a desejar libertar-se
  
- Guaxinim – para jovens adolescentes cuja personalidade não parece firme o bastante para assegurar valores perante a pressão do grupo (peer pressure)

- Falcão - animal vinculado à Linha do Oriente para descobrir a verdade sobre algo (não invocar para qualquer pessoa; é preciso que ela seja um buscador)
- Avestruz & Ema - para romper com padrões de superficialidade e beleza fúteis, valoriza o interior
- Pavão - para pessoa assustada com problemas no desenvolvimento da clarividência, visualizar as penas se abrindo e fechando para ajudar a pessoa a ter controle sobre seu dom
- Morsa - para quem precisa aprender a demonstrar a diferença entre ser bom e ser bobo
- Tucano - aceitação da encarnação de resgate kármico, boa para pessoas com impedimentos ou deficiências físicas, ensina a ser feliz e sentir-se belo apesar das deficiências e dificuldades
- Cavalo-Marinho - Ogum Beira-Mar, animal que ancora as energias de Ogum e Yemanjá
- Estrelas do Mar - traz a força das Águas para dentro de um lar, diminuindo brigas e sendo reativada a cada limpeza com defumação com ervas do Povo D'Água e aspergindo sobre ela água do mar
- Polvo & Lula - são trabalhadores de miasmas do fundo do mar, não deveriam ser ingeridos... como filtros de um ar condicionado, predispõem as pessoas a problemas pulmonares
- Baleia - o grande guardião do mar, traduz para as ondas de recepção humana a sintonização com a energia da água, equilibrando as marés do corpo com os ritmos dos oceanos; quando mais desconectado da natureza, em menor

harmonia estarão os ciclos circadianos. O cérebro humano contém uma antena receptora, o oceano emite ondas que contém entre outras informações, influências lunares, as baleias – e também os golfinhos em outro nível – retransmitem esses sinais, que não podemos captar diretamente, modulando-os para forma perceptível por nosso aparelho cérebro–espinhal.

Frente a essas informações, que são apenas meras amostras de todo o bem que nos faz um animal, vos pergunto:

“É digno, inteligente ou útil caçá-los, comê-los, exterminá-los ou maltratá-los?”

O homem condena a si mesmo em cada morte de um animal.

Chefe Águia Dourada

Cabocla Jacyara

e caboclas das Águas: Indaiá e Jurema Ribeirinha

## Adendos Ainda Sobre Essa Forma de Xamanismo

### *Adendos Ainda Sobre Essa Forma de Xamanismo*

Não se invoca o porco sobre alguém.

Joaninha: crianças com medo do escuro.

Louva-a-deus: medo do desconhecido, especialmente quanto a aspectos espirituais.

Alguns insetos podem ser úteis para pessoas que se sentem pequenas descobrirem seu poder e sua força na crença da beleza interior, como a libélula, que ensina que mesmo nós podemos voar – um ser simples, mas assim como peixes e aves, são reinos à parte e necessitam indicação de um mentor que avalie o caso isoladamente, pois não há na natureza dois remédios iguais, já que a medicina divina não repete jamais a mesma fórmula.

Uma forma de tratamento de uma característica negativa – que nada mais é que a exacerbação de uma qualidade previamente exposta na relação fornecida – pode ser através da invocação de seu predador natural. Da mesma forma para fortalecer uma característica, além do animal cuja medicina se requer, se evoca também a força do seu elemento. Por exemplo: salmão + água, e conseqüentemente, do elemento contrário ao animal cuja influência deseja-se desestruturar. Por exemplo: excesso de guaxinim (terra), evoca-se uma ave e ar.

Em livros posteriores essa medicina será aprofundada assim como sua forma de tratamento e receituário prático com índice remissivo.

Nota da Médium: Num centro ou terreiro de Umbanda, havendo afinidade com o Xamanismo, este método pode ser incluído nos trabalhos de cura, sejam em dias de gira do Oriente como nas de Caboclos ou mistas com outras linhas de trabalho (Pretos Velhos, Ciganos, etc.), tudo de acordo com a forma como a entidade chefe da casa definir.



Tratamentos complementares que podem inclusive serem oferecidos em outros dias em que não haja trabalho no centro ou terreiro: Reiki, Floral, Litoterapia, Tai Chi Chuan, Yoga, Meditação, Dança.



Dividir o quadrante e em cada um escrever dentro:

Pedras Rei/Rainha: as mais poderosas representativas dos elementos

Pedras Bispo: com função espiritual

Pedras Torre: com função objetiva e direta

Ex: Jaspe Fogo

Granada

Hematita

Pode-se fazer o “Relógio das Ervas”, “Relógios dos Florais” e dos animais por reino e usar como na Radiestesia.

## Capítulo 30 ... Tanto Bate até que Fura

### Capítulo 30

#### *... Tanto Bate até que Fura*

Tegini olhou seu filho e acariciou os cabelos sobre a cabeça em seu colo deitada.

Sete anos se passaram e Tegini percebeu que em seu mundo tudo era superestimado – não de todo uma surpresa, pois ela disso já desconfiava. Anos e anos entre o Povo Gato e ela não teria aprendido sobre o aparente descaso dessa raça à toa. Os felinos não tinham vínculos familiares estreitos \* como os humanos; para eles todos eram basicamente iguais: o seu pai ou o pai do seu vizinho, o irmão do seu melhor amigo ou do seu pior inimigo: todos basicamente iguais. O valor feliano era medido por conquistas individuais, cada ser provaria sua utilidade perante o grupo demonstrando não apenas suas habilidades, mas sobretudo a maestria que exercia sobre essas habilidades.

“Potencial” – diriam – “é para os jovens. Um feliano adulto deve ser capaz de comprovar o seu valor a cada dia perante todos nós, o grupo.”

A sociedade a que Tegini pertencia não poderia ser taxada de nepotista, a exemplo do que ocorre na Terra, mas certamente ser irmão de alguém, para um humano, aqui ou em qualquer lugar, vale de alguma coisa, devido à leitura e compreensão de mundo afetiva que nossa raça faz. A raça feliana é muito mais objetiva e cada ser deve provar a que veio, independente de partilharem o mesmo DNA.

Um dos motivos pelos quais Tegini não quisera de pronto casar-se, além é claro do oportunismo da ocasião, era porque ela nunca 'viu' nenhum dos eventos tidos como marcantes na estrutura social do seu povo, com o mesmo brilho que outra moça de sua idade teria visto. Tudo lhe parecia um tanto exagerado ou de propósito desvinculado. Para ela, as pessoas não assumiam suas verdadeiras intenções e criavam 'celebrações e motivações' socialmente aceitas e estimuladas para conseguir algo, na verdade, extremamente prático. Por exemplo: o objetivo do matrimônio é uma licença para vida sexual regular e a sucessão natural da vida em torno de herdeiros por quem você se sacrificará agora para que eles façam isso por

você amanhã, quando você não tiver mais condições de olhar por si mesmo. A verdade é simples e até mesmo egoísta, porém cumpre a sua função, é um bom acordo para as partes envolvidas. Todo o mais, porém, é poesia barata.

Ela e Teguilp conversaram algumas vezes sobre isso, companheiros de infortúnio por partilharem a mesma menteafiada.

“ - A celebração da maioridade do menino, onde se invoca até mesmo a divindade, nada mais é que um ato de 'lavar as mãos' por parte dos pais e um aviso prévio da sociedade dizendo, na sequência: *'Fizemos nossa parte; daqui pra frente se ele errar a culpa não é nossa, foi escolha dele'* e *'Veja bem o que faz, rapazinho, pois você será punido se não agir de acordo com as nossas regras'*”.

Tegini lembrava-se dessa conversa e olhava seu filho desejando que ele chegasse até essa idade e ela pudesse dizer a Teguilp: *“É minha vez de ser a hipócrita e fazer meu papel na celebração de maioridade do meu filho”*. Mas ela temia que esse dia talvez não chegasse.

O casamento era superestimado. E o sexo também. Assim como o poder de um grande guerreiro como seu marido.

Grandes amores também são superestimados; ela amara Arhenya e de nada adiantara.

Ser a esposa de um líder era tão superestimado quanto ser a esposa, a mãe, a irmã ou a filha de uma pessoa que a coletividade julgasse que servia de alguma maneira para fazer a vida de todos mais segura, feliz ou significativa, como ser treinada pelos guardiões felianos.

Nada que lhe disseram sobre sua vida – suas vantagens de instrução ou os benefícios que essa união lhe traria – se concretizou, e ela era apenas mais uma mulher casada, com responsabilidades e afazeres, lutando por se manter em pé e conseguir alguma forma de auto realização no meio de tudo isso.

E ainda havia uma guerra e uma carência geral de sentido.

Mas uma coisa que lhe disseram, que sempre lhe disseram, pelo menos uma, não foi superestimada.

O garoto doente em seus braços era a única coisa que valia a pena em todo o circo que se formara a seu redor. Tegini se sentia muito como uma palhaça muda representando um papel que 'escolheu' por falta de outros, pois não lhe deram escolhas melhores. Havia um pequeno personagem em seu braço ainda sem papel definido naquele

circo de horrores ou de simples loucura com que os humanos se entretêm para passar o tempo. Ele era o seu garotinho, que não seguiria a mãe, e embora muitos já o vissem no papel de guerreiro, ela tinha esperança de que ele encontrasse força em seu interior para ser qualquer coisa mais que ele quisesse, ao invés de aceitar um papel para ele já definido. Ela não queria que ele fosse mais um palhacinho na encenação da vida que lhe cabia.

E por isso ela iria lutar. Porque nada que lhe falaram sobre a maternidade foi sequer minimamente superestimado.

## Capítulo 31 Uma Operação Delicada

### Capítulo 31

#### *Uma Operação Delicada*

Tegini abriu a porta e adentrou a câmara central do templo, sem pronunciar palavra. Ao centro Arhenya posicionava um cristal sobre o chakra equivalente ao terceiro olho do animal e fechava os seus, assuntando, procurando equivalências naquele ser de tessitura espiritual tão mais simples e delicada a organização geométrica celular necessária que pudesse ser disposta à operação de sincronia.

Embora tivesse plena consciência da presença dela atrás de si, ele também nada disse, ainda que o silêncio fosse constrangedor. Somente após muito tempo ele falou:

– Já fiz vários testes e não encontrei ainda um companheiro com condições de receber impressões similares às de seu filho.

– Então será preciso tentar mais – ela respondeu seca.

Ele nunca a prejudicara deliberadamente, apenas não a quisera. Por que tanta mágoa?

Ele afastou-se da mesa e sentou-se no chão, fechou os olhos em posição de meditação.

– Fale-me sobre seu filho. Como ele é?

Após alguns segundos de silêncio, a voz da mãe se fez ouvir, baixa e num ritmo lento:

– Corajoso, bravo e valente como o pai – essa parte ela fez questão de enfatizar. É carismático e tem as características inequívocas da liderança. É impaciente e um tanto agressivo, tendo dificuldade de adequar-se a ritmos que não os seus. Não se conforma com

adversidades e exige respostas e soluções imediatas. Tem sono inquieto e pesadelos quando contrariado. Ele tem medo da escuridão e não gosta de ficar sozinho. E se orgulha em partilhar o que descobre, consegue e julga bom com todos. Ele não é um filósofo, mas um empreendedor...

De olhos fechados, Arhenya falou:

- Ele tem muitas características do Tycress (Nota da Médium: felino similar ao nosso tigre), mas ele não é um deles... Não há afinidade suficiente para a sincronização.

Tegini estava muito preocupada. Isso não era comum. E portanto não era bom.

- Sente-se aqui e me dê suas mãos. Voe comigo em busca da essência animal do seu filho.

Ela sentou e procurou dar as mãos da forma mais natural que poderia, como uma mãe que implora ajuda para um filho, mas o arrepio e o calor do toque de Arhenya era incomparável, e apesar do drama familiar, ela desejou não ter de precisar sentir aquela mão nas suas novamente. Um toque que de tão doce era uma tortura.

Ele sentiu seu mal-estar e deu o comando mento-psíquico para a viagem astral. E partiram ambos, desdobrados, pelas planícies dos vales de Além-Terra, onde bradam e uivam e correm e lembram de quando estavam vivos todos os animais-essência que existiram ou estagiaram nos mundos nos quais suas ancestralidades tinham origem. Algumas ele via mais e outras somente ela via, mas compartilhavam um cenário que de tão forte era mais do que real, e que somente duas almas tão afins como as deles poderia ser capaz de comungar.

Eles se viram nesse cenário, enquanto almas, não pela primeira vez, mas ineditamente nesta forma, como seres puros, sem a desvirtuação de postos, circunstâncias ou situações; e novamente, dolorosamente se reconheceram. Arhenya chorou para dentro e por fora, e o coração de Tegini mais uma vez sangrou, porque não era a primeira vez que ela se via sem o seu verdadeiro amor. Asas de pássaros arrulharam e felinos rugiram; o vento do tempo, sempre mais rápido nesse local, acenou na paisagem desolada da destruição de corpos físicos assolados pela extinção, n'outros tempos, n'outras eras, sem que algum deles ressoasse a energia do pequeno guerreiro adoecido. Voltaram juntos à sua dimensão-lar e Tegini não queria acreditar até ouvir as palavras daquele que deveria ser seu eterno companheiro:

- Eu sinto muito, não encontrei nenhum par para o seu filho. A essência-prima animal dele deve estar entre as espécies que se perderam na última extinção dos nossos companheiros de jornada planetária, quando fomos expulsos de nossa antiga casa no outro mundo.

Ele tinha lágrimas nos olhos, sinceras pela dor dela, que atingida pela explicação, parecia em choque. Ela queria argumentar, ou fazer a pergunta mais pertinente, mas sua mente parecia anestesiada, com a realidade do quando não há nada a fazer. Como um barco à deriva ela se sentia, presa apenas por cordas quentes do calor das mãos de Arhenya. Mas a corda bruscamente se soltou pelo impacto da voz de trovão, amarga e ameaçadora, que a inquiria à porta da câmara central do templo:

- Tegini, o que você está fazendo aqui?

Era o pai de um filho que não tinha muito mais tempo à sua frente. O homem que não deveria sê-lo, mas que era o seu companheiro.

## Capítulo 32 A Runa M – Ehwaz } O Cavaleiro e a Montaria, Lealdade e Sintonia

### Capítulo 32

*A Runa M – Ehwaz } O Cavaleiro e a Montaria  
Lealdade e Sintonia*

- Isso não pode ser!

- Eu já lhe expliquei – repetiu Tegini em choro pela terceira vez. Eu mesma estava lá, buscando uma essência compatível com nosso filho, mas simplesmente não pudemos encontrar nenhuma...

- Garanto que sua concentração não estava totalmente dedicada a isso, mas sim no seu antigo pretendente. Você pensa que não percebi como você muda perto dele?

- Nós estamos falando da vida do nosso filho! Como pode me acusar de não me esforçar para encontrar uma alternativa de cura?!

- O fato é que ninguém, nem você, nem seu pai, nem o Conselho inteiro, vai me convencer de que o melhor telepata animal de que se tem notícia e de que uma filha de mestre treinada por felianos trabalhando juntos não tenham sido capazes de encontrar uma solução para curar o meu filho! Isso é inadmissível! Só o descaso e o interesse por outros 'aspectos' dessa reunião de vocês pode justificar isso!

- Você não tem o direito de falar assim comigo – disse amargar entre dentes.

- Nós dois sabemos que eu nunca fui sua primeira opção, mas os deuses jogaram seus dados, e para o nosso bem ou nosso mal, nós estamos aqui. Eu não sei o que o fez desistir da corte a você, se foi o ataque reptiliano ou o quê... e também não me interessa! Mas sei que esse assunto é uma pedra no seu sapato, pois ele era sempre o escolhido do seu coração. Só tem uma coisa que me importa nessa história inteira: o meu filho, que nasceu para ser um chefe guerreiro do nosso povo, talvez aquele que irá conduzir os que restarem de nós para as novas terras. E por ele, pela minha descendência, eu não desistirei de buscar uma saída pra essa 'fraqueza' que seu sangue gerou nele.

Suas palavras eram amargas, dotadas de um desdém que espantou Tegini. Siul'Ahan se revelava ali de forma que ela antes não vira, quanto ao seu grau de satisfação com

a união de ambos, e era evidente que 'precária' é o melhor grau que se poderia aplicar à situação. Essa conversa trouxe à tona emoções que ele geralmente velava, deixando-a sempre no escuro quando se tratava de seus reais pensamentos. Foi assim que ela julgava – equivocadamente, ela percebia agora – que ela era ainda uma conquista da qual ele se orgulhava, alguém diferente de si, mas que lhe causasse admiração. Mas não. Não era respeito, mas desprezo o que o guerreiro sentia pelos dons da sacerdotisa; nem eram julgados estes uma dádiva ou característica desejável, mas sim um 'erro', um detalhe deplorável a sujar o DNA de seu filho. Como o discurso mudara! Ou talvez ela se tenha deixado enganar por vaidade, ansiando acreditar que ele a desejasse pelo ser completo, seu histórico, suas habilidades, além de sua beleza. Mas agora ela se lembrava de tantas e tantas ocasiões em que ele dissera a outros, referindo-se a ela: “a filha do chefe” – muitas mais vezes do que lhe exaltara os traços harmônicos.

Triste se ver como mercadoria danificada. Não era a si como doadora de material para formar parte dos seus herdeiros o que ele via, mas o que ela trazia do pai. Nada dela de fato lhe reluzia, apenas o que ela como herdeira trazia para aquela união, no sangue, no *status* e no coração: fortalecer a veia guerreira. Mas agora ela lhe custava alto no investimento, não pagara as promessas que ele lhe creditou, e o que era de fato 'dela' para passar adiante, agora visto como a fraqueza que ameaça arruinar sua descendência.

E então, o golpe final; revelando o que ela sempre soubera mas não quisera ver, nas entrelinhas da afirmação considerada oportuna para lhe render isenção de cobranças e o direito de infringir códigos em prol de um bem maior:

- Praxínia sempre me amou e me foi leal, mesmo após nossa união ter se efetivado; eu a preteri para ficar com você. Vou consultar o templo com a proposta de gerarmos eu e ela uma filha cujas ondas mentais possam equilibrar Ardul. Sendo toda a ascendência dela de guerreiros do nosso clã, se tivermos sorte de gerarmos uma filha, ela poderá curar Ardul desse mal que ele herdou de você.

- Se você deseja tanto se unir a ela, não procure desculpas templares nem justifique que o faz pelo bem de nosso filho, pois isso não é atitude de um guerreiro nobre e, portanto, não lhe cai bem. Diga que a quer porque é um homem e porque ela sempre ansiou por você; é menos indigno.

- Não seria mentir se eu isto dissesse e nem o Conselho me poderia criticar se soubessem o quão fria você é comigo quando estamos a sós. Em todos esses anos você sempre me esnobou intelectualmente, mantendo longas e intermináveis conversas com Teguilp de assuntos que você bem sabe não têm relevância nem interessam para qualquer guerreiro. Você

sempre me olhou com pena, e eu sou um líder cobiçado por qualquer mulher nascida no meu clã. Nessa nossa 'união' só o que fiz foi me sujeitar a ser olhado com condescendência por minha própria esposa. Você nunca me julgou à sua altura. Eu não precisava aturar isso! Até hoje não entendo porque você me escolheu e não ao seu 'guardador de livros'! O meu erro foi achar que me escolher significava que você estava disposta a mudar, a se tornar uma guerreira. Acreditei que tivesse despertado em você uma mulher intensa e que você tivesse se apaixonado. Mas você nunca se esforçou para ser qualquer outra coisa que uma princesa distante, uma joia de valor inestimável na visão dos anciãos de nosso povo pela sua história, mas fria. As pessoas ainda têm medo de você, mas não pelo passado, e sim pela maneira impessoal com que você trata a todos. Praxínia me disse uma vez que ficava nervosa perto de você porque você sorria como se pudesse golpeá-la no mesmo instante, e essa incerteza sobre o que de fato você está pensando sufocou nosso casamento.

Ele desabafava anos de desgosto e frustração. Ela só ouvia, indignação fervendo dentro de si, mas incapaz de explodir.

- E você nunca me perguntou se eu não me uni a você acreditando que me amasse e por isso que você tentaria mudar, mostrando interesse, por exemplo, nos assuntos que discorro com Teguilp.

Ele riu como quem ouvisse o inimaginável.

- De nós dois, quem não tinha uma vida e relações bem sucedidas com as pessoas e, portanto, deveria estar disposta a mudar, era você, Tegini.

Ela quis falar, mas não conseguiu. A dor da traição era maior que a força para protestar. Traição de ideias, de ideais e ideologia mais do que física. Dor que desgosta e enfraquece a ponto de a pessoa perder a vontade de falar.

Sentindo-se usada a vida toda, por todos, sem jamais ter escolha, ela resolveu nesse momento se dar o direito de fazer o que tinha vontade, que era não falar. Uma greve de silêncio para um mundo de pessoas que com ela não se importavam.

E fez muito bem. Ficando assim a última conversa deles dois somente para os dois.

Tanto um como o outro se afastaram imaginando como dar a notícia ao Conselho da dissolução de seu casamento. Siul'Ahan foi, como de costume, aconselhar-se com Praxínia, que dele jamais discordava, pois ele era um herói e ela só queria agradá-lo naqueles momentos. Foi difícil para ela ostentar preocupação quando seu coração exultava pela situação do amado, em vias de pré-libertação nupcial. Foram muito felizes nas próximas horas daquela tarde. Mas a alegria durou pouco.

No ataque surpresa daquela noite os reptilianos deixaram órfã a criança que Praxínia viria ao mundo trazer em nove meses. E fez de Tegini, entre tantas outras da tribo, mais uma jovem viúva.

## Capítulo 33 O Segundo Noivado

### Capítulo 33

#### *O Segundo Noivado*

Tegini caiu em desgraça tão rapidamente quanto ascendeu no conceito daquela comunidade quando se casou com Siul'Ahan. Foi duro perceber que mesmo as poucas pessoas que ela julgara que sinceramente simpatizavam consigo, assim agiam com grande esforço para agradar seu chefe, e agora, tanto pela dor de sua perda como pela não mais necessidade de continuar a fingir, tratavam-na de forma grosseira, quase como se dela fosse a culpa pelo seu chefe não mais entre eles estar.

Era a angústia da ausência de direção, o vácuo que um grande líder deixa quando se vai mais a dor do amor não entregue ao seu destinatário final, pela posição que ocupava e o temor que imprimia aos seus comandados. Agora um simples abraço lamentavam jamais ter lhe dado, mostrando singelamente uma vez, o quanto seu trabalho era apreciado e como membro mais relevante do clã, admirado. E sempre o amor não dado é o que mais dói quando acaba o prazo para entrega no nível dimensional extinto do contato corporal entre iguais, e por isso Praxínia não sofria, pois houvera amado – e até demais – ao seu chefe, mas por Tegini nutria agora ódio mortal. E assim, em meio a todos reunidos em praça pública, após as cerimônias fúnebres pelos que pereceram no ataque, em lugar de destaque, à vista de todos os anciãos, reverbera aos quatro cantos sua condição de amante-viúva em processo de gestação. O pai de Tegini tenta protegê-la, mas ela, como sempre impassível, nada externa, nem mesmo surpresa, embora disso não soubesse, mas apenas porque no fim, total surpresa quando se trata dos homens, ela nunca achasse que conviesse. Praxínia gritou e sustentou seu teatro à espera de refutação, o que não houve; e do silêncio que não esperava, nem a abafada comoção da multidão, apenas Tegini dela se aproximou e disse:

– Se esperas de Siul'Ahan um filho, que possam ser ambos bons irmãos.

E dali retirou-se sem celeuma, deixando o público a julgar os fatos, que na falsa moral que ainda habita mesmo os orbes à Terra superiores, metade criticava Tegini e a outra metade a nova progenitora.

Muito mais críticas recebeu ao querer levar o filho para morar com ela e seu pai, o que foi visto como traição ao clã, criar o filho do chefe fora do convívio dos seus semelhantes. O que abriu precedente para os planos de Praxínia de ser vista como a única herdeira e mãe do sucessor algum dia.

Tegini não contestou por si o legado do marido e nem o filho fragilizado a uma disputa insana iria impor. Pelo seu ponto de vista, nem vida a ser governada era sabido que teriam ou não para a um líder predispor. Mas para quê falar aquilo que todos queriam esquecer? Para assustar as crianças? Fazer os mais velhos tremarem? Quando se tem uma raça inteira ameaçada, externar esses temores concretos demais é como acender um fósforo perto de um barril de pólvora, e o efeito pode ser devastador.

Onde todos se controlam e fingem que vai ficar tudo bem, externar o medo pela sobrevivência pode ter o impacto de uma explosão. Mas acima de tudo isso estava sua única preocupação: salvar Ardul do mal que o debilitava.



Arhenya foi procurar Tegini na casa de seu pai.

– Salve, moça do sol poente! – ele disse com um sorriso incontido que ela preferia que ele não tivesse.

Um só instante e em sua presença o tempo era como se não houvesse passado. Nem amor, casamento ou filho, mágoas, angústias ou desentendimentos. Apenas um agora tão perfeito quanto profundo, apenas à espera dos próximos acontecimentos.

– A que devo sua presença – respondeu Tegini séria, com a tristeza de sempre no olhar.

Por alguns instantes ele nada falou, só lhe observou, detidamente, e a tudo ao redor.

- Como você está?

- Preocupada com meu filho, que tem estado febril apesar dos cristais.

- Ele já sabe sobre o pai?

- Só contarei quando a estase acabar em definitivo. Porque 'se' esse dia não chegar, eu prefiro que ele apenas saiba disso do lado de lá...

Ela queria parecer mais dura, principalmente perto dele, mas lágrimas rolaram por sua face.

- Que seja uma surpresa boa para ele, encontrar com o pai do lado de lá...

- Tegini, eu vim falar com você sobre o menino. Desde o nosso último contato eu tenho tentado encontrar uma alternativa.

- A estase não pode durar muito mais tempo, você sabe... - disse ela em prantos.

- Sim, mas escute: eu senti seu filho muito como um felino naquela nossa busca pela essência dele. Você conseguiu sentir isso?

- Sim... Não tivemos tempo para conversar mais sobre isso... - disse ela limpando as lágrimas.

- Mas eu tive bastante tempo para conversar com Arúap. Ela me mostrou esse felino antigo, com cores fortes, escuras, mescladas, olhos grandes e dentes sobressalentes...

- Foi assim mesmo que eu o senti!

- Arúap me disse que descende desse animal e que é muito importante que seu filho viva. Por isso ela está disposta a um sacrifício.

- Que sacrifício?

- A raça de Arúap e Lentara é rara, elas não procriam com frequência, no máximo duas vezes na vida, e Lentara foi a segunda cria de Arúap; a primeira morreu na selva, pois ela era uma mãe muito jovem e inexperiente, teve um cio antecipado. Arúap conversou comigo sobre a possibilidade de acessarmos a essência daquele animal reencarnando-o num futuro filhote dela. É uma tentativa, e o macho precisa ser da mesma espécie, por aqui não temos outros exemplares do meu conhecimento...

- Os felianos têm alguns! Eu os vi várias vezes!

- É preciso um trabalho em cinco níveis acima desse para tentar acessar o registro primal dessa essência e fazê-la descer até Arúap quando ela estiver no cio. Isso será extenuante para mim, para você e para ela, acessar e trazer uma egrégora de matrizes perispirituais em desuso no nosso nível. Arúap me explicou que o filhote poderá nascer normal, com a mesma aparência de Lentara, mas terá as reações, o instinto e a memória atávica dos ancestrais ressoando em todo seu campo elétrico e que isso poderá ser sentido por Ardul, curando-o.

- Mas isso será perigoso para Arúap? Eu não quero que outro ser vivo seja prejudicado pela doença do meu filho!

- Nem eu quero por Arúap em risco, mas ela se dispõe a tentar ser a mãe da matriz animal equilibradora do seu filho porque, se nossa espécie sobreviver, assim ela me mostra telepaticamente, Ardul será muito importante. Mas apesar do sacrifício dela, e do nosso, pois não será fácil pra nós também, ainda estamos falando de uma tentativa e não de um procedimento cujo sucesso esteja assegurado. E nesse caso eu me responsabilizo pela vida do filhote que irá nascer, tutelando-o. Mas você, Tegini, você precisa ter isso em mente também; a possibilidade de falharmos todos os três, eu, você e Arúap.

- Eu não me sinto confortável arriscando a vida de Arúap.

- Eu tenho de lhe dizer isso, Tegini: apesar de cada lágrima sua ser como um punhal em meu peito, eu jamais daria a vida de um animal, especialmente um que me é tão caro como o maior amigo que já tive nesta vida, em troca da de seu filho. Creia-me quando digo que essa foi uma decisão de Arúap, eu apenas estou lhe transmitindo o recado dela. E farei de tudo, possível e impossível, para garantir o bem estar dela durante todo o processo.

Só o silêncio ali permaneceu junto com eles.



- Diga-me, Arhenya, que outra saída eu tenho?

Com essas palavras Tegini adentrou o templo no dia marcado para o ritual.

Ele lhe pegou as mãos:

- Escute-me: nós vamos entrar nisso juntos, fazer o melhor que pudermos juntos, sairmos juntos e dividirmos as culpas que nos couberem depois de tudo também juntos. Está bem? Você não estará sozinha nisso, nem agora e nem depois. Eu estarei com você durante tudo o que acontecer com Ardup aqui para frente, ok? Agora respire.

Tegini respirou. Ardup estava no canto da sala e levantou a cabeça em sua direção. Tegini pensou para o magnífico animal:

*“Eu não quero machucar você, nem desejo que você se prejudique por mim ou por meu filho”.*

E recebeu o pensamento do animal de volta:

*“Ele é importante para o Todo. Se vocês tiverem uma continuação\*, ele deverá estar lá.”*

*“Mas sua vida também é importante”* – argumentou Tegini.

*“Sim, e eu escolho fazer a minha parte pela sobrevivência da sua espécie. É a minha colaboração na teia que rege tudo e une toda a vida com toda a vida.”*

Tegini ajoelhou-se e agradeceu ao animal. Naquele momento ela também se unia a teia, em reverência profunda.

*“Eu juro por meu sangue fazer tudo por você, Ardup. Obrigada por sua ajuda, irmã-grande felina.”*

*“Eu sei que vocês cuidarão de mim e de minha cria, mas meu destino escapa às suas decisões. A propósito, Lentara sente sua falta.”*

Surpresa, Tegini olhou para Arhenya, pois ele era o guardião da felina mais jovem. Arúap pareceu perceber a linha de raciocínio da humana.

*“Vocês dois deveriam estar vivendo juntos. E Lentara estaria com você. Tanto tempo perdido!...”*

E cansada de argumentações telepáticas, a grande felina bocejou e virou para o lado cobrindo a cara e alienando-se por um pouco da presença dos humanos.

- Ardul parece bem, pelo menos a febre baixou – comunicou Arhenya.

- Como faremos? – perguntou quase num suspiro Tegini.

- Você vai ter dois trabalhos: sintonizar o corpo de Arúap até vê-lo como uma imensa constelação, cada sistema endócrino uma galáxia, nebulosas de aglomerados celulares, e encontrar dentro desse universo um planeta específico que servirá de morada para a essência animal do seu filho, o óvulo de Arúap. Uma vez com ele em mente, não pode perdê-lo da visão mental mais, e deve conectar essa imagem com a energia ainda pulsante do seu processo gestacional; rememore desde o início como foi a sua gestação de Ardul, como você se sentia enquanto a vida dele se desenvolvia dentro de você, e imprima esse sentimento e essas sensações nesse óvulo-planeta em que parte de Ardul deverá habitar.

- E você, o que vai fazer?

- Como cabe a um homem, minha estrela, a parte mais difícil. Vou sair para caçar um espírito animal.

**20/06/2011 – Pausa** de 3 semanas

Não consegui escrever, embora soubesse sobre o que se tratava o capítulo. Entretanto senti facilidade de conexão para escrever a introdução de 2 novos projetos: O Livro dos Baianos e o Livro dos Erês. Acredito que minha dificuldade tenha a ver com estar desintonizada com o assunto tratado, energética, emocional e mentalmente falando, no momento: amor, xamanismo, extraterrestres.

Retorno: 09/10/2011

Durante esse período os outros dois livros progrediram.

## Capítulo 34 A Caçada Espiritual

### Capítulo 34

#### *A Caçada Espiritual*

No campo mental de onde os humanos podem ascender a concepções de ordem superior, saltou Arhenya em busca do registro que aqui chamaremos de afásico por falta de uma palavra melhor, de um elemento etérico possuidor da assinatura energética do extinto animal. No caminho Arhenya assenhoreou-se do porquê dessa dificuldade em encontrar um animal compatível com o filho de Tegini e Siul'Ahan; ele compreendeu que a palavra-chave era 'forte-instinto', que esse animal, cuja agressividade era limítrofe à sua, tinha o instinto como principal ferramenta de sobrevivência, enquanto em seu orbe, outras espécies animais já sustentavam sua existência de acordo com respostas emocionais e estruturas intelectivas primitivas, em acordo com a evolução presente. O menino Ardul era dotado desse forte componente instintivo, uma força de ligação com as energias de vida primitivas, o que surpresa não causaria em vista das necessidades estabelecidas como prováveis e futuras. Buscava essa essência no mundo dos arquétipos animais; atacava e era atacado; defendia-se e esgueirava-se entre uma e outra sombra em busca daquela que obstinadamente procurava.

De longe sentia em seu peito um fio que o conectava à mãe do ser que viria a ser metade da conexão mágica que estavam todos prestes a assumir e estabelecer. Assumir sim, pois que todos seriam, como todos são, por suas ações e decisões, sobretudo as que envolvem magia, eterna e soberanamente responsáveis. Sentia de longe que sua amada também se lançava em viagem, saltando do prumo do seu coração, em busca da emoção sentida no momento da aceitação daquela vida que de dentro da sua surgiria, para dar luz à nação dos homens vermelhos, sobreviventes da estrela que se apagou. Daquele momento grande amor guardou, e agora a esse sentimento recorria, como a fé inabalável de que a Vida é o Bem e o Bom, para fazer viver seu filho e dar certo a tentativa de cura do seu rebento com o chefe de uma grande população.

Não menos importante, selava essa chama trina de união, Arúap, invocando as forças da natureza que lhe animavam o coração; se aliava à força pura e simples da vida, que apenas Era, e sua força de realização, construindo o caminho físico para receber o resultado da busca de seu humano guardião nos planos somente acessíveis pelo mental, e da mãe, que pelo campo emocional acessava a força que na Terra é tida, num dos seus nomes, como Shekinah.

A caçada foi longa para os três, e o último a laçar o que caçava foi o antigo rival de Siul'Ahan. Unidos os três com suas caças em mantra e interna oração, plasmaram ali a vida, que ao fim do certo ciclo veio a existir naquela dimensão. Desde aquele dia jamais Arúap voltou a ser a mesma, embora sobreviveu ao parto a fim de amamentar a nova criatura. Ao final desse período, febril se foi; e desde que foi sua cria apresentada ao menino-líder, não mais desequilíbrio algum Ardul manifestou, e ao contrário, desenvolvendo-se de forma ainda mais rápida, saudável e agilmente do que seria de se esperar de um menino de sua idade, mesmo com sua herança genética.

Lentara era a única conexão com o novo felino, que não atendia nem se sintonizava aos comandos de outra mente humana, mas aceitava a filha de Arúap como mãe. Mas como não sabe o ser humano ser feliz, seja em qual orbe estiver, e dada sua resistência ao Amor e apego ao orgulho com que seu ego se defende, eis que o que devia ser uma bênção tornou-se um cavalo de batalha sobre o qual emoções não discutidas afloravam sob desculpas mil.

## Capítulo 35 Quando o que Devia Ser Não é

### Capítulo 35

#### *Quando o que Devia Ser Não é*

Quando o que devia ser não é, a pessoa se sente lesada sem o ser, pois que mais ninguém tem a culpa, de privá-la do que é seu direito, a não ser a si mesma e ao seu orgulho. Mas eis que o orgulho é parte que carrega o ser humano, e hesita em dele se livrar, porque com ele se identifica como a parte sua que lhe garante algum *status* e proteção do próprio ego, mais fácil é ao indivíduo em outro procurar, às custas de fantasias, alguém para culpar, pois que prefere sofrer à culpa assumida pelas próprias desventuras.

Arhenya buscava em Lentara a desculpa para vigiar Tegini à espera que esta em alguma ação impensada agisse atirando-se aos braços seus, mas como esta não o fazia, voltas inventava e prazos marcava para vir buscar a filha de sua amiga animal Arúap, que no pós-parto pereceu, alegando que somente ela lhe poderia fazer companhia, uma vez que era alma-só. Mas Lentara ao U'sil'Lu era fundamental para o controle humano do peculiar animal, assim como este vital ao menino Ardul era, e este para o seu povo. Assim como tudo estava interligado, e Arhenya bem o sabia, vinha a cada nova lua com desculpas para ver se a noiva do seu coração em seus braços caía, para que então em paz com seu ego ficasse, crendo-se sem opção, *“pois ficara com a moça que se lhe atirou nas mãos, desprotegida e apaixonada, dele muito precisada: Que cavalheiro seria então, se lhe tivesse dito um não?”*

Mas a moça era teimosa, não suspirava de amores, não. Ao contrário dele esperava atitude e reflexão. Se lhe quisera ou queria, ainda agora então, como homem lhe fizesse proposta com certidão, onde sem firulas houvesse de seus sentimentos declaração, e que ele a fizesse amiga, esposa, fiel canção, para juntos irem melodiar sua eterna condição, de casal de novo. Antigo, mas revivido para essa geração.

E Tegini por sua vez se irritava das perguntas impertinentes, pois não era possível que um telepata animal não compreendesse o inter-vitalício elo entre aqueles animais, sendo que ele mesmo fora o primeiro a dar seu parecer sobre aquilo que deviam fazer com seu filho a fim de que vida ele pudesse ter. Como agora lhe aparecia tão egoísta e inconsequente, cobrando uma data, um prazo para separar de U'sil'Lu a parente?

Se preferia viver sozinho, que fosse só então! Já se sentia rejeitada a filha de

Leodkir, grande Terumiã, que alimentou esperanças de que agora estaria ele pronto, mais maduro e certo de seus sentimentos para assumir a ela e ao filho como responsabilidades suas. Se assim não fora, por que viera, então?

Desde o início fazia-lhe o bem, mas distante permanecia, como ponto de honra a destacar-se quando em sua companhia: *“Ajudo-te, mas não te quero”*. Ó que caridade ardida para a mulher que recebe, do único a quem ama, como esmola de atenção – a que a necessidade obriga a aceitação, mesmo sem alegria – posto que claro estava ele não desejar sua companhia.

*“Se me quisesses”* – pensava – *“a mim ou a meu pai falaria. E eu te aceitaria.”* Mas entre lágrimas concluía: *“Mas se te evades é porque não te causo excitação nem o desejo por maior companhia. Só compaixão me tens. Uma ofensa que eu recusaria, não fosse a maternidade obrigar-me a cortesia”*.

E muitas lágrimas caíam antes e após cada visitação.

Esperava Arhenya uma recaída e Tegini uma atitude definitiva. E em seus desacertos partia ele de volta para sua toca envolto a lastimar, a tristeza de Tegini refletida em seu olhar.

Comentavam, os em volta, que ela o amaria. Mas nenhum dos dois fazia algo que essa situação resolveria.

Mesmo quando seu pai tudo lhe contara, ela apenas lamentaria:

– Se ele prefere viver à sombra do Amor que não tem, que posso eu fazer?

– Estou lhe contando isso, minha filha, a fim de que sob outra luz compreendas os motivos e as motivações de Arhenya – disse o ancião Terumiã.

– Todos querem que eu os compreenda, mas a mim ninguém quer entender, só me usar para seus próprios propósitos.

– Arhenya sofreu uma dor muito grande...

– E eu devo sofrer em vida o mesmo tanto para poder merecê-lo?

– Talvez você devesse dizer essas coisas a ele, chamá-lo à razão... Vocês seriam felizes juntos, eu sei!

– Olhe, meu pai, isso tudo que o senhor me contou, só fez cair Arhenya em meu conceito ainda mais, pois jamais teve ele hombridade para me contar nada disso. E se o senhor me conta é por ter pena de mim, porém pena é um sentimento que carrego a contragosto desde que nasci e não pretendo continuar a sustentar essa energia em meu redor.

Se o homem que deveria me amar e ser mais forte ao meu lado só sente pena por mim, eu a ele devolverei essa pena para que ele enderece a outra pessoa, pois por força do destino prefiro me fazer forte à minha própria sorte, mesmo sem homem algum ao meu lado, seja para me proteger, seja para amor me ter.

E irritada Tegini saiu da presença de seu pai para buscar nos bichos inspiração para o que fazer. Sentou-se junto a Lentara que vigiava o sono de seu irmão, por sua vez adormecido junto a Ardul, seu guardião. Tegini pensou na simplicidade da vida e das relações entre os animais na natureza, e lastimou que justamente quem ela julgava que deveria profundamente comungar dessas questões, o raro telepata-animal, parecia ignorar completamente as lições do dia-dia dos bichos. Ele não era sincero com ela, e isto lhe doía, mais que a sua escolha em si.

Mas Tegini recusava-se a ser vítima das escolhas alheias mais uma vez. Dessa feita, ela estaria no comando de suas ações.

## Capítulo 36 O Poder do Homem é Adiar o que o Tempo Decide

### Capítulo 36

#### *O Poder do Homem é Adiar o que o Tempo Decide*

Tegini esperou a data da vinda de Arhenya para buscar Lentara como quem aguarda uma refeição com todos os talheres à mão. Aviou-se com mais enfeites do que de costume, mas o que lhe movia não era a vaidade de mulher apaixonada que visa encantar o homem, mas o orgulho ferido aliado ao instinto bélico que desenvolvera nos últimos anos. Preparara-se para uma batalha em que estava decidida a sair-se como vencedora. Ao menos no que àquele momento lhe parecia uma vitória.

Arhenya chegou tranquilo, já ciente de que não levaria Lentara de volta e já planejando novas datas em que Tegini pudesse rever, à guisa de deliberarem sobre o animal. Não esperava ver a felina atada à sua espera nos aposentos centrais em que Tegini o recebera. A aparência desta também o espantou: poderosa, bela e perigosa ela lhe parecia a um só tempo. Fervente como um vulcão e fria como a noite no poente.

- Salve, filha do Sol! - ele gaguejou um tanto incerto.

- Salve, telepata-animal. - nunca ela pronunciou com tanto efeito essas duas últimas palavras.

- Como está o menino?

- Bem, como na ocasião passada.

- E o filhote, já se acostumou sem a presença de Lentara?

- Não, a resposta é a mesma como em todas as outras vezes em que você perguntou o que já sabe.

- Se soubesse não careceria de perguntar.

- Se não soubesse, não o chamaríamos de telepata-animal, não é mesmo?

- Não é bem assim que as coisas funcionam, você sabe... - disse ele incomodado.

- A mim parece que seja exatamente assim. Mas o fato é que vou poupá-lo agora de ficar vindo aqui e se sujeitando - logo você que tem uma vida tão ocupada! - a essa

repetição de perguntas e respostas. Como qualquer um de nós meros mortais podemos ver – quanto mais você que é telepata–animal – U’sil’Lu não vai se desapegar de Lentara nem hoje nem nunca. Mas já que você, no seu direito de guardião do animal, e já tendo feito tanto por meu filho num empenho em que lhe sou profundamente grata e que custou a vida de sua estimada Arúap, deseja levá-la daqui para viver com você, que isso seja hoje e não se prorrogue mais nem o seu, nem o meu, nem o sofrimento dos animais. Se a separação é fato, que seja breve. Por isso já preparei Lentara para que você a leve.

– Mas, veja bem, eu não tenho tanta pressa assim... Posso muito bem esperar o momento que for mais adequado para os animais.

Tegini chegou bem perto de Arhenya e disse-lhe face a face:

– Sabemos que esse dia não chegará.

Ele desviou o olhar.

– Não quero prejudicar o filhote.

– Mas quer Lentara de volta. A única alternativa que vejo seria, no caso da minha morte, você levar meu filho junto com U’sil’Lu e Lentara para viver com você nas montanhas. Mas como não pretendo deixar este corpo já, tal não será viável.

– Veja, Lentara é a única parte que me restou de minha amiga Arúap...

– Eu vejo perfeitamente. É seu direito levar Lentara. Pode levá-la. Sou-lhe grata pelo tempo que permitiu que ela conosco ficasse.

– Eu não faria nada para prejudicar o filhote ou seu filho, por isso posso esperar até o momento...

– Arhenya, esse momento não existe! – interrompeu Tegini impaciente e a um passo da ira. Meu filho é ligado ao filhote que é ligado a Lentara a qual você deseja. Não acredito que precise dizer isso a um 'telepata–animal': eles não quebrarão vínculo espontaneamente. Teremos muito trabalho, aliás, já estamos tendo, pois já separei Lentara dele há três dias aguardando a sua vinda, mas não há outro jeito. O que me intriga é porque você insiste em algo que sabe que não irá acontecer.

Arhenya ficou mudo, como que acuado por uma onça brava; não sabia o que dizer.

- Você era guardião de Arúap; Ardul é de U'sil'Lu. Na verdade Lentara deveria ser minha, pois comigo você a deixou há 7 ciclos e a mim ela se vinculou; mas assim como você a buscou há sete ciclos atrás e hoje a busca novamente, eu não me oporei à sua vontade, afinal você só tem os animais para lhe fazer companhia. Uma escolha sua, não é isso?

- Por que você está com raiva de mim?

Subitamente a luz se fez dentro da cabeça de Arhenya e ele fez a pergunta extremamente calmo. Tegini, porém, irritou-se ainda mais, pois não queria que ele tivesse tão cedo a percepção de sua ira com muito esforço contida.

- Eu não estou com raiva de você. Apenas a minha paciência se esgotou por estar sempre à mercê das decisões e dos motivos alheios, sejam estes justos ou não. A tribo de Siul'Ahan está pedindo ao Conselho a tutela de meu filho, para que ele cresça junto ao povo que deverá um dia liderar. Serão justos seus argumentos? Não nego que sim, porém os anciãos decidirão com base no que é melhor para ele e para a tribo; ninguém pensará em mim no momento de tomarem a sua decisão. Assim fez comigo o Povo Gato, retirando-me do meu convívio com os meus e me transformando em algo que gerou espanto, admiração, mas também muita desconfiança, e conseqüente distanciamento dos meus. Siul'Ahan me queria como a um troféu e eu sempre soube...

- Mas você o escolheu – interrompeu frio.

- Sim, porque ele foi o único homem que lutou por mim e o que menos mentiu para mim.

- Menos mentiu?! Ele até mesmo a traiu!

- Ele não se escondeu atrás de subterfúgios nem me ocultou seu passado.

- Teguilp teria sido uma escolha mais sábia. Eu até achei mesmo que você iria ficar com ele.

- É mesmo? Era nisso que você pensava quando me beijou no centro da festa?

- Você não sabe do que está falando e nem tem o direito de falar nisso!... - arfava depois de perder toda a calma com a declaração tão às claras de Tegini.

- Graças a você eu não saberia nunca, mas agora eu sei o que você não teve hombridade o suficiente para me contar. E eu tenho todo o direito do mundo de falar sobre qualquer coisa que influa na minha vida e nas decisões que os outros tomam quanto a mim. Você foi o mais falso de todos, Arhenya, e eu, crente nas suas intenções desinteressadas e honrosas, fui manipulada por você, que não teve a decência de me contar algo que é parte da minha origem e da minha razão de estar aqui nesse mundo num corpo encarnada. Você me roubou de parte da minha história e se colocou no direito de decidir sozinho sobre um futuro que era para ser NOSSO. Pois muito bem, agradeço sua caridade com relação ao meu filho, o futuro líder de um clã que também está em débito com você, mas agora pegue Lentara, que é sua por direito e vá embora, porque de hoje em diante ninguém vai decidir mais nada por mim, nem você, nem homem algum, nem meu pai, ou meu filho, nem todo o Conselho dos Anciãos. Daqui pra frente eu vou fazer somente o que eu achar que devo e o que eu quiser, independente da tradição ou do julgamento de quem quer que seja.

- Tegini, você não sabe o que eu passei...

- E você – gritava aos prantos já – você sabe o que eu passei desde que nasci aqui para me encontrar com você!? Sabe? Não! E nem nunca quis saber por que você só teve tempo pra pensar na sua dor! Egoísta! É isso que você é, Arhenya, o maior dos egoístas que a nossa aldeia já viu! Agora suma da minha frente com a certeza de que eu estou lhe liberando de qualquer compromisso kármico para comigo. Se é que eu vim para cá também para preencher uma lacuna na sua vida, de hoje até o fim dos meus dias eu vou viver para preencher unicamente as lacunas da minha própria vida. Obrigada. Adeus e Boa Sorte!

Arhenya nunca viu em toda sua vida uma mulher chorar com tanto ódio em sua frente, nem nunca havia temido uma como agora temia aquela. Ele saiu da sala, levando consigo Lentara, certo de que qualquer recusa sua em fazer o que ela lhe ordenara resultaria em algo drástico. Mas ele estava abalado. Ela tocara em pontos do seu caráter que ele jamais permitira que alguém atacasse; sequer permitiria que alguém lhe dirigisse a palavra assim. E embora ele não estivesse conformado com a situação e pretendesse retroceder os efeitos do dia de hoje de alguma maneira, em médio ou longo prazo, ele era obrigado a aceitar e admitir pelo menos parte daquilo com que ela lhe atacara. Ele sabia que era, sim, um tremendo de um egoísta.

## Capítulo 37 Em Busca da Cura

### Capítulo 37

#### *Em Busca da Cura*

Às vezes uma reação que não se espera causa uma revolução.

No 1º dia Arhenya maldisse sua sorte em procurar ajudar mulher tão destemperada! Na primeira parte do 2º dia, ponderou que ela estivesse talvez num mal dia, e que cheia de problemas como provavelmente estava, e com os afazeres de mãe, poderia com o tempo perdoá-la, e bendisse sua sorte por ser sozinho. Na segunda metade desse dia conjecturou que talvez tivesse, em parte, ainda que mínima, culpa, afinal deixara a história da pantera se alongar por demais sem definição e isso pode ter causado um estresse desnecessário para uma mulher nervosa e já sob pressão.

Ao fim do 3º dia Arhenya foi até o rio onde estivera com Cecinin pela última vez antes de ela partir. Sentou-se à beira e chorou. Como nunca antes chorara desde que a perdera, e junto com ela, a promessa de um filho e a estabilidade de um viver compartilhado em harmonia. Para abafar a tristeza de seus dias, buscou ele refúgio na companhia dos animais, pois eles também sofrem suas tragédias e tristezas pela ordem natural das coisas na natureza e sabem que devem procurar sobreviver, então com eles Arhenya procurou aprender um meio de superar a dor que lhe lancinava o peito e entre eles grande ciência alcançou. Um universo inteiro de saber se descortinara diante de si, composto de frações de universos outros muito mais complexos representados por cada espécie animal e suas variações; lições mil aprendidas com cada pequeno grande irmão a qual sua atenção, dedicação e apreciação descortinavam diante de si. Sabia que antes de si houvera outros, que nos reinos profundos animais penetraram a fim de descobrir cura para um ou outro mal humano, e lá permaneceram em seus mistérios presos, tornando-se os primeiros xamãs, aqueles que faziam a ponte entre o mistério humano e o animal, a fim de que suas almas pudessem se comunicar. Os primeiros xamãs foram enfaixados em outro nível de existência, aceitos pelos Senhores das almas-grupo animais, como seus embaixadores perante a nossa espécie, e tiveram autorização de falar àquele que bem os quisesse ouvir sobre os segredos dos que andam no ar, na água, no fogo e por debaixo da terra, a fim de tornar a convivência entre todos os povos daquela Terra mais harmoniosa, inspirando respeito e amor pela apreciação de cada ser em sua manifestação individual.

Arhenya não buscava ser um mago animal, e sim refúgio para sua alma dorida em amargor sem fim, mas entre os animais ficou, e com eles se aliou, pois além de anestésico para suas lembranças, um novo equilíbrio interior encontrou. A mente mais apaziguada e o coração em compasso regenerador. Se pensasse, lá estava a dor, tão implacável quanto no primeiro dia do padecer pela ausência do seu amor, mas seus amigos dos Quatro Povos o mantinham distante desse confronto onde só poderia ele sair como perdedor. Nos olhos dos ursos e das panteras viu o telepata-animal que sentiam eles também dor e saudade, mas seguiam adiante, após um período de luto natural a todo ser dotado do 'sentimento emocional' presente nas mais primariamente evoluídas manifestações de vida, pois seu “Anjo Condutor da Evolução de Espécie”, que hoje chamamos totem, os impelia a fluir com a corrente viva dos elementos e experimentar as sensações até o dia em que essa experiência lhes cessasse, quando então, àqueles dos quais sentiam falta se reuniriam, no outro lugar, onde não existem as sensações. E como por um senso de honra e compromisso com a espécie, o ser urso, o ser peixe, o ser ave, o 'ser homem' continuou sua jornada, prosseguiu e prosperou, conquistando o respeito e a admiração dos homens de comando nas tribos vizinhas por conta dos conhecimentos novos que adquiriu com os animais.

Mas agora seu peito chorava novamente e sua alma doía, pois Tegini sofria e isso o magoava; porque ela o magoara e ele agora sofria. E porque jurara que nunca mais sofreria por esse tipo de afeto que toma conta dos sentidos e obnubila a mente.

E ele não tinha ninguém a quem recorrer. O homem mais maduro e experiente era o pai de sua amada, não uma boa opção para se aconselhar. De outros chefes já ouvia, desde que ficara viúvo, que deveria voltar a se casar, a se unir com uma mulher em busca de seu reequilíbrio; mas eram frases ditas prontas, por pessoas que não o conheciam profundamente, e ele, Arhenya, não era qualquer um. Ele não quisera qualquer mulher antes de Cecinin e não queria qualquer uma agora para substituir um afeto insubstituível. Julgava que aqueles que lhe falavam isso sequer amaram algum dia, pois não pareciam entender que o que ama o rouxinol não pode apaixonar-se pela lebre.

Mas a dor de voltar a amar, e a isso não aceitar, lhe ardia os olhos, o peito e o plexo solar. Em dor perdido, deitou ao lado do riacho e pediu ao seu Ser Maior que o ajudasse, que lhe curasse a dor e lhe ensinasse a reencontrar a paz interior novamente.

Arhenya sentiu um amor a lhe envolver, como se emanado pela própria a seu redor, e quase adormecendo viu um velho de túnica branca dele se aproximar e lhe fazer um sinal de bênção. Com seu espírito ele ouviu em sua mente as palavras do velho xamã:

*“Durma, meu filho, que te ensinarei a tua última lição”*

## Capítulo 38 Conversando com o Mestre

### Capítulo 38

#### *Conversando com o Mestre*

Sem saber quanto tempo à beira do riacho dormiu, Arhenya se levantou sentindo-se muito bem e voltou para sua casa, preparando uma bebida quente e uma leve refeição. Ao anoitecer preparou uma mistura de ervas e as depositou no braseiro. O aroma invadiu o ambiente e o ajudou a serenar ainda mais. Com pouca luz no ambiente, sentou-se em posição de lótus e começou os exercícios de respiração que o ajudavam a se comunicar com o invisível. Logo o venerando ser visto à beira do rio lhe apareceu na tela mental e encetaram eles curiosa conversação.

“Salve, filho da Terra”

“Quem é o senhor?”

“Eu sou o Espírito do Rio, que viu tua alegria e o teu sofrer em inúmeras ocasiões”

“Por que não antes falaste comigo, já que muito precisei?”

“Porque à época de tua grande dor não eras ainda ungido à Mãe Terra e não poderias me ouvir. Os soldados da Mãe te guiaram, porém, ao refúgio no coração do amor compassivo da sua manifestação na natureza, e encontraste, por teus próprios esforços, cura e consolo para tua alma. Hoje, porém, te avizinhas de intenso e desnecessário sofrimento, e sendo tu um iniciado e tendo pedido auxílio, venho a ti a fim de te poupar amargor sem fim”

“Dize-me, venerável ancião, o quanto sabeis. De quê, pois, me valeis?”

“Tua desconfiança é pertinente e a resposta que te dou a única que me concerne oferecer-te. Sei o que conheço e o que vi pelos caminhos que meus pés trilhavam enquanto guarda ofereci e ofereço a este rio, e em parte sei daquilo que viveram e passaram os muitos que às suas margens conheci, alguns só se relance, outros mais intimamente, ainda que em sua maioria tenha sido eu silencioso observador às suas vistas inconscientes”

“Dizei-me, Velho Espírito do Rio, por que me foi tirada minha amada Cecinin de mim? Por que não pôde meu filho com ela ver a luz do dia nascer?”

“Bem sabes tu que a mãe animal jamais se poria a esmorecer pela cria que não viu nascer, embora tudo faria pelo filhote que lhe é posto a depender em vida da proteção, do calor, do aprender e do comer. A natureza não pranteia aquilo que não existe. O teu filho não veio à vida, logo ele não existe neste plano, não tens motivo de pensares sobre ele aqui. A que amaste, amou-te a ti também e isso já é uma grande bênção. Saiba tu, mortal, que a vós cabem os começos e a nós os finais, e é muito por isto que hoje estou aqui. Tu e aquela que aqui já não está tiveram sua chance de começarem juntos uma experiência, e para seu próprio bem o fizeram e essa experiência viveram e a aproveitaram até ao máximo, tendo dia chegado que o fim desse tempo os alcançou nesta dimensão e, na tua compreensão, nenhum de vós consultou para ter sua consumação. Mas eu lhe digo que foi Cecinin que escolheu partir, pois preparada não se sentia sua alma para ser mãe, e preferiu então ela partir, que decepcionar aos outros e a ti, deixando apenas de si mesma, boas lembranças”

Chocado, Arhenya arfou:

- Como pode ela ter escolhido deixar-me, ter escolhido negar à luz o nosso filho? Se me amasse, jamais me deixaria! Não podes estar a dizer a verdade!

“Como te amava, verdadeiramente e com tudo nela que tinha, de forças e de necessidade por aceitação, cedeu ela ao papel social lhe imposto, ser a tua esposa e mãe, mas em seu íntimo não se sentia forte o suficiente para cumprir a missão. Preferiu ela deixar-te a aos outros com as lembranças de um sonho bom do que perder teu amor no dia-dia, fruto da desilusão e do rancor que se instalam nas costumeiras exigências, nos sentimentos partilhados a dois nas rotinas das responsabilidades e dos compromissos que demandam solução”

- Não era ela minha alma-gêmea, então? Minha metade perfeita? Vivi e sofri uma ilusão?

“Só pensa assim quem pouco ama ou quem mais a si amou dentro de uma relação. Se tua amava, louva a Deus pelo tempo que com ela te concedeu e a abençoa pela escolha que ela fez, de ir-se antes que as memórias, de boas tornassem-se ruins. Preferiu ela que tu a guardasses no teu coração como a lembrança de primeira esposa amada e feliz do que algo diferente disto. Mas sobre estas coisas de que falais, de almas-metades, nem eu que sou meio-rio, meio-homem, não posso compreender, pois todas as almas estão inteiras e todas precisam se completar com o Todo que está à sua volta”

- Não há pessoas certas, determinadas para cada um? Os mapas que fazem nossos anciãos para formar as parselhas estão baseados em lendas e noções equivocadas?

“A sabedoria humana só pode alcançar até onde pode o olho do homem olhar, o dedo do homem tocar, o ouvido seu ouvir e a mente sua perseguir. O salto para dentro da mente de Deus se faz pelo intuir através do fluir do coração e nisto sua espécie ainda é muito incipiente”

- Não existe então um par determinado pelo Grande Espírito para cada um de nós?

“A evolução e a plenitude obtida pela Felicidade auto realizada e pelo serviço são objetivos que não podem ser alcançados em eterna solidão, logo, nas intrincâncias das leis perfeitas, pois são divinas, há correlações e padrões que interferem na interação dos seres. Dentro disto te digo que Cecinin pertencia a um padrão energético que cria seres potencialmente complementares ao padrão energético que vibra em você”

- Existem outras mulheres que poderiam ser então minha alma-gêmea?

“No seu plano existem cerca de 8 seres com os quais você poderá se deparar,

alguns com maiores e outros com menores probabilidades de com eles desenvolver uma ligação única. Em outros mundos esse número diminui\*, e em outros aumenta exponencialmente. Porém, vede bem que 'um potencial' não significa 'um relacionamento bem sucedido', posto que as escolhas que ambos farão é que definirão o futuro de sua empresa comum como um casal”

- Penso então que não deveríamos nos ater a ninguém, já que não há uma 'pessoal-especial' para quem quer que seja.

“Enganas-te! É o caminho percorrido junto, o aprendizado compartilhado, o choro de alegria e o de tristeza cujas lágrimas se secam alternadamente e da somatória das vivências em conjunto que se constrói o laço do sentimento que não pode ser substituído ou a co-dependência positiva que no trâmite de energias dotadas de características únicas torna a ambos os seres mais fortes e melhores enquanto dupla do que solitariamente”

Arhenya a tudo ouvia impressionado e cheio de questões, mas fez o ancião encantado encerramento, naquela noite, de sua aparição.

“Outro dia venho-te ensinar uma cura preciosa para ti e para os teus. Dorme agora e descansa que te levo em espírito para o fundo do rio comigo onde te mostrarei coisas que não te lembrarás claramente quando acordares, mas que te facilitarão entender as coisas que te direi quando da próxima vez voltar. Seis lições tenho para te dar, para tua alma desse amargor libertar e para impedir que deixes passar nova chance de a glória de Deus na carne experimentar”

E com sinal de bênção, o velho do rio se afastou.

Com muitas coisas para pensar, Arhenya se deitou, e nas perguntas que planejava ao mestre inquirir quando este voltasse, no cerne de todas as suas questões, Tegini estava.

\* na Terra é 4

## LIVRO III

## LIVRO III

## Capítulo 39 O Novo Cenário

### Capítulo 39

#### *O Novo Cenário*

O tempo que lá se passou seria equivalente a 15 dos anos da Terra. Como sói acontecer em muitos mundos, assim como no orbe terrestre, aqueles que pelos revezes da vida se encontram solitários e aqueles que tardiamente se arrependem de se auto impor a essa condição, muitas vezes se reúnem para usufruir, de suas tristezas e frustração compartilhadas, nova experiência, em nome da amizade, de mútua colaboração.

E assim casou Tegini com Teguilp, e viviam em compreensão já longas bodas abençoadas pelas vidas de um par de filhos, gêmeos irmãos. Arli e Meralpa eram um casal já adolescente – e muitíssimo inteligentes – que orgulhavam os dias de seu pai e alegravam os de sua mãe, afastando do coração de Tegini o pesar pela distância do filho que pouco tempo após seu restabelecimento fora viver entre seu povo, para ser educado como herdeiro e futuro líder do clã de seu pai, conforme as tradições, pois assim votou o Conselho dos Anciãos.

Já um homem, Ardul correspondia ao que seu povo esperava de si, uma continuação da liderança segura e da valentia do pai. Tinha, porém, a sensibilidade nos olhos de sua mãe, o que desagradava aos mais antigos e tenazes segundos e terceiros em comandos seculares, cargos da mesma forma brindados pela hereditariedade.

Aqui hoje, como lá outrora, e em qualquer mundo em qualquer tempo, será sempre no mais perto e não no mais distante que as mais fortes resistências se farão ouvir, quando chegar a hora de uma mudança de valores na liderança. E muitas vezes daí também virá a traição e a derrocada ultrajante.

Um jovem líder de coragem e talento, o filho de Siul'Ahan era, mas até mesmo seu vínculo com um animal, o que sua vida salvara na infância, e fora por todos dantes celebrado, hoje era motivo de desconfiança, e um tempero a mais para seus opositores ligá-lo aos misteriosos contatos que um dia sua mãe tivera com o Povo Gato, hoje totalmente distantes.

Os ataques à aldeia siriana eram escassos, mas ainda, vez por outra, ocorriam, e naqueles dias, nova fase de instabilidade se vivia, pois algumas descobertas de Teguilp e Tegini juntos – um dos motivos que os fizeram crer-se 'predestinados' na melhor combinação das

opções iniciais – provaram-se efetivas na segurança defensiva contra o Povo Réptil, mas no último ataque, ocorrido há poucas luas, nova arma do inimigo foi capaz de anular os campos e escudos protetores que lhes granjearam paz durante os anos de crescimento de Arli e Meralpa.

Hoje novamente, portanto, eram dias de tensão.

– Nossa casa recende ao fruto ermelo. Uma iguaria de sobremesa que Kora fez só porque Ardul ceia conosco hoje – disse a jovem falante de cabelos encaracolados fiando ao tear.

Assim como em seu irmão, essa característica, de um gene recessivo, era muito apreciada então, e as crianças que nasciam com essa predisposição eram consideradas dotadas de augúrios de boa sorte, abençoadas pelos deuses.

– Não tenha ciúmes, minha filha. Seu irmão Ardul está conosco tão poucas vezes, e você e Arli têm todas as suas vontades atendidas na medida do possível – respondeu Tegini também ao tear.

– Eu sei, só estou implicando...

– Sei... Pergunto-me se a estas horas estará Arli no laboratório a atormentar seu pai com as mesmas perguntas, pois vocês dois, embora não sejam idênticos na aparência, têm as cismas iguais!

– Ora, mamãe, não é para tanto também...

– Aliás, você sabe se seu pai e seu irmão têm feito algum progresso recente na questão dos campos de força? Tenho estado tão ocupada com os suprimentos para o inverno da aldeia que mal tenho tempo de ver seu pai à noite para conversarmos a esse respeito.

– Nenhum ainda... Você acha que seremos logo atacados?

– Quisera poder garantir-lhe que não, minha filha, mas quem pode garantir?

– Seria uma pena queimar meus lindos cachos em um desses ataques e morrer chamuscada em plena flor da idade!

– Meralpa, esse não é um assunto para se fazer graça! Dê graças que até hoje você não viu a que extensão podem a dor e a tristeza chegar quando se perde tudo, principalmente quem mais amamos! E isso devemos aos esforços de seu pai, que incessantemente tem buscado meios de aprimorar nossas defesas desde antes que vocês nascessem.

– Eu sei disso, mamãe, mas prefiro pensar nisso de forma cômica, por hora, e deixar para temer e me lamentar quando não tiver mais jeito, pois afinal de contas, o que tiver de ser, será.

- Todos temos pago um preço elevado por nossa suposta segurança. Agora que o clima do planeta está mudando e os invernos têm sido muito mais rigorosos, urge que todos trabalhemos muito mais tanto para armazenar alimentos como para tearmos, tecermos e prepararmos roupas capazes de nos fazer suportar as baixas temperaturas. A tribo de seu irmão tem dado o máximo de si na construção dos abrigos subterrâneos, que ele planeja tornem-se nossas moradas definitivas.

- O inimigo não pode atacar o que não vê...

- Exatamente.

- Mas, mamãe, eles sabem que estaremos em algum lugar; não creio que nos julgarão extintos de uma hora para outra.

- Isto não sabemos, o fato é que o plano de Ardul é o que de mais promissor temos para garantir nosso futuro.

- Mas, mamãe, se você diz que a temperatura do planeta está mudando tanto, isso me faz pensar que talvez os felianos tenham partido por saberem que este mundo está em decomposição. Tenho pensado muito, por tudo que aprendi com a história de nosso povo, que provavelmente eles partiram em antecipação da etapa final de degeneração do planeta que suas vidas sustentou. Se assim for, o plano de Ardul, sendo otimista, de pouco adiantará.

- Minha filha, me faça um favor, evite abordar esse assunto ou fazer esse tipo de comentário hoje à noite quando cearmos na presença de seu irmão, sim? Ele precisa muito mesmo, dos poucos momentos que tem para se distrair, desanuviar a mente de tantas preocupações e das obrigações que pesam sobre seus ombros.

- Tantos cuidados com Ardul para quê? Afinal se ele é um líder, não deve ser um fraco. Se os meus comentários o desestabilizarem, então é sinal de que as coisas estão num nível bem pior do que imaginamos! De mais a mais, às vezes penso que ele nem gosta da gente, pois nunca vem aqui, e quando vem o faz acompanhado de meia dúzia de capangas! Acho isso um absurdo.

- Os líderes são os que muitas vezes mais precisam da nossa compreensão. Meralpa. Se você estudou tanto como diz, devia saber que seu irmão está preso às convenções de seu posto. Um líder do clã não pode nunca ir a nenhum lugar sem a companhia de seu hexágono de proteção, especialmente em tempo de guerra, que é o que estamos vivendo, minha querida.

- Eu sei dessa bobagem, sim. No entanto, se essa regra algum dia serviu foi antes do nosso exílio, pois que ninguém é atacado pela própria raça, ao menos desde que para cá viemos trazidos pelo Povo Gato. Se ele sofrer algum ataque será de cima e de uma nave! Se a

senhora puder me explicar que utilidade terão aqueles seis grandalhões que o acompanham nessa hora, eu ficaria feliz em saber!

- Filha – Tegini suspirou – você é muito jovem para compreender, mas em tempos de tensão, são justamente os pequenos hábitos cotidianos e algumas velhas tradições que nos mantêm sãos e nos dão um sentido de identidade. Ainda somos nós. Ainda estamos aqui. Nossa vida não está inteiramente de cabeça para baixo. Muitas das coisas e dos hábitos que nos são caros, e que procuramos manter, é porque como seres humanos, nos dão uma sensação de segurança ou de prazer, e não pela sua efetividade em si. É nosso lado animal se manifestando e nos ajudando a sobreviver. As tradições são mantidas por essa razão, mais do que pela sabedoria nelas contidas, que muitas vezes, pelo tempo, será ultrapassada.

- De qualquer modo – a jovem deu de ombros – eu acho uma palhaçada que um irmão meu venha visitar a única família que tem tão poucas vezes e ainda o faça acompanhado de 'vigias'. Se fosse eu, dava um jeito, fugia, mas viria mais vezes, e sozinha!

Tegini balançou a cabeça e olhou pela janela, pois parte das palavras que sua filha dissera, de fato, lhe ressentia.

“ - E eu, que quando jovem, me considerava uma rebelde!” – ela pensou.

## Capítulo 40 Como Pai, Como Filho

### Capítulo 40

#### *Como Pai, Como Filho*

- Arli, qual a porcentagem de perda da umidade nas folhas dessa espécie?

- 68%, meu pai, mas os brotos mais jovens já marcam 75% na medição. Isso é muito grave, não é mesmo?

- Sim, a recuperação vegetal já não está ocorrendo em níveis mínimos que garantam a sobrevivência dos sistemas nem mesmo com suplementação artificial.

- Se os sistemas não conseguem se auto sustentar, não têm como apoiar a nossa sustentação, correto?

- O nosso sistema humano é totalmente dependente de vários sistemas de apoio externos e internos para se manter operante, do ciclo das águas no nível mais básico de suporte existencial para a vida da nossa espécie, até as modulações mentais emitidas pelos animais e que equilibram a psique humana. Isso para não falar na cadeia mineral e vegetal que mantém e revigora nossos organismos.

- Papai, foram os felianos que ensinaram que ensinaram aos homens sobre a conexão mental animal?

- Sim e não, meu filho. Depende ao que você esteja se referindo. Em termos gerais nossos ancestrais já haviam alcançado o entendimento da teia, que é a rede vital que mantém os universos e sustenta todas as criaturas, inclusive todas as formas existenciais que foram e já não são mais, assim como as que ainda serão.

- Estas estão nos buracos, não é, pai? – interrompeu o menino.

- É, mas nunca se esqueça de que isso é apenas uma forma de explicar uma ideia através de uma auxílio visual. Não vá pensar que estamos realmente vivendo dentro de uma enorme teia de aranha.

- Eu sei, eu sei, papai! É só uma alegoria para auxiliar a mente a compreender noções abstratas de tempo e espaço. Até Meralpa sabe disso!

- Por que “até Meralpa”? Você considera sua irmã menos inteligente do que você?

- Não, pai... - disse arrastando o pé no chão o belo menino, ciente que seu pai não permitiria qualquer diferenciação capacitiva referente ao sexo dos filhos. Eu sei que ela também é muito inteligente, mas não me impeça de dizer essas coisas perto dela, por favor! Eu só falo isso porque é divertido ver a Meralpa irritada...

Disse e sorriu para seu pai, que balançou a cabeça incrédulo. De todas as surpresas que a vida lhe dera, ele se enganara achando que ter se casado com Tegini fora a maior delas. A inteligência, mas sobretudo o humor dos filhos, eram a sua maior surpresa, e também o seu maior tesouro. Como ele e Tegini, que sempre tiveram um comportamento mais sisudo e compenetrado, puderam juntos criar filhos tão dispostos a achar graça mesmo em meio à tragédia? Apesar de jovens, eles não eram desrespeitosos, e nem Tegini ou Teguilp permitiriam que seus filhos crescessem sem direito à verdade. Quando as crianças nasceram, eles decidiram em comum acordo:

*“Não sabemos quanto tempo teremos para gozar da presença de nossos filhos, mas eu não quero que eles partam amanhã ou depois sem ter a certeza de que tudo fizemos para mantê-los conosco. E que seus pais foram sempre sinceros para consigo e não lhes negaram o direito nem de saberem sobre sua origem e nem de entenderem que nasceram em tempos sofridos, em que nossa raça luta para sobreviver.”*

*“Eu concordo, Tegini. Que nossos filhos, ainda que vivam pouco, sejam as testemunhas e dos depositários de toda nossa Verdade e de todas as nossas Esperanças.”*

*“E que sejam muito amados em todos os dias que tiverem para viver ao nosso lado.”*

Por isso as crianças sabiam, desde muito cedo, que todos ali viviam sob o risco de uma extinção. E talvez mesmo por isso, o temor do amanhã era um desagradável conhecido. Não tão assustador como aquilo que se desconhece, mas mais como um vizinho sujo e intratável com o qual se é obrigado a deparar por vez ou outra e de cuja existência próxima, mesmo durante os momentos de maior alegria dentro do seu lar, você jamais de esquece.

- Meu filho, escute seu pai e guarde muito bem essa informação para o dia em que você necessitar passá-la adiante. Ache outra forma para se divertir com sua irmã que não seja à custa de menosprezo. Você não gostaria que ela risse dos seus erros, mas além de tudo saiba que ao magoar uma mulher, seja ela uma menina pequena, menor ainda que sua irmã, ou

uma anciã que poderia ser sua avó, você desonra todas as suas ancestrais, todas as mulheres que vieram antes de você para que você pudesse hoje existir aqui, neste momento, junto a todos nós. Logo, você desonra sua própria vida.

- Desculpe, papai. Eu não faço por mal. Era só brincadeira – respondeu com olhar baixo o menino quase às lágrimas, sinceramente triste por ter a seus olhos desapontado o pai.

- Eu sei, meu filho, e por isso mesmo estou lhe ensinando que essa é uma forma errada de brincar, pois planta mágoas no interior das pessoas, e como você já aprendeu, essas mágoas depois de um tempo viram doenças. Você quer que sua irmã fique doente?

- Não! Claro que não, papai!

- Então use o dom maravilhoso que você herdou de algum parente muito distante, e que é muito importante para todos nós, Arli, de nos fazer sorrir mesmo em meio às dificuldades. Não desperdice esse talento fazendo graça das pessoas, mas sim procurando meios de fazê-las rir junto com você. Essa também é uma poderosa forma de medicina da alma, filho. Tão poderosa quanto a ensinada pelos animais.

Arli abaixou a cabeça e ficou em silêncio enquanto o pai recolhia o restante das amostras de plantas daquela manhã.

- Recolha aqueles sacos ali, traga todos para por nesta bolsa. E dando continuação à sua pergunta: os felianos ensinaram uma forma de sintonizar as ondas mentais de outros seres a fim de estabelecer uma comunicação mais linear, mas somente sua mãe obteve êxito utilizando essa técnica.

- Papai, o telepata animal também foi ensinado pelo Povo Gato, assim como a mamãe? – perguntou o menino após cumprir a ordem do pai.

- Não, Por que você quer saber?

- Só a mamãe foi ensinada diretamente por eles?

- Sim, somente sua mãe foi levada para passar bastante tempo aprendendo com eles na cidadela deles, depois ela voltava e ensinava aquilo que aprendia para todos nós.

- Mas a mamãe consegue ler a mente dos animais também.

- Sim, ela deve ter nascido com essa predisposição genética, e o Povo Gato deve ter percebido e por isso ela foi escolhida para ser treinada por eles.

- Mas então pode existir mais pessoas no nosso povo com essa predisposição?

- É um gene recessivo, com certeza, Arli. Somente Tegini e o telepata demonstraram alguma habilidade nesse sentido, e sem o treinamento feliano talvez sua mãe nem tivesse alcançado o nível de competência nessa área que alcançou. O único telepata animal nato que nosso povo conheceu de fato foi Arhenya.

- Meralpa disse que se a mamãe era também meio telepata animal, seria mais lógico ela ter se casado com Arhenya, em vez do pai do Ardul, que era guerreiro.

- Ela disse, é?

- Disse. Eu respondi que o telepata não deve ter querido casar com ela, decerto.

- É mesmo? Você respondeu isso? – perguntou Teguilp com olhos arregalados, sem acreditar na conversa que estava tendo com seu filho.

- Respondi, mas a Meralpa falou que talvez a mamãe que não fosse apaixonada pelo telepata, e aí eu disse: *“Que sorte a nossa, irmã, que a mamãe se apaixonou pelo nosso pai, senão nós dois não existiríamos!”*. Daí ela riu. Mas é verdade mesmo... Ainda bem que a mamãe não se apaixonou pelo telepata, senão a gente hoje não estaria aqui! Né?

Teguilp alisou a cabeça do menino enquanto o conduzia pelo caminho de volta ao laboratório. Ele só conseguiu dizer.

- Que sorte tenho eu, meu filho. Que sorte tenho eu...

~\*~

Pai Arruda veio me preparar para dar continuidade em 22/03/2015 a essa obra e termina-la e conduziu uma meditação para que eu não me identificasse com o “Arquétipo Tegini” em demasia, não trazendo essa energia para o momento do AGORA, pois todos os arquétipos devem ser acessados intelectualmente e não emocionalmente, sob pena de riscos para o campo energético e o corpo etérico da pessoa.

### Capítulo 41

#### *O Bonolejo*

Arli e Meralpa saíram da vizinhança da estação biológica, que era como um imenso viveiro onde todas as espécies vegetais e minerais que lhes sustentavam a vida eram preservadas, estudadas, catalogadas e tinham suas mutações registradas e pesquisadas. Era ali que Teguilp conduzia seu trabalho desde que ele e Tegini haviam descoberto as alterações nas espécies, e as crianças com frequências o acompanhavam; tinham ali seus próprios estudos e também auxiliavam não somente o pai como outros adultos no cuidado com o manuseio de exemplares ou na confecção de medicamentos e outros. Mas como quaisquer crianças em qualquer mundo, em qualquer tempo, uma vez entediadas fugiam, se escondiam da vigilância dos mais velhos para se entreterem nos folguedos próprios.

O pai nunca se preocupava pois sabia que os filhos sabiam ser responsáveis.

Os gêmeos saíram para o que outrora seria um jardim, porém flores muito esparsas havia, mais talos secos e arbustos emaranhados em meio a poeira que o vento trazia. Em busca de borboletas foram rumo aos limites da aldeia, onde a vegetação era menos doméstica e os animais também. Caminhavam, riam, pulavam e cantavam, e estavam a uma boa distância quando ouviram o som do riacho, que antes de eles nascerem duas vezes mais volume de água tinha, e como toda criança, também fascinados pelos encantos simples da água, em sua direção buscaram continuar sua alegria.

Com os pés chutando pedrinhas na margem baixa, Meralpa gritou:

- Arli, o que é aquilo ali?
- Ali aonde?
- Ali atrás do rochedo cortado!

Arli viu um animal, do tamanho aproximado de uma anta, com uma semi-tromba, orelhas redondas e olhos muito grandes que acompanhavam o desenho de arabescos naturais que iam do focinho ao alto da cabeça, encimada por dois pequenos chifres, o animal tinha porte arredondado e cascos como um pequeno elefante, a causa e a fisionomia porém lembravam os caprinos.

- Mas não é um Bonolejo?
- Pensei que estivessem extintos!
- Vamos nos aproximar devagar para ver se ele não foge – disse Arli.
- Ou ataca – completou Meralpa. E se for ela? Você acha que é um filhote?
- Acho que sim... Parece ter menos de meio metro. Um bonolejo adulto deveria ter cerca de 1,20m, que é o tamanho aproximado dos pôneis e das cabras adultas.

E devagar, cantando baixinho, foram se aproximando do animalzinho que os olhava com curiosidade, deitado sobre uma pedra. Quando já estavam mais perto ele se sentou, e as crianças, espertas, pararam e resolveram brincar de roda, girando entre si dentro da água, a fim de demonstrar seu espírito de brincadeira ao filhote, eliminando qualquer expressão involuntária de ameaça.

Deu certo, e o Bonolejo, após sentar-se ereto, foi devagar em direção às crianças, que pararam sua brincadeira de rodopios para chamar carinhosamente o animal para si. O Bonolejo aceitou o convite e os carinhos que se seguiram e os três, bicho e crianças, sentaram-se ali nas pedras, conversando os assuntos que só as crianças entendem, mas que os bichos intuem muito bem.

Foi esta cena que Arhenya viu quando se aproximou do declive na curva do riacho em busca do filhote de Bonolejo que tratava. Os meninos, pensou, lembravam tanto a mãe quanto o pai, tanto nos traços como no jeito de se expressar. Ele se aproximou devagar para não assustá-los, mas também para medir quanto tempo demoraria para elas se darem conta da sua presença. A menina foi quem se virou primeiro. Nos olhos dela ele viu toda a soberania da mãe amenizada pela inocência; um ar de desafio apesar da pouca idade. Ela nada falou, mas encarou como se o pudesse morder. Então gritou bem alto quando finalmente o identificou:

- Arli, acho que o Bonolejo é do telepata animal!
- Arhenya é o meu nome, menina.
- Todo mundo sabe o seu nome.
- O Bonolejo é seu? – perguntou Arli.
- Nenhum animal é de ninguém. Não lhes ensinaram isso?
- Sim, mas... ele está com você, eu quis dizer – emendou Arli.

- Eu estou tratando dele.
- Ele está doente?
- Fraco.
- E a mãe dele?
- Não sei.
- Não sabe como? Você não a viu? Ela morreu?

Arhenya nada falou.

- Na verdade – argumentou Arli – não era para ele ter uma mãe, nem era para ele existir... Eu aprendi que esses animais estavam extintos, não?

- É o que diziam...

- Você só achou esse? – perguntou Meralpa.

- Sim. Mas eu quero saber por que vocês dois estão sozinhos aqui, tão longe da casa de vocês?

- Estávamos na Estação Biológica; daí viemos para cá.

- Já está ficando tarde, é melhor eu ir levar vocês.

- Não precisa; a gente sabe voltar.

- Eu sei que sim, mas de qualquer forma eu estava mesmo com algumas dúvidas quanto ao que fazer com o Bonolejo. De certa forma vê-los aqui foi como uma resposta.

- Viu, Arli? – falou Meralpa – Nós somos um sinal do destino! Vem, vamos contar para a mamãe!

Arli suspirou.

- Não dê atenção para minha irmã. Desde que soube que o nascimento da nossa mãe foi profetizado, ela quer encontrar uma profecia para nós também – explicou entediado o irmão.

- Vocês não negam serem filhos de quem são. Vamos, eu preciso falar com o seu pai.

## Capítulo 42 O Último Reencontro

### Capítulo 42

#### *O Último Reencontro*

Quando se aproximaram da Estação Biológica, as crianças saíram correndo para dentro da estrutura de encontro ao pai, para quem pretendiam contar sobre sua mais nova descoberta, o Bonolejo. Arhenya ficou para trás, mas não por muito tempo, pois detrás de um dos pilares surgiu Tegini, que fora buscar as crianças.

Desde que casara com Teguilp, nunca mais com o telepata a sós estivera, e quando em comunidade, nas ações coletivas, por ventura se encontrassem no mesmo ambiente, ambos se ignoravam e o par Tegini e Teguilp e o ímpar Arhenya tratavam logo de se desencontrar, ainda que Teguilp e Arhenya mantivessem cordiais relações de trabalho devido às necessidades da coletividade.

Em cada encontro que houvera nesses cerca de 12 anos, após o treinamento com o mestre do rio se concluir, os olhares sempre duraram o mais brevemente possível a fim de poupar a alma da dor que nunca vai embora. O coração, não importa em que mundo, tempo ou plano de existência anseia por aquilo que lhe é essencial, e na falta se ressentido, na carência se magoa e na privação obrigatória se sufoca, entregando como um náufrago à mente as cordas que controlam as ações do corpo, a fim de que ela lhe livre de mais dor desnecessária.

Tegini tivera novamente um “Não” de quem verdadeiramente amava, e a dor desse abandono lhe fizera companhia em cada dia de sua vida, em cada noite com ou sem sono, enquanto fazia algo para alimentar o ego do agora marido Teguilp, em suas sempre agradáveis e produtivas conversas.

Todos os amores da vida de Tegini somados, ainda que fossem muitos e extremamente verdadeiros, não alcançavam um terço do que ela sentira, fosse de tristeza ou alegria, em qualquer dos poucos momentos que tivera ao lado de Arhenya.

E ao negar a Tegini o seu direito de ser por ele amada – uma vez que o era de qualquer maneira, fossem as ações consumadas ou não – Arhenya certamente também se mutilava, por impedir seus sentimentos de encontrar a vazão necessária: até ela, para ela, nela, por ela. Tudo isso que ele tentou em vão aniquilar dentro de si permaneceu encruado, semivivo, aleijado e inutilizado de uma força que teria sido extremamente útil para seu povo,

mas que lamentavelmente esmoreceu – até mesmo para ele, e dentro dele.

Ah, se soubesse Arhenya que o Amor é a mola mestra para a solução de todas as coisas! Pudesse ele pressentir que a Natureza tinha posto neles os mecanismos que poderiam auxiliar na salvação de todo um povo! Intuísse que ao devolver a ele, em uma outra forma, a parte viva em todo universo que o completava, para que inteiro mais uma vez ele pudesse encontrar o caminho da Libertação do seu povo! Se ele soubesse o poder que tem um casal arquetípico de solucionar verdadeiros mistérios!

Mas ele não soube. E a chance se perdeu.

Agora, à sua frente, entre dois pilares, aquela que ele deveria ter amado lhe retorna o olhar. Perplexo, vago, como um animal cujo tutor que lhe prometera amar vira-lhe as costas sem qualquer aparente porquê. Não havia para onde fugir ou ela já o teria feito, em vício de autopreservação; só um corredor para caminhar, com ele atrás de si, caso quisesse lhe ignorar.

Arhenya apenas pára e a olha. Sabe que é devedor.

Mas não há saldo na conta dos amantes eternos. Na magia do amor verdadeiro todas as operações se processam à vista. E mais uma vez, frente a frente, o universo os colocava para as suas contas acertar.

– Salve, filha do Sol – disse em voz baixa.

Depois de um instante pensando qual seria a saudação adequada, Tegini optou pela mais simples:

– Olá, Arhenya.

E como um animal em reconhecimento, Tegini lentamente começou a circular o local por detrás dos pilares em sentido horário, ao que Arhenya instintivamente respondeu fazendo o mesmo na parte interna do postigo onde estavam, como se houvessem círculos ou redomas invisíveis a contê-los.

– Eu encontrei seus filhos perto do riacho, caso você os esteja procurando.

– Eu não estava.

- Com Ardul você era uma mãe bastante superprotetora; logo imaginei que estivesse preocupada com os gêmeos. Como eles se chamam mesmo?

- Arli e Meralpa. Mas o Tempo ensina tudo, até a uma maternidade mais sábia. Sem um ataque reptiliano sei que meus filhos estão à salvo em qualquer lugar deste planeta, seja com quem estiverem ou se estiverem a sós ou entre animais selvagens. E se houver um ataque, não haverá nenhum lugar onde eu possa preservá-los em segurança. Nenhum de nós pode prever quando haverá um ataque, logo, não há motivos que justifiquem minha preocupação.

- É, você mudou... E Ardul, como está?

- Seguindo os passos do pai, como compete ao destino dele.

- E você?

- O que você quer saber? – ela devolveu serena.

- O que você tem feito, além, é claro, de lidar com as responsabilidades maternas, que sei que são muitas.

- Sabe, Arhenya... – Tegini parou sua trajetória elíptica ao redor do telepata e aproximou-se do centro do postigo onde ele estava – o tempo passa e na medida em que ficamos mais velhos, algumas coisas, principalmente na época em que vivemos, deixam de ter o mesmo peso de antes. Medo, por exemplo, é um sentimento que eu aboli da companhia dos meus dias. Tive de aprender a fazer isso para conseguir criar os gêmeos, nessa época, nesse lugar, sob essas condições... Outra coisa que não me cabe mais nos dias de hoje é a alta tolerância para dúvidas. Da primeira vez que nos encontramos, durante todo meu período de noivado, eu vivia consumida pelas dúvidas... principalmente dúvidas em relação a você. Da segunda vez, quando você me ajudou a curar Ardul, eu tinha dúvidas movida por medo de ter esperança e esperanças dúbias por causa desse mesmo medo. Hoje eu não tenho medo nem esperança, mas dúvida ainda tenho, e como não temos tempo a perder, vou aproveitar a sua pergunta tão difusa para esclarecer algumas delas.

Arhenya se posicionou como um tigre à espera de algo; uma surpresa, um alimento, ou uma ameaça.

- Quando você me pergunta o que tenho feito ao que exatamente você se refere? A como é ser esposa de Teguilp e administrar uma realidade que se materializou porque a minha 1ª opção falhou e a 2ª também; ou você quer mais especificamente saber como eu lido com a frustração de ter sido rejeitada pelo meu próprio destino?

Não havia raiva nem mágoa expressa no tom da sua voz. Só o frio do vazio raciocinado que ocupou todo espaço do baile cancelado que uma vez acreditara ouvir tocar dentro do seu coração.

- Muitos destinos foram alterados. Em tempo de guerra muito foge ao nosso controle; infelizmente muitas viúvas e órfãos tiveram seus destinos bruscamente interrompidos...

- Ora, Arhenya, por favor! Não estamos falando nem da guerra, nem dos outros. Tenha a decência de não faltar com a sinceridade a esta altura de nossas vidas onde tudo que podia ter sido, já é certo que não foi. Poupe-me de desculpas e escapatórias. Não estamos mais perto de resolver a questão da nossa segurança planetária agora do que estávamos quando Ardul nasceu. Você bem deve saber que para estarmos todos mortos não passa de uma questão de tempo. Apenas me responda de uma vez por todas, para que eu possa pelo menos entender e partir sabendo quando eu morrer: qual foi o real motivo de você ter me desprezado? Foi por medo, um medo tão humano que o tão admirado telepata animal não pode nem assumir, nem lidar, nem confessar que temia amar e perder de novo para o destino outra parte daquela que uma vez você já amou, ou porque a memória dela era mais perfeita na sua mente do que a nova realidade que eu lhe oferecia?

- Você não devia nem saber nem comentar sobre a minha maior dor. Se você fosse mesmo uma parte ainda que mínima dela, saberia o que é compaixão, e não me lembraria de tudo o que perdi.

- A sua maior dor se tornou também a minha, uma vez que o seu luto eterno frustrou todo meu propósito de vida. E muito pior, talvez tenha sido fatal para o processo de encontrar uma solução para o nosso povo.

- Do que você está falando?

- Você é um híbrido, Arhenya. Ninguém fala ou admite com todas as palavras, mas você foi um experimento dos felianos para tentar criar uma estirpe de seres que pudessem servir de intermediários entre as duas raças que poderiam se desenvolver nesse solo. Porém meu palpite, assim como o de Teguilp é que logo em seguida aos primeiros experimentos eles devem ter percebido que o planeta estava dando sinais de falência, esse solo não abrigaria mais vida e você foi o único que aqui ficou. Os outros como você foram levados para outras colônias humanas para servir de contato com a diplomacia feliana.

- Eu não sei do que você está falando!

- Eu vi sua mãe e a mãe de outros como você. Filhos de chefes da nossa linhagem com matrizes felinas. Cada um de vocês foi criado com um propósito específico para servir às duas raças. Eu também sou fruto de uma manipulação genética. Tanto minha avó, mãe de meu pai, sofreu alterações das quais nunca estive consciente mas que resultaram em um chefe com DNA de três raças – a siriana antiga, a siriana-oriana do Povo Águia e a adâmica primeva, “a que foi tocada por anjos”, possuidora de dons arcangélicos como eu, que ainda no ventre de minha mãe passei pela ativação destas faixas de DNA que me permitiram agir como a intermediária necessária para este período e estabelecer um novo código-gene de mensageiros celestes arcaicos – que transmitem saber arquetípico e arcano armazenando o código de DNAs externos diversos (plantas, minerais, combinações, etc.) na própria cadeia cromossômica. Além desse fui dotada por eles com uma parcela do próprio DNA mitocondriano felino, o que me permitiu interagir com eles no nível de sua própria espécie.

- Como você sabe todas essas coisas?! – Arhenya gritava exaltado, num misto de choque e indignação.

- Você também sabe, sempre soube que era diferente demais para que seus dons de telepatia interespecies fossem somente um raro evento natural. Eu sinto a natureza felina em você, que é muito maior que a minha. Tenho certeza que você a sente.

- O seu pai é um chefe honrado; se ele tivesse essas informações, ele as teria me transmitido, no passado e a todo nosso povo.

- Meu pai não sabe. Essa é uma descoberta minha que compartilhei com Teguilp e ele obteve a prova estudando o DNA de nossos filhos. Essa informação nunca foi para meu pai ou nenhum dos antigos saberem; ela era para ser a chave da salvação do nosso povo.

- Como assim? Eu não entendo do que você está falando! Como nós dois poderíamos ter impedido os ataques ao nosso povo? Nós trabalhamos juntos por duas vezes! Se houvesse possibilidade de descobrirmos qualquer coisa a mais que nos ajudasse a impedir a desgraça iminente nós não nos teríamos poupado de perseguir, descobrir e tornar útil qualquer informação nova. Eu não sei o que mais nós poderíamos ter feito!

- Eu também não sei. Não sei porque não tive oportunidade para descobrir. Não tive tempo para testar o que nós dois poderíamos ter feito ou descoberto juntos. Mas vou lhe dizer o que eu sei, por tive bastante tempo para pensar a respeito até encontrar uma explicação: Cecinin era sua contraparte neste universo e você a encontrou e experimentou a alegria que é conviver com o seu perfeito oposto ainda que por um breve tempo, porém tempo mais do que suficiente para você jamais esquecer como isso é, e o que significa para a evolução da alma grupo, do espírito individual de cada um do par e da egrégora conjunta

formada pelo casal. Quem vive isso, ainda que uma única vez e por mais breve que seja, ainda que só uma tarde perdida na eternidade do Tempo Imorredouro, jamais se esquece, pois essa é uma experiência que transforma o ser para sempre. Além disso, esse é um encontro que toca as vidas de todos que estão ao redor dos envolvidos; existe uma ênfase, uma impressão quântica na aura dos que estão ao redor, pois toda a mônada é impulsionada no sentido do amor maior e todas as descobertas importantes para a evolução do todo se tornam iminentes sob o empuxo da energia mágica do amor que está ativada em um ou mais membros do grupo. É para isso que o universo se utiliza dessa poderosa energia, porque ela é a força motriz da evolução no micro e no macrocosmo.

- Isso me foi tirado! E só eu sei o quanto me custou não ter morrido, desistido de minha própria existência quando Cecinin se foi e com ela toda a minha vida. Eu não tenho vida desde então, apenas função, Tegini! Será que você entende isso? O que é viver ou sobreviver para cumprir a sua função dentro do grupo? Para servir as nossas aldeias eu me dedico à única coisa me restou: meu dom, e convivo com os únicos seres que me entendem e sabem oferecer companhia sincera sem cobrar nada em troca: os animais. Observando como eles sobrevivem às suas perdas, que são tão tristes e muitas vezes piores e mais cruéis do que as nossas, eu aprendi a tirar a força das rochas e a seguir com a força das águas até encontrar o meu destino final. Porque é isso o que faz um animal, ele cumpre seu propósito na teia da vida, não importa o que lhe aconteça, ele jamais desiste. Somente derrotado ele se entrega ao desconhecido, pois todo animal tem honra, e honra era o único presente póstumo que eu poderia oferecer à minha mulher e ao meu filho não nascido: em memória deles eu devia oferecer ao mundo um serviço de honra!

- As lágrimas que você derrama me doem. Mas dói mais saber que se você tivesse ao menos tentado, talvez tivesse acabado por descobrir que através de mim o mesmo amor que você experimentou com Cecinin voltava para você numa oitava acima, apenas um tom um pouco mais alto ou mais baixo, mas a mesma melodia que uma vez você amou e que amaria você mais uma vez, curando todas as feridas que ficaram abertas por ocasião da partida precoce. E então, só então, você descobrisse que o Destino tinha um propósito em tudo isso, e que esse propósito poderá ser você reencontrar o mesmo amor em uma mente capaz de interagir com a sua em um nível diferente, superior. Uma mente capaz de co-criar junto a você uma realidade nova, diferente e salvadora para todo o nosso grupo-alma. O sentimento seria o mesmo, mas o trabalho de vocês dois juntos, a função de vocês dois dentro do grupo, muito aumentada. Talvez você viesse a perceber que o Tempo precisara retirar Cecinin, alterá-la, dotando-a de novos 'dispositivos', recursos, habilidades e retorná-la para você para que juntos vocês pudessem salvar todo um agrupamento ou todo um conjunto de mônadas que são parte deste Todo. Talvez o destino contasse que tendo uma vez amado você a

reconheceria sempre e continuaria a percorrer o caminho junto a ela mais uma vez, só que agora com ela preparada para lutar ao seu lado para um futuro melhor para todos.

- Então a sua teoria teria de estar errada, uma vez que eu não a reconheci! – ele disse irado, entre lágrimas.

- Tegini...

Era Teguilp que chegava tendo ouvido de longe a alteração de vozes no pórtico posterior. Calmamente, Tegini lhe estendeu a mão e disse olhando-o nos olhos.

- Eu contei a ele, Teguilp. Senti que deveria contar.

- Você fez bem. Eu sei que ele necessitava saber.

Ambos olharam para Arhenya, que incrédulo ouvia o casal falar sobre si.

- É melhor irmos, agora. As crianças estão lá na frente. Arhenya, o Bonolejo foi acomodado, você pode vir amanhã vê-lo.

Tegini deu as costas ao telepata e deram de mãos dadas os primeiros passos em direção à saída, quando Tegini se deteve e soltando a mão do marido, voltou até o meio do pórtico para encarar o ainda chocado Arhenya.

- Você reconheceu. O problema é que o medo foi maior.

Então Tegini partiu para sua casa com Teguilp e os filhos.

## Capítulo 43 Entre Marido e Mulher

### Capítulo 43

#### *Entre Marido e Mulher*

Depois de acomodarem as crianças para o turno do sono da noite, Tegini e Teguilp finalmente ficaram a sós.

- Como você está se sentindo? – perguntou o marido.

Ela o olhou por um tempo muda e por fim fez uma expressão resignada.

- Não acho que eu tenha como responder a essa pergunta.

- Está doendo muito?

- Acho que eu já estou acostumada – disse Tegini enquanto arrumava o leito – mas de certa forma, se é que isso sirva de alguma coisa – e eu acho sinceramente que não adianta de nada perante as circunstâncias de nossa triste realidade – pelo menos serviu para que eu tivesse a chance de me expressar numa conversa definitiva.

- Não existem conversas definitivas.

- Pelo menos nessa vida, nesse sistema, nesse planeta sim, uma vez que nenhum de nós teremos chance de retomar de onde partimos quando a vida aqui novamente se encerrar.

- Haverá sempre um recomeço, de alguma forma, de algum jeito...

- É, mas será diferente. As matrizes perispirituais serão perdidas e a memória ancestral se perderá, ainda mais se nos remanejarem para um planeta onde a vida ainda principia.

- Nós perdemos muita coisa, especialmente em nível individual, das memórias de nossas existências prévias, mas o inconsciente coletivo preservou nossa memória enquanto Povo, e a manutenção de nossas tradições, a reafirmação da nossa cultura, apesar de toda a mudança de ambientação, vem fortalecendo a matriz genética na nova teia, e as crianças, a cada nova geração, trazem mais e mais características dos seus Eus anteriores, e já dão indícios de que se lembrarão. Acredito que no máximo até a terceira próxima safra de nossos descendentes, o véu do esquecimento já não se fará algoz a impedir o prosseguimento dos projetos e das realizações pessoais. Você veja Arli e Meralpa e as novas crianças da tribo de Ardul, elas são muito mais perspicazes do que nós fomos ou mesmo as quatro últimas gerações de bebês que vimos crescer em toda aldeia.

- O problema, Teguilp, é que não haverá um chão para essas crianças crescerem, se desenvolverem, nem viverem uma vida simples, sem lembrança, semelhante a que nós todos e nossos pais e avós viveram, que se dirá lembrar de quem foram quando viviam em Sirius A!

- Eu quero crer que os Elohins não vão permitir isso, que se perca novamente todo o esforço que fizemos até aqui para recompor nossa estirpe.

- Eu sei que não nos permitirão desaparecer, mas a hipótese mais provável é sermos remanejados para um planeta ainda muito infantil, fora de nosso sistema, onde teremos quiçá ainda mais problemas com o véu. Impedidos de lembrar quem realmente somos, de que adiantam segundas, terceiras, quintas ou oitavas chances? Recomeçar do zero a todo momento enquanto outros que foram criados ao mesmo tempo que nós evoluem normalmente, porque têm um chão, têm uma base, um planeta, um lar para chamar de seu e onde podem livremente construir sua história!

- Não é uma competição, você sabe.

- Não é, mas não é justo que parte de nós tenha que se preocupar com reptilianos enquanto nossa gente perde a casa pela segunda vez e o Alto Comando não faz nada!

- Somos nós que devemos fazer; você sabe disso!

-Eu sei é que eu estou cansada! Cresci privada de uma vida comum para cumprir a um destino que jamais se realizou, agora meus filhos e toda nossa descendência está vivendo seus últimos suspiros numa terra emprestada onde os anfitriões há muito partiram. E amanhã, porque nem o benefício da não-existência não há para que eu hipoteticamente pudesse vir a recorrer a ele, amanhã – e quando falo amanhã é no sentido literal e não uma forma de expressão, uma vez que o dia derradeiro pode acontecer a qualquer momento – eu tenho de estar preparada para ser ‘resetada’, para perder a consciência de mim mesma, de quem sou, de tudo e todos que eu amei e que foram algum dia importante para mim, e renascer sabe Deus em que corpo, em que orbe, em quais condições e para o quê, uma vez que provavelmente até mesmo meus talentos e aptidões estarão escondidos de mim. Tenho que estar pronta, ainda que não disposta, a permanecer por um ciclo indeterminado de existências presa a um corpo que não me permite sequer lembrar-se de mim! E você ainda quer que eu ache que o universo é justo, meu caro marido?

A amargura que Tegini transpareceu na voz não era passageira, nem tampouco extravasava uma angústia de momento; era a verbalização de pensamentos que ela veio nutrido e desenvolvendo há tempos, filhos da sua revolta.

Teguilp ouviu e se calou. Levantou-se, saiu do aposento e caminhou até a janela

do cômodo central. Estrelas, a perder a conta, na imensidão do infinito, quantos céus, quantos firmamentos, quantos desenhos a diferenciar padrões em pontos tão distintos quanto da estrela A ou B: tanta vastidão, tantas perguntas. Imensidão de dúvidas, um incerto destino, evoluir para quê? Não sofrer para quê? Outras chances para completar um ciclo para quê? Cumprir um destino a fim de quê?

Teguilp tivera uma vida inusitada e desvelamentos inesperados e aos quais era muito grato. Do brilhante e arrogante aprendiz de sábio que na juventude conhecera a Filha de 3 Sóis para o pai ponderado que busca respostas sem a prepotência de que elas estivessem onde ele as esperava nem o prejulgamento quanto à forma como elas lhe deveriam parecer corretas.

Teguilp lembrou-se do Bonolejo, um animal que todos já haviam dado como morto, a última espécie desaparecida por volta do aniversário de um ano de Arli. O Teguilp de agora aprendera a ver nas ocorrências os sinais que fazem a diferenciação nos caminhos. E ele tinha uma tarefa muito árdua a desempenhar pelo seu Povo: a de definir entre irrisórias possibilidades, a que melhor chances de sobrevivência – e preservação da consciência – eles teriam. E se o aparecimento do Bonolejo tivesse algo a ver com isso? Fosse uma pista, uma indicação de um caminho a seguir?

Teguilp estava cansado mas não tinha sono, e assim saiu novamente cedo de casa, até se encontrar novamente frente a frente com o olhar do animal Bonolejo. O cientista sentou-se em frente aonde ele descansava e o observou até cochilar apesar da posição. Antes de a claridade começar a aumentar para marcar o início da manhã, Teguilp acordou com a tromba do animal a lhe tocar a face, o pescoço, e sua língua a lhe salpicar o rosto. A primeira coisa que Teguilp viu foi a parte da tromba do animal a lhe cobrir a visão; a segunda foram os olhos castanhos de pupilas cor de vinho rodeados por uma auréola azul a lhe emanar tanta doçura, inocência e tranquilidade. Será que ele saberia que também tinha os dias contados: e então, como se um raio de luz penetrasse no alto de sua cabeça, ele entendeu a mensagem do Bonolejo. Com os olhos ele lhe passava, sem palavras, todas as respostas que Teguilp precisava ouvir.

Nos olhos do Bonolejo uma verdade gritava. “AMOR”. A mente de Teguilp acelerava – ou talvez ‘desacelerasse’ – na medida em que uma série de informações desconstruídas passava a fazer um súbito sentido dentro de sua mente, e como num quebra-cabeças cuja moldura eram os olhos do Bonolejo, ele entendeu tudo. O raro animal começou a se afastar assim que Teguilp finalmente compreendeu.

“O Amor” era a única resposta. Então a terceira coisa que ele viu enquanto o animal se afastava e liberava o alcance da sua visão, era Arhenya, que chegava à porta.

### Capítulo 44

#### *Novos Rumos*

O que restou do cristal de comunicação ficou em casa do pai de Tegini e durante todos esses anos jamais sofreu qualquer ativação. Foi com espanto, portanto, que o velho patriarca viu naquela manhã a bela gema tremeluzir e fâscas cintilarem como que a querer iniciar algum tipo de transmissão.

Terumiã, o Grande Pai, sabia o que fazer e assim chamou o Conselho dos 12, ou antes dos que sobreviveram após tantos ataques da formação inicial do Conselho, e sigilosamente, dentro de casa do patriarca, representaram as 12 casas constelares, ou 12 povos remanescentes das primitivas linhagens: Cadmon, Reptóide [Serpentário], Liriana [humana sócio-interativa], Vega (humana-médico-terapêutica), Siriana [humana filosófico-científico], Órion - humana hibridizada com réptil e Povo Pássaro [caça, guerra e conquista da honra], Arcturiana [científica-espiritual], Antariana [portais e passagens do espaço-tempo], Marduk ou Maldek [escorpião Mordred, o fim incluso, previsto desde o início, as profecias de fim pré-determinado de uma experiência que ainda nem começou e que terá início], Feliana, Povo Felino [clã, instinto, caça aos objetivos e afirmação da identidade - por isso bons julgadores, pois quem sabe quem é, é pouco corruptível - Povo-Luz, ômegas [ações de programação da realidade holográfica e mentais, comunicação unicamente telepática; Povo Anfíbio [sonhos, cura, promove paz, extermina negatividade na aura dos circundantes - ação neutralizadora], Povo Símio acadiano [1º e 3º desenvolvimento de inteligência a partir dos símios] guerreiros construtores inteligência lógico racional habilidades físicas na 3-D. Faziam isso assim honrando o local e o momento - espaço-tempo - em que tentavam efetuar uma comunicação que poderia ser determinante para o ser destino.

Posicionado no centro da sala, o cristal, ainda que com partes de suas drusas partidas, brilhou intensamente e logo uma rede de pontos de luz fez-se visível no ambiente e três seres no centro da sala fizeram-se presentes, sendo um de origem felina e dois humana. Pai Grande reconheceu uma das figuras de aparência humana como chefe do Povo Antigo de Sirius A.

Os oito chefes se curvaram, no lugar dos quatro que já haviam falecido, as pedras

fundadoras que representavam suas aldeias estavam posicionadas representando-os. O espírito ao centro iniciou a falar.

- Filhos de Luz, eis que mais uma era termina enquanto outra se prepara para se iniciar. Já expulsos de um lar uma vez, nova peregrinação faz-se necessária encetarmos a fim de continuarmos a nossa jornada grupo-evolutiva. Os nossos irmãos felinos, que outrora já nos auxiliaram novamente aqui estão se fazendo presentes nos momentos finais de nossa expiação nessa terra que nos foi emprestada. Nosso irmão Shaimir deseja que saibamos que seu povo já abandonou o orbe posto que está condenado pelas muitas eras que serve como palco da evolução e há agora de se desintegrar a fim de que como poeira venha a ser a memória que vaga como cinturão estelar mantendo o passado acessível a toda as linhagens de cujas tramas sua própria história testemunhou. Parte dos felinos foram realocados em outros planetas de sistema distante, assim como ocorrerá com os próprios seres que tanta destruição promoveram nestes locais da galáxia: assim como todos, eles também hão de se ver sem lar, sem uma casa onde os seus possam existir, e hão de experimentar o vazio de vagar sem corpo no cosmo aberto à espera de um novo lar. Enquanto isso, viemos descortinar a vocês as correntes opções que logo vós, como líderes encarnados deste povo, terão de inferir/decidir. Parte dos humanos que tiveram seus lares destruídos nas primeiras batalhas contra o Povo Réptil em Sirius A aceitou o convite do mestre Sananda e migrou para o planeta-criança que está servindo aos propósitos crísticos de integração múltipla da consciência das massas. Lá, prevê-se que povos oriundos de diferentes linhagens hão de conviver harmoniosamente. Este é o plano do Cristo. Um planeta-lar onde todas as diferenças somadas sirvam para a criação de uma única raça unida, coesa e imperativa no domínio do amor, da aceitação e da caridade para com todos que deverão ser vistos como seus 'semelhantes'. Assim sendo, a fim de que se cumpra essa determinação do Alto e essa experiência de mesclagem controlada seja conduzida a efeito, todos os povos são bem-vindos para contribuir com suas características psicoenergéticas e culturais na formação da nova humanidade que ali se semeia. Assim, se for do vosso desígnio, as almas que aqui perecerem para lá, junto às suas antigas almas-irmãs de linhagem espiritual de Sirius A, poderão se encontrar em novo solo abençoado pelas determinações angélicas. Shaimir os avisa que boa parte dos felianos tomará esse mesmo rumo, a fim de também participar na construção dessa experiência de convívio harmônico, seja através de seus membros puros ou através dos muitos híbridos que foram gerados, desenvolvidos com antecedência a fim de facilitar e criar uma via paralela evolutiva auxiliar para esse processo, o qual já previam de há muito. Este nosso outro irmão, Hordon, vem da constelação de Órion oferecer uma terceira opção.

O ser de estatura ainda mais alta e traços levemente aquilinos que se pronunciavam na face cor de bronze se fez ouvir, com porte de um general:

- Salve Povo Antigo de Sirius! Honrando nosso histórico de irmandade milenar, nesta hora Órion não lhes fechará as portas. Saibam que nosso sistema também padece com os ataques e as pragas físicas e de controle mento-emocional promovidas pelos reptilianos, que conseguiram se instalar com êxito em Rigel, porém assim como recebemos povos de diferentes procedências para fins de intercâmbio de novos conhecimentos, dessa forma também nos fortalecemos imensamente e hoje o Povo Réptil nos teme e respeita e temos orbes seguros em franco desenvolvimento social e tecnológico. Devido a grande demanda de outros povos oriundos de mundos que pereceram, não podemos receber a todos em um mesmo momento, mas nossas fronteiras estão abertas para receber a cada um de vocês, em turnos definidos por seus líderes e mentores das coletividades agrupadas, a fim de que possam todos passar por um período de experiência e adaptação em Órion, o que cremos os habilitará enormemente para empreenderem a nova jornada que se lhes descortina no planeta tutelado pelo Cristo Sananda, uma vez que nossa gente também passou por hibridizações a fim de tornar-se mais resistente, eficiente, assim como ampliação dos canais de recepção extra sensoriais. É sabido que o véu da Terra dificultará em muito as faculdades com os quais os missionários contam, já adquiridas em sua evolução, para promover seu trabalho de contribuição na constituição comunitária desse novo mundo, devido à atmosfera pesada e corpos por demais animalizados e rústicos, por isto temos programas de adaptação e cursos intensivos de adensamento dos corpos sutis e mecanismos de estabilização da consciência superior a fim de auxiliar os que imergirão nas dimensões inferiores da crosta em colaboração ao projeto cósmico no desenvolvimento de uma nova sociedade de acordo com valores cósmicos de fraternidade e igualdade. Em Paz e deixando-vos com a consciência plena de Esperanças pela Vitória ainda que tardia e depois de merecidas lutas, despedimo-nos incitando-os a manter vivos entre vós os sentimentos de Amor, Fé e Perseverança.

## Capítulo 45 Cavaleiros de Paus e de Copas

### Capítulo 45

#### *Cavaleiros de Paus e de Copas*

- Como está o animal? – quis saber Arhenya.
- Está bem, recuperando-se da longa jornada que fez, sabe-se lá vindo de onde.
- Presumo que veio das terras ocupadas pelo Povo Gato.
- Eu também imaginei isso...
- Estou desde ontem me perguntando quantos mais animais que dávamos por extintos poderão ter sobrevivido naquelas terras ao norte, e também se estarão migrando para cá e por quê? Na verdade, a questão principal seria o porquê?

Teguilp meditou por alguns segundos no que Arhenya dissera e imediatamente decidiu que não deixaria a oportunidade de uma conversa séria e definitiva com o telepata animal não se concluir.

- Arhenya, eu concordo que essas questões que você levanta são relevantes, e provavelmente eu estaria pensando e cogitando sobre as mesmas coisas desde ontem à noite, não fosse pelo fato de que meus pensamentos vagueiam em outro rumo. Rumo este que acredito ser de suma importância para a salvação de nossa espécie, e assunto no qual você é a única pessoa com quem posso – e na verdade sinto que devo – falar a respeito.

- Eu? Como assim... Em que assunto poderia um homem rústico com eu colaborar com um filósofo da natureza como você?

- Ora, Arhenya, deixemos de lado falsas modéstias que a nenhum lugar nos levarão agora a não ser a iminente extinção! Todos sabem que de rústico sua inteligência nada tem, assim como a homens da minha estirpe faltam inúmeras vezes uma conexão com os aspectos mais simples, porém fundamentais da existência, e quanto tal ocorre, por vezes deixamos de fazer descobertas muito importantes por falta de constatar o óbvio. O fato é que desde ontem tenho pensado extensivamente sobre você, e no nosso passado em conjunto.

- O que você quer dizer exatamente? Diga, pois não é da minha natureza o gosto por discursos alongados.

Teguilp fixou no telepata os seus olhos escuros:

- Às vezes um evento aleatório nos faz entender algo que deveríamos ter percebido há muito tempo... Aquele animal poderia ter morrido em muito pouco tempo se não fosse encontrado por você ou por meus filhos. Sei que você teria feito todo o possível para salvar o Bonolejo, assim como teria até mesmo vindo até aqui, buscar ajuda da Estação Biológica, mesmo sabendo que provavelmente iria me encontrar – o que ambos sabemos não é um evento desejado por nenhum de nós. Ainda assim você não hesitaria em trazê-lo, e por quê? Porque o seu Amor pelos animais é real e por ele você passaria por cima de qualquer outra coisa; assim também meus filhos, que a natureza enviou como uma medida de segurança extra pois, caso você não o tivesse encontrado, meus filhos o teriam e o trariam até aqui. O motivo que levou Arli e Meralpa até lá não é outro que o Amor: amor pela Liberdade, por estarem soltos brincando ao lar livre em meio à Natureza. O Amor deles também pelos animais, de um pelo outro e pela própria experiência de estarem vivos usufruindo uma infância que provavelmente não terá muito mais amanhã...

Teguilp olhou para baixo e respirou profundamente antes de continuar.

- Arhenya, acredito que os sábios que traçaram as combinações de cartas celestes e concluíram que Siul'Ahan, eu ou você, todos amaríamos Tegini, foram na verdade peças movidas pela Fonte Criadora a fim de salvar nossa espécie de uma nova extinção. O guerreiro com quem ela se casou e teve uma morte prematura, embora eu sempre tenha achado o seu amor um desvio do sentimento verdadeiro baseado em orgulho próprio e vaidade mais do que paixão, entretanto deixou a ela e a nós um filho que poderia ser o próximo líder de nosso povo. Quando ela ficou viúva... – Teguilp sorriu e balançou a cabeça – Ora, Arhenya, todos sabemos que ela esperava por você! Que você finalmente a alcançaria novamente e vocês formariam um novo par!

Arhenya escutava tudo com olhos muito atentos.

- Mas por algum motivo que não me cabe avaliar, você se esquivou e novamente sozinha ela ficou, e então... Bem, então eu acabei ocupando uma vaga que no fundo nunca acreditei que realmente pudesse vir a ser minha. Não me entenda mal, eu amo Tegini sinceramente e sei que ela me ama, mas esse não é o amor que põe abaixo montanhas, move moinhos, descobre o sol e ilumina a noite. É o amor que almas afins sentem uma pela outra: profundo, sincero, porém fraterno. Eu admito hoje que me apaixonei muito mais pela ideia de ficar com ela, de ser o escolhido por uma princesa do nosso povo, do que realmente por ela. Tegini e eu somos muito iguais em diversos aspectos, o nosso afeto é o de almas que se compreendem, mas jamais será o daquelas que se completam. Esse papel, Arhenya, somente você pode ocupar.

Os instantes de silêncio foram poucos para a mente do telepata se organizar, na verdade ele não sabia realmente o que dizer. Quando finalmente decidiu falar, o fez com toda a sinceridade:

- Eu não consegui captar qual a sua intenção ao me dizer essas coisas.

Teguilp se aproximou de Arhenya e tocou-lhe no ombro, como quem faz uma confissão, um pedido ou uma lamentação a um seu irmão:

- Arhenya, graças a Tegini eu consegui nesta vida vislumbrar o que é um sentimento puro, maior e verdadeiro, capaz de qualquer coisa para proteger a quem amamos. Esse amor eu experimento com os meus filhos. Por eles eu estou disposto a ignorar o que digam as convenções, as regras de padrão social do nosso povo ou o que dirão aqueles que mais tempo têm para dedicar à vida dos outros do que às suas. Por eles eu gostaria de descobrir o que o destino planejou quando reuniu você e Tegini numa mesma encarnação. Porque, a pesar pelo que vocês dois juntos conseguiram fazer quando o filho dela Ardul adoeceu, eu realmente tenho esperanças de que juntos a sinergia entre vocês possa encontrar um caminho que ofereça uma salvação mais segura ao nosso povo.

- Você não pode esperar que duas pessoas sozinhas possam salvar a todos nós. Você pode estar iludido quanto às suas expectativas, Teguilp. Se até o Povo Gato abandonou o planeta, é porque não há mais muito o que por aqui se possa fazer!

- Por este lugar não, mas por nosso povo, talvez. Tudo que lhe peço é que se aproxime de Tegini novamente e juntos tentem descobrir, afinal, qual foi o propósito da

Fonte, ao criar vocês.

Arhenya ouvia sem conseguir acreditar nas palavras do quase-amigo.

- Só uma dica lhe dou: planeje uma abordagem cuidadosa, Tegini guarda grandes mágoas de você.

Teguilp saiu da sala e deixou o telepata a sós com seus pensamentos. Entre excitação, dúvida e muitos receios, ele não deixava de pensar:

*“- E há quem diga que os filósofos e os cientistas são previsíveis...”*

Capítulo 46

*Eternidade*

Quando Tegini abriu a porta esperava encontrar a qualquer um, menos quem de fato era. Mas o telepata animal estava preparado – não por ensaios de discursos ou de lógicas argumentações, mas pelo ritmo interno que trazia dentro de si, das marés de sentimentos, que fluíam hora mais calmamente, hora mais intensamente, entre ele e a filha do Grande Chefê. Essa era a única bússola real para que ele se guiasse na resolução dos conflitos entre o que eles realmente eram: amantes predestinados, porém frustrados.

Arhenya chegou à porta calmo e decidido, e somente já estando centrado e de plena posse de seu autocontrole, bateu, chamando sua contraparte.

A arena de Siul'Ahan, onde o finado guerreiro lutava para conquistá-la foi uma batalha do mundo concreto, material, onde suas armas mais fortes consistiam de um projeto de vida juntos claro e promissor. Ele oferecera a Tegini uma colocação dentro de sua vida e dentro do posicionamento esperado tribal. Siul'Ahan ganhou a primeira disputa porque foi o único que tinha clareza, naquele momento, do que queria e do que podia oferecer a Tegini.

Já o racional Teguilp nunca esperara de fato estar na disputa, e quando oportunidade teve, jamais com as armas dos outros guerreou; com sinceridade e afeto seu maior presente de noivado foi a amizade; e após a decepção com a realidade que se revelou ser a vida ao lado de Siul'Ahan, e que ela não foi capaz de ler nas entrelinhas do prenúncio do seu relacionamento, um novo casamento baseado na partilha de pensamentos era uma terapia cara para uma viuvez traumática e com Teguilp ela recuperou a paz e parte de sua essência interior, talentos e aptidões, que ocultara a bem de poder representar o papel que Siul'Ahan reservara para ela na tribo junto a si.

Agora Tegini e Arhenya se encontravam novamente no cenário mais dificultoso, porém o único possível para ambos travarem qualquer tipo de negociação: a arena dos sentimentos, visto que sua ligação era emocional, não prioritariamente mental ou mesmo espiritual, posto que todas as conexões entre os dois seres só eram estabelecidas a partir do ponto de vista emocional. Emoções em equilíbrio propiciavam a construção de uma ponte por onde ideias, conceitos e argumentos eram possíveis de ser intercambiados e negociados a contento. Na outra ponta da corda, o desequilíbrio emocional desconstruía qualquer

possibilidade de cooperação existencial e interconexão pessoal. Eles já falharam por diversas vezes, mas não podiam falhar agora, pois muitos outros dependiam da capacidade deles de auto gerenciarem as próprias emoções a fim de encontrarem uma saída possível para todo o clã.

- Tegini, eu preciso conversar com você. Pode ser aqui ou em qualquer outro local da sua escolha, mas tem que ser agora.

Ela quis perguntar do que se tratava, quis dizer também que não iria, pois não tinha nada para discutir com ele, ou simplesmente que tinha coisa mais importante a fazer, mas uma vez que ele lhe abordou com sinceridade, sem subterfúgios de sentimentos, essa energia lhe chegava e sobrepunha sua própria mágoa, impedindo-a de reagir negativamente. Então ela nada falou, só dirigiu-se para o interior da casa para preparar-se, e logo retornou, seguindo-o para onde ele julgasse melhor.

- Já que só você sabe sobre o que iremos conversar, julgue você o lugar mais certo para que essa conversa possa ocorrer a contento.

Então Arhenya levou-a para o jardim externo ao templo, próximo aonde um dia fora a praça central da aldeia. Lá chegando eles se sentaram no centro de uma mandala, um local cujos desenhos induziam, assim como mantras ou meditações, a se entrar em contato com o Eu Verdadeiro, antes de tomar qualquer decisão – e de frente um para o outro iniciaram conversação. Após alguns minutos respirando até encontrar seu eixo, Arhenya iniciou:

- Você sabe que falhamos... Pelo menos até aqui falhamos.

- Eu não sei do que você está falando...

- De nós. Eu estou falando de nós. Você sabe que nós deveríamos ter ficado juntos, desde o começo, mas eu falhei e isso acabou por não acontecer.

- Então, como você mesmo acabou de dizer, foi você quem falhou e não eu. “Eu” estou aqui, vivenciando o meu segundo casamento e tentando a todo custo tirar algo de digno e que valha a pena de cada único dia em que eu vivo procurando achar sentido em cada nascer do sol e em cada partida na queda da luz do dia...

Ela não pretendia dizer isso, mas agora dizia... Apenas dizia, porque era verdade. Porque eles estavam conversando com seus aspectos superiores, dentro de um espaço tornado sagrado pelas suas intenções, e nisto fluía a Verdade de dentro de suas palavras, pois o ego estava dormindo e momentaneamente fora de ação.

- Eu tive medo de amar, novamente...

-Eu voltei por você, e fui escoraçada. A sua rejeição foi ilógica, injusta e cruel...

Lágrimas corriam por sua face, ainda que ela mantivesse o controle.

- Eu sinto muito. Eu sofri demais com a sua primeira partida. Não quis passar por tudo aquilo novamente...

- Mas a vida é só um episódio no tempo. Recorrentes oportunidades de repetirmos nossa história rumo ao aperfeiçoamento. Você sabe disso, então porque rejeitou uma chance terminal?

- Justamente porque era terminal. É ainda... Não teremos muitas chances de aproveitarmos uma existência até o fim. Logo, todos partiremos. Não haverá mais lar...

- Mas não será nosso fim.

- Por muito tempo sim, até que encontrem uma nova casa, um novo mundo onde possamos reencenar nossa história dentro da matéria densa. Vagaremos sabe-se lá por quantas eras até que encontremos novo lar.

- Isso não deveria nos assustar. Nossa gente é anterior ao desaparecimento de Sirius A e continuaremos a existir, mesmo além do término de qualquer estrela de nosso sistema de origem, o mesmo se deu com os felianos, e mesmo nossos mais antigos inimigos, os reptilianos, estes mesmos são a prova de que a eternidade é o palco que realmente importa, os planetas apenas cenários provisórios para que se desenrolem muitas tramas.

- Sem um teatro não há histórias. Permaneceremos no limbo à espera de vagas para o nosso povo poder voltar a surgir e disseminar seu legado junto ao todo, eliminando o caos e semeando as sementes da nossa Sabedoria.

- Os códigos de Sirius jamais serão perdidos. Eu irei, assim como tu e todos os outros de nós aonde os prepostos siderais determinem ser o local mais correto para nossa essência se manifestar. Ainda que provisórios novos palcos estarão a nos esperar até que Sirius novamente honre seu legado através da raça adâmica e recupere seu direito a um próprio lar.

- Estou cansado de despedidas doloridas e retornos incertos.

- Não temas. Eu irei sempre te reencontrar.

- Como você pode saber? O véu do esquecimento é muito mais denso aonde os felianos e os adâmicos remanescentes terão mais brevemente chance de se reencontrar. O que ainda é distante por demais para mim.

- Eu te reencontrei aqui. E antes de aqui, se lembrares, também já estivemos juntos, em outros tempos, num outro lugar. Por mais vezes do que jamais nos lembraremos, mas sempre a nos reencontrar. Meu coração te procura, pois sem ti por muito tempo não posso ficar.

- Alguns evoluem mais individualmente, encaixados na consistência da malha, apoiados pela energia do grupo-família, mas eu só evoluo com meu par.

- Nunca te abandonei por mais de uma vida, mais que o suficiente para nos recalibrar, nosso encontro está sempre definido e marcado pois o grupo precisa de nós coesos e cada vez mais fortes, a fim de sustentarmos a elevação de todos nos aspectos que nos são dados valorizar.

- Os outros pares talvez estejam melhor que nós.

- Busquemos força neles então para nos levantar e conseguirmos nos realizar, pois eles também precisarão de nós para poderem concluir os seus processos em par ou individual. Se nosso trabalho se atrasa, nenhum de nós pode se realizar.

- Mas agora é tarde e à custa da dor de outros não podemos forçar um milagre a se manifestar. Perdemos essa chance...

- Ainda há tempo e não há necessidade de ninguém se machucar, o Amor traz a cura, somente sua ausência causa luto e machuca.

- Teguilp me permitiu e me incitou a vir conversar com você. Ele acredita que juntos poderíamos ter encontrado o meio de salvar a todos.

- Ele pode estar certo, mas só nós podemos isso atestar.

- Você vai me deixar entrar?

- Caminhe ao meu lado, e com paciência os muros que ergui para não me machucar cairão, com a certeza de não ser mais abandonada por ti.

- Teus filhos e teu marido entenderão.

- Isso é entre nós e só entre nós pode ser resolvido; eles só se levantarão contra se nós estivermos em desequilíbrio, mas se estivermos ambos bem, seremos capazes de auxiliá-los

a encontrar o cerne do próprio equilíbrio interior emocional.

- Eu juro: daqui até o fim, não mais te abandonar, nem a nós dois castigar nos privando da simples alegria da presença.

- Eu te prometo: não haverá fim, nem para ti, nem para mim, nem para nenhum de nós.

Arhenya levantou-se e abriu os braços para Tegini. Ela se ergueu e àquele abraço se entregou.

Não houve gritos, nem acusações, nem mais nenhuma manifestação de dor.

Na pureza de um abraço só cabiam as lágrimas da saudade, a alegria do reencontro e o abastecimento na energia do Verdadeiro Amor, que põe fim a qualquer drama e encerra todo conflito que parecia por décadas sem solução.



Teguulp foi até o novo templo subterrâneo onde haviam sido realocadas as relíquias que sobreviveram ao terrível Grande Bombardeio reptiliano que tirara a vida do Leodkir, o Grande Terumiã, pai de Tegini e avô de seus filhos. Em seus pensamentos o Grande Pai vinha se fazendo muito presente ultimamente.

Fora preciso superar a si mesmo e abstrair-se do senso comum para não apenas aceitar, mas incentivar a esposa a encontrar-se com aquele que ele sempre soubera fora o seu grande amor. Antes dele, Siul'Ahan já o sabia, disso ele tinha certeza, pois que a própria disputa sempre fora o que mais estimulava o guerreiro: vencer o telepata e levar Tegini como um prêmio. Na qualidade de amigos ele nunca a ela isso falara, mas de alguma forma era claro que Tegini disto sempre soubera. Até por sua patente falta de opção não lhe cabia espezinhá-la, e ao mesmo tempo admitir-se o esteio e o estepe de plantão.

Não era hora de ciúmes nem de negação. Se Teguilp quisesse salvar a seus filhos e a todos os seus irmãos era prioritário abstrair-se de seus papéis comuns e começar a olhar para a situação de uma forma objetiva e desapegada, como tinha certeza que teria feito o pai de Tegini caso fosse vivo.

Por aquelas horas Tegini e Arhenya já deveriam ter se encontrado e era bom que tivessem dessa vez se entendido. “Bom para todos”, Teguilp sabia, em níveis além de sua própria compreensão consciente.

Deixando um pouco para trás os filhos, Teguilp se embrenha pelos corredores abaixo, até atingir o centro do reduto intraterrestre onde a estátua – obra mais recente de todas ali – do patriarca parecia ainda a todos querer abençoar e predizer o caminho a seguir. Aos poucos os gritos dos filhos brincando ele deixou de ouvir, para dar atenção aos sons interiores que seu espírito pudesse vir a captar.

*“- Grande Pai” – ele pensava – “se existe uma saída para nós, que presos a este orbe estamos a sucumbir, dizei-me, a mim ou a quem melhor possa compreender, se existe ainda um caminho para a salvação do nosso povo!”*

Num flash mental ele viu U’sil’Lu, o animal que canalizava parte das energias que Ardul não conseguia manifestar nesta vida, equilibrando os chakras do agora não mais menino, num processo totalmente simbiótico. Os olhos de U’sil’Lu pareciam perfurar sua mente, e então ele entendeu qual recado ele teria para ele ali. Uma vez Arhenya e Tegini já haviam enveredado pelos labirintos do mundo astralino a fim de encontrar uma cura para o filho de sua esposa com Siul’Ahan. Embora foram deixados no planeta minguante sem maiores explicações, se havia alguém que soubesse tanto sobre o que estava com o planeta ocorrendo, como sobre estratégias de combate aos reptilianos, esse povo era o Povo Gato. Eles não quiseram compartilhar o que sabiam quando por fim partiram, mas o fato de assim terem agido fazia Teguilp sentir-se ainda pior quanto ao futuro de seu povo, pois se simpatia não era a marca dos Felianos, tampouco o eram a crueldade desprovida de sentido. Quando Teguilp e o sogro falaram sobre a última gravação do cristal de comunicação feliano, pra ambos estava subentendido que a reação Feliana traduzia-se como um quase pedido de desculpas, como se estivessem a dizer: *“Sentimos muito, mas não sabemos como auxiliar vocês”*.

O Povo Vermelho nunca soube ao certo porque os Felianos não eram atacados, nem tinham ilusões de serem capazes de repetir a façanha do Povo Gato, uma vez que não eram eles felianos, mas ainda assim, de uma informação não diretamente útil pode vir o caminho para um outro raciocínio que lhe fosse de alguma serventia.

Teguilp subiu à Superfície do abrigo e chamou os filhos para irem para casa esperar pela mãe e por Arhenya. No caminho avistaram-se todos e Teguilp, à guisa de partir direto para o que interessava e evitar quaisquer questões que induzissem ao constrangimento, a

metros deles já foi anunciando:

- Estive meditando junto a nossos ancestrais e tive uma ideia que acredito devíamos tentar. Arhenya, eu acho que você deve tentar contatar o espírito do guardião da egrégora feliana que existiu neste lugar. Mesmo que ele tenha enfraquecido, não faz tanto tempo assim que os felianos se foram. Eu acredito que Tegini possa acessar, através da energia que você ancorar, respostas que possam nos auxiliar a encontrar nossa própria saída nesta questão de sobrevivência ou aniquilação que mais uma vez pelo destino nos é imposta.

Arhenya pareceu muito interessado.

- Nunca tentei algo assim, mas concordo que é um bom caminho a se seguir. Não somente o melhor, mas o único que pode nos trazer algo de bom até agora. Prometo dar tudo de mim nesta empreitada.

- Em anos só temos construído abrigos, mas se o próprio planeta se extingue, como tem dado sinais, de que adianta não servirmos de repasto aos reptilianos?

- Eles são como os parasitas, mamãe, oportunistas: cercam os cadáveres ainda antes que morram! – indignou-se Arli.

- Tegini, leve nossos filhos e tratem de descansar até amanhã. Eu irei com Arhenya falar com Ardul e pedir o consentimento dele para levarmos U'sil'Lu até o reduto do Santuário a fim de tentarmos estabelecer essa conexão o quanto antes.

- Sim, Teguilp, quanto antes tivermos respostas mais tempo teremos para agir. Sinto que corremos contra o tempo.

Em sua casa, pondo a filha a dormir, Tegini notara o semblante quieto da garota.

- O que foi, Meralpa. Algo a preocupa?

- Tirando a ameaça da nossa extinção, o que poderia me preocupar? – respondeu a garota fingindo enfado.

- Você sabe, porque já conversamos a esse respeito com vocês, eu e seu pai, não importa o que irá acontecer, o espírito é imortal. Não é possível a você, a seu irmão ou a

nenhum de nós virmos a deixar de existir.

- Sim, mas ficamos estagnados, sem conseguir evoluir, se um mundo não for capaz de abrigar nossa forma de vida.

- Filha, Deus sabe sobre isso tudo. Confiemos em Suas diretrizes fazendo a nossa parte.

Quando Tegini chegou à porta para sair do aposento, ainda a menina lhe perguntou:

- Mamãe, você acha que nós podemos conseguir?

Tegini respirou fundo, procurando encontrar uma resposta sincera e apropriada dentro de si. Por fim a encontrou.

- É uma resposta composta, minha filha: eu, Tegini, sua mãe, acho que temos metade de chance de conseguir e metade de não descobrir o que precisamos a tempo. A Fonte que nos criou, tenho certeza, deseja mil vezes mais do que possamos imaginar a nossa salvação. E dentro dessa conta existem ainda à vontade, a determinação e a Fé de cada um de nosso povo. Então, se todos decidirmos lutar e acreditar, eu acho que será muito difícil vencer os desejos da Fonte somados aos nossos todos juntos. O que você acha?

Meralpa olhou para o manto que a cobria e deu um meio sorriso sem vontade. Antes que a mãe sáísse, fez a pergunta que realmente lhe ocupava os pensamentos:

- Mãe, por que você não se casou com Arhenya?

Tegini não ficou surpresa ante o questionamento da filha. Enquanto Arli decifrava facilmente estratégia e intenção, Meralpa era uma investigadora natural de emoções.

- Às vezes, Meralpa, as pessoas não se sentem prontas para viver as oportunidades que a vida lhes proporciona.

- Mas você queria ter casado com ele, quando era mais nova?

- Na verdade eu não queria me casar com ninguém, mas os anciãos analisaram as estrelas e concluíram que eu deveria me unir a alguém e constituir uma família, e eles estavam certos. E graças a isso hoje eu tenho Ardul, Arli e você.

- Mas você teve três pretendentes, o meu pai foi o segundo. Se Arhenya tivesse pedido, você teria se casado com ele ao invés do meu pai?

- Não existe essa possibilidade, Meralpa, uma vez que Arhenya, como eu, nunca quis se casar. Nem seu pai queria. No fim das contas está claro para mim que as coisas aconteceram da única forma como seria possível que acontecesse dentro da nossa realidade. E como a Fonte sabe de tudo, sabe também que, para que Ardul e vocês nascessem eu deveria viver o tempo devido com Siul'Ahan, assim como com seu pai.

- Agora você vai se casar com Arhenya?

- Não, filha. Agora Arhenya, eu e seu pai trabalhamos juntos para encontrar a melhor solução para todos nós.

Meralpa respirou fundo.

- Eu gosto dele, admiro o talento dele com os animais.

- Eu também. Agora vou ver seu pai e seu irmão que já chegaram e então iremos todos dormir.

- Eu vou orar para vocês conseguirem.

- Ore para que todos nós consigamos. Isto é para todos nós, todo nosso povo, não só para nossa família.

Meralpa sentiu-se mais tranquila para dormir. Ela sabia que se sobrevivessem, fosse neste ou em outro mundo qualquer, a mãe seguiria a vida junto ao telepata animal. Não porque ouviu conversas nem por ter visto qualquer indício nesse sentido, mas porque os filhos de Tegini e Teguilp eram sensitivos ao extremo e capazes de acessar a teia akáshica universal. Ela sabia que a mãe e o telepata eram um par que por algum motivo pelas voltas da vida se desviou, mas agora eles estavam alinhados novamente, e algo lhe dizia que isso não mais mudaria. Na teia da vida ela os sentia como dois pontos fortes, luminosos, não mais extraviados e sim unidos.

Meralpa sabia que a união entre os dois era algo bom. Sabia também que seu pai entendia, e que o futuro não pode ser evitado eternamente. No futuro estavam Tegini e Arhenya. Mas a menina não mais disso tinha medo. Ela sabia que esse era o caminho para que tudo ficasse bem. Para todos.

## Capítulo 47 A Esfera da Criação

### Capítulo 47

#### *A Esfera da Criação*

A Fonte Criadora a que chamais de Deus, a Força Suprema, princípio primeiro do Universo cria os seres vivos da espécie adâmica em forma esférica, no centro de Tudo e essas esferas de consciência única e individual pela 1ª vez tomam ciência de si na presença do Pai, pois são somente Espírito, assim como ele, uma essência ou fatoração matemática, um som, tom, um código, uma vibração dotada de propósito, que deve iniciar seu curso de descenso e retorno, passando pela matéria a fim de que conheçam a si mesmas e ao seu propósito pela experimentação nos reinos mais densos onde a experiência da vida tem permissão de existir e condições de dar suporte àquelas consciências-vidas em particular.

Em grupos elas são geradas e aquela constelação de seres que tiveram seu início juntos será para sempre sua mais importante família. Dentro dessa constelação há conjunções, trígono, quadraturas, sêxtis e uma miríade de combinações que visam a aspectação de fatores em novas energias dando forma e geração a novos fatores e códigos energéticos para ações necessárias ao grupo familiar primevo, dando origem a terceiras, quartas, quintas, sextas, sétimas, oitavas e até nonas energias. Essas combinações visam se elevar potencialmente um fator original natural, e o que comumente se chama alma-gêmea ou contraparte divina faz parte desse mistério divino e obedece as leis das dinâmicas combinatórias eletroquímicas.

Dentro de uma visão mais científica, como a que a matemática oferece há mais espaço para a compreensão lógica e menos para a superstição e lendas. Os seres humanos são favorecidos ou desfavorecidos, anulados ou exaltados, multiplicam-se ou dividem-se de acordo com as energias naturais daqueles que os circundam, assim como os números somam-se ou subtraem-se, e com isto em mente deveriam vocês analisar como são de fato elaboradas as experiências encarnatórias em conjunto de um Grupo-Karma.

Por Grupo-Karma não queremos dizer um grupo de almas em débito, mas sim um grupo de espíritos cuja combinação energética gera novos fatores de grande capacidade para ação dentro de uma coletividade. As mônadas – ou Constelações Familiares Primevas Naturais – interagem também com outras mônadas com as quais suas energias são reativas.

As combinações entre indivíduos são ativadas, toda vez que uma ação em prol de um grupo se faz necessária. Após provar-se efetiva essa equação dentro do próprio agrupamento familiar, ela pode ser posta a serviço de uma maior coletividade, atuando de

dentro para fora sempre, porém atingindo e ativando combinações dormentes dentro de outras coletividades, semeando dados que reagirão despertando os adormecidos que necessitam despertar seus irmãos e paralisando códigos de hibernação que impedem uma pequena coletividade de vir a cumprir seu compromisso dentro de um grupo-karma familiar.

As equações binárias, terciárias, quádruplas ou quintessenciais obedecem a princípios de ativação diferentes e sendo as duplas e trios mais isolados por necessitarem de uma maior interação íntima entre seus membros, e os quartetos geralmente formados por dois casais, os quintetos têm sempre um membro distinto, que sintetiza e dinamiza os demais e as combinações com 6, 7, 8 e 9 membros são rerepresentações organizacionais das formações anteriores.

Algumas combinações são ativadas no início do histórico da mônada ou grupo-karma, pois sem isto não evoluem, no sentido de que não conseguirão nem descobrir muito menos ativar suas potencialidades sozinhos ou individualmente, já outras percorrem um longo caminho de autoprovação e autoconhecimento até que reunidas possam colaborar efetivamente em grupo, pelo grupo, para o grupo e para o Todo, em última instância.

Em momento de crises coletivas, transições e alterações sistêmicas vibratórias, as constelações precisam ser acionadas em todas as suas aspectações possíveis a fim de auto iluminar-se no máximo de suas potências para atingir o nível energético necessário para transpor os portais que capacitam a continuidade de suas interações em novas faixas existenciais.

Quando a mônada/Grupo Karma não consegue alcançar sua elevação vibratória a ponto de conseguir alçar a todos os seus membros – por aporte energético, onde cerca de 80% do grupo consegue ‘subir de nível’ e o restante vai ‘de carona’ – ela recomeçará seu caminho do ponto zero desde a última ascensão alcançada ou passará a existir em duas realidades distintas, com parte de seus membros vibrando na próxima faixa dimensional e outros ainda retardatários atuando na faixa anterior até que possam integrar-se na nova realidade.

Logo, percebe-se claramente que quando é chegada a hora do ascenso ou da reprovação vibratória, re-provação no sentido de repetir as provas, todo aquele grupo de almas, assim como seus tutores kármicos, os seres angelicais que direcionam sua evolução e fiscalizam se aquele grupo esta seguindo de acordo com as determinações divinas para as quais foi criado, redobram forças a fim de que aquele agrupamento possa alcançar seus propósitos e assim dar continuidade à sua jornada sem entraves ou maiores impedimentos.

*Chefe Águia Dourada, Chief Black Mountain, Caboclo Tupã das Matas e Trovão do Oriente*

Tegini, Arhenya, Teguilp e a antiga sacerdotisa-guardiã do cristal reuniam-se na sala onde as relíquias trazidas de Sirius A eram mantidas junto aos remanescentes do antigo templo onde ficava o cristal.

Eles não sabiam o que fariam para ativá-lo, mas estavam decididos a não sair dali sem uma resposta. Após uma série de argumentações por parte dos quatro, ficou claro que eles necessitavam muito mais da ajuda divina do que de qualquer conhecimento técnico que pudesse vir a reanimar o cristal. Somente contra toda lógica ele funcionaria, logo se eles precisavam de um milagre, era melhor buscá-lo logo de onde ele poderia vir: da reconexão com a Fonte.

- Desde que os ataques começaram, nossa gente tem perdido a capacidade de confiar e se entregar a experiências mais aprofundadas de expansão da consciência, o que é natural, desde que ninguém anseia pela morte e todos a temos confrontado com frequência muito maior do que desejado – explicou sacerdotisa.

- É compreensível, mas uma vez que atingimos o ponto de não retorno, não faz sentido temer o inevitável. Nós devemos nos fundir o mais profundamente possível com a Fonte que nos criou, e a partir do momento em que atingirmos o estado de integração com o Todo, buscarmos unirmos nossas consciências à inteligência vivificadora deste planeta e do cristal para acessarmos as informações da Consciência Feliana que dominou esse planeta, que mais de uma vez venceu o Povo Dragão e que de alguma forma encontrou meios de novamente se salvar neste momento em que seu planeta morre. Devemos buscar todo tipo de informação que possa nos lançar para um ponto de vista mais positivo sobre nossa situação atual, a fim de que encontremos uma escapatória possível – concluiu Teguilp.

- A ideia é ótima, mas a minha dúvida é se conseguiremos alçar nossas consciências a esse nível, pois até mesmo U'sil'Lu, assim como todos os animais, estão sob profundo estresse. Os sistemas orgânicos de todas as formas vivas habitantes do planeta sofrem simplesmente para manterem-se cômicas nesse momento. Temo que talvez, apesar de nossos melhores esforços, simplesmente não seja biologicamente possível atingir o estágio de ondas mentais necessário para essa incursão no Todo – contrapôs Arhenya.

- Bem, é por isso que os milagres têm esse nome, não é mesmo? Vamos parar de conjecturar e dedicarmos nosso tempo, forças e esperança na única coisa útil que podemos fazer agora. Sugiro a cada um buscar dentro de si os meios mais eficientes para conseguir alçar voo da cadeia física e atingir o campo de conexão – disse Tegini, saindo da roda de conversas que se formara ao redor dos restos do cristal e indo se posicionar a um canto da sala, perto da estátua de seu pai, onde se sentou em postura meditativa.

Todos seguiram seu conselho, pois não havia mais palavras de sabedoria que qualquer um pudesse dizer. A sacerdotisa permaneceu em frente ao cristal, onde deu início a uma série de invocações e alinhamentos energéticos através de gestos, posturas e emissões de mantras. Seu trabalho logo teve efeito sobre os demais e o ambiente, acalmando-os e permitindo que se concentrassem melhor em suas tarefas.

O próximo a atingir o ponto de ebulição da consciência foi Teguilp, que se levantou de onde havia estado e começou a tocar o cristal, numa sequência rítmica com as palmas das mãos, até que em determinado momento, das pontas de seus dedos luzes suaves pareciam recender de dentro do cristal. Embora ele nada falasse era visível que atingira o estado onde era possível se comunicar com a consciência do cristal.

Arhenya se ajoelhou de frente a U'sil'Lu, procurando fundirem-se em um para depois alcançar a Fonte em busca de alguma informação útil para a sobrevivência de todos. O animal permanecia calmo e observava o telepata com curiosidade, à espera de algum comando ou convite para brincadeiras, mas nem sua mente nem a do humano à sua frente demonstravam a menor elevação rumo às ondas conectivas.

Tegini em seu canto estava muito alerta disso, ela via que seu amado estava preso num labirinto de onde não conseguia ver a saída, e a seu lado a consciência animal de U'sil'Lu aguardava, incerta sobre como deveria agir.

Ela gostaria de ajudar, mas estava lutando para encontrar ela mesma um caminho. Numerosos minutos já se passavam e ela, mais do que nunca, sentia-se culpada ao perceber que tanto Teguilp quanto a sacerdotisa foram capazes de cumprir com o objetivo de todos, muito mais do que ela, que sempre fora uma promessa para seu povo, uma esperança ainda que temida, treinada pelos próprios felianos, e que agora não parecia ser nada além do que uma não cumprida profecia.

Se com seu povo inteiro sentia-se falha, mais ainda lhe doía que nem o sentimento profundo materno a estava conseguindo fazer decolar. Amava seus filhos o mais que qualquer mãe seria capaz de amar, por eles viveria e por eles principalmente é que não desistira de uma empreitada tão duvidosa, que lhe parecia tão improvável como a qualquer um dos aldeões. Sua motivação era que Ardul, Arli e Meralpa tivessem uma oportunidade, tivessem uma continuidade e proporcionassem a seu povo uma nova geração. Era por eles, além do amor e do desejo de poder salvar a todos os amigos que naquela vida tinha que ela agora se sentia um fracasso.

*“Por que, Deus, no momento em que toda minha vida é posta à prova e minha existência devia ser de definitiva serventia, nem meu amor por meus filhos é capaz de me fazer*

*atingir os níveis de consciência que no passado era a parte mais fácil em todo meu treinamento felino? Mostre-me, Senhor da Vida, dos Mundos e de Mim, onde errei que me desconectei de tal forma de mim mesma e de tudo o que de útil a mim mesma e aos outros, ou para servir a todo meu povo, não mais consigo fazer!?”*

Mas nenhuma resposta Tegini alcançava e nenhum sinal que a fizesse lembrar ou entender como atingir o caminho a ela se revelava, ela então suspirou fundo e se resignou ao que era: falha. Quando todos retornassem de seus transes e trocassem as informações obtidas e fossem então discorrer sobre o que fazer e quais providências tomarem a partir das informações obtidas, ela falaria a todos que falhou. Com pesar o alívio por muitos anos sonhado, de não ter que realizar nenhuma profecia, seria assumido com a culpa de não ter sido útil nem aos filhos. Era uma vergonha dolorosa, não por sua vaidade, mas pela angustiante sensação de que seu amor, seus talentos ou tudo o que ela era não serviam nem para salvar a seus filhos.

*“Paciência”, pensou, “seguirei auxiliando na execução daquilo a que eles conseguirem alcançar.”*

E assim Tegini se desligou do estado pré-meditativo e abriu seus olhos para observar os amigos ao redor. A sacerdotisa e Teguilp permaneciam imersos em suas vivências interdimensionais, o que lhe trazia largo consolo ao coração. Mas quando voltou a olhar para Arhenya, ela percebeu que ele ostentava um semblante contrito. Ao prestar atenção percebeu que era menos preocupação do que frustração, e intuiu que ele não estava conseguindo se conectar à U’sil’Lu.

Como suas tentativas de conexão já tinham chegado ao fim, e julgando que sua familiaridade com o animal-companheiro de seu filho pudesse ajudar o animal a se por em um estado mais favorável, Tegini se aproximou dos dois e sentou-se ao lado da pantera, acariciando o animal. Enquanto o fazia, seus olhos ativeram-se a Arhenya e ela começou a se lembrar de todos os momentos vividos ao lado dele, que foram tão poucos, se comparados numericamente, mas tão intensos que marcaram toda sua vida. Sem perceber sorriu ao se lembrar de quão teimoso, astuto e arredio ele era, e ao observar seus olhos apertados e as linhas da testa contraídas, sentiu seu peito inflar-se de compaixão. Pensou nas dores que ele sentiu, antes mesmo que ela fosse nascida, no terrível luto pelo qual ele passou e nunca se recuperou, mesmo quando ela para ele retornou. Apesar da rejeição e da própria alteração negativa que seu projeto existencial sofreu pela recusa dele em recebê-la e aceitá-la no seu caminho, ela nada conseguia sentir além de compaixão e profundo desejo de que ele pudesse se curar, ter

novas chances para se recuperar e ser capaz de superar toda dor, todos os traumas, toda a reclusão auto imposta e se abrir para as oportunidades de plenitude e realização. Tendo essa vida se realizado como deveria ou não, ela não conseguia sentir ali, naquele momento, por ele, algo que não fosse o mais profundo, puro e extremo Amor.

O animal se remexeu ao seu lado, olhou para cima e começou a uivar, emitiu um longo lamento, belo e misterioso para algum lugar que olhos nenhum eram capazes de alcançar. Arhenya mudou de posição, ainda de olhos fechados, retirou as mãos de U'sil'Lu e posicionou-se sobre os próprios joelhos. Sem perceber Tegini foi em sua direção, e quando estava frente a frente com ele, ambos ajoelhados, ela levantou as mãos impondo-as na direção do peito dele, fechou os olhos. Embora sem vê-lo, ela sabia que ele de alguma forma sentiu e espelhou o gesto, sem contudo tocar as mãos dela.

Tegini mergulhava no que sentia, e Arhenya ecoava cada emoção, sentindo-as reverberarem dentro de seus corpos sutis, como se estivessem a quebrar filas e corredores de espelhos que iam se estilhaçando como fachadas de ilusão. No meio desse processo ambos começaram a sorrir, sem se ser, sem se tocar, sem se ouvir, apenas ao se sentir.

O que sentiam era um misto de paz, ausência de medo e a felicidade simples de existir. A plenitude vinha do fato de estarem apenas ambos ali.

Após alguns instantes, os centros de força de seus corpos multidimensionais começaram a repercutir em conjunto, modificando suas rotações e passando a girar juntos na mesma velocidade e ritmo. À semelhança de chispas de luz, faíscas de energia eram trocadas entre eles, a partir do mais denso até o mais sutil. Quando este processo alcançou o quinto chakra\*, Tegini 'saiu do ar' e perdeu a consciência de si.

Vários momentos depois, quando Tegini abriu os olhos, Arhenya segurava a sua mão, com olhos úmidos, um brilho que ela não via há tempos, e “Determinação”, foi a palavra com que ela identificou a emoção que sentiu vindo dele. Ao seu redor, Teguilp lhe checava o pulso e a sacerdotisa lhe oferecia água. Todos pareciam bem, e quando ela falou, foi com total compreensão que suas palavras foram recebidas:

- Não sei se conseguiremos, mas eu sei o que temos de fazer.
- Eu sei – falou Teguilp. Eu sei o que você viu, e também estou incerto quanto a se iremos conseguir, mas só há um caminho, uma possibilidade para nós.
- Somente uma – responderam os demais.

\* Chakra cardíaco, centro da integração do ser

## Capítulo 48 7 Luas Depois

### Capítulo 48

#### *7 Luas Depois*

O ataque final foi de uma potência destruidora nunca antes vista em Sirius C, mas idêntica em impacto às forças destrutivas que tornaram impossível a vida humana em Sirius A, de onde os antepassados destes sobreviventes haviam vindo junto ao patrocínio do Povo Gato.

Quando as naves triangulares chegaram, negras e como olhos de fogo, raios rubros fulminaram a superfície, nem mesmo a areia teria proveito pelos próximos mil anos, menos ainda o solo seria farto, sem condições alguma de produzir alimento para qualquer povo. Sabendo que o planeta estava em seu fim, ainda assim o Povo Réptil queria se certificar que seus desafetos, o inimigo adâmico não mais existiria nem ali nem em qualquer outro lugar. Há muito sonhavam em dominar todos os mundos habitáveis, especialmente os de Sirius, que era o sistema central de operações da galáxia, desejável pela sua posição privilegiada. Seu objetivo antigo vinha sendo frustrado, ora por intervenção direta dos Poderes Superiores, os governadores astrais, que se faziam visíveis a fim de atuar junto aos órgãos confederativos que estabeleceram alianças de proteção aos povos, avisando-os e sugerindo providências que impediam sua atuação no quadrante protegido por muitas eras, ora por participação de outros povos, como os felianos, que os protegiam.

O número de humanos remanescentes em Sirius C, sabiam, era irrisório, mas derrotá-los e destruí-los completamente era mais do que uma questão de honra, mas uma necessidade. Em Sirius A, sua mais fragante vitória em tempo recente, algo que fora mantido em segredo da maioria de sua gente, dera errado. Algo que eles não sabiam como consertar, nem entendiam como havia acontecido: os maiores do Povo Réptil foram advertidos pelo Próprio Conselho dos Dragões, que cuidava da evolução tanto biológica como espiritual do seu povo: houve uma imunização involuntária em Sirius A. As almas dos adâmicos que estavam encarnadas naquele momento fatídico do ocaso do planeta haviam se tornado imunes aos artifícios de manipulação mental reptilianos, seus mecanismos de controle tecnológico à distância também não faziam efeito. Uma parte seleta de Sirius A primeiramente começou a manifestar a anomalia, após as primeiras perdas humanas no ataque à cidadela central. Logo os sensores reptilianos que monitoravam o campo energético de Sirius A, de onde detectava qualquer insurreição que impossibilitasse seu abastecimento energético, deixou de reportar o *status* vibracional de diversos elementos, em seguida o contato destes com pessoas de fora da

cidadela pareceu contaminar as povoações menores. Embora os ataques finais tenham lhes rendido amplo abastecimento às custas do terror e da revolta siriana, uma parte relevante da população fora imunizada e se aquilo reproduzisse os padrões anteriores ocorridos com outros povos, a tendência era que em poucas gerações os répteis perdessem qualquer possibilidade de controle mental sobre a espécie, o que inviabilizava suas ações. Embora não entendessem o quê nem como isso se ocasionou, destruir todas as almas remanescentes de Sirius A era imperativo, por isso o ataque a Sirius C era prioridade.

As almas, por eles vistas como contaminadas, não poderiam encarnar em corpos dentro do mesmo sistema, uma vez que os corpos biológicos que as conteriam reproduziriam o padrão aos descendentes inviabilizando a existência de uma população que pudesse lhes servir de repasto. O Povo Réptil sabia que uma parte dos sirianos de Sirius A tinha reencarnado com seu grupo familiar mais próximo ali, e quando os felianos abandonaram o próprio planeta, o foco era impedir a continuação daquele grupo genético a todo custo. Assim justifica-se a força bélica para atacar um povoado relativamente pequeno em proporções a vastidão de destruição proporcionada. Todas as construções remanescentes das tribos foram não somente incineradas como reduzidas a pó, mas os reptilianos encerraram sua missão com um gosto de frustração. Nenhum adâmico fora encontrado a fim de justificar sua sanha de terror. Em seus relatórios concluíram que o povo havia perecido antes de seu ataque final por causas possivelmente naturais, uma vez que o planeta já não sustinha água e alimento com as qualidades nutritivas necessárias. Outra possibilidade era o suicídio coletivo, pois os adâmicos, na visão réptil, era um povo conhecido pela sua covardia, falta de brio, justamente o que lhes tornava alvos fáceis pela dominação pelo medo. Uma espécie emocional é uma espécie fraca, dominada por hormônios e sensações que são incapazes de controlar. Em seu apego de uns pelos outros provavelmente escolheram o caminho da ilusão, abrindo mão da própria vida num corpo físico em prol de suas crenças em paragens espirituais onde podiam viver seguros longe da perseguição de sua raça.

*“Tolos adâmicos! Sua missão é desistir; a nossa subsistir! Sempre, às custas dos fracos e de suas esperanças tolas. A Estrela de Sirius é o Sol de Fogo, o Olho do Dragão, e é nosso destino este sistema governar!”*

Esse é o lema e a bandeira reptiliana. Porém outros povos habitantes do mesmo sistema tinham outras visões sobre o destino do Sistema, e unidos sua dinastia chega continuamente para habitar outras estrelas. Assim como os adâmicos remanescentes de Sirius C.

## Capítulo 49 O Fim

### Capítulo 49

#### *O Fim*

#### *40 Dias Após o Contato com o Cristal*

No terceiro dia após a comunicação cristalina com os ancestrais, não somente da linhagem feliana, mas de todos os maiores responsáveis pela evolução do Sistema de Sirius, Tegini e Arhenya se encontraram pois tinham compreendido o que lhes cabia fazer e o porquê de sua história individualmente, como um casal, e em grupo era vital no encaixe do quadro coletivo que lhes cabia gerenciar para garantir a sobrevivência daquele arquétipo grupal dentro das novas possibilidades da coexistência bio-vibracional que haveriam dali pra frente.

Os 37 dias restantes foram de preparo.

Em assembleia geral foi explicado ao povo em termos simples que o planeta não susteria mais a vida nas faixas vibracionais às quais todos estavam adaptados desde Sirius A e que os felianos primeiro haviam partido por terem desde há muito compreendido isso. Agora todos podiam compreender que o Povo Gato não havia partido para um outro mundo tendo-os deixado para trás, mas sim que a um mesmo tempo próximos e distantes haviam se transferido para um novo estado existencial, em faixa vibracional não alcançável através dos seus sentidos físicos comuns. Na gravação obtida pelo cristal dos Registros dos Guardiões de Toda a Vida, os seres do próprio Conselho dos Dragões, responsável pela Linhagem Reptiliana, vaticinava o extermínio impingido pelos de sua espécie aos outros, como sua própria arma final de evolução, pois próximo ao final de seu rastro de destruição sua própria consciência é irremediavelmente desperta por força de constatação da realidade circundante, no momento em que são forçados a se indagar:

*“Para onde foram nossas vítimas?”*

*“A quem iremos agora dominar?”*

*“Aonde foram aqueles que não podemos alcançar?”*

Os Anciãos dos Dias explicaram à tribo que muitas formas há de se transicionar e

que todos fariam um experimento, conduzido pelos sacerdotes principais, a fim de se testar a capacidade de elevação do quantum energético solar de força da matriz espiritual para subir sua parcela ali vigente até o próximo estágio.

Isso assim foi feito e comunicado a fim de se evitar gerar uma ansiedade e estados nervosos contraditórios ao padrão necessário de se alcançar. Com o título de “teste”, todos se propunham ao experimento sem a ativação de travas emocionais impeditivas, tais como medo, apreensão, preocupações, sentimentos de luto ou nostalgia. Somente Teguilp, Tegini, Arhenya e seis dos sumos sacerdotes e líderes sabiam que os testes eram na realidade uma tentativa de se atravessar os véus até alcançar o próximo estado vibracional compatível.

No 1º experimento, após 95 minutos de concentração envolvendo cânticos, mantras e meditações conduzidas, Teguilp, Tegini e Arhenya notaram uma mudança no ar. Os filhos de Tegini e Teguilp saíram de seus lugares e vieram até os pais para dizer que estavam se vendo, assim como algumas pessoas próximas em outro lugar. As lideranças resolveram encerrar por este dia e marcaram uma nova oportunidade após um maior preparo e avaliação das possíveis variáveis a serem resolvidas, o que seria mais fácil com o povo já conhecedor do processo e tendo achado agradável a experiência, do ponto de vista da harmonização e fortalecimento coletivos para os tempos difíceis vindouros que atravessavam.

Assim foi arranjada uma série inicial de seis encontros.

Porém no segundo a Transição completa ocorreu.

Tegini e Arhenya posicionaram-se no centro e todos foram dispostos como uma mandala viva, intercalando-se elementos Yin e Yang, masculinos e femininos, positivos e negativos, jovens e idosos, conectando as pessoas como pontos de luz em uma configuração orgânica, humana, afetiva e funcional. Havia um círculo só de crianças e um só de anciãos, os ângulos dispostos nas radiais como reconhecidas contrapartes divinas; os líderes responsáveis pelo bem estar do povo dispostos nas respectivas direções hemisféricas e sazonais e no centro o casal que representava a certeza de que o Amor vence a Morte, atravessa o Tempo e Vive na Eternidade.

A partir de um determinado instante, a percepção de todos tornou-se caleidoscópica. Os elementos naturais utilizados auxiliaram a preparar o ambiente e a predispor os ânimos do espírito, mas toda a força necessária para que se abrissem os portais dimensionais veio de Dentro, do Centro da Alma Coletiva daquele grupo, dos pensamentos e desejos incondicionais de Amor e de Perdão. Toda a vida deveria prosperar e ser plena em felicidade, bênção e paz perpétua, inclusive a de quem se declarava seus inimigos. O sentimento de êxtase pela Dádiva da Vida tornando-se exponencialmente mais e mais intenso, refletindo-se nos semblantes de cada um membro de sua família espiritual. A Mônada havia cumprido o seu

propósito naquele estágio, e pouco a pouco um mesmo som foi sendo ouvido por cada um – um zunido que aos poucos se tornava mais alto e remetia ao barulho de engrenagens sendo deslocadas e movidas. Então uma música, no início baixa e depois tão clara que parecia encobrir até os sons dos seus próprios pensamentos e de tudo ao redor se fez ouvir.

Meralpa abriu os olhos e viu um brilho branco sobre todos e uma iridescência multicolorida acima das cabeças de todos. Ela procurou com os olhos o irmão, que lhe sorriu; ela ouviu-o dizer: *“Vejo os que já não estão aqui, no outro lugar. Acho que vamos todos partir.”* E então ela percebeu que ele lhe disse isso sem, contudo, abrir a boca. Ela pensou em chamar a mãe e dizer alguma coisa, mas isso parecia um esforço muito grande agora... O Outro lugar era mais colorido, mais real do que o que havia antes ao seu redor, o deserto e a clareira coberta próxima a Estação Biológica onde todos se reuniram no que parecia há muito tempo atrás... De olhos fechados para o seu aqui, ela agora via bem mais claro o que havia no outro lugar.

Logo estava com o irmão, eles sentiram o cheiro das flores, do ar e das coisas que lhes chamavam para ser ‘Lar’. Arli não aguentou mais e se levantou, chamando a irmã que parecia dormir para com ele irem logo explorar o colorido novo mundo que os convidava a ‘Ser’ ali. No princípio ela parecia dormir, assim como todos que ao redor permaneciam de olhos fechados, adormecidos, sem se darem conta de estarem agora ali. Arli queria ser o primeiro – e foi – a sair correndo pelos novos campos abertos à sua experimentação.

Meralpa seguiu de mãos dadas com o irmão, olhando e achando graça para todos os que sentados, de olhos fechados praticamente dormiam ali. Desejou poder estar presente e rir quando acordassem, ver seus rostos de espanto e júbilo ao se depararem com sua nova realidade, mas Arli tinha pressa, e ela preferiu seguir com o irmão e ser também a primeira a ver como seriam seus novos dias de evolução.

Na nova casa que o Pai lhes provia, foram abrindo os olhos e tomando consciência da nova realidade a Mônada que cumpriu sua missão.

Gratidão se misturava ao êxtase de júbilo pela nova situação.

Teguilp foi um dos primeiros a voltar a si e procurou estar ao lado dos sacerdotes na medida em que cada um acordava. Estes por sua vez ficaram a postos para receber aos que iam despertando e dar as boas vindas a nova morada que a Fonte da Vida lhes provia.

Ele estranhou no início a demora de sua esposa e da sua contraparte, imaginou que eles viriam por último após terem sustentado a travessia segura de todos os demais. Mas depois que eles não vieram, por fim aceitou que o destino dos dois era outro, e em conjunto.

Tegini e Arhenya dividiam entre si uma outra realidade, a de contrapartes divinas essenciais, eles sabiam sem aos outros poder dizer, de coisas que somente aos guardiões

da vida é dado conhecer, pois num nível superior da existência suas almas se comprometeram com o aspecto Feminino da Criação a serem co-criadores de realidades que reparem o Sistema Sustentador de Vidas. Cabe a eles auxiliarem, repararem, modificarem, impedirem e induzirem alterações que sejam determinantes para a manifestação dos 7 atributos divinos no universo: a Fé, conexão com a própria essência divina, o Amor como bússola das emoções, o Conhecimento do propósito da Criação, a Lei que garante a Justiça, a Ordem que é a organização do caos, a Manifestação em multiníveis Vibracionais das essências espirituais e a Transmutação através das interações vivenciais, na sublimação das experiências intrapessoais e interpessoais.

As contrapartes divinas essenciais ocupam uma posição central na mônada/grupo-karma e geralmente são em grupos de quatro pares, mas não necessariamente – há mônadas com somente um e outras com doze pares ou até mesmo vinte e um. Uma das contrapartes manifesta características notadamente positivas e Yang e outra o oposto disto. Elas não podem ser mantidas separadas por longos períodos de tempo, pois se retroalimentam.

Dentro de um grupo-karma existe o conceito de um ecossistema energético, assim como num bosque as árvores – aparentemente separadas entre si – se comunicam por raízes e trocam nutrientes e sementes, fertilizando-se mutuamente, assim as almas dentro de uma mônada têm um elo através do qual compartilham experiências – tanto as positivas como as negativas – através do qual sua evolução é potencializada.

Se uma alma tivesse que passar por todas as experiências necessárias à sua compreensão, nem a eternidade seria suficiente, então através da partilha seu progresso é acelerado – a essência ou “extrato quântico” da experiência de um é acessada por todos os membros daquela coletividade. No caso das contrapartes divinas esse compartilhamento só se dá a partir da condensação energética da experiência de ambos, que integrada é repassada ao grupo. Por conta disso as contrapartes reencarnam várias vezes juntas, ainda que por curtos períodos, e na maioria absoluta das vezes como um casal, pois é através da transmutação alquímica proporcionada pelo relacionamento íntimo sexual que suas experiências individuais são compartilhadas e integradas.

Eles não são “almas-gêmeas” porque não são iguais, mas sim polos complementares.

Como sujeitos de tal condição, Tegini e Arhenya canalizaram um quantum energético fundamental para que ocorresse a transição do seu grupo para a nova faixa vibracional. Para tanto se conectaram não somente com suas próprias ‘versões’ multidimensionais, mas com as do outro, criando pontes de ligação através da energia do Amor Divino, entre essas diferentes faixas nas quais parcelas de si mesmos coexistiam. Durante

aqueles momentos, seus múltiplos 'eus' em diferentes dimensões foram 'despertados' e experimentaram a reconexão com o Eu Superior. No caso deles ao mesmo tempo em que conectavam as suas versões, conectavam também as da sua contraparte, ou seja, Arhenya estava em contato íntimo e consciente com todas as manifestações do seu Eu Superior em diferentes dimensões assim como com as diferentes manifestações do Eu Superior de Tegini, e vice-versa.

Teguilp explicou aos filhos que a mãe deles estava com Arhenya em um outro lugar, mas ao tempo ainda permaneciam com todos ali, pois sua ligação com o grupo é também eterna, e quando fosse a hora certa, a Fonte os enviaria novamente, juntos, para com o grupo continuarem a sua evolução.

Os guardiões retornaram, como previu Teguilp, mas já em outra condição, no novo mundo ao qual o Governador Sananda os convidara a participar da mesa de partilha divina ao qual teriam lugar todos os que aceitassem colaborar dividindo o que tinham de melhor com os novos irmãos.

O líder Ramatís aceitou e todos o seguimos, confiantes de que o plano divino se concretizaria e nós teríamos também dado a nossa contribuição,

Mas seguimos principalmente por Amor.

Nós não abandonamos os nossos.

Nós não aceitamos a separação – Porque sabemos que é ilusão!

Nós permanecemos, perseveramos e empreendemos até o limite de nossas forças, pois há muito compreendemos que na ligação entre nós e a natureza não há limites para aquilo que a criatura pode alcançar, quando está intimamente conectada ao seu Criador.

Nós reconhecemos no outro a fonte de nossa própria força e Poder e no Amor que nos une a Cura para todos os nossos males. Através da amizade a solução para todas as situações que necessitem intermediação.

Nós reconhecemos nossa interdependência com toda a Vida e nos rejubilamos na oportunidade de poder servir e demonstrar o nosso Êxtase.

Nós somos gratos à Fonte da Vida que nos sustém e ao Governador que nos ofereceu novo palco para nossas experiências e a oportunidade de servir – e através do Serviço nos orgulharmos de quem Somos e de Nossa Linhagem.

Nós somos Sirianos – imigrantes vindos da Estrela que mais brilha no céu.

A Nossa Lei é o Amor e a União entre Todos e com o Todo.

A Nossa Ordem é Amar e Servir cada vez Melhor.

O Nosso Lema é “Sempre Já” – em já amar, já servir, já orar, já solucionar!

E nosso compromisso durante a Transição é auxiliar o indivíduo terreno – que hoje somos a maioria de nós – a se lembrar de nossas regras, das leis que conhecidas uma vez já nos libertaram para que sejam aqui novamente libertados, e experimentem agora em uma coletividade maior a alegria de viver sem temer, cientes da nossa condição divina e atuantes no melhoramento de nós mesmos e no aprimoramento da vida de nossos irmãos.

A Lei Divina para nós não é religião, mas a ciências que pauta a nossa civilização.

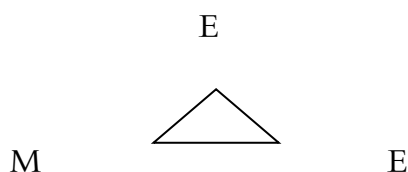
A consciência desperta livra-se das amarras da superstição e alça voo rumo às alturas que as realidades espirituais descortinam e que no nosso entender devem pautar as diretrizes de qualquer civilização, coletividade, grupo ou associação.

Nós cremos que o indivíduo conectado ao seu cristo interno não erra e estabelecemos as estruturas de nossa educação e família em volta deste conceito.

Nós reconhecemos que as emoções são causa primeira dos equívocos que os seres são passíveis de cometer e primamos pelo desenvolvimento das habilidades do hemisfério cerebral esquerdo em prol de uma lógica clara e perfeitamente recorrível a fim de contrabalançarmos a força de nossas emoções com uma ética clara com foco racional.

O triângulo representa o tripé sobre o qual nossa civilização se apoia: Mente – Espírito – Emoção, e o Sol sempre simbolizado dentro ou acima do triângulo a Fonte Divina – Deus – a quem reconhecemos como nosso Criador e rumo de todos os nossos esforços.

Aonde quer que esteja representado o triângulo e o sol acompanhado ou não de uma ou três estrelas – símbolo de Sirius – estarão ali implícitas a Consonância com nossas leis, filosofia de vida e diretrizes de trabalho para os tempos da Transição da Nova Terra.



Fim da Transmissão

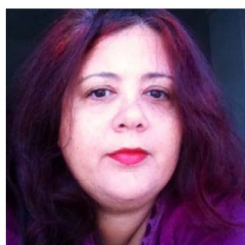
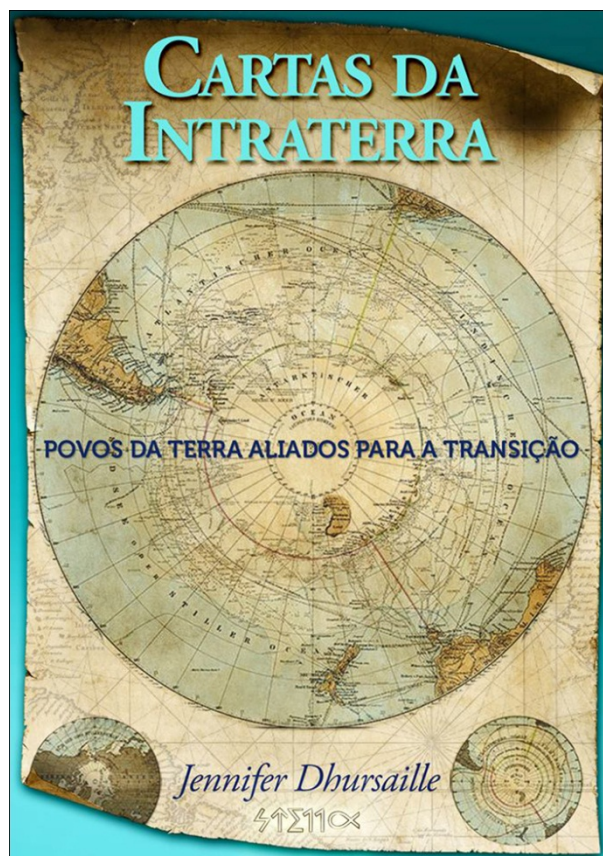
Eu Chefe Águia Dourada dou por encerrada as comunicações telepáticas referentes a este livro contendo a história do Povo de Sirius C remanescente de Sirius A que após sua transição aceitou novo descenso vibracional reencarnando na Terra na era pré-Atlântida na região das planícies do hemisfério norte e hoje auxilia na Transição deste novo orbe que os acolheu como casa, parte encarnado e parte desencarnado ou reintegrado à sua faixa vibracional original, já em 4ª Dimensão, nas Cidades Invisíveis aos Povos da Superfície,

Salve o Grande Oriente

Este é o Tempo de Cumprimento das Profecias

Domingo de Páscoa, 2016

## LEIA TAMBÉM:



## JENNIFER DHURSAILLE

### Obras Publicadas e como Adquirir:

Editora do Conhecimento:

**A História de Pai Arruda**

compre nas livrarias ou pelo site:

<http://edconhecimento.com.br>

Amazon KDP:

**Paralelas de Umbanda – Baianos**

**Paralelas de Umbanda – Marinheiros**

**Paralelas de Umbanda – Boiadeiros**

Diretamente no site da Amazon:

<https://www.amazon.com.br>

Contato com a Autora:

e-mail: [jennifer.dhursaille@yahoo.com.br](mailto:jennifer.dhursaille@yahoo.com.br)

blog: <http://jenniferdhursaille.blogspot.com.br/>

### Crianças que Giram – O Livro dos Erês

### Paralelas de Umbanda – Volume Único

Faça uma doação a qualquer ONG de proteção aos animais e envie foto do comprovante de depósito ou transferência por e-mail ou Messenger para a autora no valor mínimo de R\$30,00 em troca do arquivo em PDF dos livros acima.

### Histórias do Oriente

Faça uma doação para Médicos Sem Fronteiras e envie foto do comprovante de depósito ou transferência por e-mail ou Messenger para a autora em troca do arquivo em PDF do livro. <http://www.msf.org.br>

### Dentro de uma Nave Interdimensional

### Inside an Interdimensional Spaceship

### Cartas da Intraterra

Depósito na conta:

Caixa Econômica Federal

Agência 1603 Operação 013

Conta 69537-0

Titular: Patrícia de Mauro

Envie foto do comprovante por Messenger ou E-Mail

Via Paypal: [stella.lorabel.len@gmail.com](mailto:stella.lorabel.len@gmail.com)

Ou ainda pelo site da Amazon: <https://www.amazon.com.br/>

facebook/messenger:

<https://www.facebook.com/jennifer.dhursaille>

Curta a página Terra Stellar:

[https://www.facebook.com/Amor.Magia.Destino/?ref=aymt\\_homepage\\_panel](https://www.facebook.com/Amor.Magia.Destino/?ref=aymt_homepage_panel)